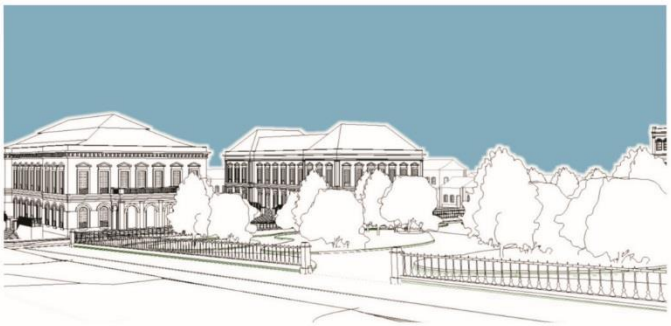
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA



PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE: CONSTRUINDO UM RELATO VISUAL DA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA PRAÇA

TESE DOUTORAL

Autor: DÉBORA KLING PETRY BATTASTINI

Diretor: PROF. DR. PABLO JOSÉ NAVARRO ESTEVE

Valência - Espanha
Novembro/2015

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

DÉBORA KLING PETRY BATTASTINI

PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE:

CONSTRUINDO UM RELATO VISUAL DA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA PRAÇA

Valência, Espanha
Novembro/2015

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE:

CONSTRUINDO UM RELATO VISUAL DA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA PRAÇA

TESE DOUTORAL

Autor: **DÉBORA KLING PETRY BATTASTINI**

Diretor: **PROF. DR. PABLO JOSÉ NAVARRO ESTEVE**

Valência, Espanha
Novembro/2015

DÉBORA KLING PETRY BATTASTINI

PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE: CONSTRUINDO UM RELATO VISUAL DA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA PRAÇA

TESE DOUTORAL

Banca Examinadora:

_____

_____

_____

Valência, Espanha - Novembro/2015.

Dedico este trabalho ao meu esposo Luciano Battastini, à minha filha Maria Clara, ao meu filho Pedro e a meus pais Ely Carlos e Maria Almira que são a minha força e motivação.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Pablo José Navarro Esteve, pelo longo tempo de dedicação e paciência e por compartilhar sua experiência como orientador desta tese.

A todos os professores e professoras do programa:

- Prof. Dra. Angela Garcia Codoñer;
- Prof. Dr. Juan José Cisneros Vivo;
- Prof. Dr. Ignacio Amérigo Climent e
- Prof. Dr. Felipe Soler Sanz (in memoriam).

Aos autores dos livros que consultei e citei, pois me ajudaram a compor este trabalho.

Aos meus pais, Ely Carlos e Maria Almira, por serem meus pais e meus exemplos.

Ao meu esposo Luciano Battastini, por sempre acreditar em mim, pelo apoio e paciência sem igual.

Aos meus filhos, Maria Clara e Pedro que me ensinam diariamente a ser mãe.

Débora Kling Petry Battastini

Valencia, novembro de 2015.

Una casa, un edificio del género que sea, que se alza aislado en medio del campo, podrá ser considerado como una obra arquitectónica más o menos agradable a la vista, pero pongamos media docena de edificios uno junto a otro, y comprobaremos que es posible la existencia de otro arte, perfectamente distinto del de la arquitectura.

Gordon Cullen

RESUMO

O estudo da evolução urbana da Praça da Matriz de Porto Alegre (Praça Marechal Deodoro) tem demonstrado ser um rico tema que suscita diversas abordagens. Esta pesquisa tem nos acompanhado a alguns anos e já resultou em duas monografias que refinaram nossa percepção das transformações formais da arquitetura, da praça e da cidade. A pesquisa de material histórico, textual e iconográfico nunca esgota, com ênfase na tradução desta evolução por meio de imagens, entendemos que todo conhecimento é perceptivo e que produzir informação visual para revelar o processo urbano pelo qual a praça passou é uma das formas indispensáveis e àquela que se tornou o nosso percurso. Criamos, a partir de mapas e imagens, oito modelos virtuais de períodos históricos determinantes da apropriação do processo de transformação formal do sítio e partimos da tese de que há uma mútua contaminação de qualidades formais entre o espaço livre e suas construções envoltórias, bem como um impacto mútuo quando novas funções são estabelecidas, implicando em novos usos e procuramos demonstrá-la no trabalho de mestrado. Agora damos continuidade e aprofundamento a este questionamento e buscamos contrapor de maneira mais contundente os modelos de cada período histórico. Para este trabalho, a partir dos modelos já construídos iremos sorver a produção visual possível e desenvolver novas simulações digitais que comparem os mesmos espaços (iguais pontos de vista) em diferentes épocas e propor uma visão serial histórica, em que o observador se desloque através dos modelos no tempo e espaço, impactando a percepção deste ambiente mutante com a linguagem visual. Continuamos entendendo as configurações formais e espaciais da praça como uma das faces importantes para a compreensão da evolução da arquitetura e da cidade e demonstrá-las por signos gráficos, materializando estes processos, principalmente através do desenho (ou redesenho), seja pelos meios tradicionais (papel e lápis), mas principalmente pelo uso de ferramentas computacionais, é o nosso método de desenvolver esta tese.

Palavras-chave:
Praça Marechal Deodoro - Porto Alegre, forma arquitetônica, morfologia urbana, simulações digitais.

RESUMEN

El estudio de la evolución urbana de la Praça da Matriz de Porto Alegre (Praça Marechal Deodoro) ha demostrado ser un rico tema de investigación que sobre el que he planteado una serie de enfoques distintos. El trabajo desarrollado durante varios años ha dado lugar a dos monografías que han permitido profundizar en el conocimiento de las transformaciones formales de la arquitectura de la plaza y de la ciudad de Porto Alegre. La investigación sobre su historia, textos documentales y material iconográfico ha permitido traducir esta evolución a través de imágenes gráficas. Entendemos que todo conocimiento es perceptivo y así he producido la información gráfica necesaria para revelar el proceso urbano mediante el cual el espacio primitivo que ocupaba la plaza se ha ido transformando hasta llegar a la situación actual. Creado a partir de mapas e imágenes, ocho modelos virtuales de períodos históricos decisivos muestran el proceso formal de la transformación del sitio, partiendo de la idea de que siempre hay una contaminación mutua entre las cualidades formales del espacio y sus edificios, así como el impacto mutuo que se establece cuando surgen nuevas funciones que dan lugar a nuevos usos, tal como se recoge en mi trabajo del "Mestrado". La tesis que desarrollo recoge esta cuestión elaborando un análisis comparativo de los modelos de cada período histórico. Para este trabajo y a partir de los modelos ya construidos, desarrollamos nuevas simulaciones digitales que comparan las mismas zonas (las mismas vistas) en diferentes momentos, proponiendo una visión seriada a través de la historia, en la que el espectador se mueve a través de modelos en el tiempo y en el espacio, lo que permite la percepción visual de este entorno cambiante. Continuamos entendiendo las configuraciones formales y espaciales de la plaza como una de las facetas importantes para la comprensión de la evolución de su arquitectura y también de la ciudad, siempre a través del lenguaje gráfico, materializando este proceso a través del dibujo, bien con los medios tradicionales (papel lápiz) pero principalmente con las herramientas que proporciona la actual informática gráfica.

Palabras clave:
Plaza Marechal Deodoro - Porto Alegre, la forma arquitectónica, la morfología urbana, las simulaciones digitales.

RESUM

L'estudi de l'evolució urbana de la "Praça da Matriz" de Porto Alegre (Praça Marechal Deodoro) ha demostrat ser un ric tema d'investigació sobre el qual he plantejat una sèrie d'enfocaments distints. El treball desenvolupat durant diversos anys ha donat lloc a dos monografies les quals han permés aprofundir en el coneixement de les transformacions formals de l'arquitectura de la plaça i de la ciutat de Porto Alegre. La investigació sobre la seua història, textos documentals i material iconogràfic, ha permés traduir aquesta evolució a través d'imatges gràfiques. Entenem que tot coneixement és perceptiu i així he produït la informació gràfica necessària per a revelar el procés urbà per mitjà del qual l'espai primitiu que va ocupar la plaça s'ha anat transformant fins a arribar a la situació actual. Creat a partir de mapes i imatges, huit models virtuals de períodes històrics decisius mostren el procés formal de la transformació del lloc, partint de la idea que sempre hi ha una contaminació mútua entre les qualitats formals de l'espai i els seus edificis, així com l'impacte mutu que s'establix quan sorgixen noves funcions les quals donen lloc a nous usos, tal com s'arreplega al meu treball de "Mestrado". La tesi que desenvolupe arreplega aquesta qüestió elaborant una anàlisi comparativa dels models de cada període històric. Per a aquest treball, i a partir del models ja construïts, desenvolupem noves simulacions digitals les quals comparen les mateixes zones (les mateixes vistes) en diferents temps, proposant una visió seriosa a través de la història, en la qual l'espectador es mou a través de models en el temps i en l'espai, el que permet la percepció visual d'aquest entorn canviant. Continuem entenent les configuracions formals i espacials de la plaça com una de les facetes importants per a la comprensió de l'evolució de la seua arquitectura i també de la ciutat, sempre a través del llenguatge gràfic, materialitzant aquest procés a través del dibuix, bé amb els mitjans tradicionals(paper llapis) però principalment amb les ferramentes que proporciona l'actual informàtica gràfica.

Palabras clave:
Plaza Marechal Deodoro - Porto Alegre, la forma arquitectónica, la morfología urbana, las simulaciones digitales.

ABSTRACT

The Porto Alegre's Praça da Matriz (Marechal Deodoro's Square) urban evolution study has shown to be a rich theme that raises several approaches. This research has followed us for some years and has already resulted in two monographs that refined our perception of the architecture, square and city's formal transformations. The historical material, essay and iconographic's research never is running out, with emphasis on the translation of this evolution through images, we understand that all knowledge is perceptive and that produce visual information to reveal the urban process by which the square passed through is one of the essential ways and the one that has became our path. We have created, through maps and images, eight decisive historical periods virtual models of the site's transforming formal process ownership and we start from the idea that there is a mutual contamination of formal qualities of the space and its surronding buildings, as well as a mutual impact when new features are established, resulting in new uses and we seek to demonstrate it in the master's work. Now we are continuing and deepening in this questioning and we seek to counteract in a more forceful way the models of each historical period. For this work, from the models already built we will sip the possible visual production and develop new digital simulations that compare the same spaces (identical points of view) at different times and propose a historical serial vision, in which the observer moves through models in time and space, impacting the perception of this changing environment with the visual language. We continue to understand the formal and spatial configurations of the square as one of the important faces in understanding the architecture and the city's evolution and demonstrate them by graphic signs, materializing these processes, especially through the drawing (or redrawing), either by the traditional way (paper and pencil), but primarily through the use of computational tools, is our method of developing this thesis.

Keywords:
Square Marechal Deodoro - Porto Alegre, architectural form, urban morphology, digital simulations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 20

1.1. A PESQUISA DA EVOLUÇÃO URBANA DA PRAÇA 20

1.2. ESTRUTURA DO TRABALHO 22

1.3. UMA PESQUISA EM TRÊS TEMPOS 24

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE 25

3. A PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE 27

3.1. HISTÓRICO DA PRAÇA 27

3.2. CRONOLOGIA 29

3.2.1. Análise do gráfico 32

3.3. QUADRO CONTEXTUAL 35

3.4. QUADRO CRONOLÓGICO ICONOGRÁFICO 37

3.5. PERIODIZAÇÃO 39

3.5.1. A Praça Colonial 39

3.5.2. A Praça Neoclássica 42

3.5.3. A Praça Eclética 49

3.5.4. A Praça Modernista 53

3.5.5. A Praça Contemporânea 56

4. A ANÁLISE VISUAL 57

5. O MÉTODO DE RECONSTRUÇÃO VIRTUAL 61

6. APLICAÇÃO DO MÉTODO.....71

6.1. REDESENHOS DIGITAIS BIDIMENSIONAIS.....71

6.1.1. Planta de 1772:.....71

6.1.2. Planta de 1839:.....72

6.1.3. Planta de 1869:.....73

6.1.4. Planta de 1881.....74

6.1.5. Planta de 1888:.....75

6.1.6. Planta de 1914:.....76

6.1.7. Planta de 1940:.....77

6.1.8. Planta de 1950:.....78

6.1.9. Contexto Atual:.....79

6.1.10. Visão de conjunto: 80

6.2. MODELOS TRIDIMENSIONAIS.....81

6.2.1. A Cena 1 (baseada na planta de 1839): 81

6.2.2. A cena 2 (baseada na planta de 1869): 87

6.2.3. A cena 3 (baseada na planta 1881):.....93

6.2.4. A cena 4 (baseada na planta de 1888): 99

6.2.5. A cena 5 (baseada na planta de 1914): 105

6.2.6. A cena 6 (baseada na planta de 1940): 111

6.2.7. A cena 7 (baseada na planta de 1950): 117

6.2.8. A cena final (a partir da década de 1960 do séc. XX),.....123

7. SIMULAÇÕES DIGITAIS 130

7.1. DESENVOLVIMENTO DA PRAÇA DA MATRIZ.....132

7.2. A VISÃO SERIAL DE GORDON CULLEN.....141

7.3. A PROPOSTA DE UMA VISÃO SERIAL HISTÓRICA.....143

7.3.1. Da cena 1 a cena 4: 144

7.3.2. Da cena 5 a cena 8: 145

7.3.3. Da cena 5 a cena 8 sem vegetação : 146

8. CONCLUSÕES 150

8.1. AS DECORRÊNCIAS DA EVOLUÇÃO DA PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE 150

8.2. O MÉTODO GRÁFICO 153

8.3. AS SIMULAÇÕES DIGITAIS 154

8.4. O CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE 155

9. NOVAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO 157

10. DIFUSÃO DO TRABALHO 158

REFERÊNCIAS 159

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 163

ANEXOS 167

ANEXO 1 – RECONSTRUÇÃO VIRTUAL DE PRÉDIO HISTÓRICO: 168

ANEXO 2 – MAPAS HISTÓRICOS: 195

1. INTRODUÇÃO

1.1. A PESQUISA DA EVOLUÇÃO URBANA DA PRAÇA

Este trabalho investiga a evolução e transformações da forma e espaço da Praça da Matriz de Porto Alegre, a partir da sequência histórica das construções nela ocorridas, revelando e descrevendo o que se processa nas articulações formais entre objeto (edifício) e contexto (seu entorno), utilizando como método de pesquisa e análise a linguagem visual. Expõe as modificações na materialidade da praça ao longo de sua história através do método gráfico, usa os elementos da comunicação visual como ferramentas de investigação.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fomos guiados pelas questões que foram levantadas a partir de inquietações preliminares sobre o tema: a praça é um fragmento urbano qualificado pelo espaço livre e construções que a envolvem? Há uma mútua contaminação de qualidades formais entre o espaço livre e suas construções envoltórias, bem como um impacto mútuo quando novas funções são estabelecidas, implicando em novos usos? O método proposto de análise gráfica, ou seja, utilizar os elementos da comunicação visual como ferramentas de investigação, pode se configurar como um caminho adequado para a pesquisa da evolução da materialidade da praça?

A pesquisa tem como objeto de estudo a Praça da Matriz de Porto Alegre, entendendo este espaço como um elemento urbano configurado pelo seu espaço livre e edificações de entorno, considerando o período que compreende o surgimento da praça até os dias atuais.

Os conceitos abordados nesta pesquisa permeiam as questões relacionadas à história de um espaço urbano, ao patrimônio arquitetônico, às relações formais entre objeto e entorno decorrentes das mudanças na praça, à criação de uma periodização que reflita de forma coerente a evolução histórica, estilística e formal da praça e uma abordagem tecnológica e gráfica, pelo uso do redesenho digital de imagens da praça que representam os

diferentes períodos históricos, como meio de expandir nossa capacidade de entender as consequências formais das alterações do espaço e seus elementos de entorno.

Para conduzir a pesquisa com aporte teórico adequado, selecionamos os autores abaixo relacionados, vinculando-os a cada conceito que queremos desenvolver.

No aprofundamento da pesquisa histórica, no estudo da evolução urbana da praça e na definição de uma periodização elegemos os autores Hélio Ricardo Alves, Antônio Alvares Pereira Coruja, Archimedes Fortini, Sérgio da Costa Franco, Ediolanda Liedke, Francisco Riopardense de Macedo, Andrea Soler Machado, Augusto Meyer, Clóvis Silveira de Oliveira, Sandra Jatahy Pesavento, Fortunato Pimentel, Auguste Saint-Hilaire, Leo Jerônimo Schidrowitz, Célia Ferraz de Souza, Walter Spalding, Leandro Telles, Gunter Weimer, Herrmann Rudolf Wendroth, Alberto Xavier, Ivan Mizoguchi, Sílvio Belmonte de Abreu Filho, Anna Paula Canez, Renato Holmer Fiore, e David Harvey. Para caracterização da praça como lugar, definição do conceito de praça e compreensão dos seus simbolismos foram selecionados os autores Camillo Sitte e Lineu Castello. Para a abordagem tecnológica, elaboração de desenhos e modelos com meios digitais e análise gráfica, escolhemos os autores Asdrubal Antoniazzi, Roquemar Baldam, José R. Kós, Andréa P. Borde, Diana Barros, Ramón Maestre López-Salazar, Francisco Irles Más, Ana Tagliari, Gordon Cullen e Edmund Bacon.

A partir do objeto de estudo, entendemos que uma praça é caracterizada por ser um espaço livre e aberto, porém é definida em sua forma e uso também pelas edificações de entorno. Sendo um fragmento urbano, também expressa a evolução da cidade o que a torna um tema significativo. Observamos na praça, analisando-a a partir de sua evolução histórica, que as mudanças de uso e de forma tanto da praça quanto de seu entorno geram uma contaminação recíproca e que para revelar as relações entre objeto e entorno, demonstrar a evolução da materialidade da praça é necessário investigar e analisar a partir de um método gráfico, em que os documentos iconográficos e seu redesenho e modelagem são protagonistas da pesquisa e parceiros insubstituíveis deste trabalho.

O perfil desta pesquisa determinou uma organização metodológica que direcionou o seu desenvolvimento. Iniciamos o trabalho procurando dimensionar a importância histórica da praça, justificando a pesquisa e elegendo a bibliografia inicial. A partir desta etapa,

começamos a busca de material iconográfico em arquivos históricos, museus e outros meios e também produzimos material iconográfico através de fotos atuais do local. Após a coleta e produção de material textual e iconográfico, iniciamos a organização do objeto de estudo através de gráficos e quadros que foram estruturados de forma a facilitar a compreensão da evolução da praça e dos elementos arquitetônicos e urbanos que a definiram ao longo de sua história. Analisando o material, foi proposta uma periodização que permeou as questões históricas, estilísticas e formais. A partir dos períodos estipulados e da seleção de imagens que auxiliem a compor a praça de cada um destes períodos, através de programas gráficos computacionais, foram realizados uma série de redesenhos (plantas-baixas, planos de fachadas, modelos tridimensionais, etc.), visando ao entendimento e registro das diversas linguagens pelas quais passou a praça no decorrer do seu desenvolvimento histórico. O material gerado foi analisado, buscando confirmar ou não as hipóteses levantadas, gerando uma reflexão sobre todo o processo e culminando na produção desta tese doutoral.

1.2. ESTRUTURA DO TRABALHO

Com o objetivo de aprofundar a compreensão da evolução histórica da praça a partir de documentos histórico-iconográficos e técnicos; relacionar as questões históricas, políticas, econômicas, sociais, funcionais, formais, estilísticas e simbólicas que contribuem ou determinam as mutações da praça dentro do período de tempo proposto; definir uma periodização; redesenhar as plantas de cada período; definir os experimentos que serão realizados, como será o método digital de análise gráfica que será desenvolvido; aplicar o método definido e analisar as consequências formais decorrentes das transformações ocorridas no espaço da praça e seus elementos de entorno ao longo de sua história, o trabalho será dividido nos seguintes capítulos:

No capítulo "*Contexto Histórico da Fundação de Porto Alegre*" contextualizamos historicamente os fatos que determinaram a formação do núcleo urbano e a fundação da cidade de Porto Alegre.

Com o intuito de sintetizar a história da praça e sua importância dentro da cidade de Porto Alegre, desenvolvemos o capítulo "*A Praça da Matriz de Porto Alegre*", revelando o

objeto de estudo através de um gráfico cronológico que demonstra o período de surgimento, permanência e extinção de cada elemento urbano ao longo do tempo. Através deste gráfico ilustramos a evolução histórica da praça de forma mais facilmente apreensível. Com a intenção de definir uma periodização e organização do material iconográfico, são desenvolvidos dois quadros, um denominado "*Quadro Contextual*", no qual são relacionados períodos estilísticos, imagens da Igreja Matriz em cada um destes períodos, elementos urbanos, mapas, acontecimentos históricos e políticos que motivam todo tipo de mudança na praça. O outro quadro é denominado "*Quadro cronológico iconográfico*" e tem a finalidade de organizar o material iconográfico dentro dos períodos históricos. Por fim, analisando todo o material, descreve-se com textos e imagens a evolução urbana da praça.

Posteriormente à caracterização da praça que é o foco deste trabalho, partimos para a proposta de utilizar a linguagem visual como método de investigação e análise. Iniciamos então com o capítulo "*A linguagem visual*" em que procuramos demonstrar a importância da linguagem visual dentro da área de arquitetura tanto para a produção de projetos como para a compreensão destes, bem como a possibilidade de usar os elementos de comunicação visual, ou seja, os paradigmas que constroem as imagens (textura, perspectiva, cor, etc.) neste estudo. No capítulo "*O método de reconstrução virtual*" listamos e demonstramos os experimentos que estamos propondo e selecionamos os que melhor se adequam para a análise da praça.

No capítulo "*Aplicação do método*" são realizados redesenhos digitais bidimensionais de plantas e fachadas de diferentes períodos históricos, são desenvolvidos modelos tridimensionais, maquetes eletrônicas da praça, buscando por hipótese definir um modelo tridimensional que represente a praça em cada período.

Finalmente no capítulo "Simulações digitais e análises", são geradas imagens comparativas entre os períodos permitindo uma visualização simultânea de diferentes momentos históricos, mas com pontos de vista idênticos, tornando a visualização da evolução urbana da praça um meio de analisar o impacto que cada mudança provoca na percepção deste ambiente. Também propomos utilizar a Visão Serial de Gordon Cullen em uma nova abordagem, uma visão serial que se desloque no espaço e no tempo, produzindo imagens dinâmicas da evolução espacial da praça ao longo do tempo.

1.3. UMA PESQUISA EM TRÊS TEMPOS

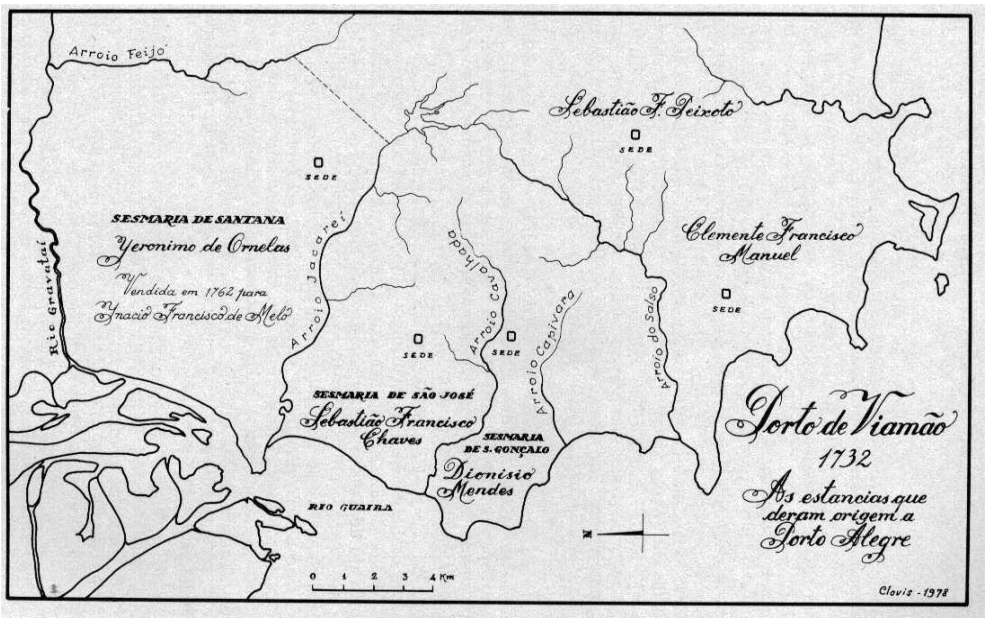
Esta pesquisa vem sendo desenvolvida por um longo período de tempo, iniciou como um projeto de pesquisa e evoluiu como tema desta tese doutoral, culminando em duas monografias: um trabalho de investigação sobre a reconstrução virtual de um prédio histórico que pertence ao entorno edificado da praça (o Memorial do Ministério Público), que está no anexo 1 deste trabalho, e na dissertação de mestrado "Evolução e Transformações da Praça da Matriz de Porto Alegre: Arquitetura e Contexto Urbano", apresentada ao Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UniRitter Laureate International Universities, feito em associação com a UniRitter Porto Alegre e Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo.

A todo o conhecimento construído através destes trabalhos de investigação, daremos continuidade e aprofundamento, contrapondo agora os modelos que criamos de cada período histórico da praça, desenvolvendo novas simulações digitais que permitirão compará-los e aprofundar a percepção deste ambiente mutante, finalmente materializando esta longa pesquisa nesta tese doutoral que será apresentada à Universidade Politécnica de Valência – Espanha, dentro do programa Expressión Gráfica de la Arquitectura y de la Ingenieria.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE

O início da ocupação da região que formou a cidade de Porto Alegre partiu do interesse no gado xucro que se fazia necessário no interior do Brasil, na região das Gerais, para a extração de metais preciosos. Por volta de 1732, três sesmarias (estâncias de criação de gado) ocupavam quase toda a área do atual município de Porto Alegre (figura 1), uma delas, a de Jerônimo de Ornellas Menezes e Vasconcellos, situava-se na área da qual surgiu o início da povoação da cidade, o centro de Porto Alegre. Naquela época a briga entre portugueses e espanhóis pela demarcação de suas posses, disputando a área da região das Missões Jesuíticas e a Colônia de Sacramento fez com que a coroa lusa tomasse a iniciativa de povoar a região a fim de protegê-la contra invasões espanholas, sendo assim, promoveu uma imigração organizada dos habitantes das ilhas dos Açores, os casais açorianos.

Figura 1: As estâncias que deram origem a Porto Alegre, 1732.

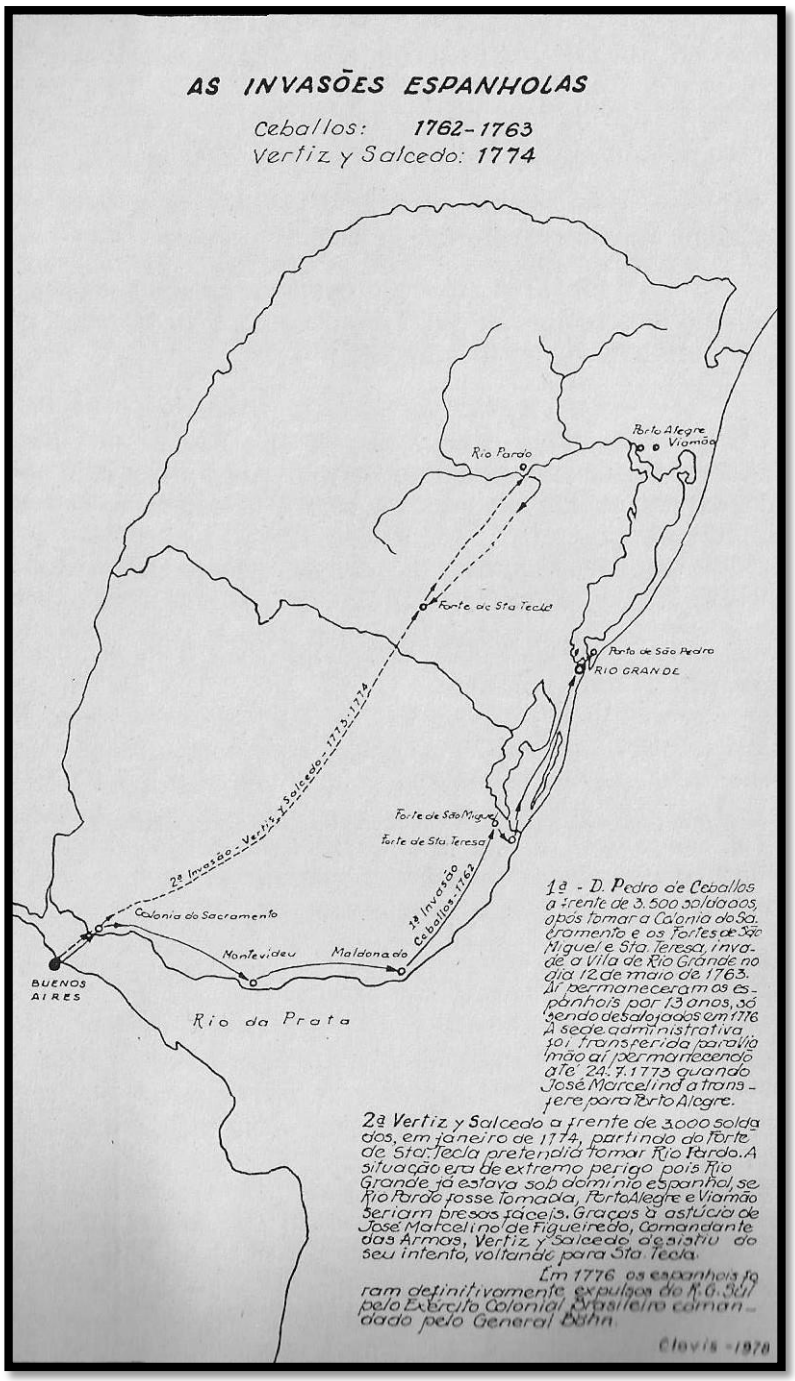


Fonte: (OLIVEIRA, 1993, p. 35)

Através do Tratado de Madrid de 1750 (figura 2) ficou determinada a permuta da Colônia de Sacramento pelas Missões Jesuíticas, num esforço de definir os limites de cada colonização, porém apesar do tratado, os espanhóis invadem a então capital do Continente, a Vila de Rio Grande, obrigando os açorianos a se estabelecer na região das margens do Guaíba, na área da sesmaria de Jerônimo de Ornellas. Sendo assim, a região conhecida inicialmente por Porto do Dorneles (Porto D'Ornellas), passou a ser conhecida como Porto dos

Casais. As terras que iniciaram com a finalidade de criação de gado, passaram a ser povoadas, criando condições para a formação da cidade de Porto Alegre.

Figura 2: As invasões espanholas.



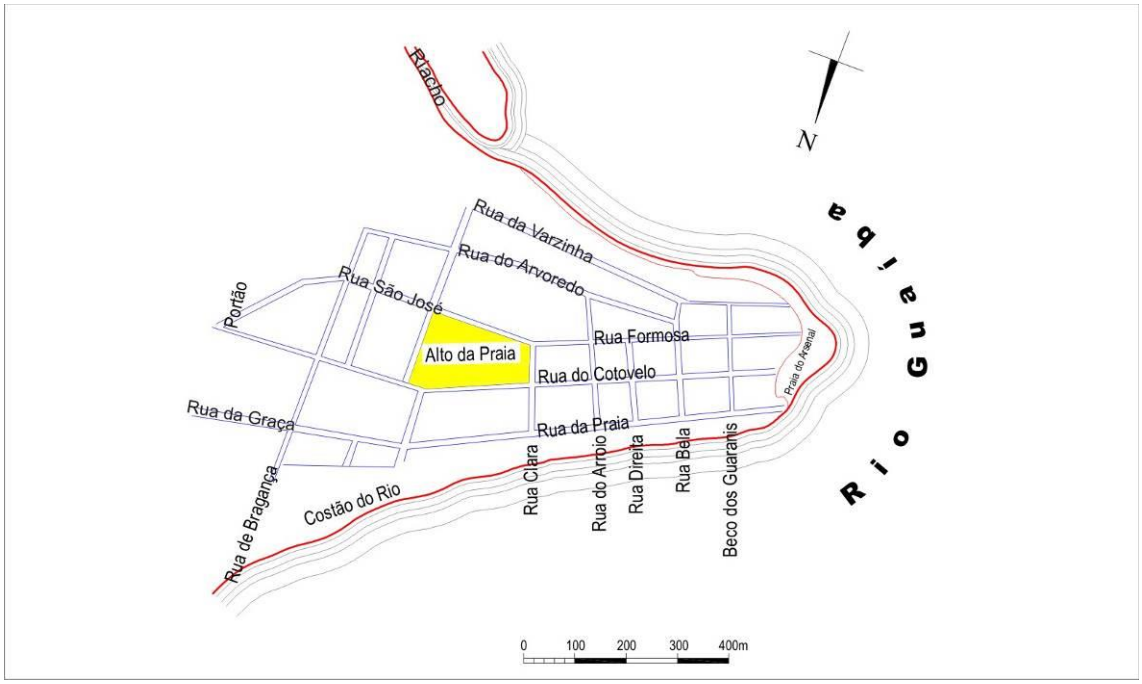
Fonte: (OLIVEIRA, 1993, p. 48)

3. A PRAÇA DA MATRIZ DE PORTO ALEGRE

3.1. HISTÓRICO DA PRAÇA

A Praça da Matriz de Porto Alegre, oficialmente denominada Praça Marechal Deodoro, nasce junto com a fundação da cidade; sua gênese encontra-se na necessidade de estruturar o núcleo urbano que dá origem a então capital de São Pedro do Rio Grande do Sul. A praça torna essa capital viável pela construção de um conjunto arquitetônico formado pela Igreja Matriz, Palácio da Presidência e Casa da Junta, situados no Alto da Praia (figura 3), local escolhido por ser o ponto mais alto da península e do núcleo urbano de então.

Figura 3: Porto Alegre em fins do séc. XVIII - Mapa baseado em desenho elaborado pelo Professor Tupi Caldas – redesenho elaborado pela autora.

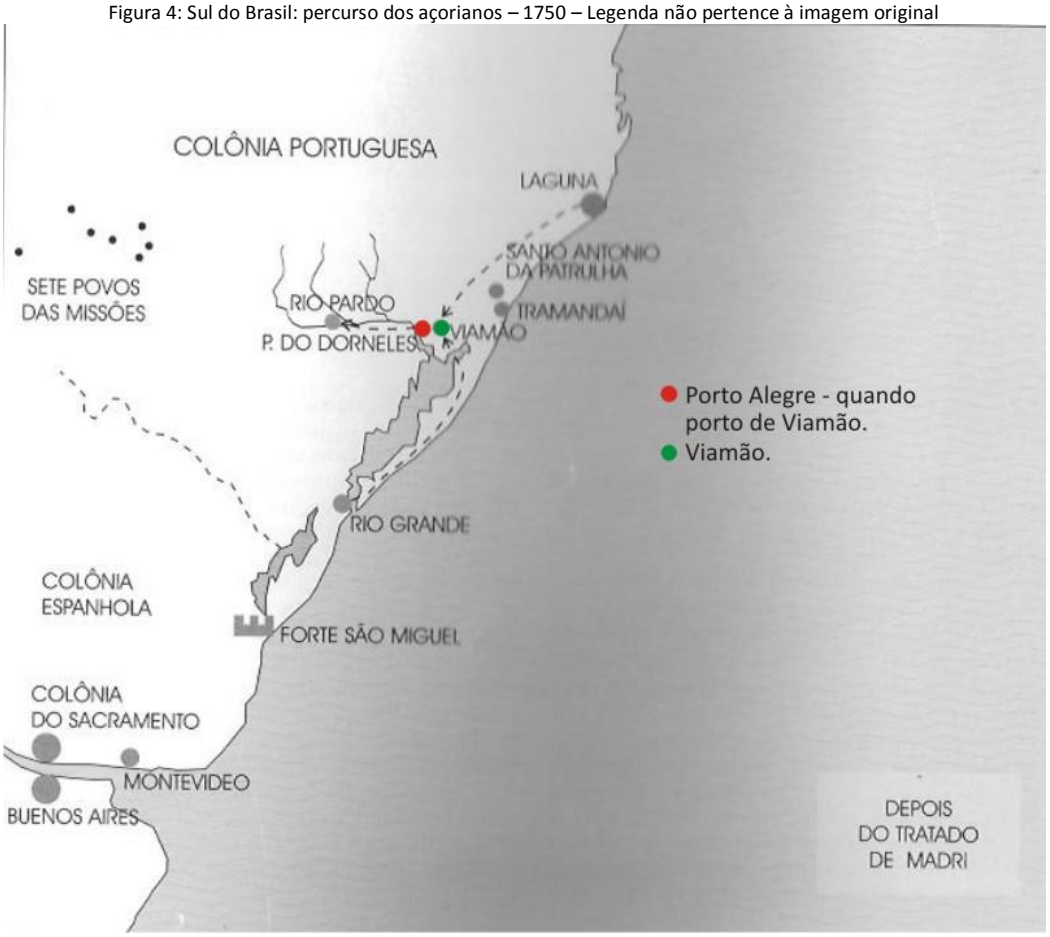


Fonte: MACEDO, 1968, p. 54

Pode-se dizer que a idade da praça coincide com a idade da cidade, 26 de março de 1772, definida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul como data de

fundação de Porto Alegre, tempo em que o Porto dos Casais[1] era porto de Viamão, então capital da Província de São Pedro, como o Estado do Rio Grande do Sul era chamado naquela época. Tal fato "implicava no estabelecimento dos primeiros limites do povoado, pois que a nova paróquia havia de possuir uma circunscrição, uma área onde atuasse e onde exerceria aquelas funções de registro" (MACEDO, 1973, p. 65), isto é, registros de nascimento, casamento, óbito e outros que antes só eram feitos em Viamão (figura 4).

Figura 4: Sul do Brasil: percurso dos açorianos – 1750 – Legenda não pertence à imagem original



Fonte: SOUZA, 2007, p. 41

[1] A região de Porto Alegre foi conhecida por três denominações: "Porto de Viamão", "Porto do Dorneles" e "Porto dos Casais" (OLIVEIRA, 1993, p.49).

Esta importante simultaneidade, além do fato de sua importância simbólica como centro cívico, religioso e cultural da cidade, funções que sempre desempenhou, fez com que a praça vivesse diferentes períodos de sua arquitetura que configuraram diferentes composições no desenho urbano deste fragmento da cidade. “A dualidade derivada dessa acumulação de funções religiosas e governamentais no mesmo espaço público deve ser percebida como uma das importantes características do lugar, com importantes implicações no caráter arquitetônico deste” (FIORE, 2004, p.99).

3.2. CRONOLOGIA

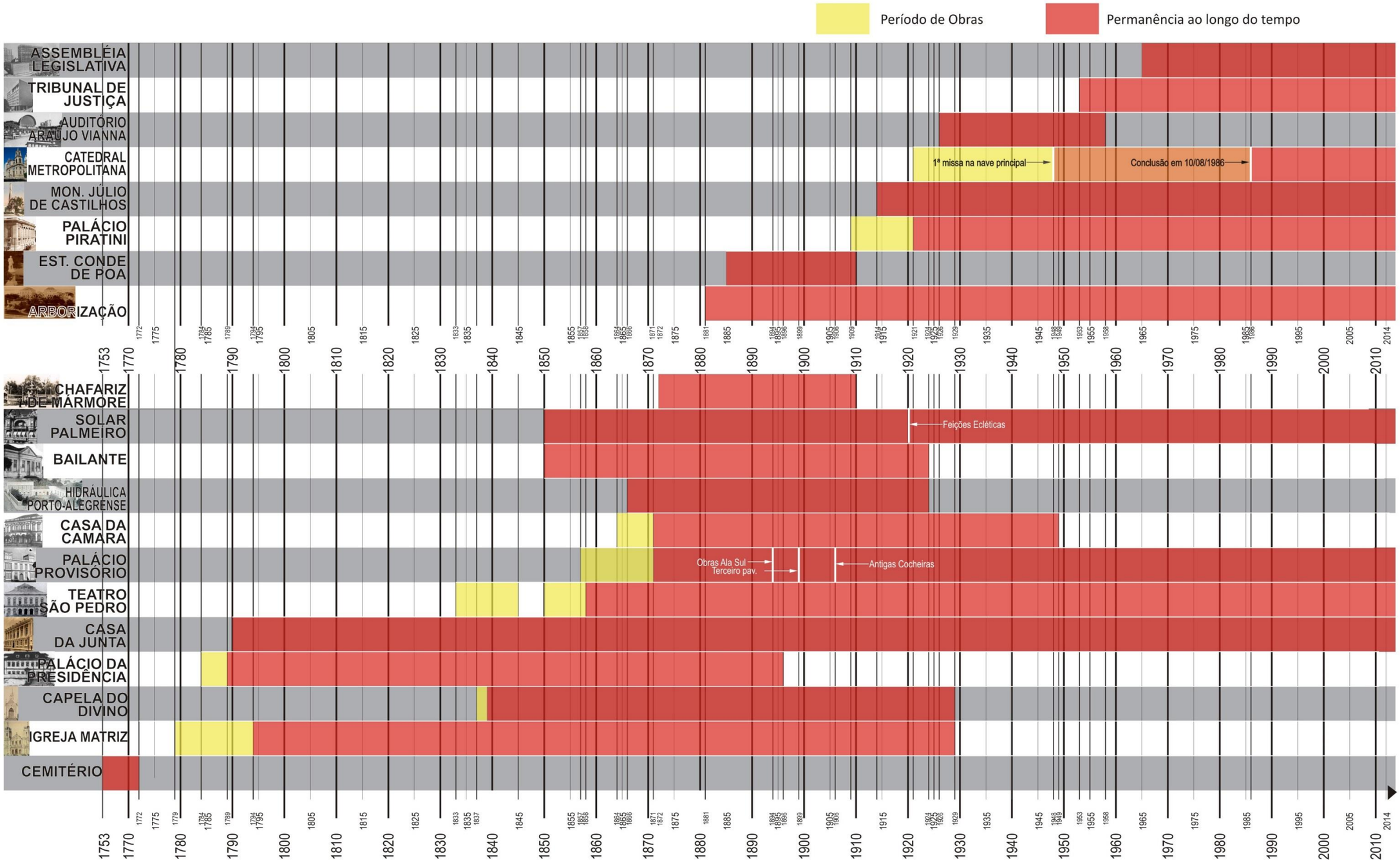
A percepção da evolução urbana da praça, pelas muitas metamorfoses que sofreu, sugeriu a necessidade da criação de um gráfico que ilustrasse melhor estas alterações. O gráfico foi criado, para que de forma concomitante, possamos observar claramente o período de nascimento, permanência e desaparecimento ou modificação de cada elemento urbanístico que compõe a praça e seu entorno.

O gráfico de barras possui no eixo *X* a linha de tempo de 1753 até a data atual e no eixo *Y* os elementos urbanísticos. Os elementos urbanísticos estão distribuídos ao longo do eixo *Y* em ordem crescente de aparecimento. Para a observação da permanência de cada elemento ao longo da linha de tempo utilizou-se uma barra horizontal de duas cores. A cor amarela da barra indica o período de construção e a cor vermelha, o período de permanência do item ao longo do tempo. No caso da Catedral Metropolitana, usamos também um tom intermediário, a cor laranja, para designar um segundo período de obras. Para a demarcação das datas foram utilizadas três opções de linha vertical, linha fina de cor cinza clara para cada ano da linha de tempo onde não haja nenhuma inserção de elemento na praça, de dez em dez anos linha preta grossa e quando há alguma data em que ocorre o surgimento ou desaparecimento de um elemento na praça, este ano é marcado com um traço cinza mais forte e traço grosso. Na base e no eixo das linhas verticais podemos fazer a leitura das datas, de dez em dez anos com o número escrito em uma fonte de maior tamanho, de cinco em cinco anos com um tamanho menor e nos outros anos o número só aparece caso haja a inserção ou desaparecimento de um item.

Logo a frente, na próxima página, podemos observar o gráfico em questão.

Gráfico cronológico:

3.2.1 GRÁFICO CRONOLÓGICO



3.2.1. Análise do gráfico

Através do gráfico podemos observar o período de surgimento do núcleo urbano onde, em termos de edificações significativas, encontrávamos os prédios da Igreja Matriz, Palácio da Presidência e Casa da Junta; posteriormente, verifica-se uma maior densidade no gráfico, quando surgem novos elementos e onde se dá o tratamento paisagístico para a praça. Por fim, há o período da renovação onde muitos elementos são substituídos chegando à configuração atual da praça.

Podemos fazer um paralelo do gráfico com alguns dos períodos históricos que Sandra Jatahy Pesavento determina em seu livro "*Memória Porto Alegre – Espaços e Vivências*", a respeito da cidade de Porto Alegre. A autora subdivide a história da cidade em relação ao seu desenvolvimento urbano em seis grupos que vão de 1740 até 1990, os quais são:

- 1740-1820 / ORIGENS - De estância de criação de gado à vila açoriana;
- 1820-1890 / CRESCIMENTO - De cidade tranquila ao maior centro urbano da província;
- 1890-1924 / CONSOLIDAÇÃO - A ordem burguesa se instala;
- 1924-1945 / RENOVAÇÃO - A busca de uma modernidade urbana;
- 1945-1970 / (TRANS)FIGURAÇÃO - Da feição democrática a uma nova fisionomia autoritária;
- 1970-1990 / (DES)CARACTERIZAÇÃO - O novo e o eternamente igual.

No período denominado ORIGENS que vai de 1740 a 1820 se dá o surgimento do núcleo urbano, Porto Alegre passa de estância de criação de gado à capital da província, evento impulsionado pelas disputas por demarcação de limites territoriais entre a coroa lusa e a Espanha. No gráfico observamos claramente que este período da história da praça se confunde com a história da cidade, pois ali foram instalados os prédios comunitários e públicos que permitiriam transpor para Porto Alegre a sede do governo da província. Os

prédios da Igreja Matriz, Palácio da Presidência e Casa da Junta caracterizam as "origens" da praça e da cidade.

No segundo e terceiro períodos denominados CRESCIMENTO e CONSOLIDAÇÃO respectivamente, vão de 1820 a 1890 e de 1890 a 1924, observamos através do gráfico que novamente a praça reflete situação semelhante ao que ocorre na cidade como um todo. Neste período, o Brasil declara a sua independência de Portugal, em 1822, no mesmo ano Porto Alegre é elevada à categoria de cidade.

> Proclamada a Independência, o estado foi varrido por uma desastrosa guerra entre as oligarquias regional e central, que paralisou, por dez anos, qualquer empreendimento arquitetônico. Passada a guerra dos Farrapos, o desenvolvimento regional foi altamente significativo e, a partir de então, ao lado dos arquitetos de origem militar, dois alemães trouxeram os novos conceitos da arquitetura historicista europeia ao pampa sulino. Trata-se de Philip von Normann e Friedrich Heydtmann cujas obras tiveram o significado da Missão Francesa, no Rio de Janeiro.[2]

O autor se refere ao período da Revolução Farroupilha (1835-1845) que na praça resulta na interrupção da construção do Theatro São Pedro, sendo reiniciada apenas em 1850 e terminada em 1858, o arquiteto responsável foi Philip von Normann, também observamos que após a revolução houve um período de crescimento como o citado pelo autor, observável no gráfico com os novos elementos como o Theatro São Pedro, o Palácio Provisório, Casa da Câmara, a Hidráulica Porto-Alegrense que reflete a preocupação com o fornecimento de água. Surgem ainda o Chafariz de Mármore, a Sociedade Bailante, o Solar Palmeiro e a praça deixa de ser um largo devastado e recebe calçamento e ajardinamento. A cidade passa a ser o principal centro econômico da província, o final do período de crescimento é marcado pela abolição da escravatura (1888) e pela proclamação da república (1889). A República influenciou grandemente a alteração da fisionomia da praça, alteração que se reflete mais adiante no período denominado pela autora de RENOVAÇÃO (1924-1945). Os prédios ligados

[2] Texto de Günter Weimer, "Arquitetura Moderna em Porto Alegre". São Paulo: Ed. Pini, 1987, p. 23.

ao período colonial como a Igreja Matriz e principalmente o Palácio da Presidência são substituídos por novas edificações, a Igreja Matriz e Capela do Divino são demolidas para dar lugar à nova Catedral e o Palácio da Presidência dá lugar ao Palácio Piratini. O chafariz de mármore dá lugar ao monumento à Júlio de Castilhos e no espaço do prédio da Bailante e da Hidráulica é construído o Auditório Araújo Viana.

> [...] A cidade de Porto Alegre viveu, de forma radical, a feição autoritária de intervenção no seu espaço urbano, possibilitada pela grande concentração de poder nas mãos dos governantes e na capacidade de acumulação do Estado. Iniciou-se, aí, a fase de verticalização do centro da cidade e a finalização de obras grandiosas para a fisionomia de Porto Alegre, iniciadas nas primeiras décadas do século XX.
>
> Mesmo antigos casarões da área nobre da cidade foram destruídos; ruas inteiras sucumbem às patrolas e picaretas; as desapropriações crescem em proporções enormes para a abertura de novas vias que pretendiam desafogar o centro da cidade, ligando-o com bairros mais distantes.[3]

As últimas alterações que a praça sofre coincidem com o final do período denominado (TRANS)Figuração (1945 a 1970), onde, também na praça o movimento moderno tem o seu lugar com a construção do novo Tribunal de Justiça no local da antiga Casa de Câmara que incendiou em 1949 e a Assembleia Legislativa substituindo o Auditório Araújo Viana.

Na fase desenvolvimentista nasceu a cidade de Brasília, sede do governo federal que saiu do Rio de Janeiro. Cidade construída sob uma concepção modernista passou a influenciar o desenho urbano das grandes cidades brasileiras da época.[4]

---

[3] Sandra Jatahy Pesavento. "Memória Porto Alegre - Espaços e Vivências." Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999 - 2ª edição, p. 100.

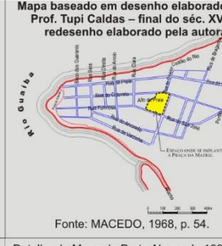
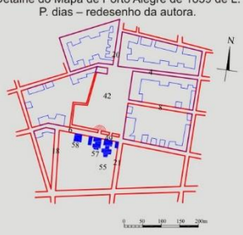
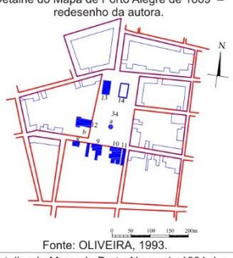
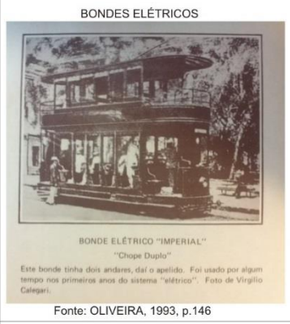
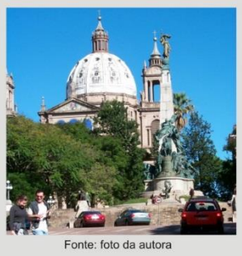
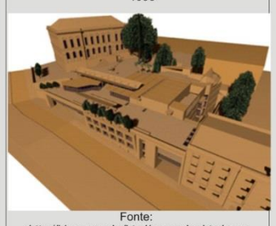
[4] Idem, p. 132.

3.3. QUADRO CONTEXTUAL

Foi desenvolvido um quadro com o objetivo de associar eventos históricos com as etapas históricas da praça. Organizamos o quadro associando períodos de tempo com elementos do local, dando prioridade à Igreja Matriz que consideramos a gênese do espaço. Nas demais colunas, distribuímos imagens da praça, lista de edifícios de entorno, mapas, dados históricos locais, meios de transporte utilizados, dados históricos gerais e vistas da praça com imagens que consideramos relevantes. A partir da observação das características estilísticas, vinculadas ao contexto histórico denominamos os períodos de: Período Colonial, Neoclássico, Eclético, Modernista e Contemporâneo.

Este quadro representou um esforço de organização e caracterização do local, sendo uma ferramenta importante de compreensão do objeto de estudo.

QUADRO CONTEXTUAL:

	DATA	IMAGENS DA IGREJA	PRAÇA	EDIFÍCIOS DE ENTORNO	MAPA DA PRAÇA	DADOS HISTÓRICOS	MEIOS DE TRANSPORTE	DADOS HISTÓRICOS GERAIS	VISTA GERAL DA CIDADE E OUTRAS IMAGENS
Período Colonial	1772 a 1837	**Reprodução de uma tela colorida, déc. de 60 do séc. XIX, provavelmente reproduz cena do início do séc. XVIII** **Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman**	Praca_da_Matriz_1800_Jose_de_Francesco, 1937 - Foto F. Zago-Studio Z Fonte: Pinacoteca Aldo Locatelli em http:\\www.ufrgs.br\leiturasdacidade\oqver.php	• Igreja Matriz; • Palácio da Presidência; • Casa da Junta (Real Fazenda).	**Mapa baseado em desenho elaborado pelo Prof. Tupi Caldas – final do séc. XVIII - redesenho elaborado pela autora.**  Fonte: MACEDO, 1968, p. 54.	Pode-se dizer que a idade da cidade é a idade da praça, 26 de março de 1772, data de fundação da cidade, tempo em que o Porto dos Casais emancipa-se de Viamão, "o que implicava no estabelecimento dos primeiros limites do povoado, pois que a nova paróquia havia de possuir uma circunscrição, uma área onde atuasse e onde exerceria aquelas funções de registro" (MACEDO, 1973, p. 65). População 1740: 100*; *dados imprecisos 1752: 800* 1780: 1500* 1803: 3927 1820: 12000 1833: 14200 1846: 16300 (SPALDING, 1967, p. 194)	Transporte a pé, cavalo e boi. Cadeirinhas - transporte fidalgo carregada por quatro escravos ou lacaios (SPALDING, 1967, p.135) Navegação Pluvial	Criação de gado, sem fins de povoamento: 1732 - sesmeiros em POA (MACEDO, 1999, p. 19); 05/11/1740 - título provisório de propriedade das sesmarias (MACEDO, 1999, p. 19); 1750 - Tratado de Madri - permuta da Colônia de Sacramento pelas Missões Jesuíticas Brasil colônia de Portugal (até 1822); 1752 - casais açorianos;	Palácio do Governo - séc. XVIII Fonte:MACEDO, 1999, p. 36. Perfil da evolução urbana de Porto Alegre - 1839 Fonte: SOUZA, 1997.
	1839 a 1855	Igreja Matriz e Palácio do Governo - sem número Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Igreja Matriz e Palácio do Governo - fig. 131 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	4. Rua da Ponte (Rua Riachuelo) 6. Rua de São José (Rua Duque de Caxias) 8. Rua Nova do Poço (Rua Jerônimo Coelho) 18.Rua de Belas (Rua Gen. Auto) 20. Rua do Ouvidor (Rua Gen. Câmara) 21. Rua do Cemitério (Rua do Espírito Santo) 42. Praça do Palácio (Praça da Matriz) 49. Igreja Matriz; 57. Palácio do Governo; 58. Casa da Assemblea. Em 1833 inicia a construção do Theatro São Pedro, interrompida pela Revolução Farroupilha (1835 - 1845)	Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1839 de L. P. dias – redesenho da autora.  Fonte: IHGRGS, 2005.	Elevada a Vila - 1810; Elevada a Cidade - 1822 Imigrantes alemães (1824) Porto Alegre Sitiada - 1835; Revolução Farroupilha (1835-1845) Período de estagnação entre 1835 a 1845 em função da Revolução Farroupilha.	Transporte a pé, cavalo e boi. Cadeirinhas - transporte fidalgo carregada por quatro escravos ou lacaios (SPALDING, 1967, p.135) Navegação Pluvial	Brasil império; Revolução Industrial - europa - excesso populacional; Necessidade de ocupação da região sul do Brasil. (SOUZA, 2007, p. 70)	
Período de Introdução de Elementos Urbanos Neoclássica	1855 a 1910	Déc. de 60 séc. XIX - Casa de Câmara em Obras Fonte: Album de Fotografias de Porto Alegre - Séc. XIX e XX - Museu Joaquim José Felizardo	Alicerces da Casa da Câmara, Bailante, Casa da Junta (Estilo Neoclássico) Theatro São Pedro Fonte: site itaucultural.org.br em 15_11_2013 Foto de Luis Terragno 1865	a. Chafariz da Compª Hydráulica b. Terreno em que está reservatório da Compª Hydráulica 8. Assemblea Provincial 9. Palácio do Governo 10. Cathedral (Igreja Matriz) 11. Capella do Espírito Santo 12. Bailante 13. Theatro São Pedro 14. Alicerces para Edificação da Camara Municipal	Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1869 – redesenho da autora.  Fonte: OLIVEIRA, 1993.	1890 - população 52.000 habitantes 1890 - inicia a fase de industrialização imigrantes italianos (1875)	1864 (instalada) 1870 (inaugurada) - Primeira linha de bondes a vapor (MAXABOMBAS), trilhos de madeira. 1873- os MAXABOMBAS são substituídos por bondes puxados a burro. Dom Pedro II em 1872 autorizou o funcionamento da COMPANHIA DE CARRIS DE FERRO PORTO-ALEGRENSE. Este sistema funcionou por 35 anos. (OLIVEIRA, 1993, p. 144) 1874 - primeira estrada de ferro POA - SÃO LEOPOLDO	1888 - Abolição da escravatura 1889 - Proclamação da República	MAXABOMBAS Fonte: SPALDING, 1967, p.137.
		 pg. 26 IGreja +- 1875 pg 26 texto imagem pg26 Fonte: Portifólio - Porto Alegre Antigo, 1972 Ed. Painel - Arq. Histórico Municipal	Panorama da Praça da Matriz - 1880 - 1881 Fonte: Álbum Comemorativo a Exposição Brasileira-Alemã de 1881	1. Theatro São Pedro 2. Casa de Câmara 3. Palácio Provisório (Forte Apache) 4. Chafariz 5. Capela do Divino 6. Igreja Matriz 7. Palácio da Presidência; 8. Casa da Junta (Real Fazenda). 9. Bailante Bailante Fonte: Acervo pessoal	Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1881 de Henrique Breton – redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.			 Porto Alegre em 1870 Fonte: SCHIDROWITZ, 1940, p. 9. Acervo Biblioteca Museu Joaquim José Felizardo
		 Fonte: Folha da Tarde pg. 7 19-12-59 Arq. Histórico Municipal	Palácio da Presidência déc. 90, séc. XIX - autor desconhecido. Fonte: Acervo da autora Palácio Provisório com 3 pav. - final séc. XIX Fonte: Acervo Espaço Cultural Solar dos Câmara	16. Theatro São Pedro 17. Camara Municipal 18. Praça Pedro II 19. Hydraulica Porto Alegrense 20. Assemblea Provincial 21. Palácio do Governo 22. Igreja Matriz 23. Capella do E. Santo 25. Quartel General Praça 1890 Fonte: Jornal Zero Hora - 26/09/99 p.78 - Arq. Histórico Municipal	Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1888 de João Candido Jacques – redesenho da autora. Fonte: IHGRGS, 2005. Cia. Hidráulica Fonte: Porto Alegre - Monografia. Compilação Walter Spalding Acervo Biblioteca Museu Joaquim José Felizardo		1908 - surgem os bondes elétricos (por 62 anos, desativado em março de 1970) (OLIVEIRA, 1993, p. 144)		Perfil da evolução urbana de Porto Alegre - 1890 Fonte: SOUZA, 1997. BONDES ELÉTRICOS  Fonte: OLIVEIRA, 1993, p.146
O Ecletismo na Praça	1910 a 1950	Foto Virgílio Calegari - 1910 foto 302 f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Vista da praça entre 1921 e 1929 Fonte: Acervo pessoal Década de 20 séc. XX Fonte: Porto Alegre - Album s.d. Adm Alberto Bins - Acervo Arq. Histórico de POA	- Igreja Matriz; - Palácio Piratini; - Casa da Junta (Real Fazenda). - Capela do Divino - Theatro São Pedro - Casa de Câmara - Palácio Provisório (Forte Apache) - Praça Arborizada - Monumento a Júlio de Castilhos - Bailante - Hidráulica Porto-Alegrense	Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1914 - Plano Geral de Melhoramentos - redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	1940 População: 275.600 habitantes Grandes Obras Viárias (SOUZA, 2007)	PRAÇA DA MATRIZ em 1929 Fonte: Porto História Revista do Globo	1914-1918 I GUERRA MUNDIAL	Perfil da evolução urbana de Porto Alegre - 1945 Fonte: SOUZA, 1997.
		Cerimônia em memória ao poeta Olavo Bilac - 1919 Fonte: Foto reprodução Porto História PH-Revista Máscara - 1919	PRAÇA DA MATRIZ em 1940 Fonte: Foto W. Hoffmann Harnisch Filho	- Auditório Araújo-Vianna - Theatro São Pedro - Thesouro do Estado - Sup. Tribunal - Sec. de Obras Públicas - Cathedral Metropolitana - Palácio Piratini - Assembléia - Monumento a Júlio de Castilhos - Praça Marechal Deodoro	Detalhe do MAPA TOPOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE - 1941 - redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.			1937 - 1945 ESTADO NOVO 1939 - 1945 II GUERRA MUNDIAL (SOUZA, 2007)	
Prédios Modernistas	1950 a 2000	1970 – Visita do Presidente Emílio Garrastazu Médici ao Palácio Piratini em 20/10/1970. Fonte: Livro "Memória Visual de Porto Alegre 1880 – 1960", 2ª edição, Porto Alegre: Palolotti, 2008.	Déc. de 50 séc. XX foto 1274f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman.	1. Catedral Metropolitana; 2. Palácio Piratini; 3. Assembleia 4. Auditório Araújo-Vianna (até 1958) 5. Theatro São Pedro 6. Tribunal de Justiça - 1953 7. Palácio Provisório (Forte Apache) 8. Monumento a Júlio de Castilhos	Detalhe do Mapa de Porto Alegre 1950 - Autor: Edgar Klettner - redesenho e legenda da autora Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	Metropolização 1990 1.263.403 hab. POA e 3.757.500 hab. Reg. Metropolitana (SOUZA, 2007, p. 109)			Perfil da evolução urbana de Porto Alegre - 1990 Fonte: SOUZA, 1997.
Etapa Contemporânea	2000 a -	Praça e Catedral ao fundo - 2004  Fonte: foto da autora	"Maquete Multipalco do Theatro São Pedro" - 1998  Fonte: <http://jdarq.com.br/html/saopedro.html> em 15/01/2014	1. Catedral Metropolitana; 2. Palácio Piratini; 3. Anexo da Assembléia (Casa da Junta -Real Fazenda) 4. Assembléia Legislativa (Palácio Farroupilha) 5. Multipalco Theatro São Pedro 6. Theatro São Pedro 7. Tribunal de Justiça 8. Palácio Provisório (Forte Apache) 9. Monumento a Júlio de Castilhos	Detalhe do Mapa de Porto Alegre Contexto Atual - Aero Pref. de POA - redesenho e legenda da autora Fonte: Sec. do Planejamento Municipal - Pref. POA				

3.4. QUADRO CRONOLÓGICO ICONOGRÁFICO

O quadro cronológico iconográfico surgiu da necessidade de reunir todas as informações iconográficas da praça em um mesmo quadro, distribuindo-as nos períodos estipulados anteriormente. A definição das simulações digitais que serão feitas requer a organização destas imagens. Visualizá-las de forma simultânea auxilia-nos a selecioná-las e compará-las para posteriormente realizar os redesenhos, modelos e simulações desejados.

O quadro também identifica a fonte das imagens, facilitando um acesso posterior a elas.

QUADRO CRONOLÓGICO ICONOGRÁFICO:

MAPAS DA PRAÇA	EDIFÍCIOS DE ENTORNO	TODAS IMAGENS				TODAS IMAGENS					
Mapa baseado em desenho elaborado pelo Prof. Tupi Caldas – final do séc. XVIII - redesenho elaborado pela autora Fonte: (MACEDO, 1968, p. 54)	• Igreja Matriz; • Palácio da Presidência; • Casa da Junta (Real Fazenda).	Reprodução de uma tela colorida, déc. de 60 do séc. XIX, provavelmente reproduz cena do séc. XVIII - foto 834f Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman	Praca_da_Matriz_1800_Jose_de_Francesco, 1937 - Foto F. Zago-Studio Z Fonte: Pinacoteca Aldo Locatelli em http:\\www.ufrgs.br\leituraisdacidade\oqver.php	Palácio do Governo - séc. XVIII Fonte:MACEDO, 1999, p. 36.							
Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1839 de L. P. dias – redesenho da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	4. Rua da Ponte (Rua Riachuelo) 6. Rua de São José (Rua Duque de Caxias) 8. Rua Nova do Poço (Rua Jerônimo Coelho) 18.Rua de Belas (Rua Gen. Auto) 20. Rua do Ouvidor (Rua Gen. Câmara) 21. Rua do Cemitério (Rua do Espírito Santo) 42. Praça do Palácio (Praça da Matriz) 49. Igreja Matriz; 57. Palácio do Governo; 58. Casa da Assemblea. Em 1833 inicia a construção do Theatro São Pedro, interrompida pela Revolução Farroupilha (1835 - 1845)	Igreja Matriz e Palácio do Governo - sem número Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Igreja Matriz e Palácio do Governo - fig. 131 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Porto Alegre vista pelo Sul - Fig. 97 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Porto Alegre vista pelo Sul - close da fig. 97 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Hospital, Igreja, Mercado e Alfândega- fig. 103 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Hospital, Igreja, Mercado e Alfândega- close da fig. 103 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Vista total de Porto Alegre fig. 128 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Porto Alegre do lado sul fig. 129 Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Porto Alegre, sem número Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983	Porto Alegre, close da imagem Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983
Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1869 – redesenho da autora. Fonte: OLIVEIRA, 1993.	a. Chafariz da Compª Hydráulica b. Terreno em que está reservatório da Compª Hydráulica 8. Assemblea Provincial 9. Palácio do Governo 10. Cathedral (Igreja Matriz) 11. Capella do Espírito Santo 12. Bailante 13. Theatro São Pedro 14. Alicerces para Edificação da Camara Municipal	Déc. de 60 séc. XIX - Casa de Câmara em Obras Fonte: Album de Fotografias de Porto Alegre - Séc. XIX e XX - Museu Joaquim José Felizardo	Alicerces da Casa da Câmara, Bailante, Casa da Junta (Estilo Neoclássico) Foto Luis Terragno - 1865 Fonte: site itaucultural.org.br em 15_11_2013	Autor desconhecido - Theatro São Pedro 1860/1870 foto 242 f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Theatro São Pedro - Luis Terragno 1865 Theatro São Pedro Fonte: site itaucultural.org.br em 15_11_2013	Autor desconhecido - 1865 foto 4277 f Theatro São Pedro Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	1864 matriz-outras fotos - sem fonte	Autor desconhecido - 1864 foto 988 f Igreja Matriz - Capela do Divino - Alicerces da Casa de Câmara Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Autor desconhecido - 1864 Alicerces da Casa de Câmara Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 312 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Companhia Hidráulica Porto-Alegrense - 1865 Fonte: httpronaldofotografia.blogspot.com.br201008companhia-hidraulica-porto-alegrense_31.html	Igreja, Palácio, Festa do Divino - 1870 Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. sn - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal
Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1881 de Henrique Breton – redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	1. Theatro São Pedro 2. Casa de Câmara 3. Palácio Provisório (Forte Apache) 4. Chafariz 5. Capela do Divino 6. Igreja Matriz 7. Palácio da Presidência; 8. Casa da Junta (Real Fazenda). 9. Bailante	pg. 26 Ponteja +- 1870 pg 26 texto imagem pg28 Fonte: *Porotálão - Porto Alegre Antigo*, 1972 Ed. _Painel - Arq. Histórico Municipal	Panorama da Praça da Matriz - 1880 - 1881 Fonte: Álbum comemorativo a Exposição Brasileira-Alemã de 1881	Autor desconhecido - Final séc XIX foto 984 f Palácio da Presidência Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Coleção Eva Schmid - Autor desconhecido - 1881 foto 4759 f Sociedade Bailante Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	O Teatro e o Guaíba - 1880 Fonte: Livro Portfólio - Porto Alegre Antigo 1972, p. 21 - Ed. Painel - Arq. Histórico Mun	Vista da praça - provavelmente fim do séc. XIX Fonte: sem fonte pasta @Mestrado\Dissertação\outras imagens	Vista da praça - theatro e casa de câmara - provavelmente fim do séc. XIX Fonte: sem fonte pasta @Mestrado\Dissertação\outras imagens	Vista da praça - theatro e casa de câmara -1880 Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 312 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Palácio Provisório -1880 Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 312 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Sociedade Bailante -1880 Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 312 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal
Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1888 de João Candido Jacques – redesenho da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	16. Theatro São Pedro 17. Camara Municipal 18. Praça Pedro II 19. Hydraulica Porto Alegrense 20. Assemblea Provincial 21. Palácio do Governo 22. Igreja Matriz 23. Capella do E. Santo 25. Quartel General	PASSADO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA Fonte: Folha da Tarde pg. 7 19-12-59 Arq. Histórico Municipal Cia. Hidráulica Fonte: Porto Alegre - Monografia. compilação Walter Spalding - Livro Museu Joaquim José Felizardo	Palácio da Presidência déc. 90. séc. XIX - autor desconhecido. Fonte: Acervo da autora Palácio Provisório com 3 pav. - final séc. XIX Fonte: Espaço Cultural Solar dos Câmara	Foto Virgílio Calegari - 1880/1890 foto 216 f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman Foto Virgílio Calegari - Sociedade Bailante 4ª quartel do séc. XIX ou 1º do séc. XX foto 235 f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Foto Virgílio Calegari - Década de 1890 foto 290 f Igreja Matriz e Capela do Divino Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman Foto Virgílio Calegari - Década de 1890 foto 359 f Igreja Matriz e Capela do Divino Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Foto Virgílio Calegari - Década de 1890 foto 324 f Igreja Matriz e Capela do Divino Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman Foto Irmãos Ferrari - 1888 foto 666 f Theatro São Pedro Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Foto Virgílio Calegari - Década de 1890 foto 357 f Hidráulica Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman Autor desconhecido - Década de 1890 foto 364 f Casa da Junta - Hidráulica Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Palácio pouco antes de ser demolido Fonte: httpronaldofotografia.blogspot.com.br2011_09_01_archive.html Autor desconhecido - Década de 1890 foto 698 f Palácio da Presidência Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Demolição do Velho Palácio da Presidência - 1896 Fonte:httpronaldofotografia.blogspot.com.br201008demolicao-do-velho-palacio-da.html em 01_01_2014 Praça Igreja, Capela e Palácio da Presidência - sem data Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 511 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Foto Irmãos Ferrari - 1897 foto 609 f Palácio Provisório Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman Autor desconhecido - final séc. XIX foto 4380 f Palácio Provisório Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Autor desconhecido - provável fim séc. XIX (+-1890) Casa da Junta Fonte: Acervo pessoal Autor desconhecido - 1910? foto 4181 f Chafariz (tem referência a 1872) Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman
Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1914 - Plano Geral de Melhoramentos - redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	- Igreja Matriz; - Palácio Piratini; - Casa da Junta (Real Fazenda). - Capela do Divino - Theatro São Pedro - Casa de Câmara - Palácio Provisório (Forte Apache) - Praça Arborizada - Monumento a Júlio de Castilhos - Bailante - Hidráulica Porto-Alegrense	Foto Virgílio Calegari - 1910 foto 302 f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Década de 1920 Fonte: Matriz - outras fotos - sem fonte	Foto Virgílio Calegari - 1910/1920 foto 247 f Theatro São Pedro - Casa de Câmara - Mon. Júlio de Castilhos Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Cerimônia em memória ao poeta Olavo Bilac - 1919 Fonte: Foto reprodução Porto História PH-Revista Máscara - 1919	Foto Virgílio Calegari - Década de 1910 foto 840 f Igreja Matriz e Capela do Divino Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	(a) Monumento a Julio-de-Castilhos - Edição Livraria Selbach - nº 43 Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	Theatro - Casa da Câmara - Mon. Júlio de Castilhos - 1910 seg blog Fonte: http:\\lealevalerosa.blogspot.com.br201003pracas-e-parques-de-porto-alegre.html em 27_05_2014	(c1) Praça da matriz - Data anterior a 1921 - autor desconhecido Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	Praça da Matriz - vista geral - vista leste - déc de 1920 Fonte: Livro Portfólio - Porto Alegre Antigo 1972, p. 60 e 61 - Ed. Painel - Arq. Histórico Mun	Praça entre Teatro e Camara - sem data Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 511 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal
Detalhe do MAPA TOPOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE - 1941 - redesenho e legenda da autora. Fonte: IHGRGS, 2005.	- Auditório Araújo-Vianna - Theatro São Pedro - Thesouro do Estado - Sup. Tribunal - Sec. de Obras Públicas - Cathedral Metropolitana - Palácio Piratini - Assembléia - Monumento a Júlio de Castilhos - Praça Marechal Deodoro	PRAÇA DA MATRIZ, Catedral em Construção e Fonte: Matriz - outras fotos - sem fonte	PRAÇA DA MATRIZ em 1940 Fonte: Porto Alegre - Retrato de uma Cidade, Walter Spalding, p. 14 - 1940	Autor desconhecido - Década 1930 foto 230 f Theatro São Pedro Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Autor desconhecido - 1920/1930 foto 287 f Auditório Araújo Vianna - Theatro São Pedro Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman	Teatro Casa de Camara e Zeppelin dec 30 séc XX Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880 – 1960, 2ª edição, Porto Alegre Palolotti, 2008	Palácio Piratini - Mon. Júlio de Castilhos - dec 30 séc XX, seg o blog Fonte: http:\\lealevalerosa.blogspot.com.br201003pracas-e-parques-de-porto-alegre.html em 27_05_2014	Palácio Piratini - Mon. Júlio de Castilhos - Auditório Araújo Vianna - sem data Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 154 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Palácio Piratini Fonte: sem fonte - pasta dissertação	Palácio Piratini - Auditório Araújo Vianna - Dirigível sem data (possível dec de 1930) Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 236 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal	Auditório Araújo Vianna-sem data Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 504 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal
Detalhe do Mapa de Porto Alegre 1950 - Autor: Edgar Kletner - redesenho e legenda da autora Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	1. Catedral Metropolitana; 2. Palácio Piratini; 3. Assembleia 4. Auditório Araújo-Vianna (até 1958) 5. Theatro São Pedro 6. Tribunal de Justiça - 1953 7. Palácio Provisório (Forte Apache) 8. Monumento a Júlio de Castilhos	1970 – Visita do Presidente Emilio Garrastazu Médici ao Palácio Piratini em 20/10/1970. Fonte: Livro "Memória Visual de Porto Alegre 1880 – 1960", 2ª edição, Porto Alegre: Palolotti, 2008.	Déc. de 50 séc. XX foto 1274f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman. Palácio Farroupilha – Foto de Carmino João Fonte: http://ronaldofotografia.blogspot.com.br em 15/01/2014	Foto Postal Canzaro - 1950 foto 4235 f Palácio Piratini Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman **Palácio Farroupilha** Fonte: Livro Arquitetura Moderna em Porto Alegre, p. 146	(c2) Canazaro - Série A - Catedral Metropolitana (1) Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	002 - Canazaro - Série A - Palácio Piratini 1950-1960 Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014 (b) Edição Parana Cart - Curitiba - nº GT-36 - Praça Marechal Deodoro Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	03 - piratini - page-21 - Estúdio Rembrandt Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014 Foto Ronaldo Bernardi - 1994 Catedral - Piratini - Palácio Farroupilha Fonte: ZH pg. 26 26-09-99 1890x1999 - Recortes de Jornais - Arq Hist Municipal	03 - piratini - page-23 - alto - Antonio ronek Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	012 - FINAL DA DÉCADA DE 1950 - 4 Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	14 - page-37 - Estúdio Rembrandt Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014	Autor desconhecido - 1955 Theatro e Mon Júlio de Castilhos Fonte: Revista do Globo n. 636 16-04 a 29-04-1955, p. 50 - Arq Hist Municipal
Detalhe do Mapa de Porto Alegre Contexto Atual - Aero Pref. de POA - redesenho e legenda da autora Fonte: Sec. do Planejamento Municipal - Pref. POA	1. Catedral Metropolitana; 2. Palácio Piratini; 3. Anexo da Assembléia (Casa da Junta -Real Fazenda) 4. Assembléia Legislativa (Palácio Farroupilha) 5. Multipalco Theatro São Pedro 6. Theatro São Pedro 7. Tribunal de Justiça 8. Palácio Provisório (Forte Apache) 9. Monumento a Júlio de Castilhos	Praça e Catedral ao fundo - 2004 Fonte. foto da autora	Fonte: Foto: Elio Abe http://urbsnova.wordpress.com/category/patrimonio-historico em 15/01/2014.	"Maquete Multipalco do Theatro São Pedro" - 1998 Fonte: <http://jdarq.com.br/html/saopedro.html> em 15/01/2014	Palácio Farroupilha - Mon. Júlio de Castilhos - sem data Fonte: http:\\lealevalerosa.blogspot.com.br201003pracas-e-parques-de-porto-alegre.html em 27_05_2014	Foto de Amauri Fausto Theatro São Pedro e Tribunal de Justiça - 1999 Fonte: ZH pg. 78 26-09-99 1890x1999 - Recortes de Jornais - Arq Hist Municipal	Foto de Fernando Pires - Theatro São Pedro e Tribunal de Justiça - 2014 Fonte: Acervo da Autora	Foto de Fernando Pires - Fachada Leste - 2014 Fonte: Acervo da Autora	Foto de Fernando Pires - Fachada Leste - 2014 Fonte: Acervo da Autora	Foto de Fernando Pires - Catedral e Palácio Piratini - 2014 Fonte: Acervo da Autora	Foto de Fernando Pires - Palácio Farroupilha - 2014 Fonte: Acervo da Autora

3.5. PERIODIZAÇÃO

Como já destacado anteriormente, observando a evolução histórica baseada nas plantas da praça e traçando um paralelo com as imagens que registram a arquitetura de cada período, determinamos uma periodização dividida em cinco momentos que denominamos "Praça Colonial", "Praça Neoclássica", "Praça Eclética", "Praça Modernista" e "Praça Contemporânea". Esta forma de dividir os períodos não tem a intenção de indicar que existiu uma praça para cada estilo citado; o objetivo é pontuar que naquele momento determinado, naquele recorte de tempo, o estilo arquitetônico dos elementos de entorno começa a receber influências e novas arquiteturas com estes estilos, ou adaptações nos prédios existentes principiam a acontecer.

3.5.1. A Praça Colonial

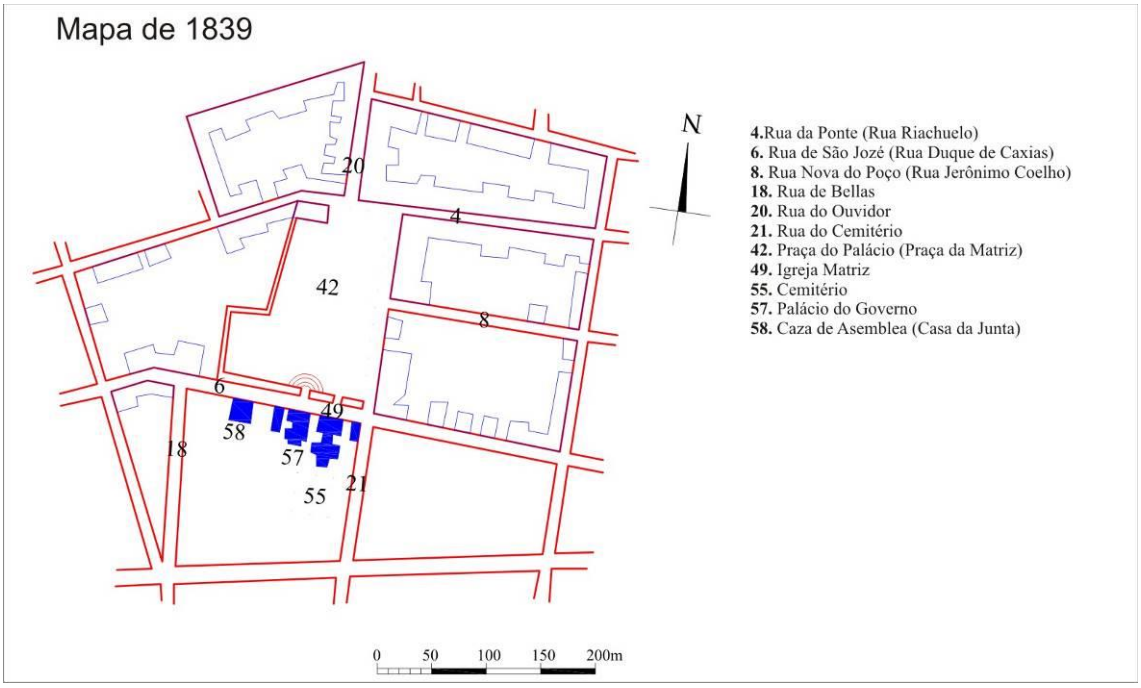
Em 1772 é iniciado o traçado das primeiras ruas e em 1779 inicia a construção da Igreja no Alto da Praia; em 1789 é concluída a construção do Palácio da Presidência e em 1790 a Casa da Junta. "Estes três edifícios institucionais existentes ao final do séc. XVIII eram típicas estruturas coloniais portuguesas, muito simples em sua construção" (FIORE, 2006, p.96).

Nesse período de implantação da praça, observa-se nela um grande espaço de forma irregular, mais profundo que largo, com os principais elementos urbanos situados no seu lado sul, com vistas para o Rio Guaíba. Segundo os tipos de praças identificadas por Camillo Sitte, nesse momento é identificada uma "praça de profundidade"[5], com os edifícios principais se alinhando na dimensão de largura da praça. Nas figuras 5 e 6 é observada uma diferença de nível entre o passeio em frente aos prédios e a praça, destacando ainda mais a posição de

[5] SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 55

imponência destes edifícios em relação à vista e sua importância em relação aos demais elementos de entorno.

Figura 5: Praça da Matriz em mapa de 1839 (L. P. Dias), redesenho elaborado pela autora.

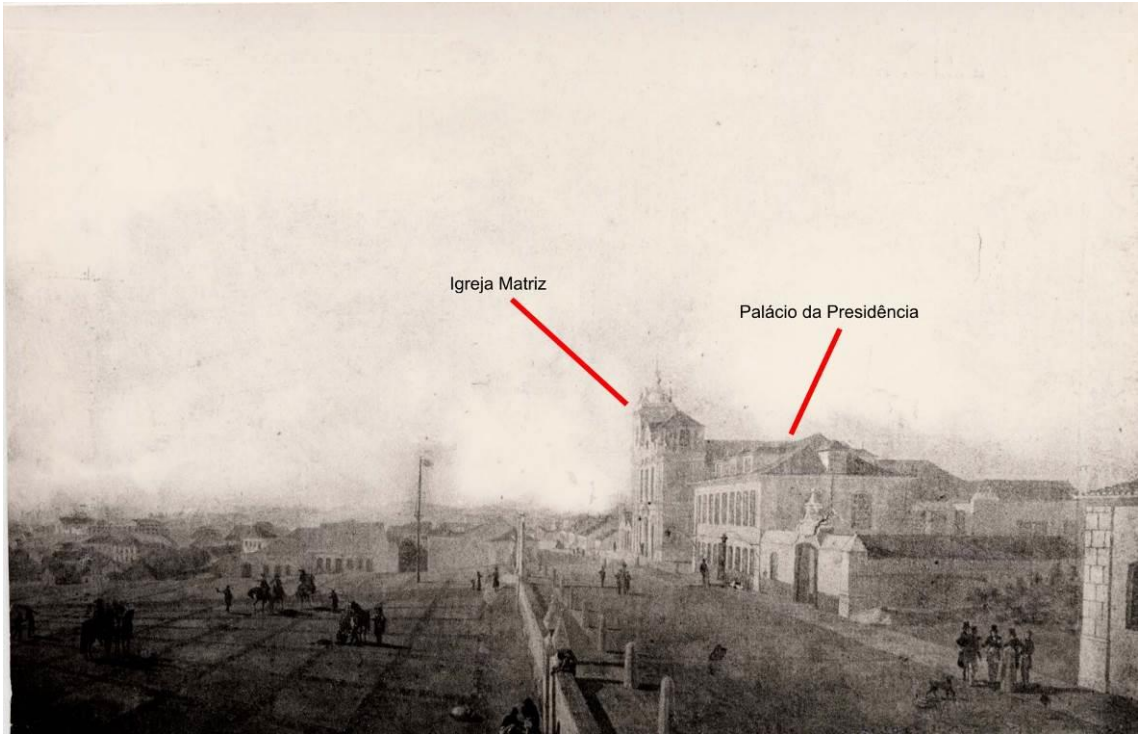


Fonte: IHGRGS, 2005.

Como descrito por Renato Fiore (FIORE, 2006, p. 96), os edifícios eram de construção simples com características da arquitetura colonial. No Brasil da época se construía com o menor gasto possível, inclusive os prédios públicos, pois os recursos oriundos da exploração da colônia eram direcionados a Portugal.

A praça e seus edifícios refletiam a tradição construtiva colonial portuguesa. A igreja destacava-se pelo seu porte em relação às outras edificações, e o Palácio da Presidência, com seu telhado de barro com beiral e águas furtadas, configurava a construção típica do Brasil colonial, à semelhança de uma casa portuguesa, mas com proporção palaciana (figura 7). Carlos Lemos considera que “a grande contribuição portuguesa deu-se no campo das técnicas” e que “acompanhando o ‘saber fazer’ reinol também compareceu aquilo que se costuma chamar de ‘intenção plástica’, ou melhor, a vontade de construir no estilo ou à moda da terra de origem” (1996, p.14). Estas características imprimiam à praça um forte aspecto de arquitetura vernácula, tradução da situação política do Brasil naquela época.

Figura 6: Reprodução de uma tela colorida, década de 60 do séc. XIX, provavelmente reproduz cena do séc. XVIII



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman.

Figura 7: A Igreja Matriz e o Palácio da Presidência – Aquarela de Wendroth.

Fonte: WENDROTH, 1983

Dessa maneira, podemos caracterizar este período pela simplicidade, economia e técnicas construtivas de tradição portuguesa: pelos princípios artísticos de Camillo Sitte esta

seria uma praça ainda não mobiliada, carente de ornamentação, infraestrutura e caráter[6]. Certamente um espaço sem ornamentos, instituído com parcos recursos, mas carregado de significados e imprimindo o caráter de uma praça colonial, em um lugar jovem que representa o nascimento de uma cidade.

3.5.2. A Praça Neoclássica

Pode-se observar na praça uma mudança de estilo nas suas construções a partir da década de 50 do séc. XIX; este fato se deve a fatores políticos e sociais, como a Independência do Brasil e a imigração alemã e italiana. Durante a Revolução Farroupilha (1835 – 1845) Porto Alegre passa por um período de estagnação que, com reflexos diretos na praça, ocasiona a demora na construção do Theatro São Pedro, com sua obra iniciada em 1833 e "interrompida nos alicerces por ocasião da Revolução Farroupilha" (OLIVEIRA, 1993, p.132), sendo concluída apenas em 1858: o arquiteto alemão Phillip Von Normann chegava a Porto Alegre em 1848, tornando-se responsável pelo projeto e continuação da obra do teatro.

O mapa de 1869 (figura 8) caracteriza bem o início da transformação da praça colonial para a neoclássica. Neste período ela passa a ter um contorno menos irregular, mas preservando ainda o aspecto de uma praça de profundidade. Interessante notar que esta regularidade é uma das características criticadas por Camillo Sitte: ele afirma que "uma ênfase muito especial é dada, hoje, à regularidade milimétrica das praças e ao alinhamento das ruas que devem ser completamente retas e as mais longas possíveis" o que "sob o ponto de vista artístico, trata-se de uma preocupação inútil e de um esforço mal empregado" (SITTE, 1992, p. 63). Entenda-se por "hoje", o final do séc. XIX, época de publicação da primeira edição do livro de Sitte.

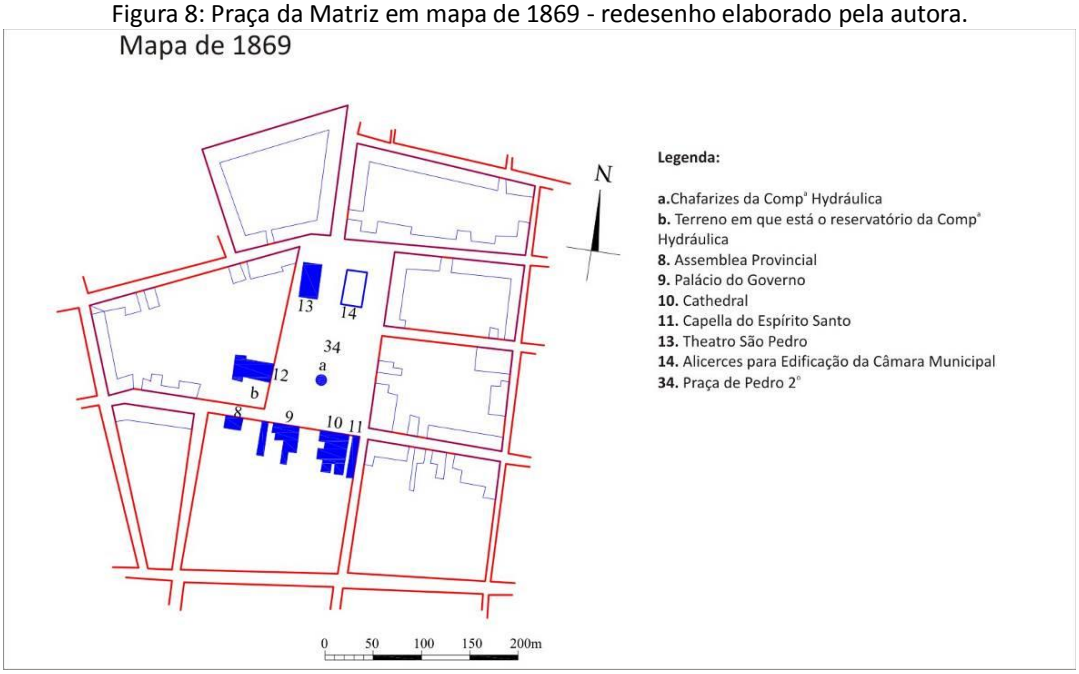
Enquanto edificações, nessas transformações podemos notar, além do Theatro São Pedro, a Bailante, a Capela do Divino, os alicerces da Câmara Municipal, a instalação de um

---

[6] SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 47.

chafariz e a manutenção do conjunto arquitetônico da fachada sul, a Igreja Matriz, o Palácio da Presidência e a Casa da Junta, no mapa abaixo identificada como Assembleia Provincial.

Figura 8: Praça da Matriz em mapa de 1869 - redesenho elaborado pela autora.



Fonte: Acervo histórico SMOV.

Na figura 9, podemos observar a Igreja Matriz ao fundo com a Capela do Divino e mais à frente os alicerces da Casa de Câmara.

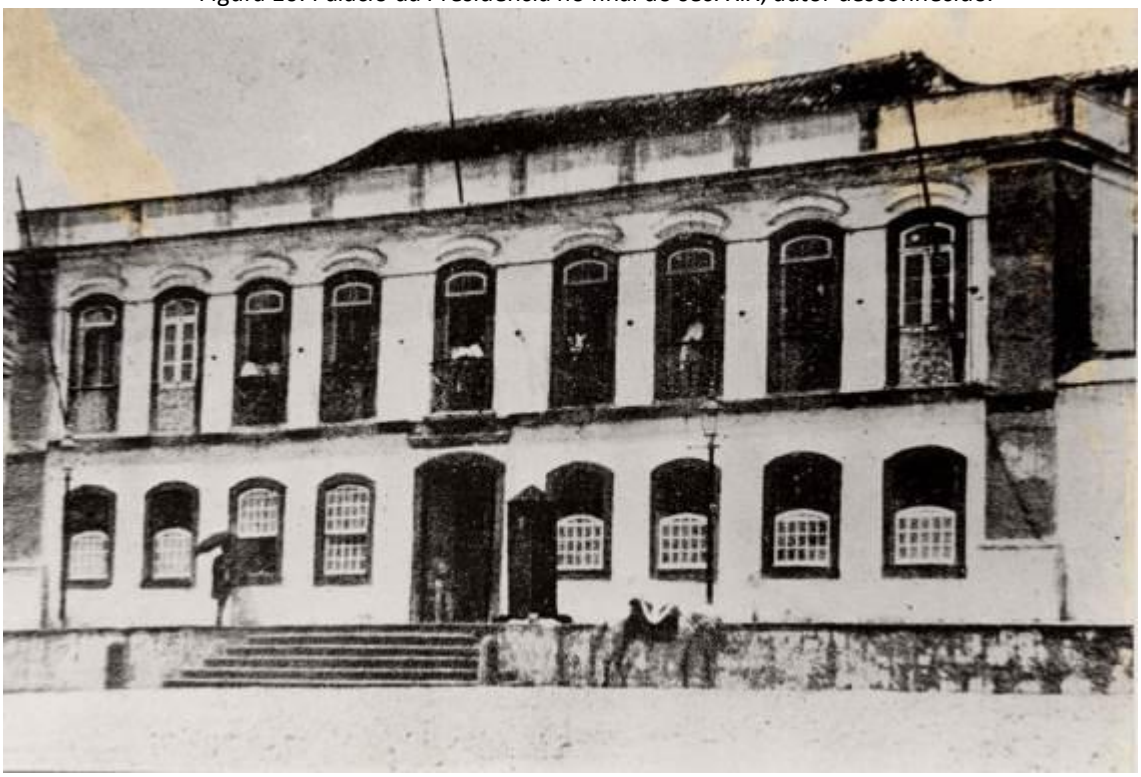
Figura 9: Igreja Matriz, Capela do Divino e alicerces da Casa de Câmara, 1864 – Foto de Autor desconhecido

Fonte: Fotos Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Na figura 10 observa-se que o Palácio da Presidência recebe uma platibanda, recurso que podemos supor estar ligado à vontade de descaracterização do aspecto colonial da praça,

anunciando, através da arquitetura, o fim de um período e o início de novos tempos: a arquitetura atuando enquanto linguagem institucional.

Figura 10: Palácio da Presidência no final do séc. XIX, autor desconhecido.



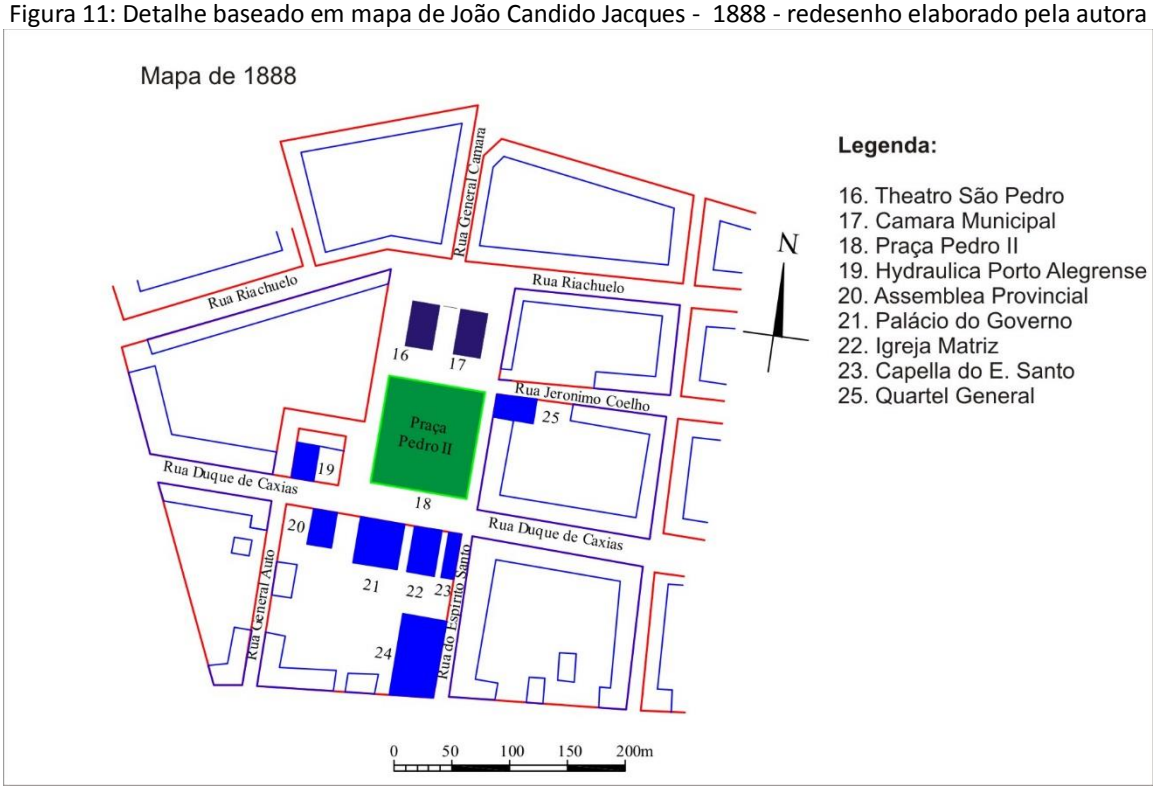
Fonte: Fotos Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Na planta de 1888 (figura 11) podemos observar uma preocupação com a regularidade da praça, transformando-se de uma "praça de profundidade" em configuração de uma praça quadrada: para tal, é definido um novo contorno para seu ajardinamento. Ainda que polêmica, nessa transformação ainda se pode refletir sobre o pensamento de Camillo Sitte que reforça as qualidades do contorno irregular: "A experiência pessoal nos demonstra que tais irregularidades não causam, e maneira alguma, um efeito ruim; ao contrário, aumentam a naturalidade, estimulam nosso interesse e, sobretudo, reforçam o caráter pinturesco[7] do conjunto" (SITTE, 1992, p. 63).

[7] Expressão adotada pelo tradutor da obra de Camillo Sitte, que associa pintura com pitoresco, por se mostrar mais eficiente na tradução, segundo nota do tradutor.

A Casa de Câmara já está concluída e ela cria um par de simetria com o Theatro São Pedro. A questão da simetria também está associada à abordagem neoclássica que, segundo Sitte, na Antiguidade Clássica o termo estava muito mais relacionado à questão de proporção e equilíbrio, diferente do que entendemos hoje, como a identidade especular entre direita e esquerda, forma como é empregada a simetria desde a Renascença[8].

Figura 11: Detalhe baseado em mapa de João Candido Jacques - 1888 - redesenho elaborado pela autora



Fonte: IHGRGS, 2005.

A praça neoclássica tanto pode ser percebida no tratamento estilístico dos seus edifícios quanto na configuração da planta que indica a preocupação de regularidade de contornos, alinhamentos e inserção de elementos simétricos. Os novos edifícios que foram introduzidos em seu entorno seguem o padrão do estilo neoclássico, assim como as

[8] SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 66 e 67.

modificações realizadas nos prédios da Casa da Junta (Assembleia Provincial) e no Palácio da Presidência indicam a clara intenção de apagar o aspecto colonial da praça.

Em sequência, organizamos um conjunto de imagens dos prédios relacionados acima (figuras 12 a 15), através das quais buscamos evidenciar tais afirmações:

Figura 12: Assembleia Provincial - Meados do séc. XIX

Fonte: Jornal Zero Hora de 31/12/2000 p. 62

Figura 13: Theatro São Pedro, década 60 a 70 do séc. XIX - autor desconhecido

Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 14: Sociedade Bailante, 1881 - autor desconhecido.

Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 15: Palácio da Presidência década 90, séc. XIX - autor desconhecido.

Fonte: Acervo da autora

Na figura 12, a Assembleia Provincial aparece com dois pavimentos, já nas feições neoclássicas. Podemos compará-la ao edifício original (figura 6, no canto direito da imagem)

que foi construído com apenas um pavimento e em estilo colonial. Com o intuito de remodelar a praça, e com este espírito racionalista, o Theatro São Pedro (figura 13) de Phillip Von Normann, a Bailante (figura 14) e seu frontão grego, e o Palácio da Presidência (figura 15) foram adaptados a este novo momento histórico.

Figura 16: Theatro São Pedro e Casa de Câmara 1888 – foto Irmãos Ferrari

Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 17: Estação Telegráfica – Palácio Provisório Início do séc. XX – autor desconhecido

Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Como exemplos dessa racionalidade e simetria, podemos observar os prédios "gêmeos" da figura 16 (de 1888) e ainda um exemplar neoclássico na figura 17 (início do séc. XX), o prédio da Estação Telegráfica (Quartel General – item 25 da legenda da figura 11) o

qual, durante a construção do Palácio Piratini, foi Palácio Provisório dos primeiros governantes republicanos do estado.

3.5.3. A Praça Eclética

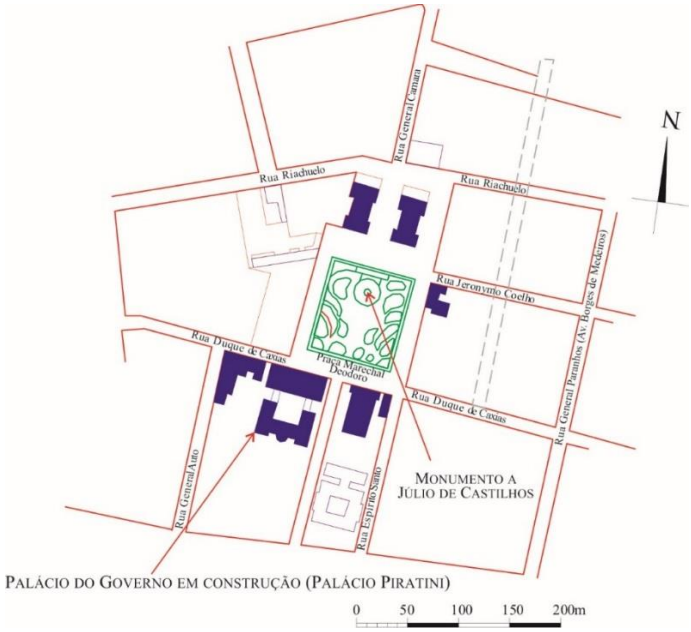
O período eclético da praça está diretamente relacionado ao novo momento político e histórico do país: o Brasil República. Como centro cívico da cidade e do estado, a praça não poderia ficar alheia às necessidades estéticas deste novo momento. Suas várias denominações também indiciam suas transformações. Ela que já foi conhecida por Praça do Palácio, Praça da Igreja, Praça da Matriz e Praça Dom Pedro II: em 11 de dezembro de 1889 passa a ser oficialmente chamada de Praça Marechal Deodoro. A ideologia positivista e os ideais republicanos determinaram uma série de mudanças arquitetônicas que caracterizaram esse período. O antigo palácio colonial deu lugar a um novo palácio que simbolizou esse momento político: projeto do arquiteto francês Maurice Gras, iniciado em 1909 e concluído em 1921, o monumento grandioso trouxe consigo algumas consequências formais, conforme afirma Renato Fiore:

> Uma implicação importante da construção do novo palácio foi que este veio a romper o relativo equilíbrio antes existente entre os antigos edifícios coloniais. O novo palácio [...], uma obra acadêmica classicista, de grandes proporções dentro do contexto, suplantou significativamente, em tamanho e monumentalidade, a catedral, deixando a Igreja numa posição inferiorizada frente à instituição governamental controlada na época pelos positivistas de orientação laica. (FIORE, 2004, p.100)

Renato Fiore também destaca os problemas compositivos decorrentes deste novo elemento. Na planta de 1914 (figura 18) o prédio de maior proporção que o anterior ocupa um espaço maior da fachada sul da praça, incrementando o deslocamento do edifício para o

lado oeste. Fiore destaca que o desequilíbrio é maior do que a planta pode sugerir, pois a harmonia estilística também foi quebrada[9].

Figura 18: A Praça Marechal Deodoro em mapa de 1914 – Plano Geral de Melhoramentos, redesenho da autora.



Fonte: IHGRGS, 2005

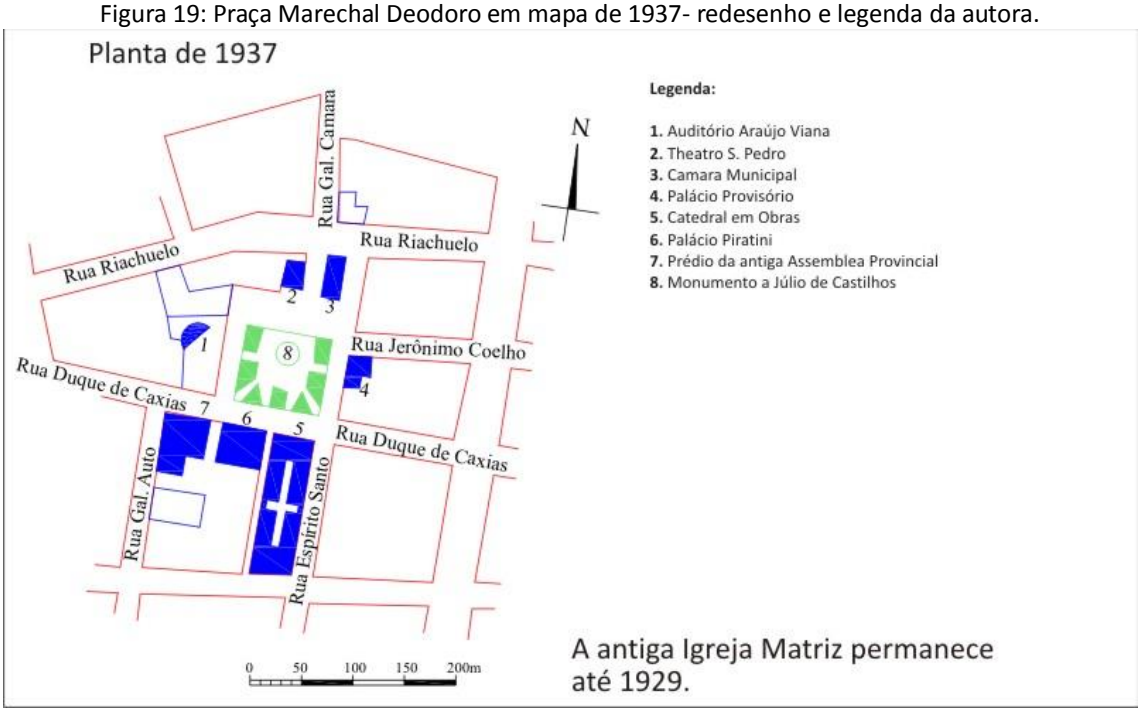
Em 1913, a praça recebe o Monumento a Júlio de Castilhos, obra de Décio Villares, com estátuas que compõem o monumento e que exprimem a ideologia positivista. Nas figuras 19, 20 e 21, pode ser observada a sua localização na praça, indicada na planta ilustrada acima (figura 18).

Neste momento eclético, a antiga Igreja Matriz foi substituída por um projeto do arquiteto romano João Batista Giovenale, agregando monumentalidade também ao espaço religioso da praça. As obras da nova catedral foram iniciadas em 1921 e, com um longo período de obras, foram concluídas apenas em 1986 (figura 23). Dentro deste período

[9] FIORE, Renato Holmer. **O Espaço da Praça da Matriz com a Inserção do Palácio Piratini**. *Arqtexto*. Porto Alegre, n.5, 2004.

também ingressa na praça um novo espaço cultural, o Auditório Araújo Vianna, que pode ser observado no mapa de 1937, figuras 19 e 22.

Figura 19: Praça Marechal Deodoro em mapa de 1937- redesenho e legenda da autora.



Fonte: Acervo histórico SMOV

Este período representou impactantes mudanças na forma da praça já que os dois edifícios mais significativos foram substituídos por exemplares mais "modernos" e de maior porte. Além desses dois edifícios foram afetadas a simetria do Theatro e Casa de Câmara, a definição do contorno da praça (atenuando o efeito de praça de profundidade), o monumento em um dos eixos da praça e o ajardinamento que dificultou a visão de outros elementos do entorno, além de problemas compositivos pela inserção do novo palácio. A modernidade não ocorre sem traumas, nas palavras de Sitte:

> [...] o enigma do sentimento artístico, inato e instintivo, que, entre os mestres antigos, visivelmente causava um efeito prodigioso sem o aparato de regras e postulados estéticos, ao passo que nós, armados de réguas e compassos, seguimos na berlinda pretendendo resolver com uma geometria canhestra as questões sutis do âmbito da sensação." (SITTE, 1992, p. 35)

Para além da questão arquitetônica e formal que condicionou esta configuração da praça, cabe ressaltar um possível saudosismo da população, que teve extirpados dois dos prédios públicos mais antigos da capital.

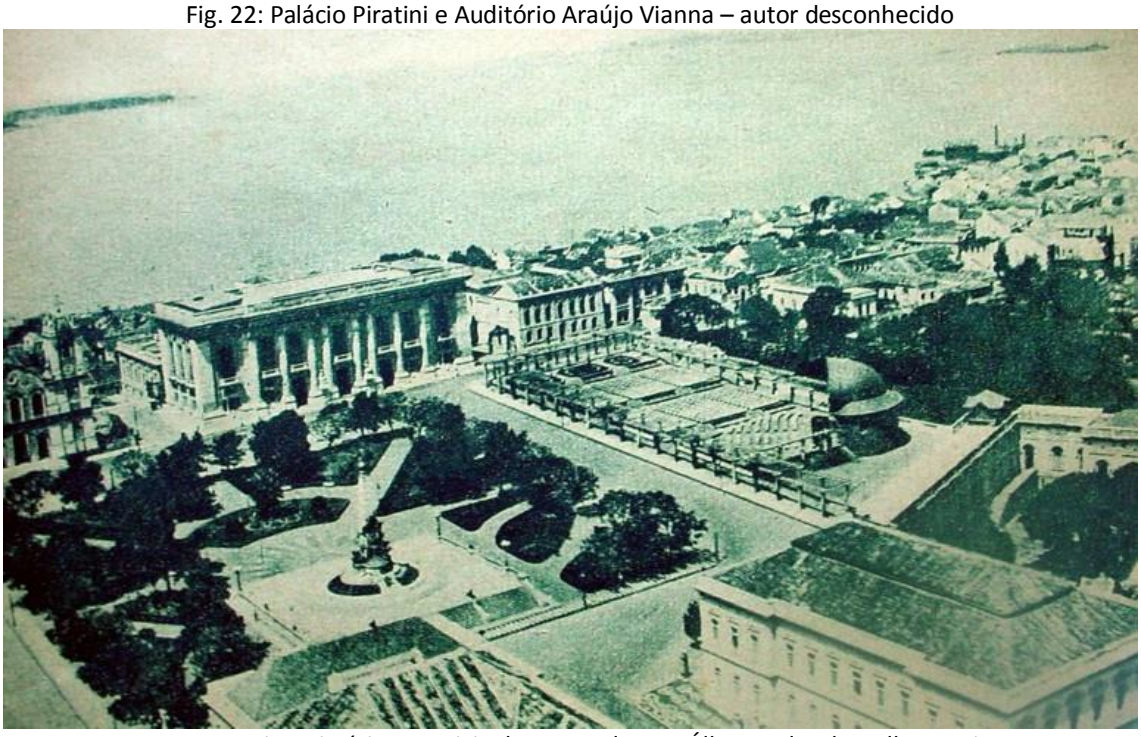
Figura 20: Monumento a Júlio de Castilhos com os prédios gêmeos ao fundo – Foto Virgílio Calegari 1910/1920

Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Fig. 21: Monumento a Júlio de Castilhos com a antiga Igreja Matriz ao fundo – autor desconhecido

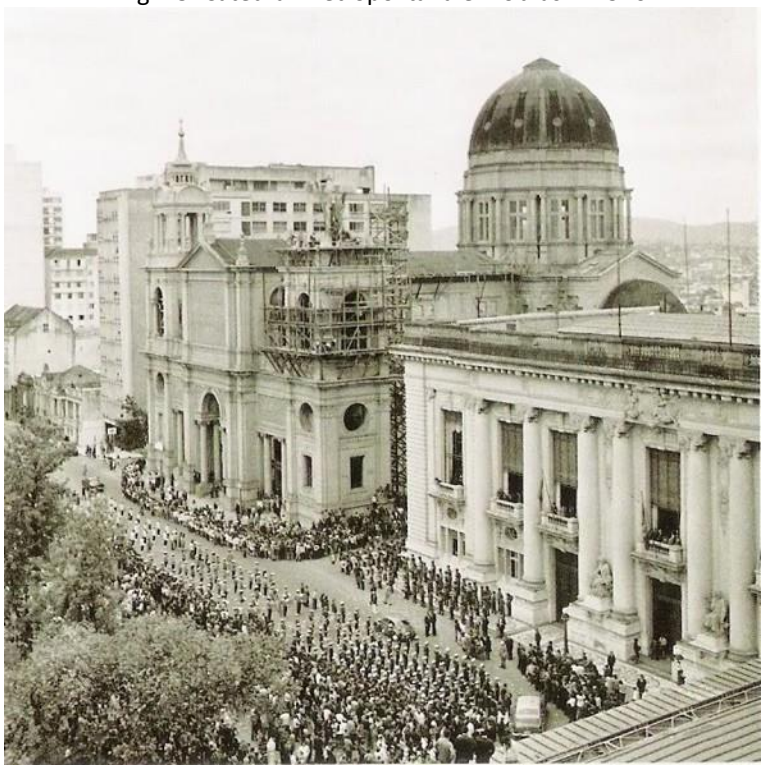
Fonte: Acervo da autora

Fig. 22: Palácio Piratini e Auditório Araújo Vianna – autor desconhecido



Fonte: Arquivo Histórico Municipal - Porto Alegre - Álbum s.d. Adm. Alberto Bins

Fig. 23: Catedral Metropolitana em obras – 1970



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=783292> em 11/11/2013

3.5.4. A Praça Modernista

A partir da década de 50 do séc. XX o Modernismo se impõe como forma arquitetônica na praça. Além das habitações coletivas que ocupam o seu lado leste, duas

outras obras públicas são edificadas, o Tribunal de Justiça (figura 24), que toma o espaço da antiga Casa de Câmara, destruída por um incêndio, e o Palácio Farroupilha (prédio que abriga a Assembleia Legislativa do Estado, situado no local do Auditório Araújo Vianna). "Ambos edifícios possuíam, de antemão, a missão de renovação de imagem representativa de poder. [...]." (MACHADO, 2011)

Os edifícios modernistas não conversam com seu entorno, nem formalmente nem compositivamente: parecem ter sido realizados para ser o centro das atenções, desconhecendo sua vizinhança. Nesse sentido ainda são polêmicas as palavras de Camillo Sitte:

> O sistema moderno da construção urbana definitivamente não admite esse método tão inteligente e refinado, cuja aplicação pressupõe o fechamento das praças e a construção de edifícios monumentais encaixados nas paredes das praças. Ao contrário: tal procedimento é radicalmente negado pela atual mania de se levantarem edifícios isolados. (SITTE, 1992, p. 70).

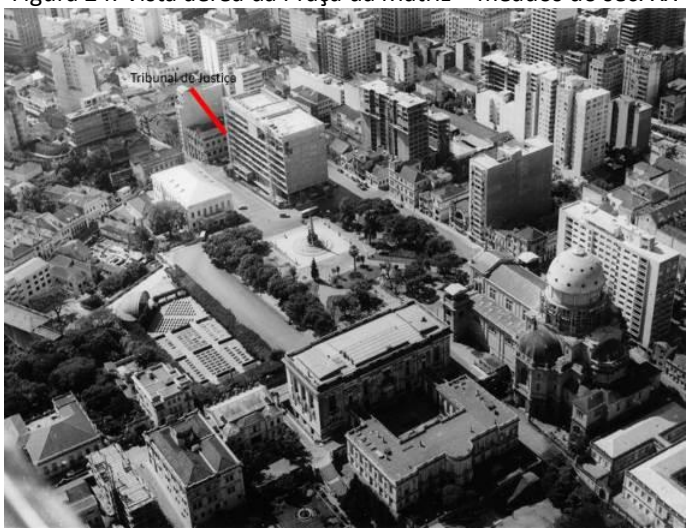
As limitações de terreno foram uma das dificuldades formais relatadas no concurso para o Palácio Farroupilha: "o júri admite que o tamanho do terreno reduziu a liberdade de concepção e o número de concorrentes." (MACEDO apud MACHADO, 2011). De fato, o terreno, inapropriado para um prédio daquele porte, reforçou os problemas compositivos relativos ao Palácio Piratini. Como observa Fiore, "o novo edifício da Assembleia Legislativa (figura 25) está demasiadamente próximo ao palácio, na esquina da praça, linha que define o limite oeste desta, parece deixar um canto do palácio fora desta definição" (FIORE, 2004, p. 103). Pela inserção do novo palácio do governo, as questões formais mal resolvidas da praça se agravam: a relação entre Palácio Piratini e praça se mostra fraca e mal resolvida.[10]

Com relação às consequências formais destas duas obras podemos relatar que o Tribunal de Justiça, apesar da posição similar ao edifício anterior, não reforça o óbvio

[10] FIORE, Renato Holmer. **O Espaço da Praça da Matriz com a Inserção do Palácio Piratini**. *Arqtexto*. Porto Alegre, n.5, p. 104, 2004.

equilíbrio simétrico precedente, contrastando fortemente com o teatro. Na obra modernista, sabemos que os elementos de composição são puras formas geométricas, não cabendo aqui criar uma arquitetura que imite o passado com fins de manutenção de linguagem, mas é o seu porte que gera maior estranheza em relação ao conjunto, situação similar à relatada entre o novo palácio do governo e a antiga igreja; o teatro se apequena em relação ao seu prédio vizinho (figura 24).

Figura 24: Vista aérea da Praça da Matriz – meados do séc. XX



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 25: Palácio Farroupilha – Foto de Carmino João Espíndola

Fonte: http://ronaldofotografia.blogspot.com.br em 15/01/2014

Neste momento, observamos as consequências dos ideais modernistas na praça, onde os prédios modernos aparecem como monumentos alheios ao seu entorno,

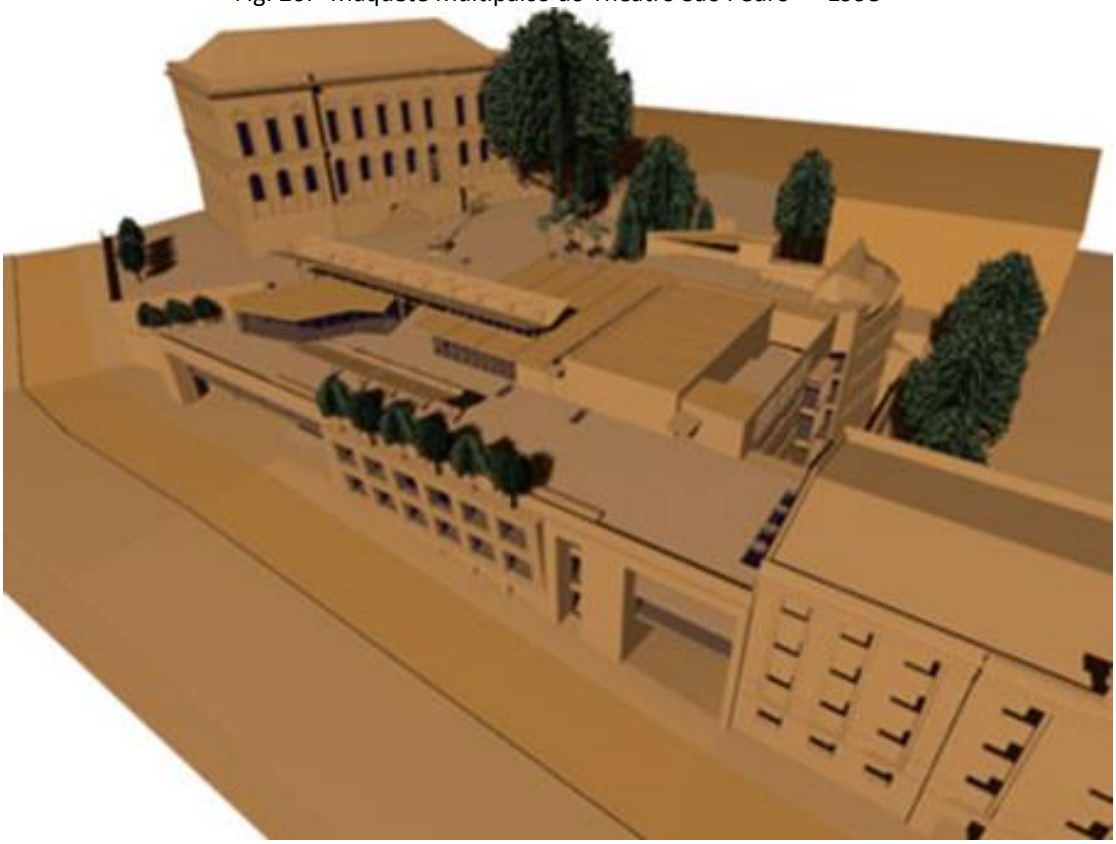
desinteressados de manter uma coesão entre as preexistências da praça. Esta afirmação é reforçada ao apresentarmos, em seguida, a praça contemporânea.

3.5.5. A Praça Contemporânea

A praça contemporânea não apresenta grandes mudanças em sua forma, mas traz um exemplo da preocupação atual em produzir projetos que se harmonizem com seu entorno e com o patrimônio histórico construído. Nesse sentido, a concepção arquitetônica não é um pastiche do passado: é atual e original, respeitando o passado e, muitas vezes, se mimetizando com ele.

Para a praça contemporânea surge o projeto dos arquitetos Marco Peres, Dalton Bernardes e Júlio Ramos Collares, o "Multipalco do Theatro São Pedro" (Fig. 26), onde transparecem estes princípios.

Fig. 26: "Maquete Multipalco do Theatro São Pedro" – 1998



Fonte: <http://jdarq.com.br/html/saopedro.html> em 15/01/2014

4. A ANÁLISE VISUAL

A linguagem visual é utilizada como base deste trabalho a partir da influência de cinco autores que nortearam as principais decisões e escolhas que fizemos. Desejávamos falar sobre a evolução e transformações da Praça da Matriz de Porto Alegre, com foco na questão formal, descrever e revelar o processo de transformação da praça de forma gráfica, através de imagens. Durante o desenvolvimento e apresentação desta pesquisa em diferentes fóruns, foram sendo sugeridas leituras para apoiar a argumentação e a forma de apresentação deste trabalho.

Entre os títulos que nos foram sugeridos, optamos por utilizar aqueles que demonstravam mais afinidade com nossa maneira de ver o espaço urbano e de falar sobre ele, mas principalmente mostrá-lo, utilizando a imagem como condutora do discurso.

Para tanto, selecionamos os autores Vicente Del Rio, com o livro "Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento", Gordon Cullen, com o título "Paisagem Urbana", Edmund Bacon, com o título "Design of Cities", Ana Tagliari, com o título "Frank Lloyd Wright – Princípio, Espaço e Forma na Arquitetura Residencial" e Carlos Egídio Alonso com seu texto "Arquitetura – Signagem e não Linguagem".

Cada um destes autores influenciou nosso trabalho de diferentes maneiras, tendo em comum, a ideia de que a análise visual e a linguagem gráfica (ou 'signagem' como denomina Carlos E. Alonso) são fundamentais para a compreensão da arquitetura e do espaço urbano e para o foco deste trabalho.

Iniciando o processo, buscando uma familiarização com o desenho urbano; o livro de Vicente Del Rio foi importante para a compreensão do tema e para sugerir outros autores como referência de diferentes processos metodológicos de estudo do desenho urbano. No seu livro, Del Rio contextualiza os anos 60 como o momento em que o movimento moderno se esgota como solução e as intervenções urbanas passam a ser tratadas com um olhar para o patrimônio histórico, para as necessidades dos usuários e respeitando as linguagens mais populares como valores a serem considerados. O autor faz uma proposta metodológica para o estudo deste tema complexo, entendendo que as diferentes dimensões de análise da cidade exigem diferentes abordagens, e propõe, como procedimentos metodológicos a Análise Visual, a Percepção do Meio Ambiente, o Comportamento Ambiental e a Morfologia Urbana. Descreve cada um destes processos e cita autores que adotam estes métodos. Para a Análise

Visual, abordagem que interessa ao nosso trabalho, cita principalmente Gordon Cullen como um dos principais autores e exemplifica o uso desta metodologia no projeto de revitalização de Fells Point, Baltimore nos Estados Unidos, projeto do qual participou. Del Rio descreve a Análise Visual como uma forma de utilizar a percepção visual sendo elemento mediador entre o homem e meio ambiente e que nos auxilia a definir como representar e descrever a evolução da forma urbana da Praça da Matriz.

O segundo autor, Gordon Cullen, citado e sugerido pelo próprio Del Rio, foi uma opção de leitura que fizemos e que trouxe embasamento para a parte descritiva das imagens, direcionando a forma de apresentar as simulações digitais e os aspectos visuais do ambiente que poderia destacar. Para Cullen:

> Uma construção isolada no meio do campo dá-nos a sensação de estarmos perante uma obra de arquitetura; mas um grupo de construções imediatamente sugere a possibilidade de se criar uma arte diferente. Num conjunto edificado ocorrem fenômenos que não se verificam nunca em relação a um edifício isolado (CULLEN, 2009, p.9).

Cullen chama este fenômeno de "arte do relacionamento", da mesma forma que existe uma arte arquitetônica, quando observamos um edifício isolado. Para Cullen, a visão é o principal meio de percepção do que nos rodeia, gerando reações emocionais. Para saber como isto se processa, Cullen apresenta três aspectos a considerar: o Óptico, o Local e o Conteúdo. O aspecto Óptico define como percebemos a cidade quando estamos em movimento, "a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas" (CULLEN, 2009, p.11), e busca demonstrar este processo através do que chamou de Visão Serial. Ao se deslocarem, as pessoas percebem o ambiente como uma sucessão de diferentes imagens: o que parece um pequeno deslocamento visto em uma planta, em perspectiva, muda completamente. Ele busca demonstrar este efeito representando o observador em diferentes locais em uma planta baixa, como se estivesse se deslocando e mostra a imagem correspondente àquele ponto de vista. O aspecto Local trata da reação que a pessoa tem em relação ao ponto em que está no espaço, a sensação de estar dentro ou fora, os pontos focais, o que ele chama de Aqui e Além. O último aspecto abordado por Cullen é o Conteúdo, que diz respeito ao que caracteriza a cidade, como a cor, escala, textura, estilo, ou seja, o que a personaliza. Todos estes aspectos foram úteis para esta

pesquisa, adaptados aos interesses do que desejamos demonstrar, como o ponto de vista do observador em um mesmo local, mas em diferentes épocas e a visão serial com o observador se deslocando no espaço e no tempo simultaneamente, isto permitiu demonstrar as transformações da praça, com a apresentação de um resultado diferente a cada momento histórico.

O terceiro autor, Edmund Bacon, com seu livro Design of Cities, descreve a evolução urbana de importantes cidades históricas como Atenas, Miletus e Delos e vai avançando trazendo exemplos de diferentes épocas até projetos contemporâneos, como a cidade de Brasília. A principal influência deste livro nesta pesquisa é a forma como desenvolve o texto, relacionando texto e imagens. O livro possui um projeto gráfico muito elaborado e é ricamente ilustrado: nele, Bacon descreve o que se processa na evolução urbana através de uma sequência de imagens, com diferentes tempos históricos, em projeções ortogonais (plantas, vistas) ou perspectivas (maquetes). Ele trabalha a cor para diferenciar os momentos históricos que deseja registrar em uma mesma planta: cada cor representando uma época distinta. Paralelamente traz imagens de maquetes que representam estas transições. Esse livro foi de extrema importância para este trabalho, pois orientou como pode ser descrito o ambiente que se observa e de como a forma gráfica de apresentação desta tese doutoral poderia ser trabalhada. Bacon, de forma semelhante à visão serial descrita por Cullen, mostra em um de seus capítulos imagens fotográficas que representam as vistas de um caminhante ao longo de seu percurso, destacando as diferentes percepções deste caminhante ao se deparar com diferentes formas e cores: destaca a importância desta vivência que faz com que se incorpore os valores estéticos daquele lugar, preservando-os.

Outro título importante, que guiou esta pesquisa, foi o livro de Ana Tagliari, que versa sobre a arquitetura residencial de Frank Lloyd Wright. Apesar de relevante, não é o objeto de estudo da autora que contribuiu para este trabalho, mas sim a metodologia que utiliza, o desenho para a análise de projetos. A autora expõe que o desenho aplicado como método de análise é eficaz “pois tem a capacidade de revelar muitas intenções projetuais sinteticamente, que dificilmente seriam explicadas apenas por textos” (TAGLIARI, 2011, p. 153). A forma que abordei a utilização do desenho para as análises feitas diverge da forma que ela utilizou, e não faz parte do escopo desta pesquisa revelar intenções projetuais, mas este conceito influenciou

o nosso trabalho, por acreditarmos que a linguagem gráfica é fundamental tanto no processo de projeto, como na apropriação e compreensão necessárias para este estudo.

Por fim, as reflexões de Carlos Egídio Alonso 'norteiam' (usando uma imagem forte da área de arquitetura) a presente pesquisa. Alonso em seu texto "Arquitetura – Signagem e não Linguagem" propõe substituir o termo "linguagem", por outro, que entende mais adequado e que denominou "signagem". Alonso introduz o tema refletindo sobre a natureza da arquitetura e expõe suas inquietações, ponderando:

> A arquitetura, não sendo uma Ciência e não sendo exatamente uma Arte, por sua natureza se distingue ao trabalhar com signos utilitários, com elementos que, ao mesmo tempo, contemplam as qualidades formais e as qualidades funcionais de espaços e objetos. Elementos com qualidades extremamente distantes das qualidades daqueles utilizados tanto pela fala quanto pela língua, distante daqueles que utilizamos quando falamos ou escrevemos (ALONSO, 2008, p.1).

Reforça-se assim a ideia de que, em todos os processos que envolvem a atividade de arquitetura, a concepção, a análise, o uso, ou no próprio artefato necessitamos suportes externos para desenvolvê-los, pensá-los e representá-los através de signos gráficos, materializando estes processos, principalmente através do desenho, seja pelos meios tradicionais (papel e lápis) ou pelo uso de ferramentas computacionais. Estas reflexões também são inquietações deste trabalho, optamos pelo caminho da linguagem visual (ou da *signagem*) por entendermos ser o que nos daria as respostas que procuramos.

Este trabalho está apoiado nas ideias propostas por estes autores, utilizando a análise visual como meio de compreender a linguagem da praça e suas transformações: o termo análise é aqui utilizado com o significado de fazer uma descrição minuciosa de algo e não com o sentido de crítica. Não é intenção do trabalho fazer juízo de valores, do que é considerado bom ou ruim, mas apenas descrever (ou fazer uma análise "não verbal") a partir do é que visto, dos registros icônicos da praça e da produção de modelos virtuais pela observação destes registros históricos.

É um estudo muito mais icônico que dissertativo: utilizamos o suporte do desenho para ajudar-nos a perceber as relações espaciais e formais que se processam naquele local, especulamos graficamente, reforçamos o perfil de experimentação, de laboratório que o programa de mestrado propõe.

5. O MÉTODO DE RECONSTRUÇÃO VIRTUAL

Este trabalho foi desenvolvido basicamente pelo redesenho bidimensional de plantas históricas e pela construção de modelos tridimensionais de períodos históricos da praça. Foi um estudo baseado em muita observação de material iconográfico, mas também de textos que apoiaram a compreensão e representação destes períodos. Para o seu desenvolvimento foram adotadas estratégias de organização dos dados em um processo crescente de aprimoramento com vistas a revelar com maior fidelidade possível os momentos históricos elencados.

A pesquisa inicia com o aprofundamento no conteúdo histórico, buscando compreender o contexto da história da praça dentro da história da cidade. Como em toda pesquisa, cada leitura indica pistas de referências de outras leituras e desta forma fomos construindo as referências bibliográficas e obras que consultamos.

Com foco neste perfil gráfico do trabalho, de redesenho e reconstrução virtual, houve a necessidade de municiar a pesquisa com muito material iconográfico, o máximo que fosse possível reunir. O processo de busca deste tipo de informação é contínuo e apesar de se tornar agora mais difícil de obter informações novas, com os recursos de pesquisa através da Internet, sempre nos deparamos com imagens úteis.

Reunido o material necessário, iniciou-se o processo de organização. As principais e mais eficazes ações realizadas foram a criação do Gráfico Cronológico e dos Quadros Contextual e Cronológico Iconográfico. Na construção dos modelos, este material foi de consulta constante e resultou determinante para o resultado obtido. Esta organização também favoreceu a construção das periodizações que foram feitas no trabalho.

Para a definição dos períodos, primeiro se utilizou uma periodização que partia da incidência de diferentes estilos arquitetônicos na Praça: foram definidos então cinco períodos, denominados Praça Colonial, Praça Neoclássica, Praça Eclética, Praça Modernista e Praça Contemporânea. Posteriormente se percebeu que na construção dos modelos, seria mais interessante trabalhar em cima do registro que as plantas históricas traziam em conjunto com as imagens que acompanhavam cada época. Por outro lado, esta terminologia dava a entender que existiu uma praça de cada estilo, sendo tendenciosa e questionável. Optamos então por utilizar o termo “cena”, que permite fazer um recorte de tempo, conforme a informação encontrada nas plantas, tentando reproduzir estes cenários, independentemente

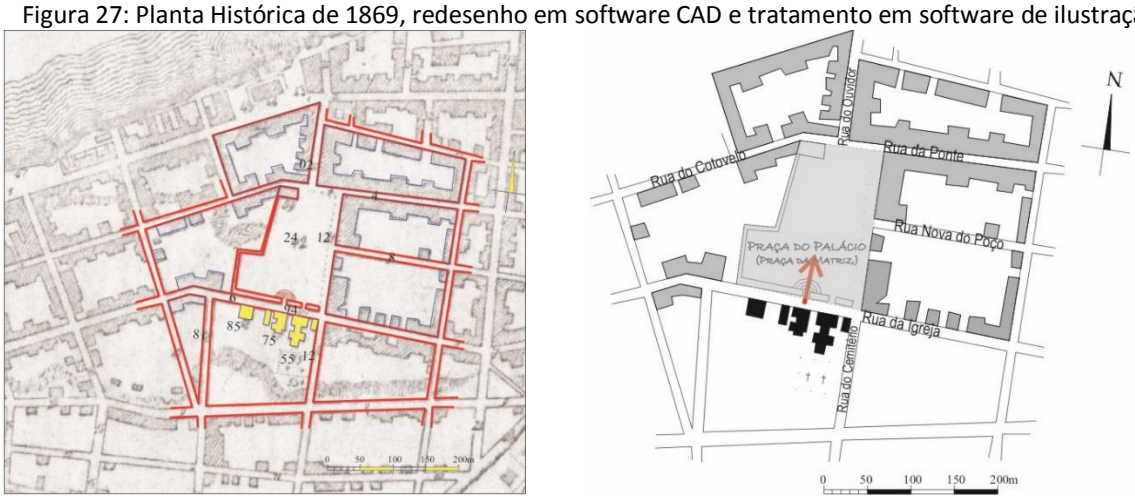
dos estilos, mas considerando o que se modificava na praça a cada período determinado. Sendo assim, definimos oito períodos, utilizando oito plantas históricas que refletiam as modificações que percebemos fundamentais para serem destacadas.

Assim, como em um processo de projeto, durante a execução dos modelos foram sendo feitas adaptações por perceber que aquilo que foi idealizado não funcionava como se esperava. Também foram feitas algumas escolhas em função das limitações impostas pelo tempo e pelos recursos disponíveis.

Os redesenhos das plantas foram todos feitos a partir de material obtido junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, bem como em acervos históricos da Secretaria Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre - SMOV: eram imagens digitalizadas, em formato *bitmap,* de plantas históricas que foram importadas no software AutoCAD e serviram de base para o desenho da área aberta da praça e as quadras de seu entorno imediato. Procuramos registrar sempre as informações que as plantas traziam, algumas, por exemplo, só indicavam a existência de prédios públicos e, em outros casos, os prédios residenciais ou comerciais também constavam. Este dado, indispensável para a configuração do entorno, quando não estava presente na planta, era buscado nas imagens para compor as cenas de forma completa. O recorte temporal da pesquisa inicia em 1772, ano de fundação da cidade, mas a primeira planta que utilizamos é de 1839, que continha a indicação dos prédios públicos principais que foram inicialmente introduzidos na praça. Partindo da análise do que havia disponível e do que queríamos retratar, selecionamos as plantas de 1839, 1869, 1881, 1888, 1914, 1940, 1950 e década de 90 do séc. XX. Como se pode observar, não há uma constância nos intervalos entre as datas, a escolha foi determinada por inclusões e mudanças que desejávamos registrar. A cena final, que partiu da década de 60 do séc. XX até o contexto atual, baseou-se parte na planta da década de 90 e parte nas imagens que caracterizavam este período: queríamos representar a cena final já com o Palácio Farroupilha inserido, enquanto que na cena anterior registramos no mesmo local o Auditório Araújo Vianna. A planta de 1950, importante pela inserção do novo Tribunal de Justiça, foi a única que o IHGRGS não tinha em seus arquivos digitais e foi obtida através de pesquisa na Internet. Após o desenho em CAD, as plantas foram exportadas em formato PDF e importadas em softwares de ilustração vetorial, recebendo um tratamento de cor e sendo completadas por legendas ou outras informações. A partir desta etapa, se produziu arquivos de imagem com as plantas

modificadas para serem utilizadas em diferentes contextos do trabalho. Na página seguinte, imagem ilustrativa deste processo:

Figura 27: Planta Histórica de 1869, redesenho em software CAD e tratamento em software de ilustração.



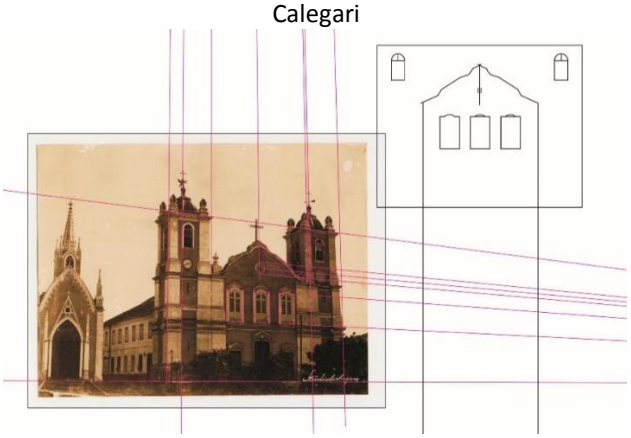
Fonte: Desenho da autora sobre planta fornecida pelo IHGRGS.

Após o desenho das plantas começaram a serem modelados as construções e monumentos para compor as cenas de cada época. Para algumas edificações foram necessários dois ou mais modelos, por possuírem diferentes configurações, pois sofreram reformas que alteraram suas características, como o caso do Palácio do Governo, nas versões coloniais e neoclássicas ou o Memorial do Ministério Público que teve configurações de dois e três pavimentos e a construção de cocheiras na terceira fase. O processo de modelagem se deu em software CAD, na maioria dos casos baseados em imagens fotográficas e dimensões obtidas nas plantas-baixas. O processo de desenho a partir de fotos utilizou um aplicativo na linguagem LISP, que é executado dentro do software CAD e que permite ao se desenhar sobre uma foto em perspectiva, obter a planificação da mesma, a partir de duas dimensões conhecidas. Este aplicativo chama-se HOMOGRAF.LSP, e acompanha um livro[11] que instrui como utilizar a técnica.

[11] LÓPEZ-SALAZAR, Ramón Maestre; MÁS, Francisco Irles. 2000. Levantamento de Planos de Fachadas a Partir de uma Fotografía. Perspectivas. Universidad de Alicante.

Outro método que se utilizou em situações específicas foi trabalhar sobre modelos gerados no software SketchUp, que também possui recursos de modelagem a partir de fotos. Quatro modelos do estágio atual da praça foram obtidos através de um recurso chamado "Armazém 3D" do SketchUp. O Armazém 3D é um banco de dados de objetos alimentado pelos próprios usuários que disponibilizam seus modelos se desejarem. O acesso é público e feito através do SketchUp. Os prédios em questão são os modelos da Catedral Metropolitana, do Palácio Piratini, do Palácio Farroupilha e do Palácio da Justiça. Estes modelos podem ser vistos através do Google Maps, pois estão inseridos na área da Praça da Matriz se observada através deste recurso. De qualquer forma, tiveram que receber algum tratamento de detalhamento de esquadrias, quando era o caso, pois a técnica para representá-las era baseada na imagem da esquadria e nos interessava para o trabalho visualizar um certo volume, saliências e reentrâncias que foram utilizadas também nos outros modelos. Abaixo visualizamos um exemplo do uso da ferramenta Homograf e na sequência os arquivos obtidos no armazém 3D antes e depois de serem retrabalhados.

Figura 28: Planos de fachada a partir de fotos, usando a ferramenta Homograf.LSP sobre foto de Virgílio Calegari



– foto 290f Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Fig. 29: Modelo Tribunal de Justiça obtido no Armazém 3D.

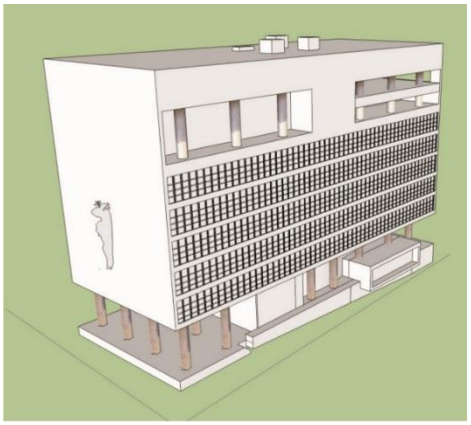


Fig. 30: Modelo modificado.

A sequência de imagens abaixo ilustra alguns dos modelos que foram gerados em software CAD para compor as etapas da reconstrução virtual e ao lado destes desenhos em CAD estão imagens com fotos e ilustrações que auxiliaram na composição deles. Como já dito anteriormente, o principal método utilizado foi a criação de planos de fachadas a partir das fotos em perspectiva. Quando as imagens se apresentavam quase frontalmente ao plano da foto, era possível fazer o desenho diretamente sobre ela e posteriormente ajustando-o à escala natural.

Fig 31: Modelo em CAD da Igreja Matriz e Capela do Espírito Santo e Foto Virgílio Calegari – foto 290f
Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

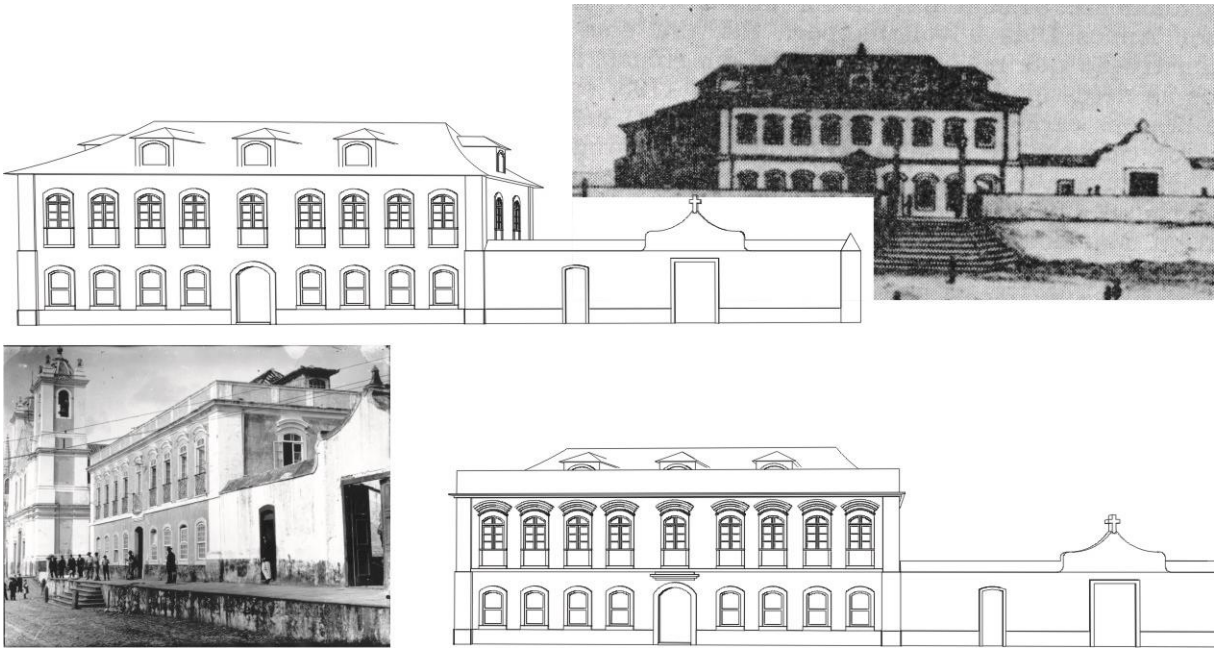


Fig 32: modelo em CAD Palácio do Governo – feições coloniais e neoclássicas. Imagem Palácio Colonial - Fonte:MACEDO, 1999, p. 36. Foto Palácio com Platibanda: Acervo da autora

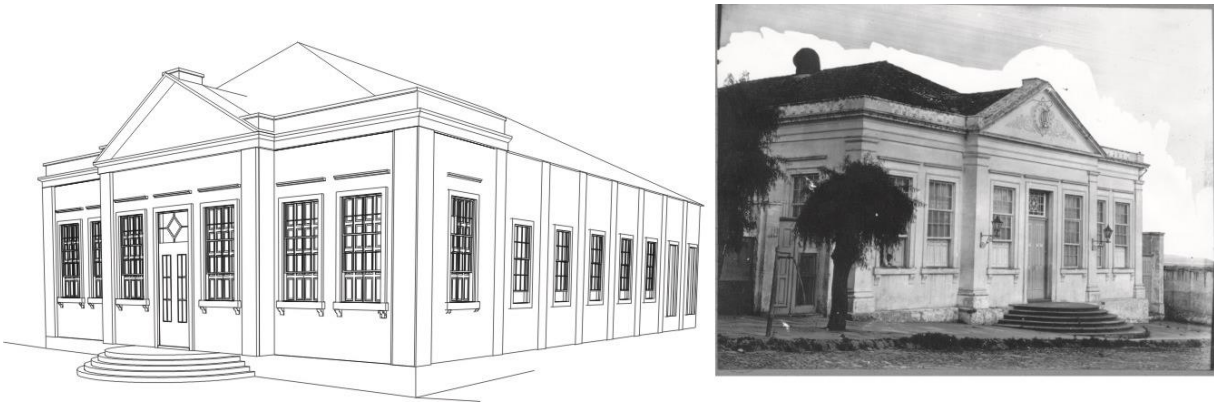


Fig 33: Modelo em CAD Sociedade Bailante – Foto: acervo da autora

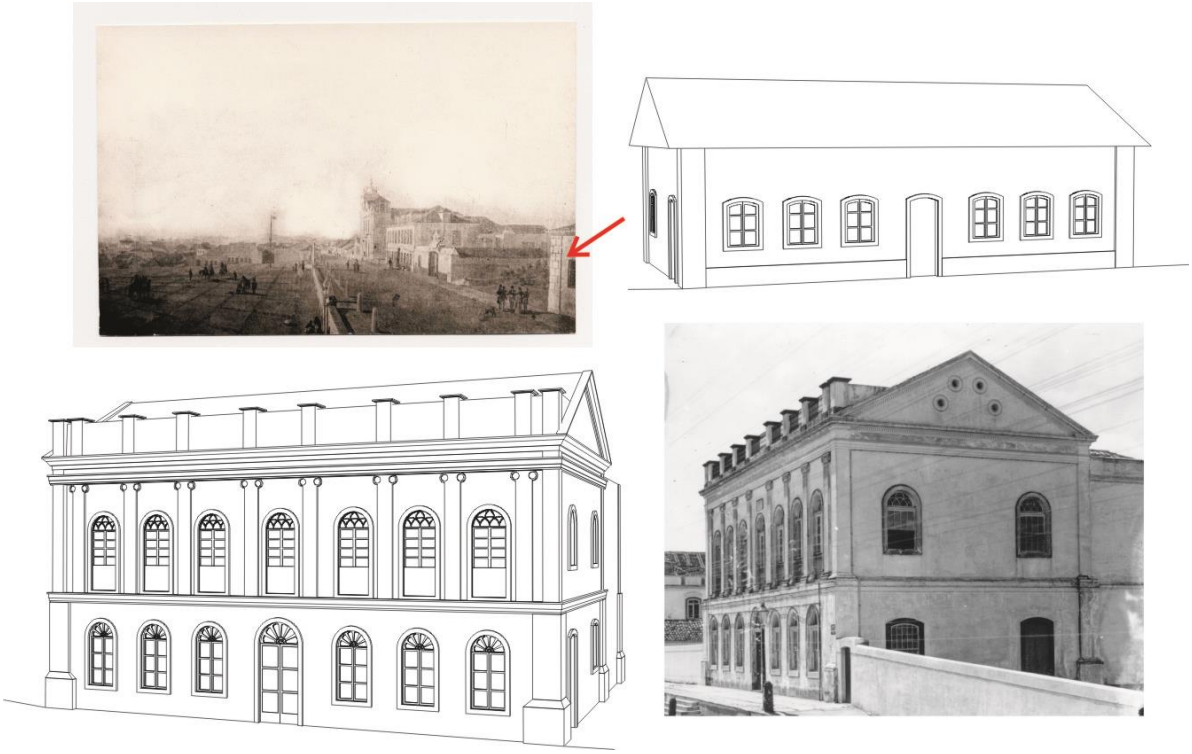


Fig. 34: Casa da Junta – Feições Colonial e Neoclássica. Imagem Praça – foto 834f
Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman Foto Casa da Junta: acervo da autora

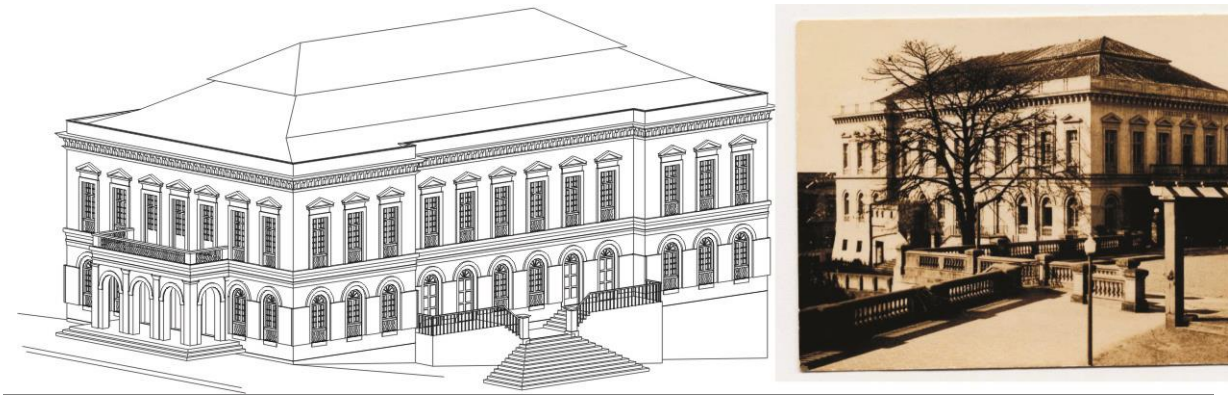


Fig. 35: Theatro São Pedro. Foto: autor desconhecido – foto 230f
Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

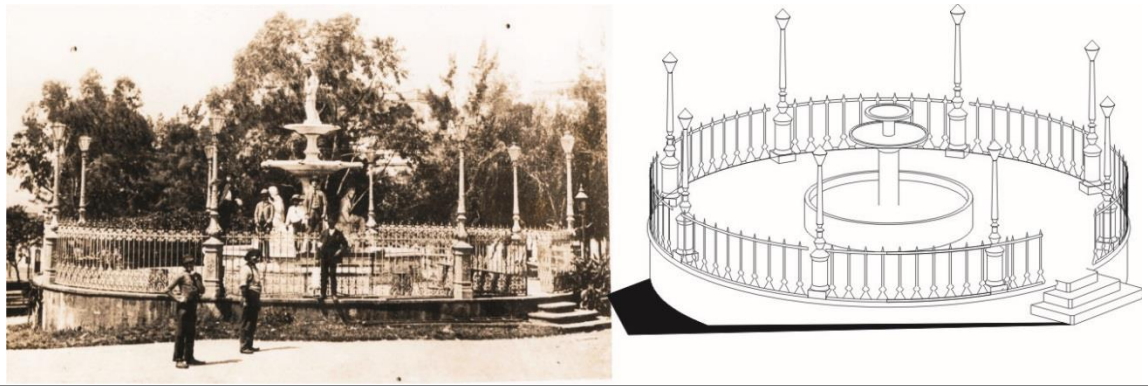


Fig. 36: Chafariz de Mármore – Foto: Autor desconhecido – foto 4181f. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

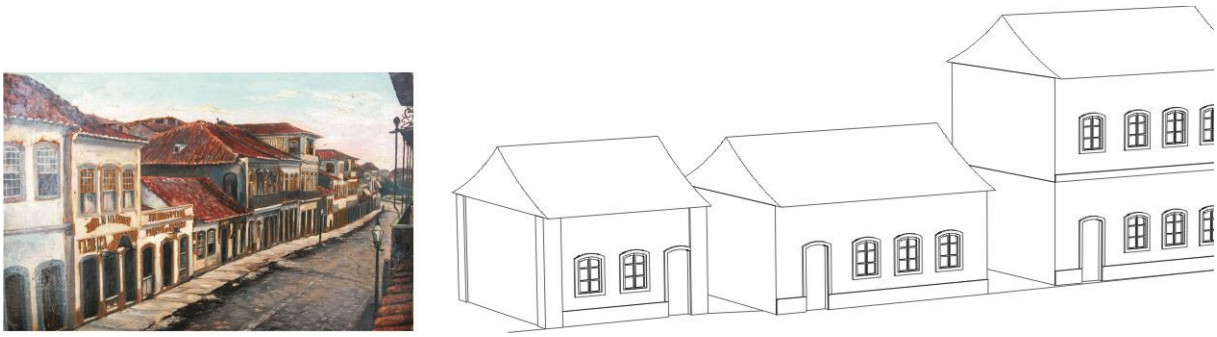


Fig. 37: Imagem Acervo IHGRGS, 2005 - Casinhas coloniais Modeladas em CAD

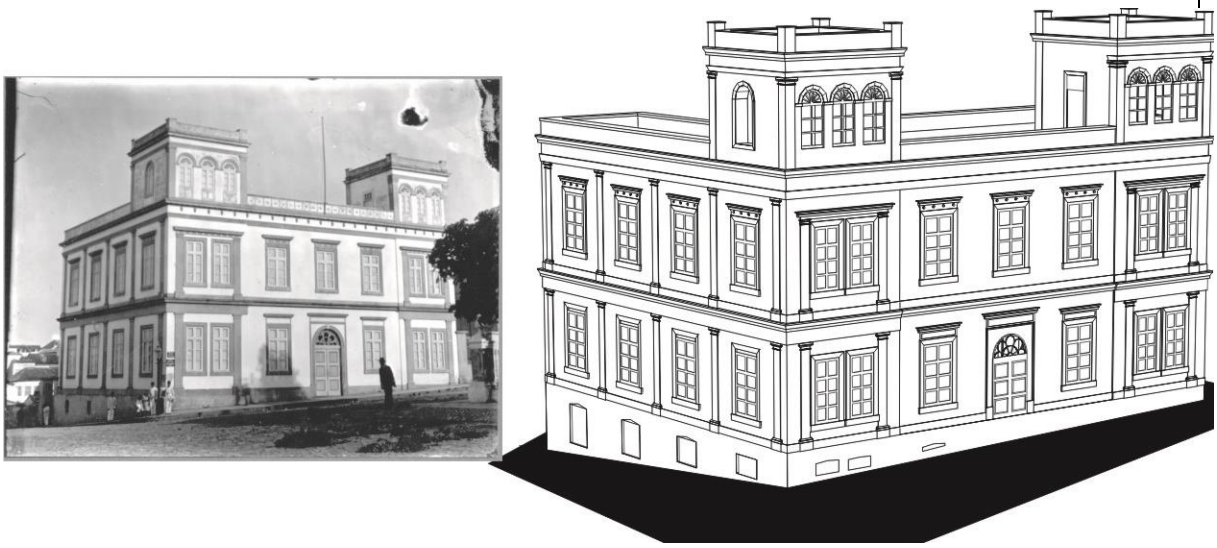


Fig. 38: Estação Telegráfica (Atual Memorial do Ministério Público)
Foto acervo da autora

Fig. 39: Conjunto Lado Leste da praça – contexto atual.

Após a criação dos modelos tridimensionais dos prédios, partiu-se para a modelagem do terreno. Utilizou-se um levantamento topográfico atual, sobrepondo plantas de diferentes épocas. O desenho das curvas de nível foi executado em software CAD, mas o modelo tridimensional foi feito no software Revit.

Fig.40: Curvas de nível sobre mapa de 1837. Fonte do mapa: IHGRGS, 2005.

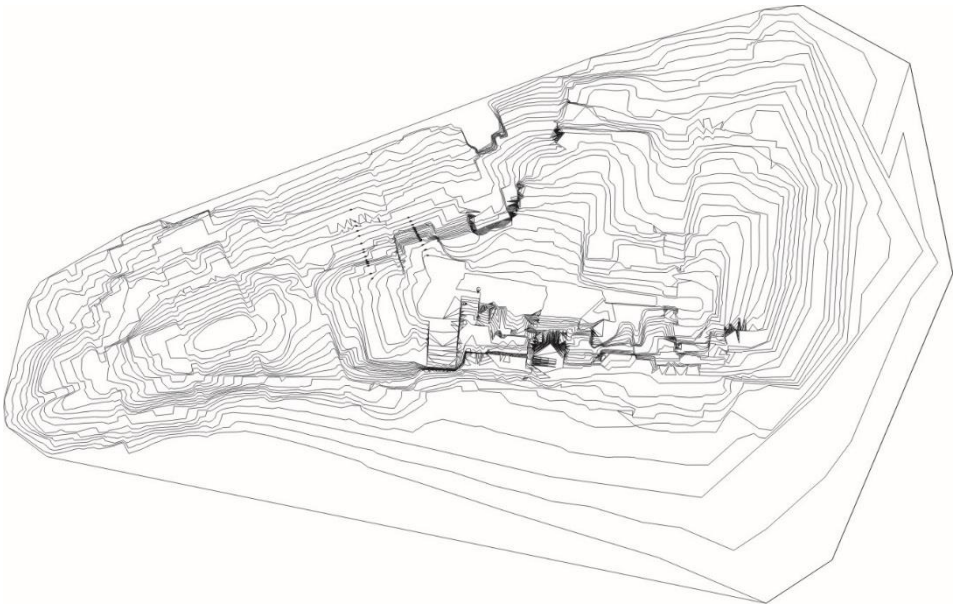


Fig. 41: Terreno modelado no software Revit.

Como última etapa do processo de reconstrução virtual, através do software Revit, foram gerados modelos tridimensionais de oito etapas históricas, que poderão ser vistas na sequência do trabalho, no capítulo 6. Nas imagens abaixo podemos observar algumas destas maquetes:

Fig. 42: Maquete baseada na planta de 1839.

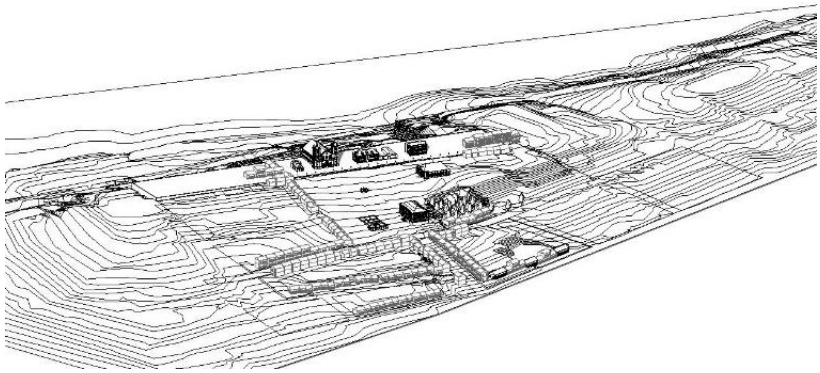


Fig. 43: Maquete baseada na planta de 1869.

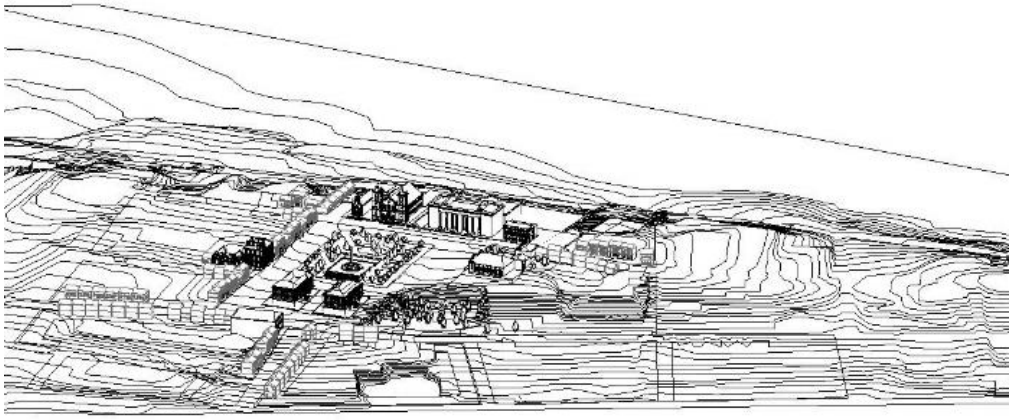


Fig. 44: Maquete baseada na planta de 1914.

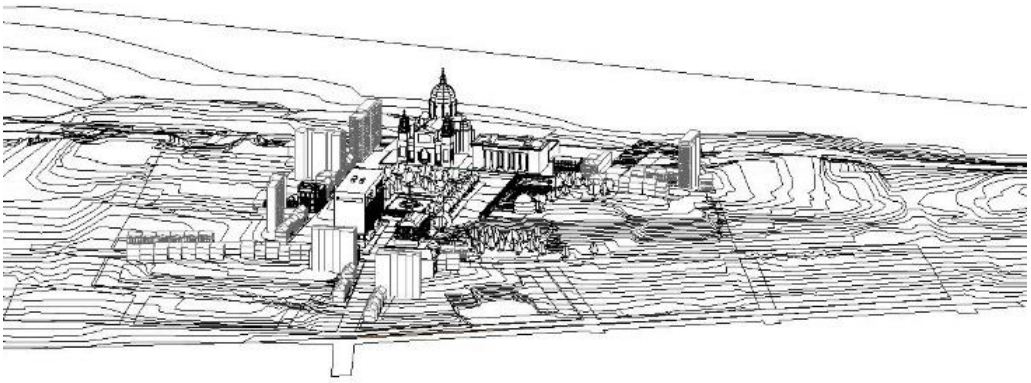


Fig. 45: Maquete baseada na planta de 1950.

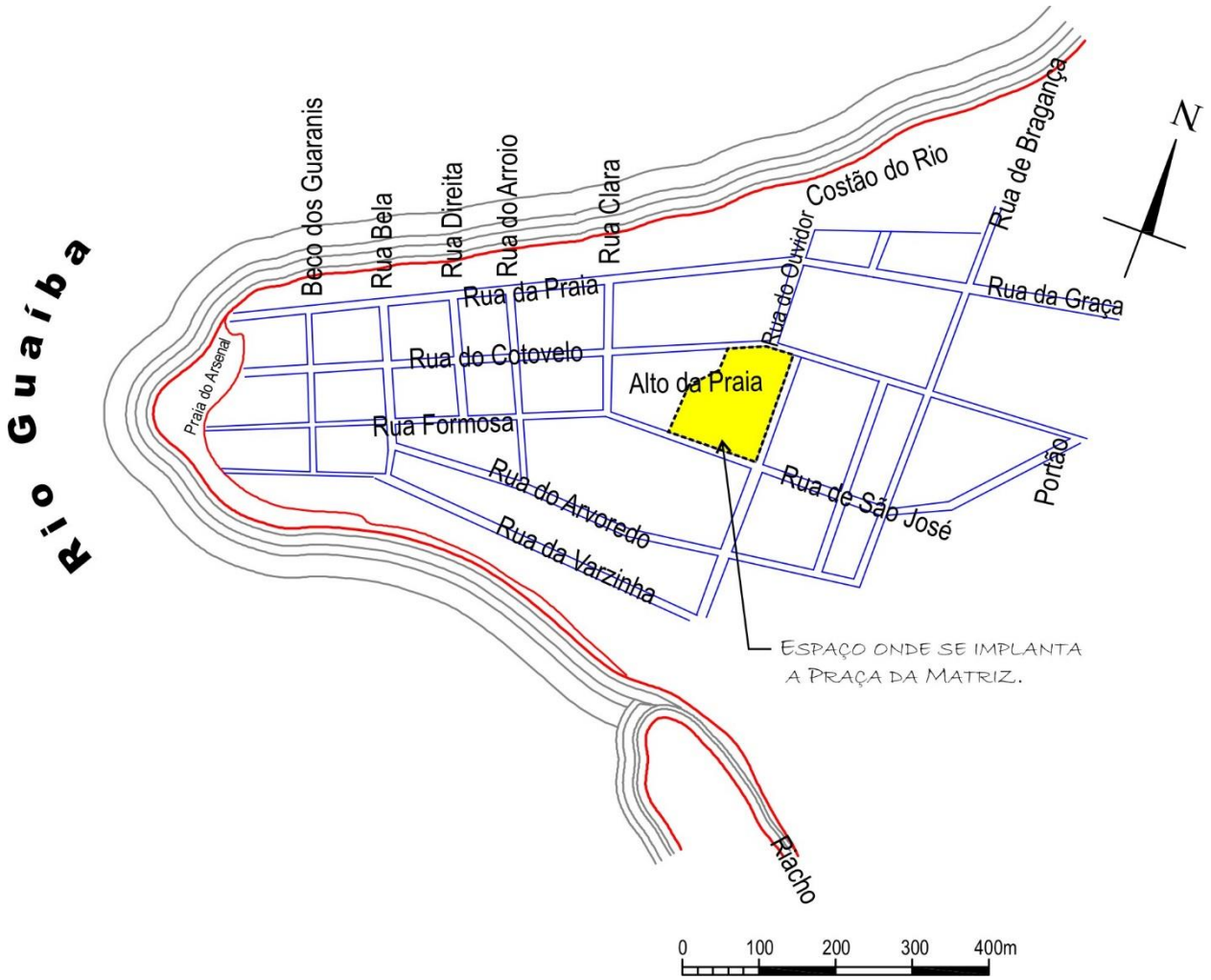
Este processo foi feito de forma muito criteriosa: sempre observando imagens a partir de diversos ângulos, buscamos um resultado mais fiel possível ao que queríamos representar.

6. APLICAÇÃO DO MÉTODO

6.1. REDESENHOS DIGITAIS BIDIMENSIONAIS

Sequência das plantas históricas redesenhadas:

6.1.1. Planta de 1772:



1772- Neste mapa, podemos observar a península onde a cidade é primeiramente ocupada e povoada, com uma grande área ao centro, identificada como Alto da Praia, onde estará futuramente localizada a Praça da Matriz. Na ilustração, está realçado com linhas tracejadas de contorno e fundo amarelo. A importante localização geográfica deve ser destacada.

6.1.2. Planta de 1839:

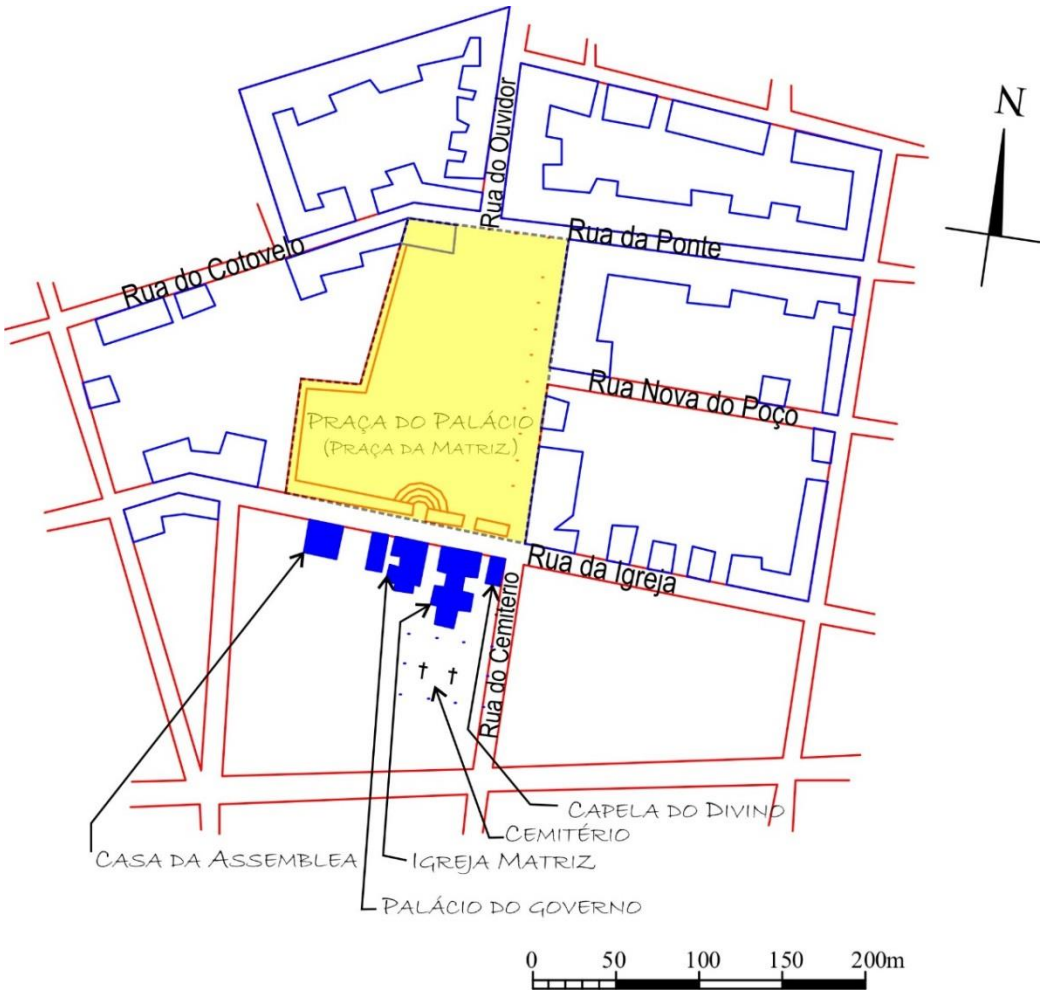
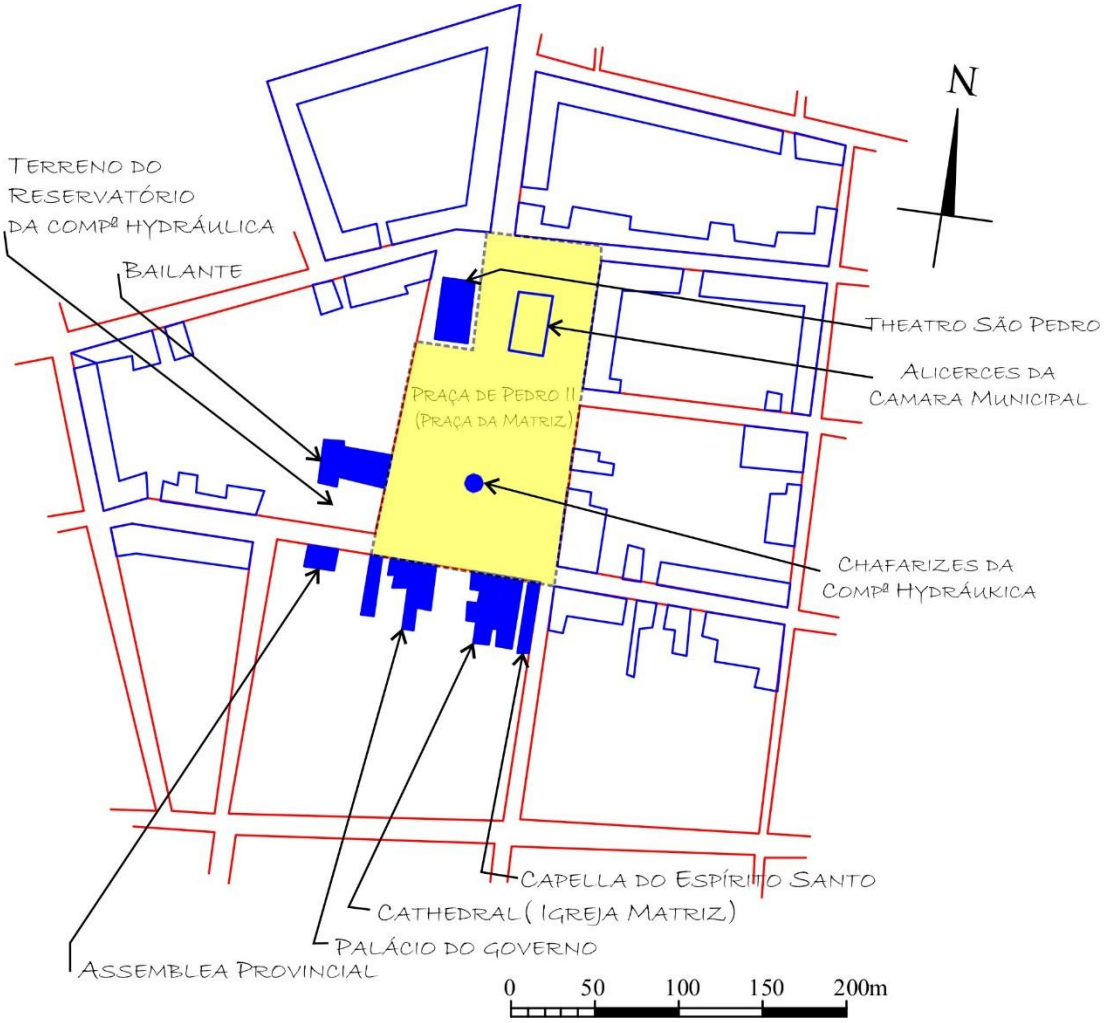


Fig.: 46: Igreja Matriz e Palácio da Presidência
Fonte: Livro WENDROTH, Herrmann Rudolf. O RGS em 1852: aquarelas, 1983.

1839 - Nesta planta podemos observar o espaço da praça em um contexto mais restrito. A área com realce em amarelo, que começou a compor o espaço aberto da praça, possui aproximadamente 130m de largura por 170m de profundidade. Era um amplo espaço vazio, sem pavimentação ou tratamento paisagístico. Ao lado sul ficavam alinhados os prédios públicos principais, a *Casa da Assemblea*, *Igreja Matriz,* o *Palácio do Governo e* a *Capela do Divino* (esta última, não indicada na planta original). Desembocam na praça as Ruas do Ouvidor (Rua Andrade Neves) e a Rua Nova do Poço (Rua Jerônimo Coelho). Ao norte a Rua da Ponte (Rua Riachuelo) e ao sul Rua da Igreja (Rua Duque de Caxias). Ao oeste, um espaço vazio, com um contorno que se assemelha a um muro.

6.1.3. Planta de 1869:



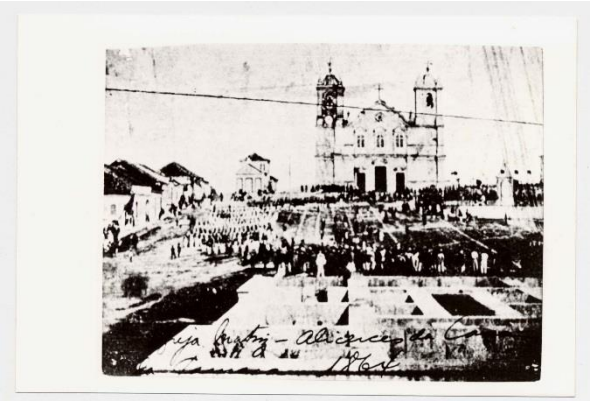
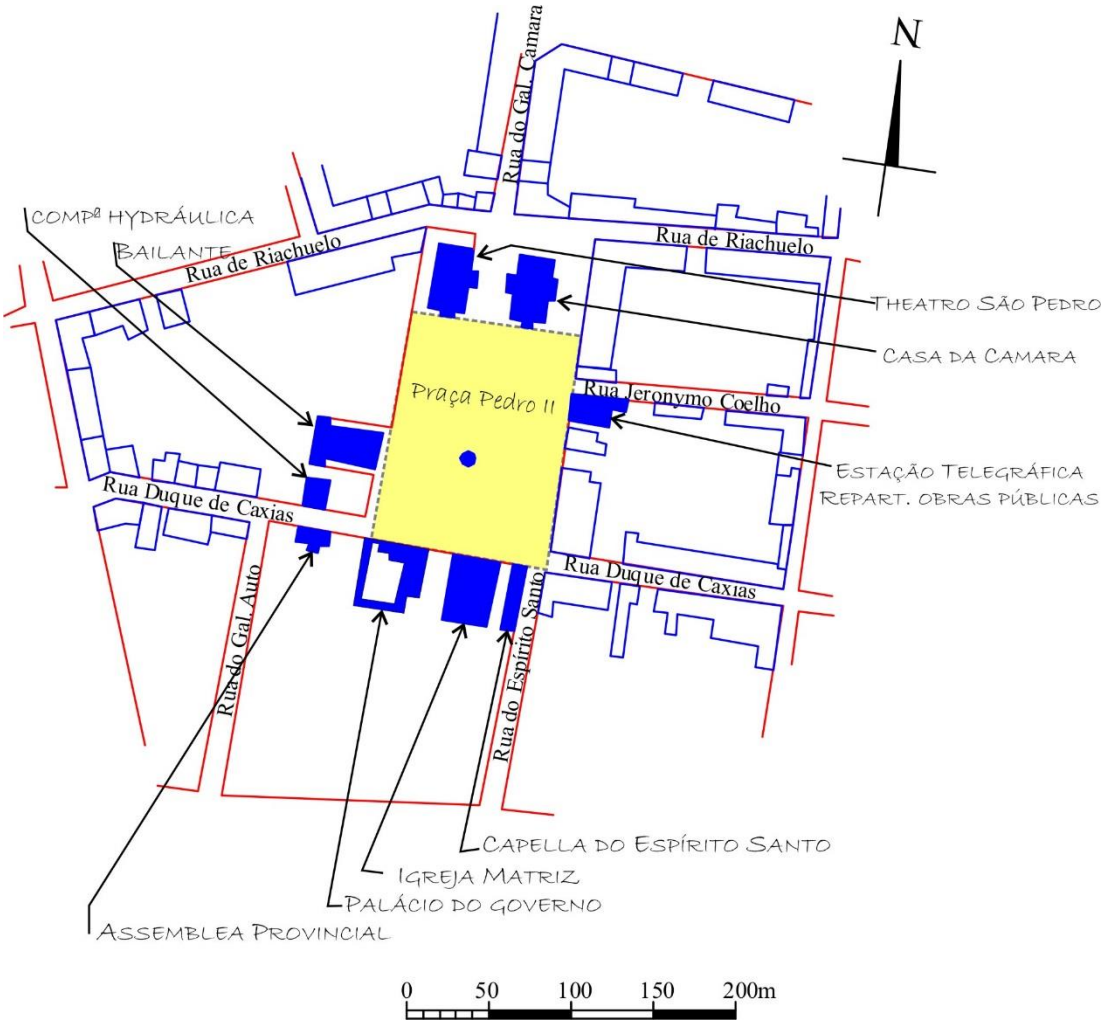


Fig. 47: Igreja Matriz, Capela e Alicerces Casa de Câmara. Autor desconhecido, data 1864. Foto 988f
Fonte: Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

1869 - Na planta de 1869, cabe destacar que o contorno principal da praça é modificado (em amarelo), reduzindo sua área. A sensação de amplitude do espaço também é alterada pela inserção dos prédios do Theatro São Pedro e Alicerces da Casa de *Camara,* dentro da área livre da praça, ao lado norte. Ao lado oeste, observa-se a Sociedade Bailante e o terreno do reservatório da *Compª Hydráulica*. Na parte interna da praça, estão indicados chafarizes da *Compª Hydráulica.*

6.1.4. Planta de 1881



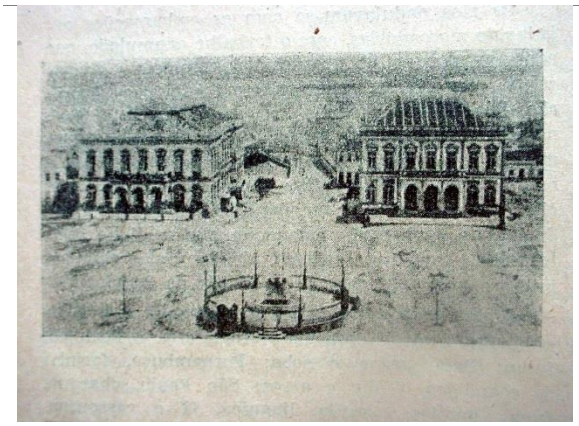
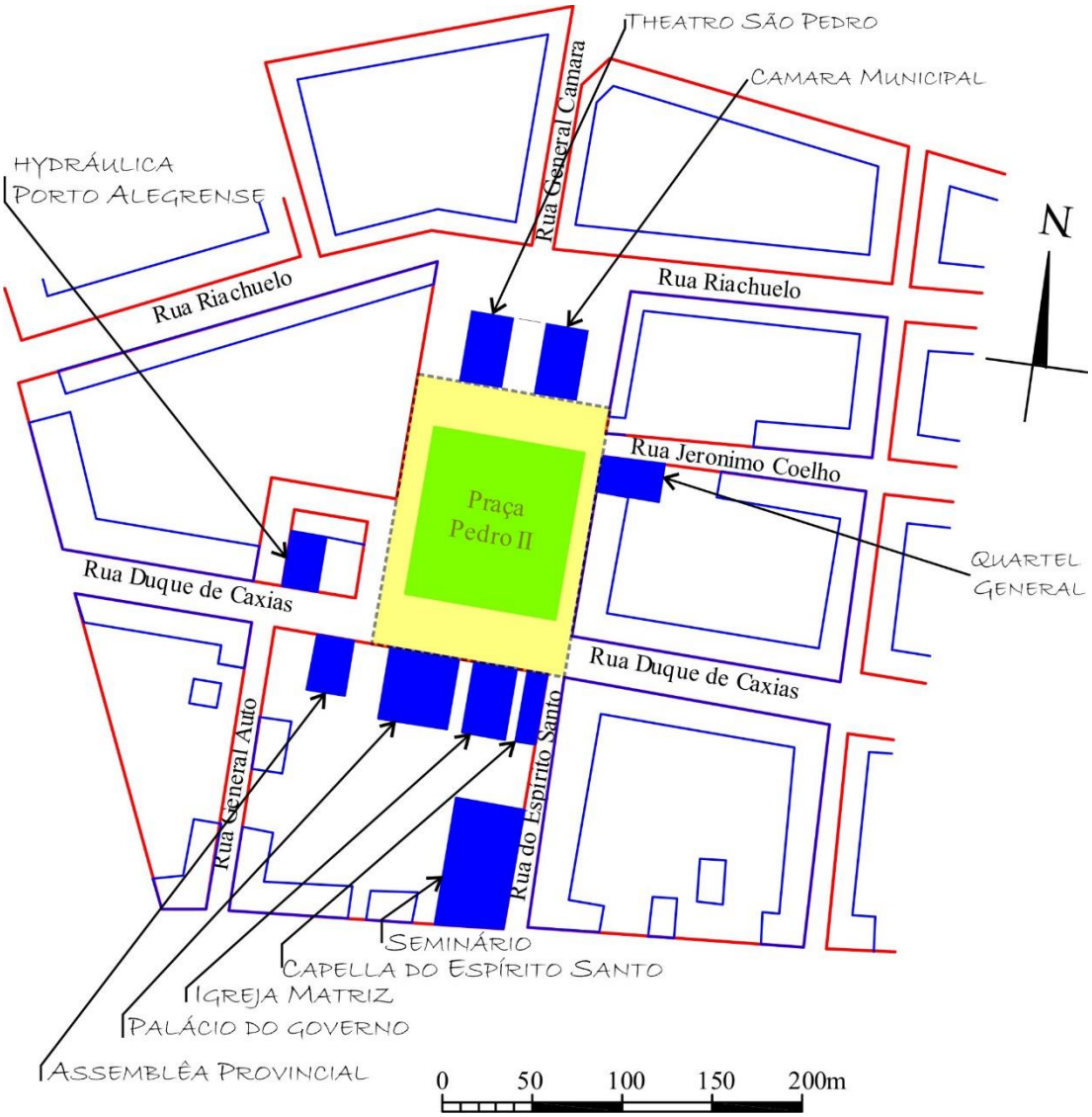


Fig. 48: Theatro São Pedro, Casa de Câmara e Chafariz de Mármore.
Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 312 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal

1881 – Em um processo constante de redução da área aberta, sempre indicada em amarelo, a Praça da Matriz assume agora um contorno mais regular. Acentua-se também a sensação de redução do espaço, pelo aumento das edificações de entorno. A Casa de Camara nesta planta está concluída, fechando o espaço ao lado norte com seu prédio gêmeo, o Theatro São Pedro. Ao lado leste, um prédio público é instalado, a Estação Telegráfica e ao lado oeste, está indicado na planta o prédio da *Compª Hydráulica e a Bailante.* O fechamento só não é completo porque ao lado oeste há uma área não edificada.

6.1.5. Planta de 1888:



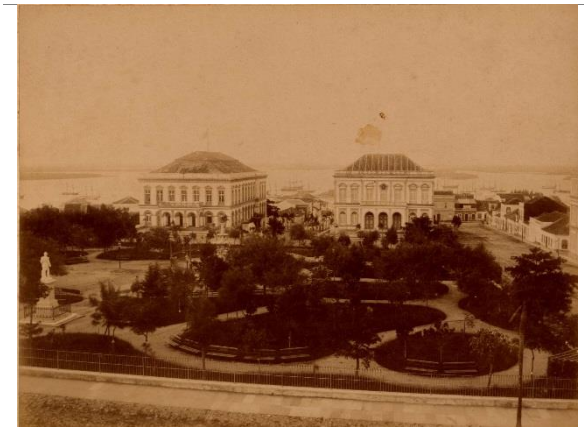


Fig. 49: Praça da Matriz Arborizada, Theatro e Casa de Câmara – Foto Irmão Ferrari - 1888

1888 – Aqui o conjunto arquitetônico anterior permanece o mesmo, não há a indicação da Sociedade Bailante ao lado oeste, mas pelo registro histórico este prédio ainda permanece. O espaço aberto da praça é que tem grandes modificações, é feito o ajardinamento de uma área com a inserção de canteiros, árvores, e passeios. A área toda recebe pavimentação e calçamento. Para uma análise visual do que se processa a nível da planta, podemos citar que o formato retangular predominante é substituído pelo quadrado da área ajardinada, que é o elemento de maior força nesta nova configuração.

6.1.6. Planta de 1914:

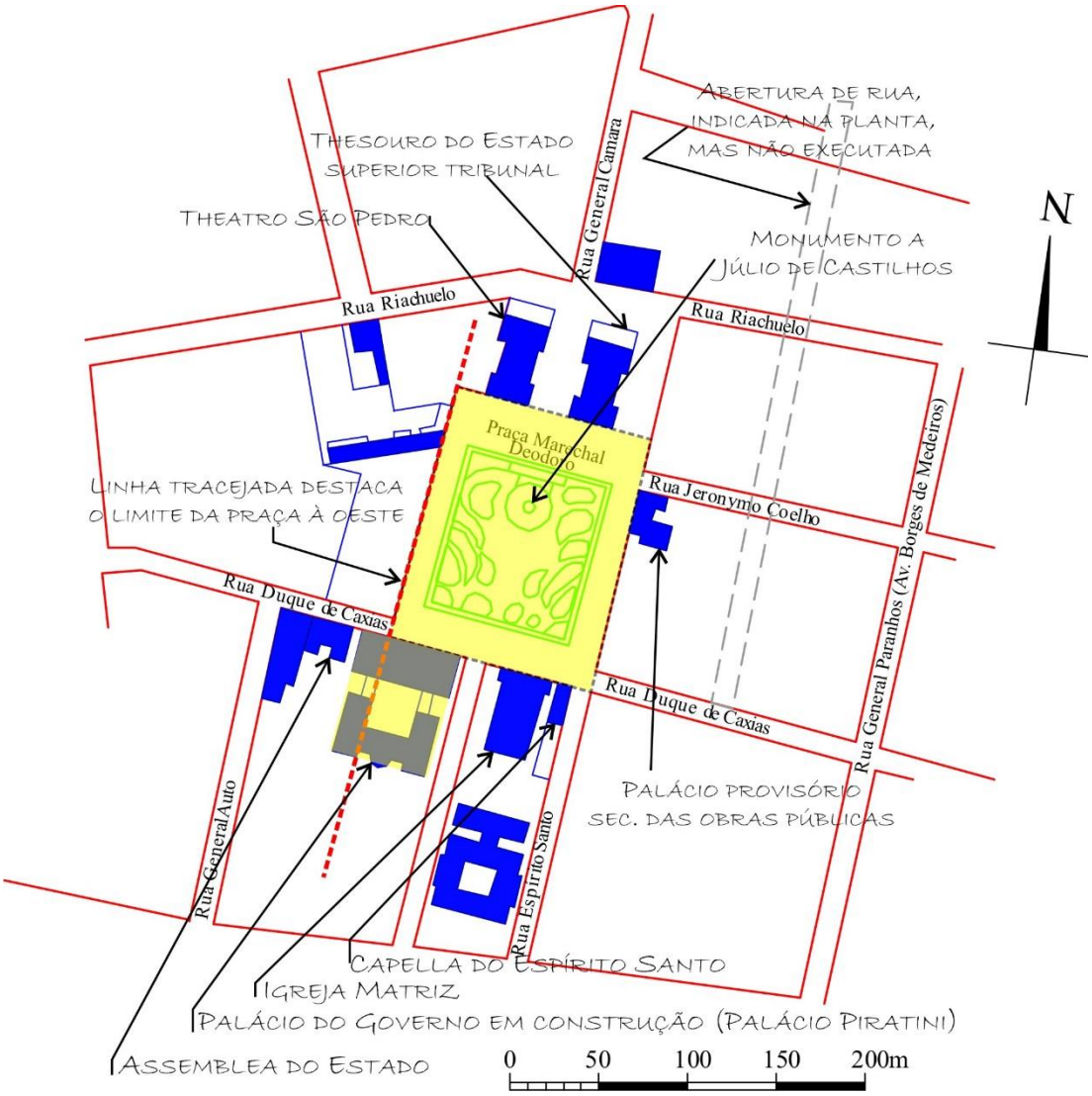


Fig. 50: Monumento a Júlio de Castilhos, Palácio Piratini e Igreja Matriz
Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 511 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal

1914 – Nesta planta, estão indicados dois elementos importantes, a inserção do Monumento a Júlio de Castilhos, na área interna da praça, e o Palácio Piratini, ao lado sul. A linha tracejada em vermelho que corta o lado oeste da praça tem o objetivo de enfatizar que este limite é extrapolado pela edificação do Palácio Piratini, circunstância nova, pelas dimensões do novo palácio. O antigo Palácio do Governo estava alinhado com este limite.

6.1.7. Planta de 1940:

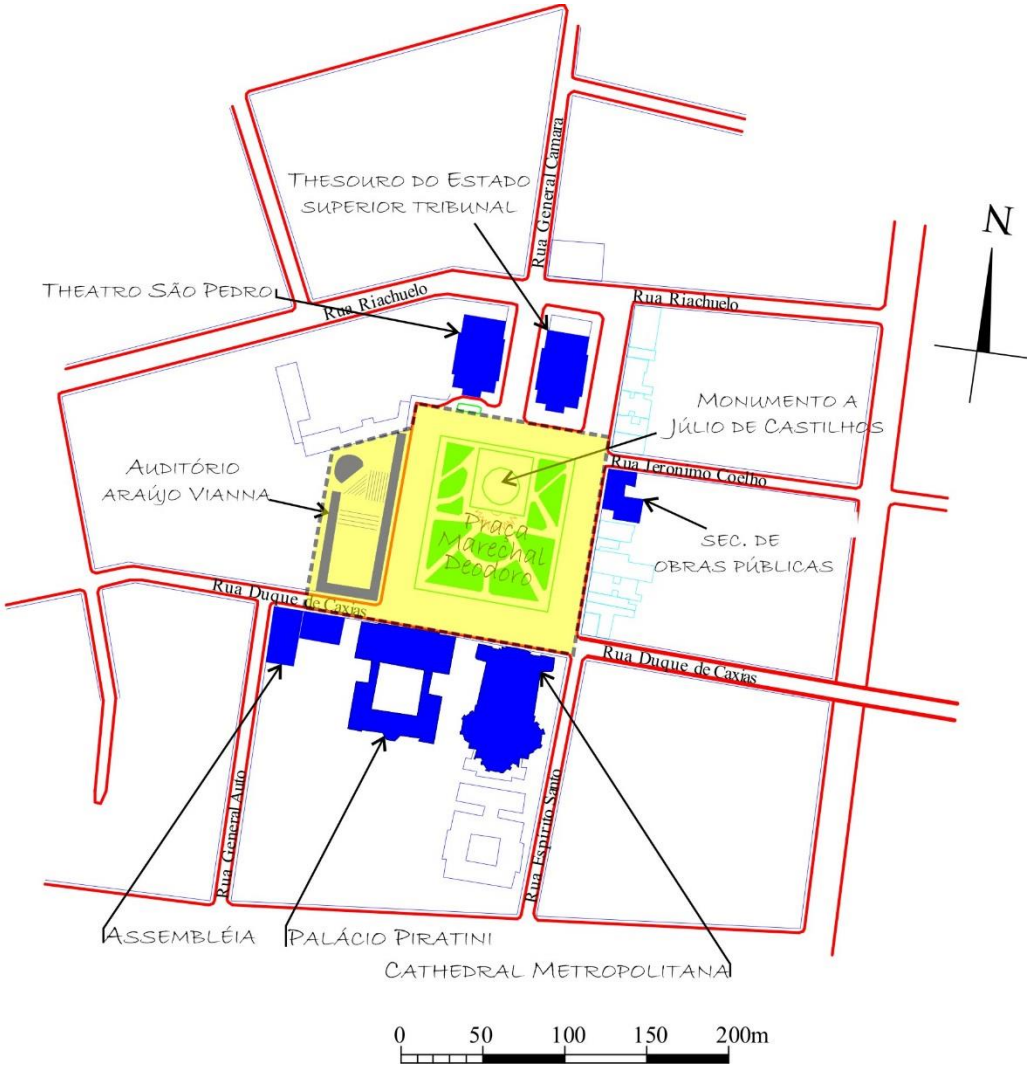


Fig. 51: Palácio Piratini e Auditório Araújo Vianna
Fonte: Livro Aspectos Gerais de POA, p. 154 - Autor: Fortunato Pimentel - Arq. Hist. Municipal

1940 – Nesta etapa, o lado oeste recebe o Auditório Araújo Vianna, auditório a céu aberto, o que resulta em uma nova ampliação da área destacada em amarelo. Há um recuo na calçada de contorno do auditório, buscando um alinhamento com o Palácio Piratini, possivelmente para integrá-lo ao espaço da praça. Houve também uma mudança no desenho dos canteiros, que estão com maior simetria e regularidade. Ao lado sul, a Igreja Matriz antiga e a Capela do Divino são substituídas pela edificação da nova e maior Cathedral.

6.1.8. Planta de 1950:

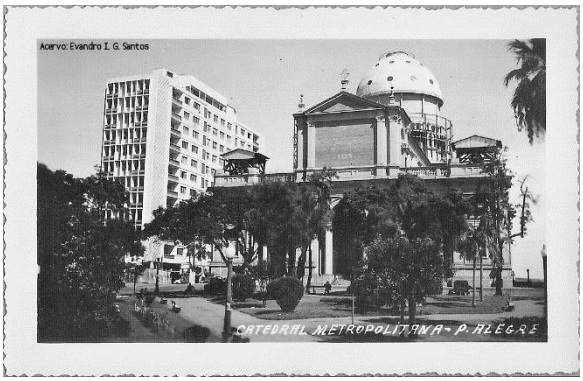


Fig. 52: Cathedral Metropolitana
Fonte: meu-portoalegre. blogspot.com em 18-04-2014

1950 – Neste desenho, observamos a manutenção do conjunto anterior, com exceção da área antes ocupada pelo prédio gêmeo do Theatro São Pedro, o Tribunal de Justiça, que incendiou em 1949. Há indicação do Largo João Amorim de Albuquerque no local. Não se observa no desenho da planta, mas inicia também a verticalização desta área, o que, com o tempo reconfigurará a percepção de todo o espaço, que reduz, no plano horizontal da planta, e começa a ter um novo perfil aéreo que cobre a linha do horizonte.

6.1.9. Contexto Atual:

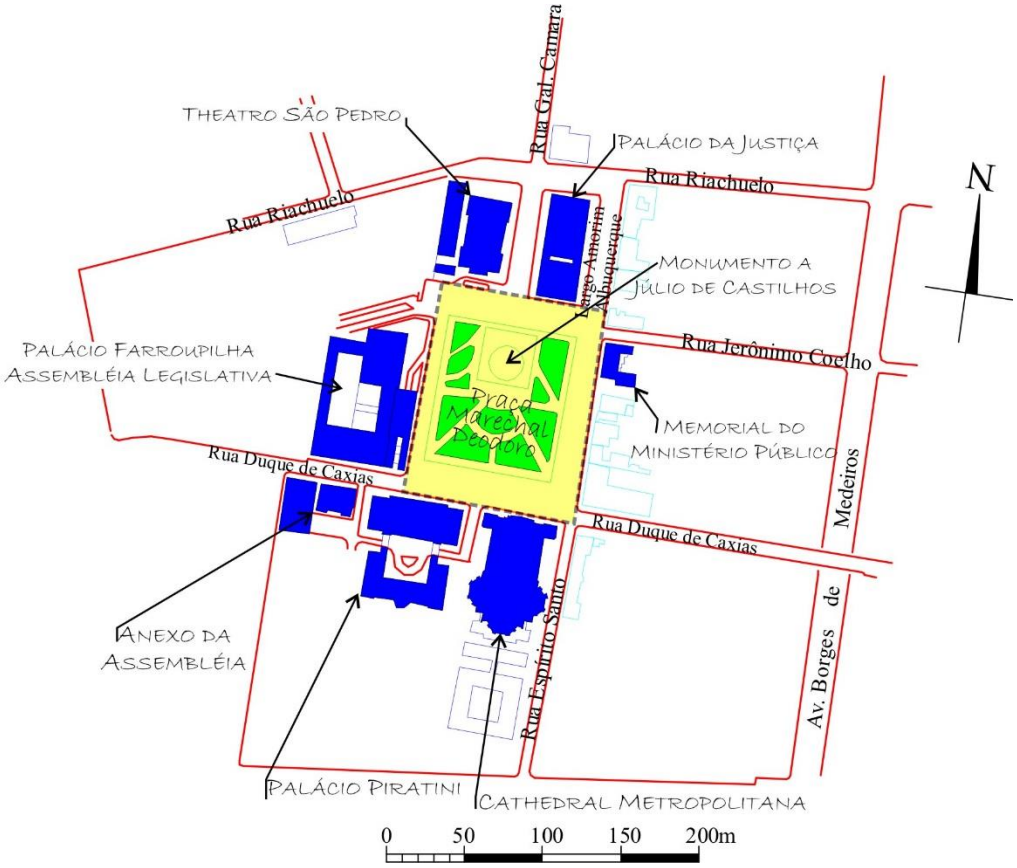
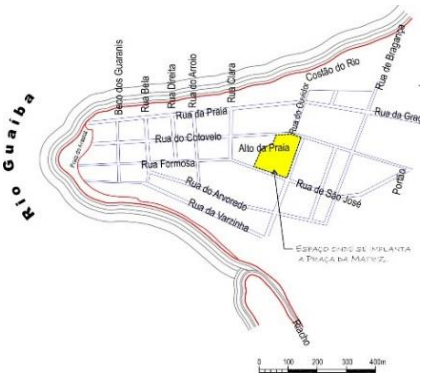


Fig. 53: Theatro São Pedro e Palácio da Justiça – Foto de Amauri Fausto - 1999
Fonte: ZH pg. 78 26/09/99- Recortes de Jornais - Arq Hist Municipal

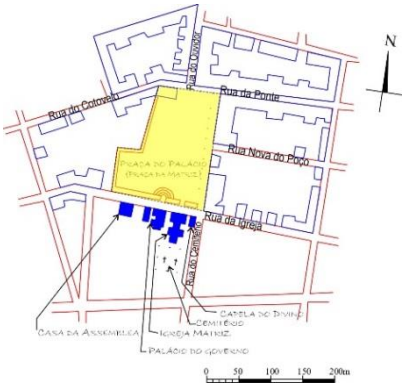
Contexto Atual – O quadro está completo, a praça está completamente confinada pelo seu entorno.

O novo Palácio da Justiça, ao lado do Theatro São Pedro, agora de concepção modernista se impõe verticalmente ao seu vizinho. A grande área aberta do Auditório Araújo Vianna é substituída pelo Palácio Farroupilha (Assembleia Legislativa), tratando de fechar completamente o lado oeste da praça. E ao leste, apesar de algumas edificações se manterem, outras incrementam a verticalização de entorno.

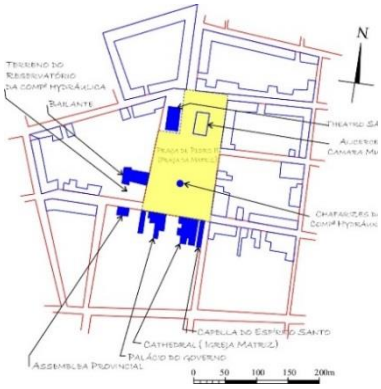
6.1.10. Visão de conjunto:



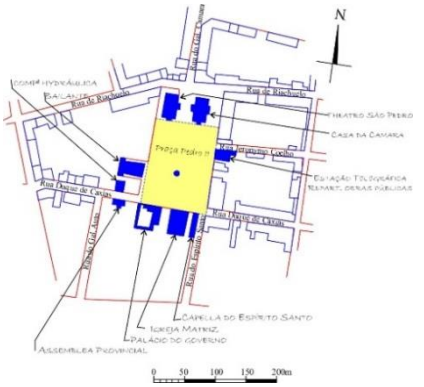
1772



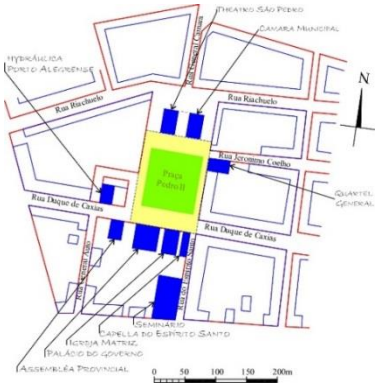
1839



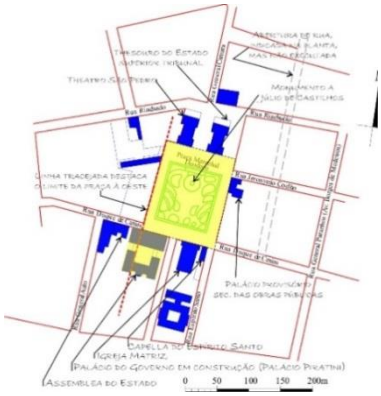
1869



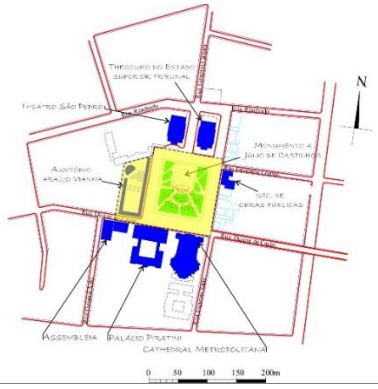
1881



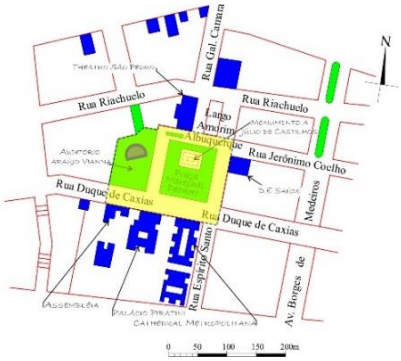
1888



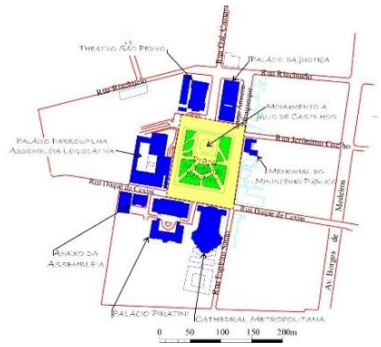
1914



1940



1950



Contexto Atual

6.2. MODELOS TRIDIMENSIONAIS

Modelagem dos períodos históricos – o processo de transformação da praça.

6.2.1. A Cena 1 (baseada na planta de 1839):

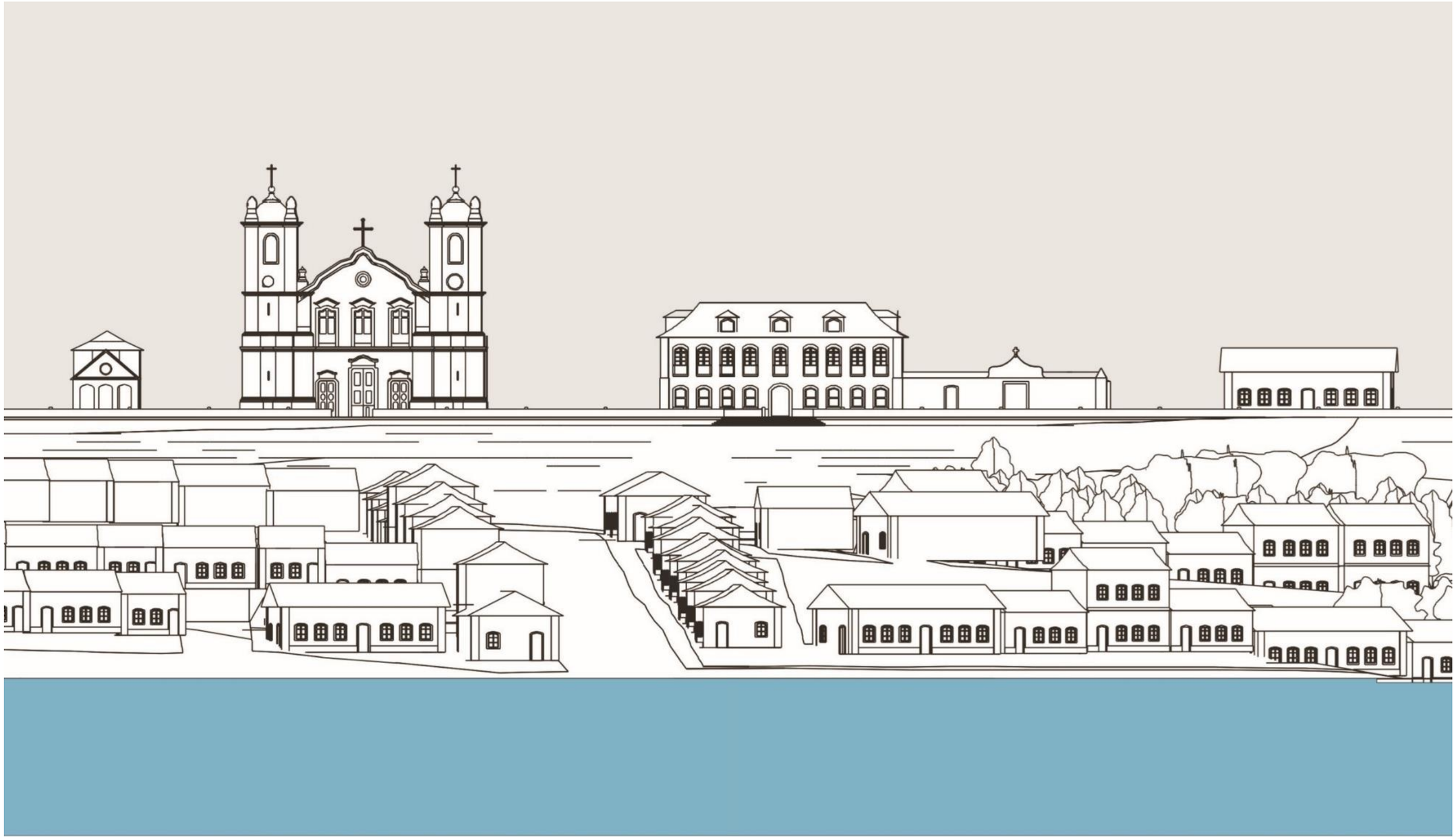
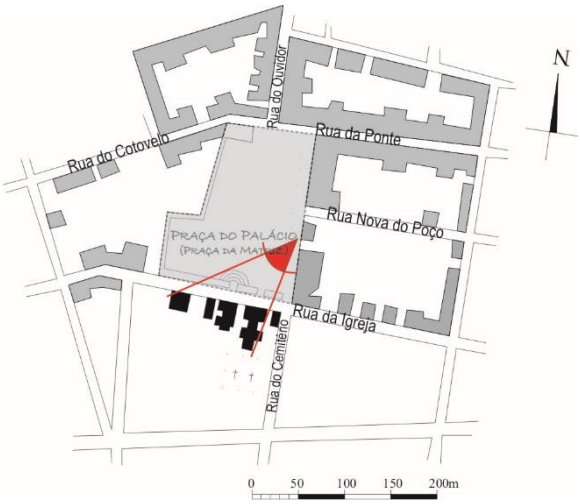


Fig. 54: Maquete Eletônica Cena 1

Em 1839, os elementos que dominavam o espaço da praça eram quatro prédios públicos localizados no ponto mais alto da península, ao lado sul, voltados para a área aberta da praça, que pode ser descrita como um grande espaço vazio e sem pavimentação. As vistas que observamos, na imagem abaixo e na página anterior, expõem ângulos de visão em que podemos observar alguns dos principais elementos de entorno deste período.

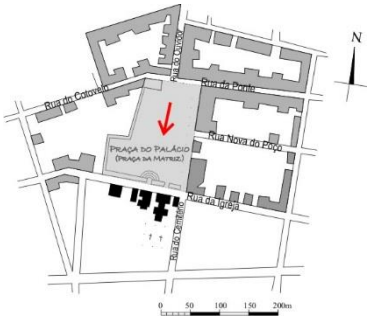
Fig. 55: A Igreja Matriz e o Palácio da Presidência na Cena 1



Na ilustração acima, da esquerda para a direita, a Igreja Matriz, o Palácio da Presidência e a Casa da Assemblea.

Ao lado um detalhe do mapa indicando o ângulo do observador em relação ao ponto de vista da figura 55.

No mapa ao lado, a seta indica a direção da vista que a imagem abaixo representa. Os prédios públicos que estão identificados, Capela, Igreja, Palácio e *Casa de Assemblea* são os elementos arquitetônicos principais deste contexto.



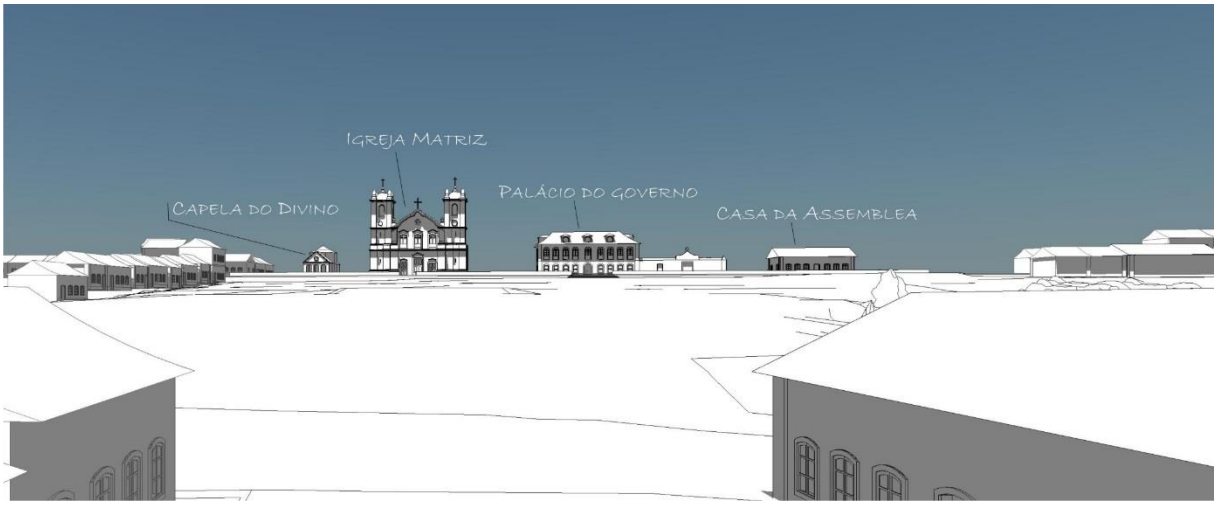


Fig. 56: Vista do lado Sul.

À esquerda da imagem acima (lado leste da praça), emoldura também o espaço, um conjunto arquitetônico de casas, nesta etapa, ao norte, a área aberta chegava até a Rua Riachuelo (Rua da Ponte, na planta deste período) e ao leste um espaço vazio.

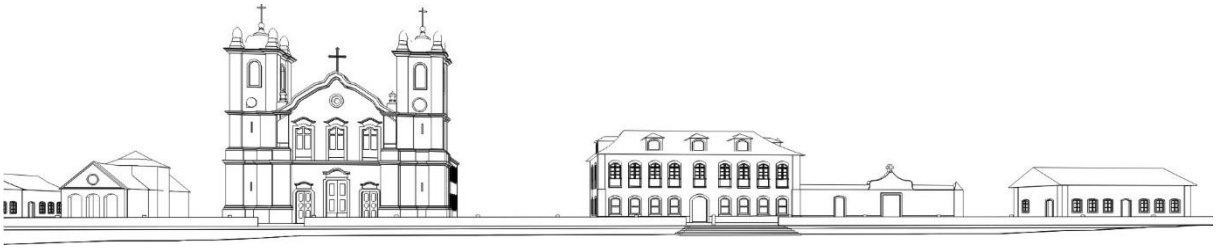


Fig. 57: Vista Frontal lado sul.

O estilo predominante deste período é o colonial português, embora, nesta época, o Brasil já tenha se tornado independente de Portugal, este é o período do Brasil Império, a arquitetura do entorno da praça ainda segue com suas características originais.

Na ilustração que segue, se contrasta figura e fundo para destacar o perfil aéreo, representado na cor cinza. Parte da linha do horizonte ainda pode ser observada entre as lacunas dos prédios. A altura dos prédios fica destacada neste contexto, mas na comparação entre períodos, este é o de cota mais baixa. A área aberta, na cor marrom, é extraordinariamente grande em relação aos elementos de entorno.

Fig. 58: Área aberta e perfil aéreo.

Fig. 59: Reprodução de uma tela colorida, déc. de 60 do séc. XIX

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman – foto 834f

A *Casa da Assemblea*, sinalizada com uma seta na ilustração à esquerda, possuía um único pavimento, o modelo tridimensional visto na ilustração abaixo foi baseado neste detalhe da foto, na construção atual, de dois pavimentos e nas dimensões encontradas nas plantas.

Fig. 60: Casa da Assemblea com um pavimento.

No topo da península, a cota mais alta chegava a 37 m em relação ao nível do rio. Neste mirante natural, com vista privilegiada para o Rio Guaíba, se instala a Praça da Matriz.

Fig. 61: Contorno da península, rio e área da praça.

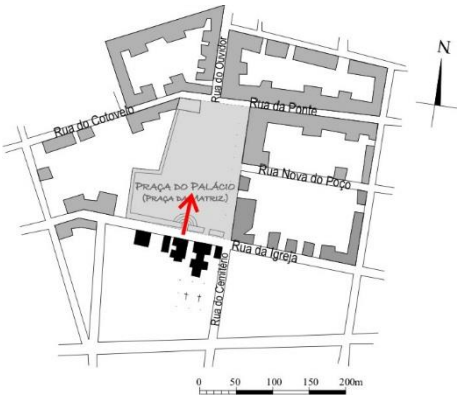
Segundo Clovis Silveira de Oliveira, "a localização da antiga igreja naquele lugar atendia a preocupação do clero em situar as igrejas no ponto mais alto". (OLIVEIRA, 1993, p. 153)

Na imagem abaixo se observa o desnível do conjunto arquitetônico e sua imponência em relação a área aberta da praça. "A RUA DA IGREJA (atual Duque de Caxias) era sustentada por muro de arrimo, ficando a área da praça propriamente dita, em plano inferior e o limite norte ia, então, até a atual Rua Riachuelo." (OLIVEIRA, 1993, p. 153)

O deslocamento do espaço aberto da praça até a Rua da Igreja era feito através de uma escadaria, em frente ao Palácio do governo, que conectava os dois níveis. Pode-se

deduzir que a vista para o rio, riqueza rara nos dias de hoje, deveria ser um espetáculo extraordinário naquela época.

Fig. 62: Vista Palácio do Governo, Igreja Matriz e Capela do Divino



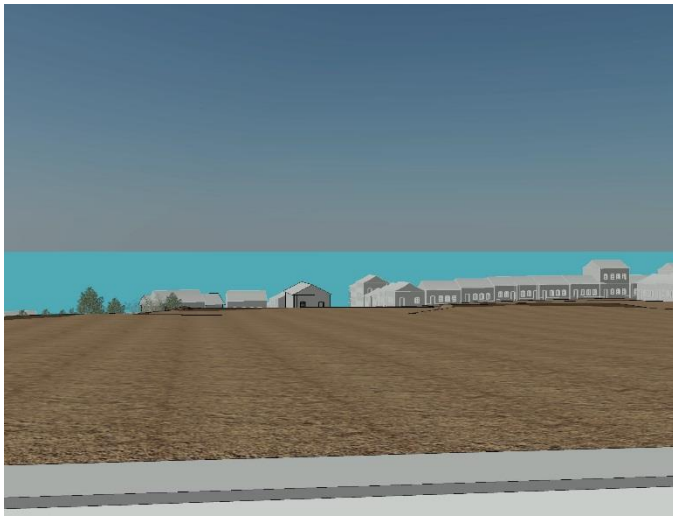


Fig. 63: Vista para o rio.

A planta indica a posição do observador e a imagem, à direita, simula um possível cenário daquela época.

6.2.2. A cena 2 (baseada na planta de 1869):

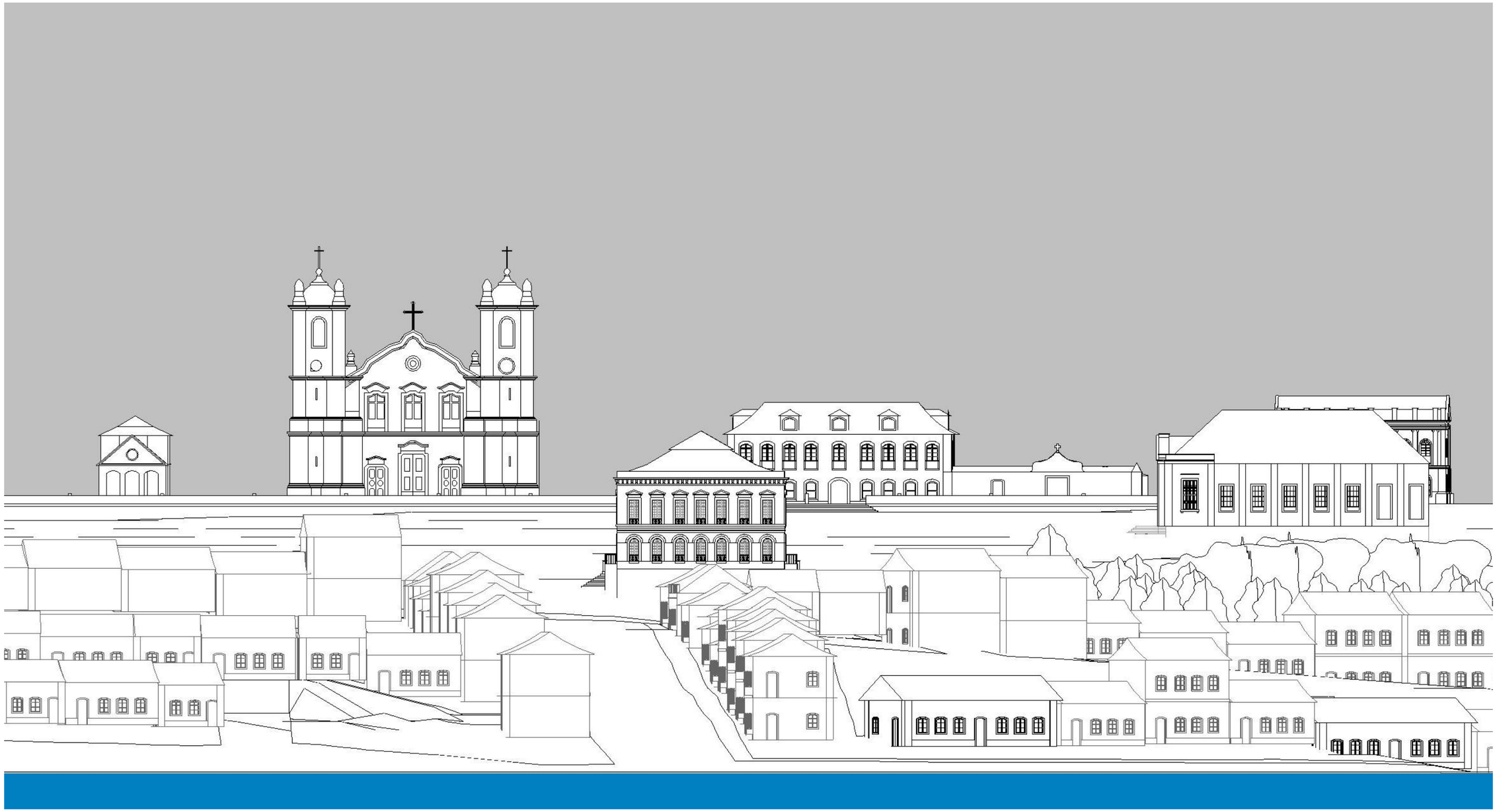


Fig.64: Maquete eletrônica cena 2.

Este período apresenta características que guardam o aspecto de rusticidade da fase anterior, Palácio do Governo, Capela e Igreja Matriz seguem inalterados. A Casa da Assemblea, identificada nesta etapa, na planta de 1869, como Assemblea Provincial, recebe um segundo pavimento e uma ornamentação neoclássica. Ao leste surge o prédio da Sociedade Bailante e ao norte, o Theatro São Pedro e o os alicerces da Casa de Camara.

A área aberta agora um pouco mais enclausurada pelas novas edificações ao lado leste e norte, muda um pouco seus contornos.

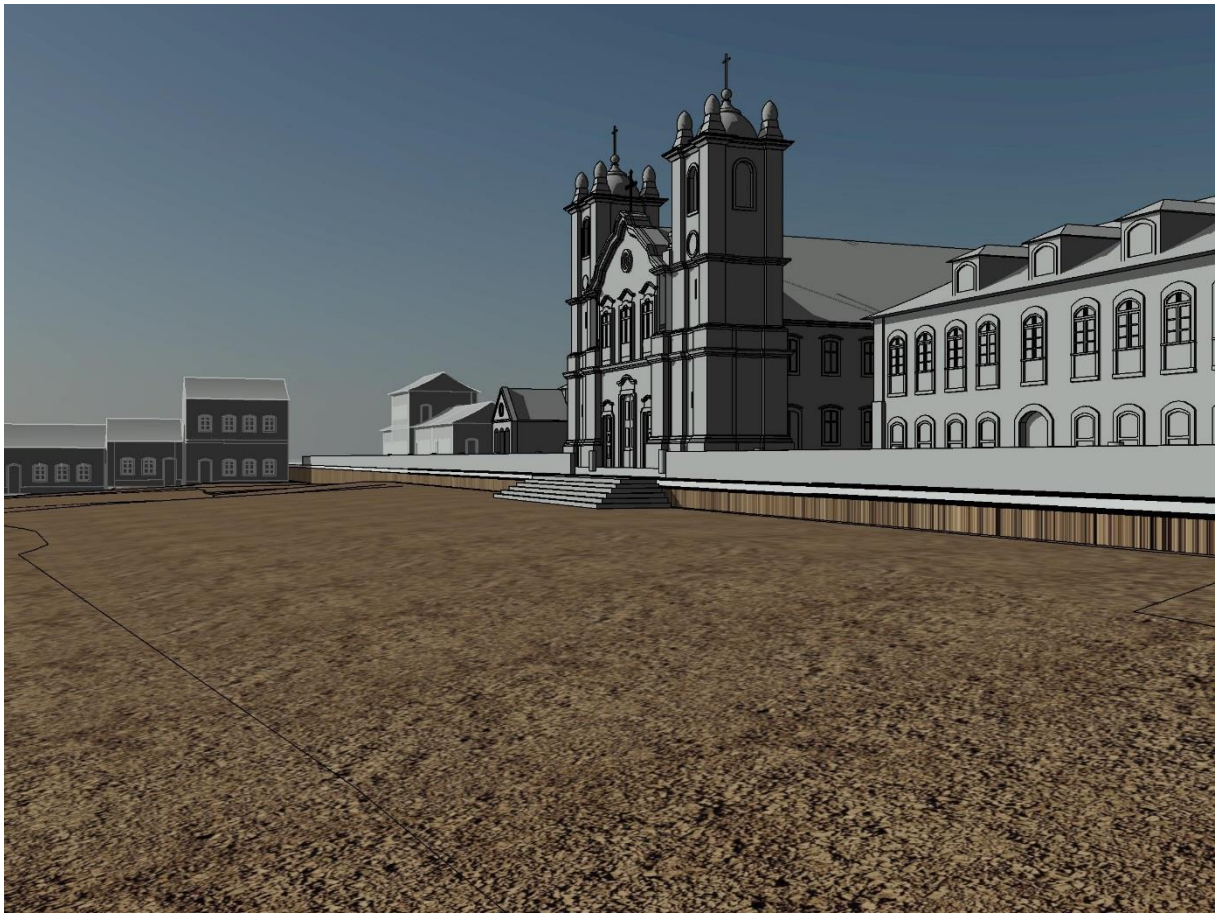
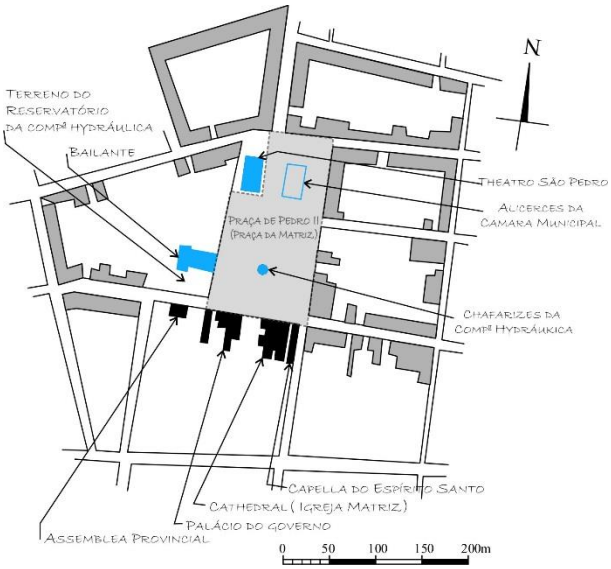
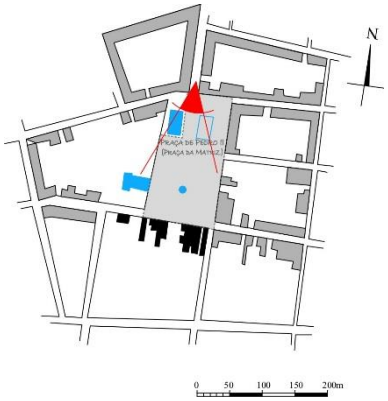


Fig.65: A Casa da Junta reformada.

Na imagem acima, um ângulo de visão mais próximo para observar a Igreja Matriz e o Palácio da Presidência, estes elementos arquitetônicos ainda dominam a cena neste momento histórico.

No mapa ao lado, os elementos preexistentes estão em preto e os que surgem neste período, e reduzem o espaço da área aberta da praça, estão em azul. Apesar de não estar indicado na planta, pelas imagens da época, permanece o muro de arrimo dividindo o declive da área aberta e os prédios ao lado sul.





A planta à esquerda indica através do ângulo de visão, ilustrado em vermelho, a posição que o observador está na imagem abaixo da praça. A vista parte da Rua do Ouvidor (atual General Câmara) em direção ao sul.

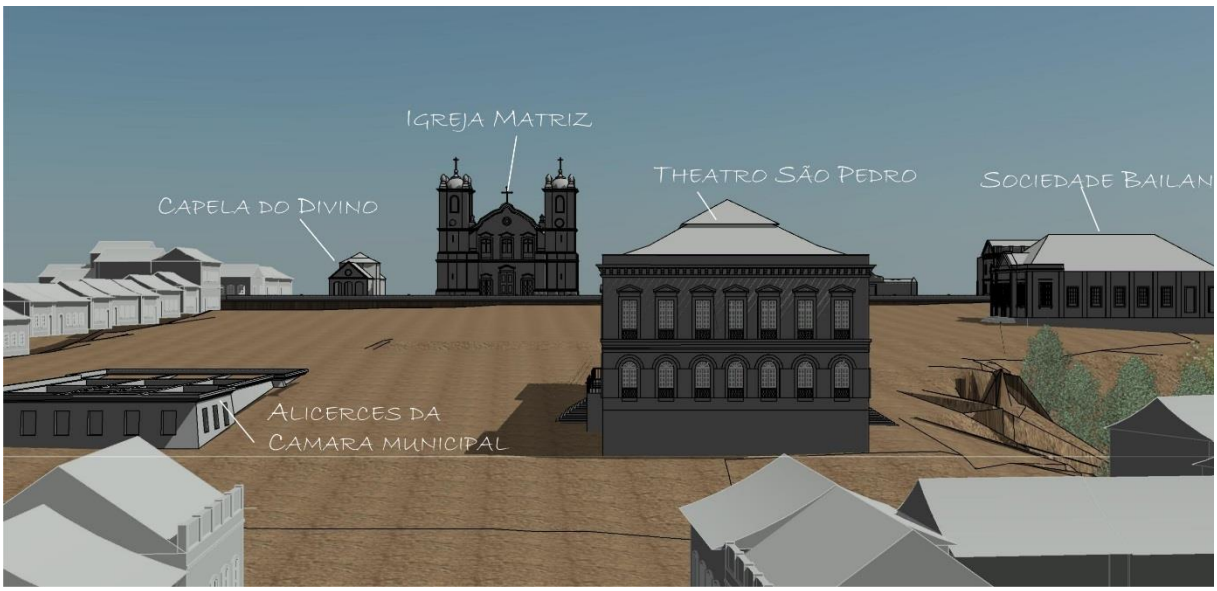
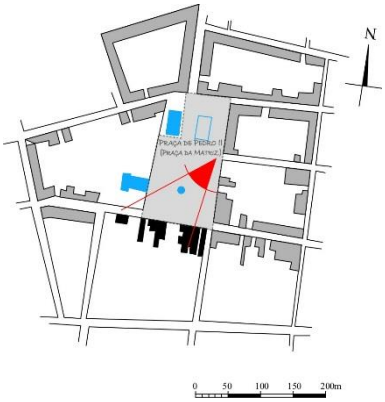


Fig. 66: Vista a partir da Rua General Câmara.

Nesta nova direção indicada na planta ao lado, o observador está posicionado na Rua Nova do Poço (atual Jerônimo Coelho), olhando em direção à Igreja, Palácio e *Assemblea Provincial*.



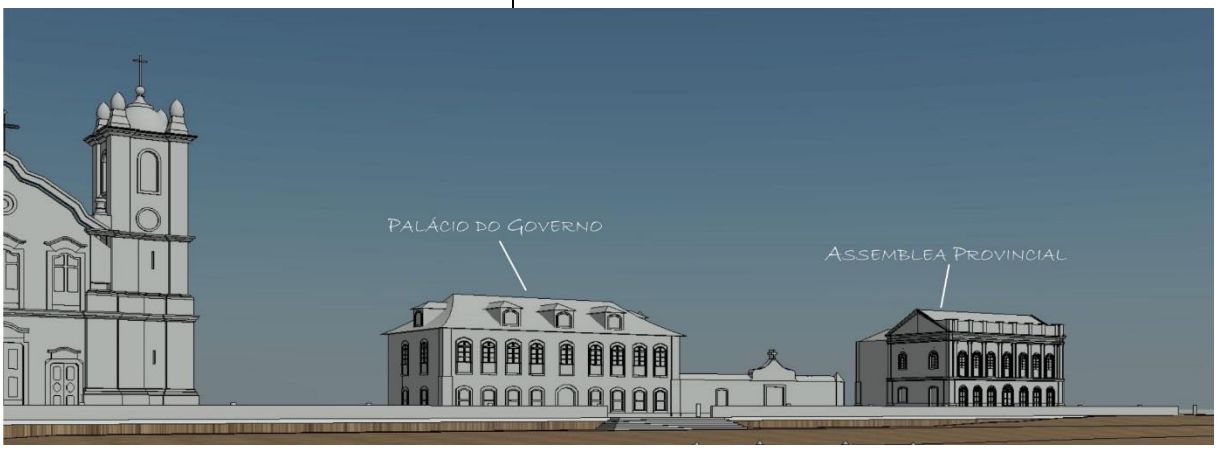
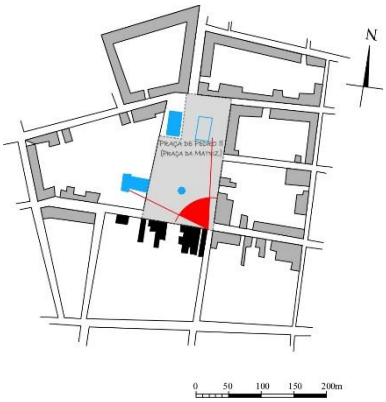


Fig. 67: Assemblea Provincial com feições neoclássicas.

Nesta etapa, começam a aparecer pinceladas do neoclássico, na imagem acima este fenômeno é observável na *Assemblea Provincial*.

> Originalmente a edificação apresentava apenas um pavimento, com planta retangular, beirado e águas furtadas, de acordo com os padrões da arquitetura colonial. Foi reformado em 1860, quando foi acrescentado o segundo pavimento e desapareceram suas características coloniais, recebendo influências neoclássicas, como a platibanda e os vãos em arco pleno. (IPHAE, 2015)

Platibandas, volutas, arcos plenos e outros ornamentos típicos deste estilo. As novas construções, como o Theatro São Pedro e a Sociedade Bailante são exemplos desta tendência, começando a caracterizar o novo contexto da praça, com uma nova linguagem predominando nas edificações de entorno.



Para finalizar a caracterização deste novo período, a imagem abaixo representa a vista indicada na figura à esquerda. Mostra de frente os prédios da Sociedade Bailante, o Theatro São Pedro, o Chafariz, os alicerces da Casa de Camara e a possibilidade de ainda observar o Rio Guaíba daquele local.

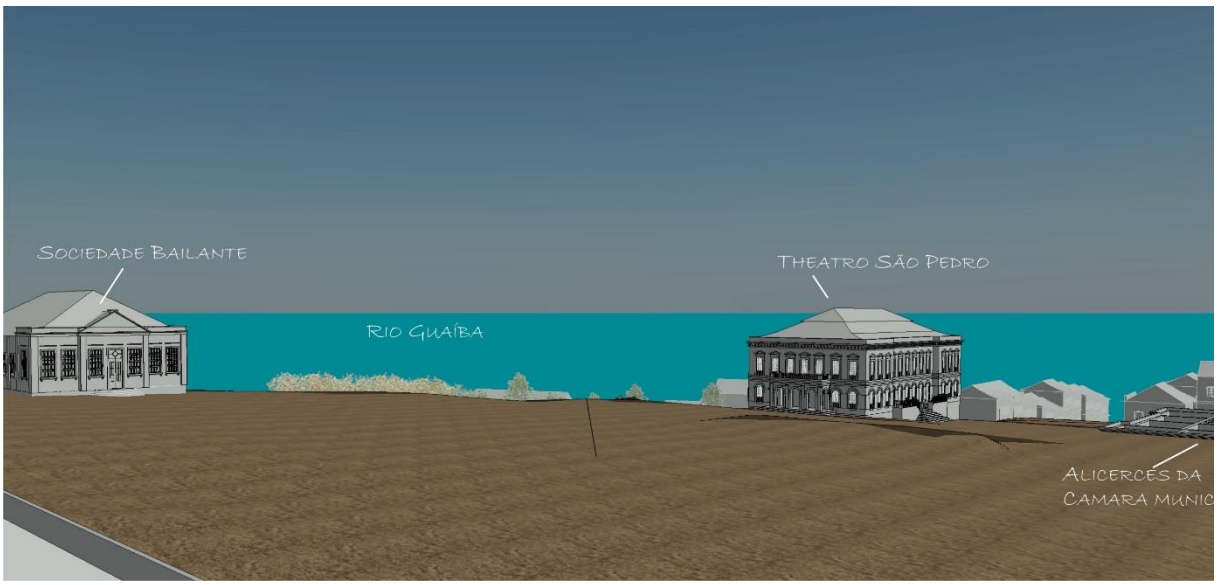
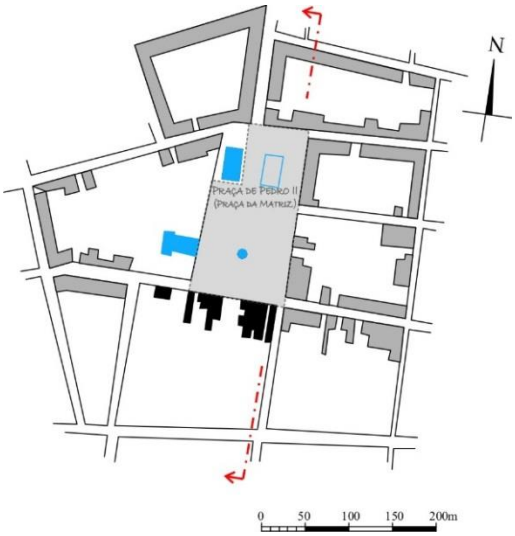


Fig. 68: Sociedade Bailante, Chafariz de Mármore e Theatro São Pedro.



Para melhor observação das características topográficas do terreno, enfatizando o declive existente na direção sul – norte, as próximas imagens demonstram respectivamente a marcação do corte na planta e posteriormente a vista em corte. Pode-se observar a extensão existente entre o prédio da igreja e o do teatro, área aberta da praça e o perfil aéreo desta vista, ainda totalmente limpo.

Fig. 69: Declive Sul –norte.

Fig. 70: Panorama 1865 Fotos de Luis Terragno.
Fonte:http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010/11/igreja-matriz-de-porto-alegre-parte-i.html em 31/05/2014

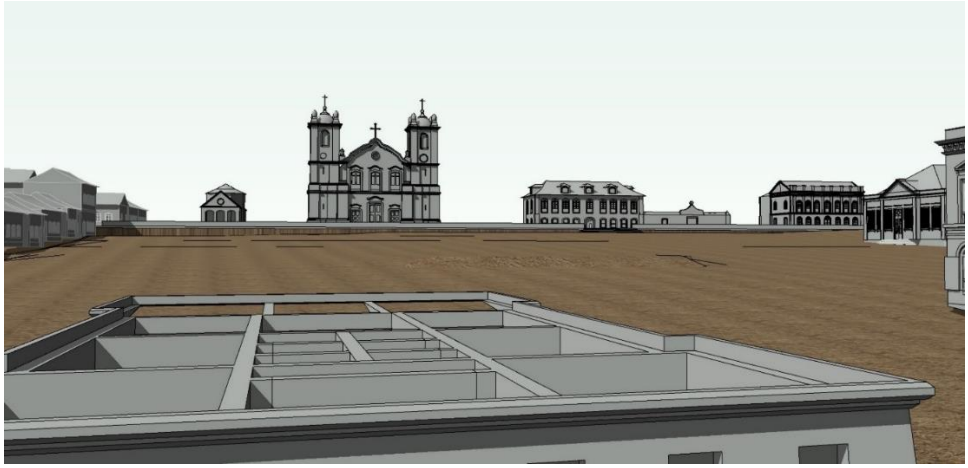


Fig. 71: Vista maquete eletrônica, panorama similar ao das fotos acima.

Contraste entre o panorama virtual da praça, logo acima e um panorama feito com duas fotos de 1865, de Luis Terragno.

6.2.3. A cena 3 (baseada na planta 1881):

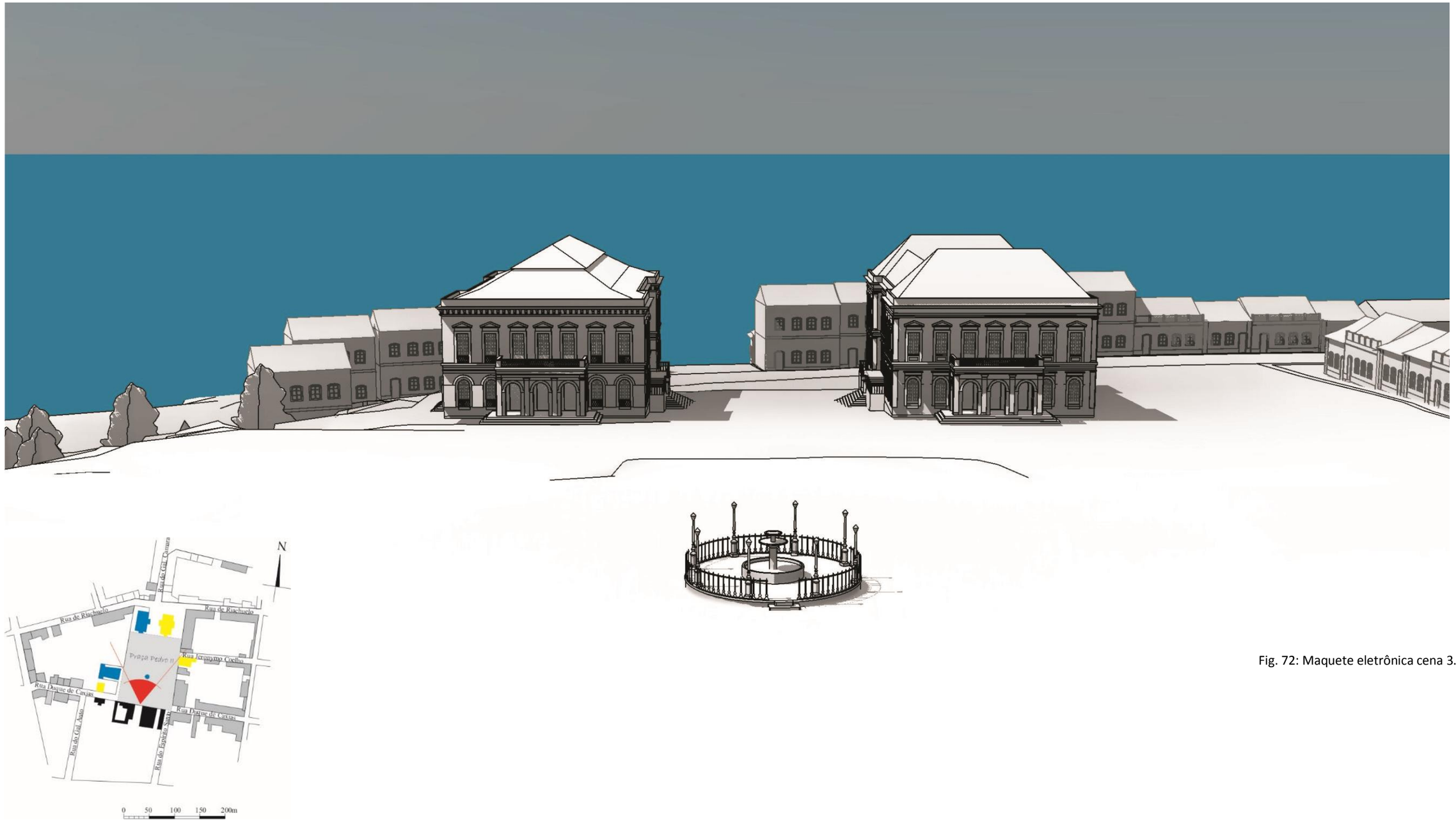


Fig. 72: Maquete eletrônica cena 3.

A cena continua rústica, uma área aberta sem benfeitorias, apenas um chafariz para enfeitá-la, outros edifícios são construídos e outros modificados, o cenário neoclássico se solidifica, dominando a paisagem da praça.

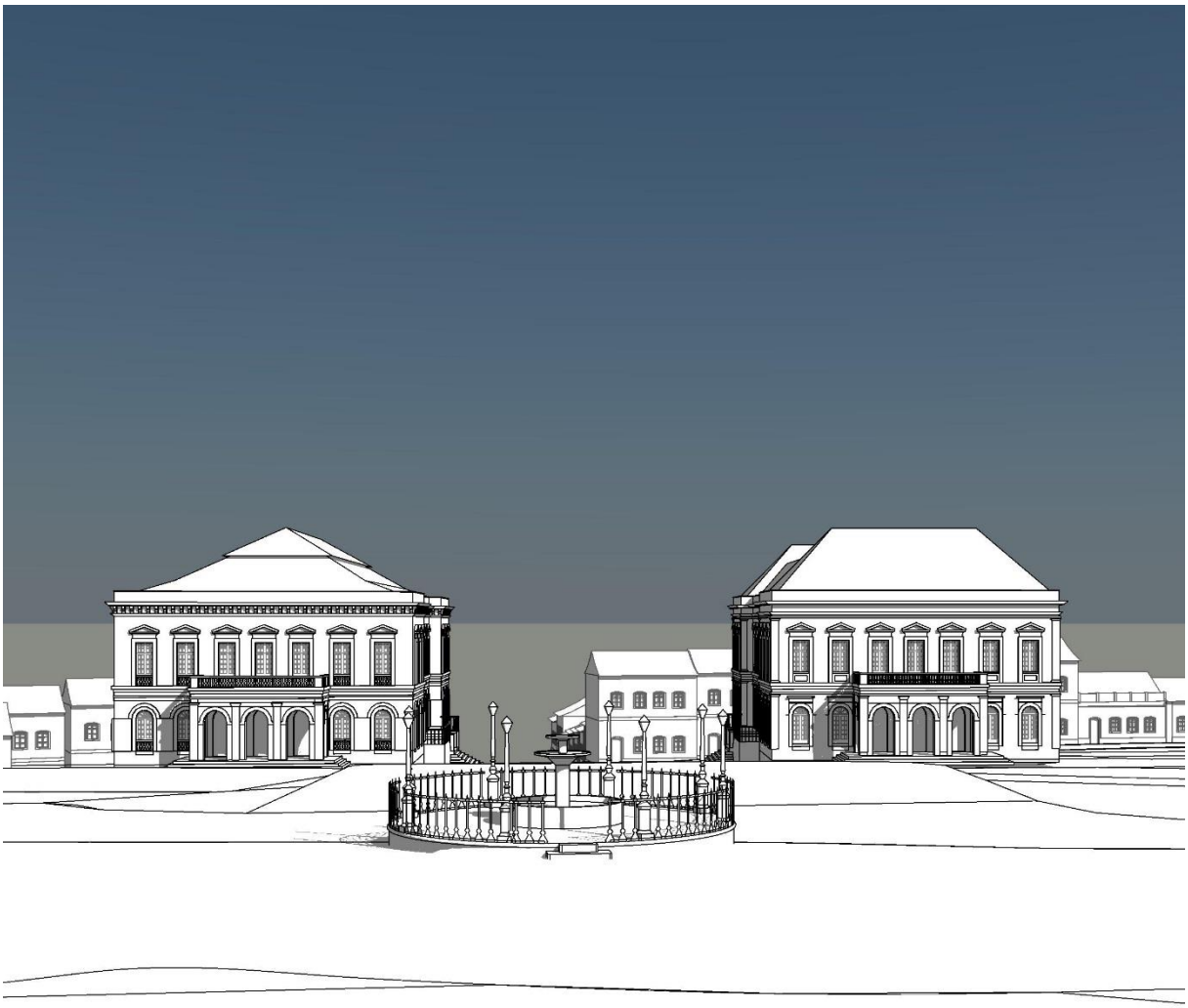
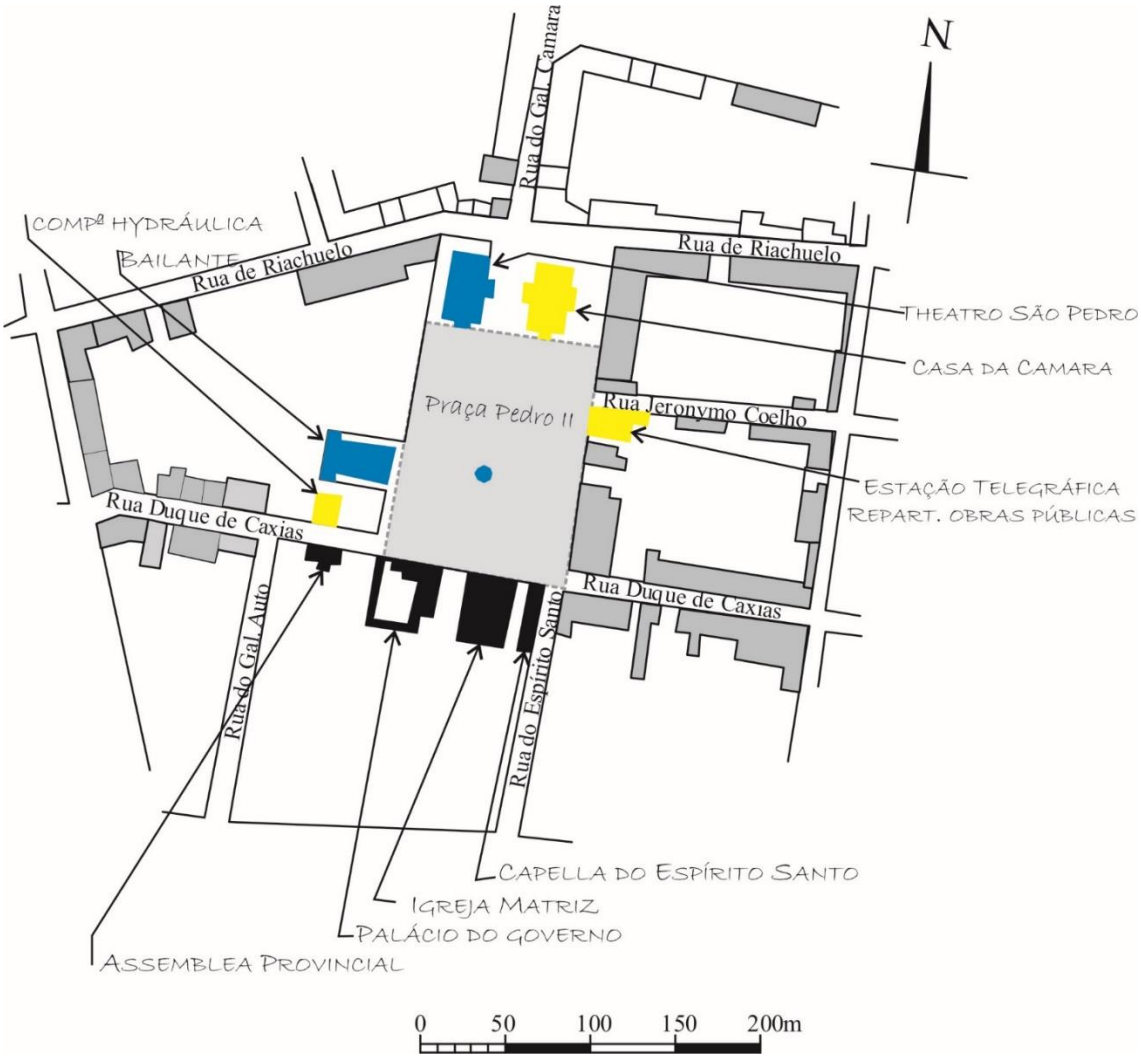


Fig. 73: Os prédios gêmeos

Nesta imagem de abertura, se destaca, a vista do rio entre os dois edifícios, os dois prédios gêmeos, neoclássicos, simétricos e alinhados, formando uma espécie de portal para a vista do Rio Guaíba, os prédios do Theatro São Pedro e da Casa da Camara, imagem de abertura desta etapa. A mão do racionalismo determinando a paisagem.

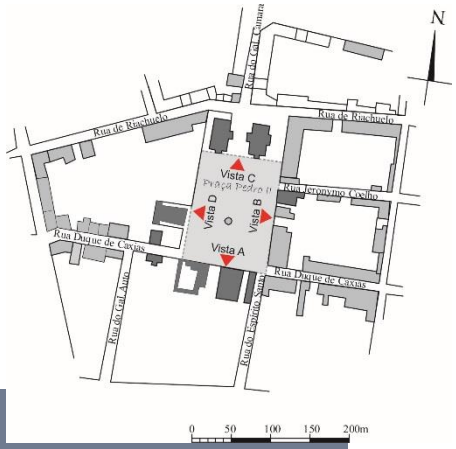


O espaço da praça tem o desenho totalmente ortogonal, rígido, há quase um fechamento do espaço aberto em todos os lados, o entorno edificado define a forma retangular.

Na planta acima, desenhados na cor preta os mesmos prédios de 1839, sendo que é o Palácio do Governo, que agora se veste de neoclássico, com platibandas e ornamentos antes inexistentes.

Na cor azul, os edifícios e o chafariz do entorno assinalado em 1869 e em amarelo as novidades de 1881, a Casa de Camara como já foi dito, a Companhia Hydraulica, ao lado da Sociedade Bailante e a Estação Telegráfica e Repartição de Obras Públicas, prédio hoje tombado pelo patrimônio histórico estadual. A Praça oficialmente passa a se denominar Praça Pedro II.

Abaixo, uma sequência de oito imagens, as primeiras quatro em projeção paralela e as demais em perspectiva, que permitirão perceber melhor a cena de 1881, através das quatro vistas principais, denominadas vista A, B, C e D, indicadas na planta.



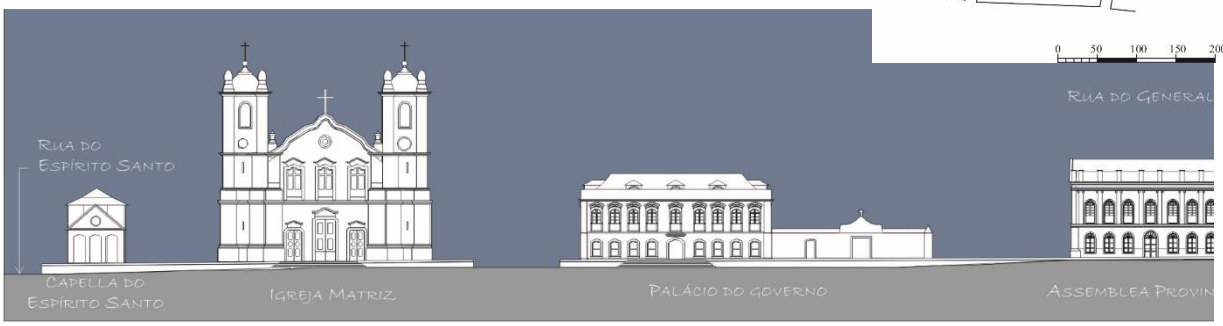


Fig. 74: Vista A – lado sul.

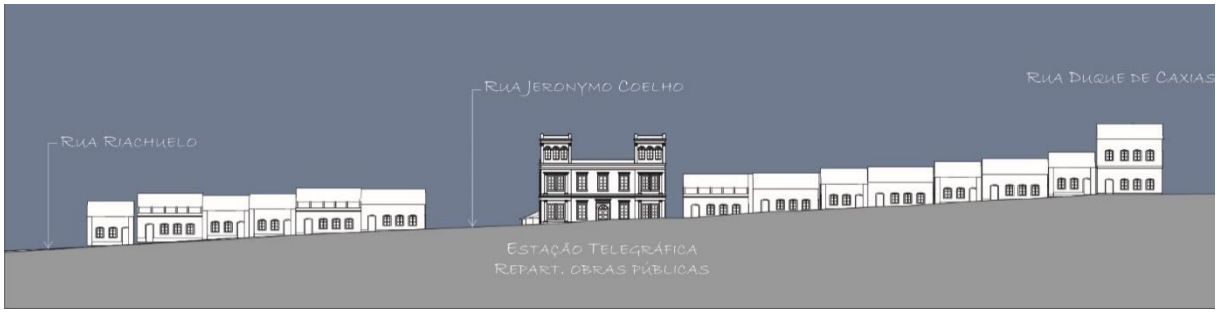


Fig. 75: Vista B – lado leste.

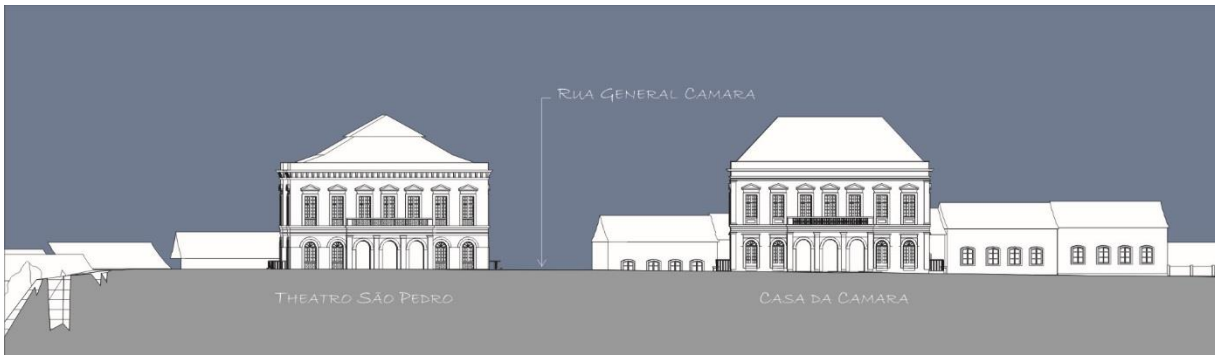


Fig. 76: Vista C – lado norte.

Fig. 77: Vista D - lado oeste.

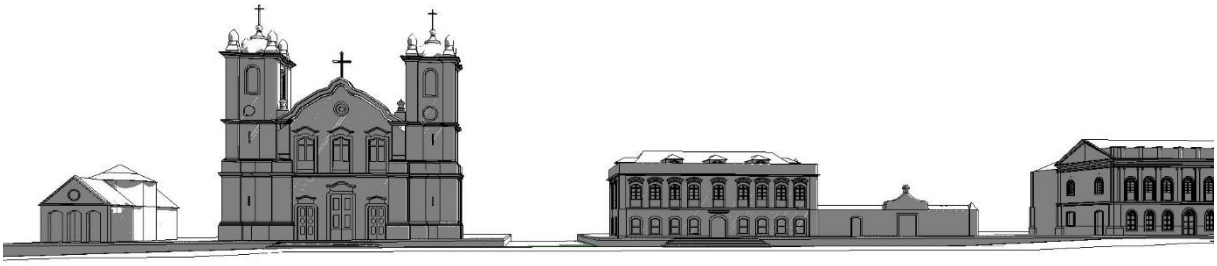


Fig. 78: Vista A – lado sul em perspectiva.

Fig. 79: Vista B – lado leste - em perspectiva.

Fig. 80: Vista C – lado norte - em perspectiva.

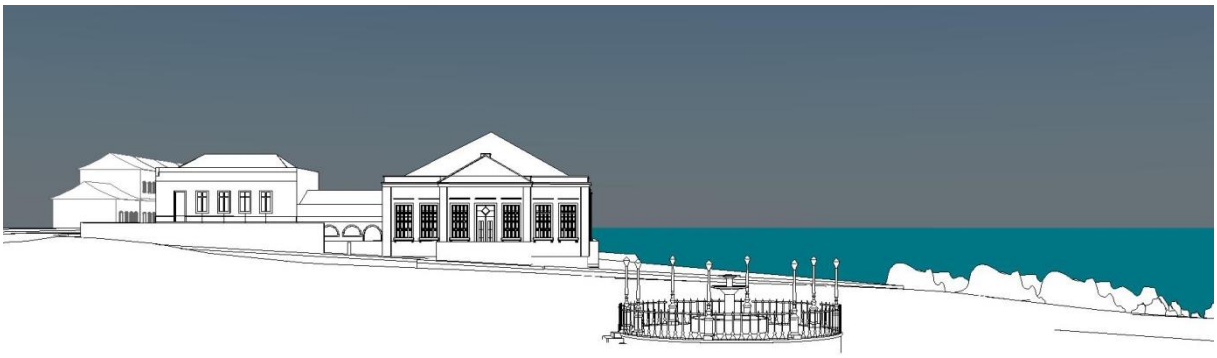


Fig. 81: Vista D – lado oeste em perspectiva.

Abaixo panorama da Praça da Matriz em 1881, contrastando as imagens fotográficas e o modelo tridimensional virtual.

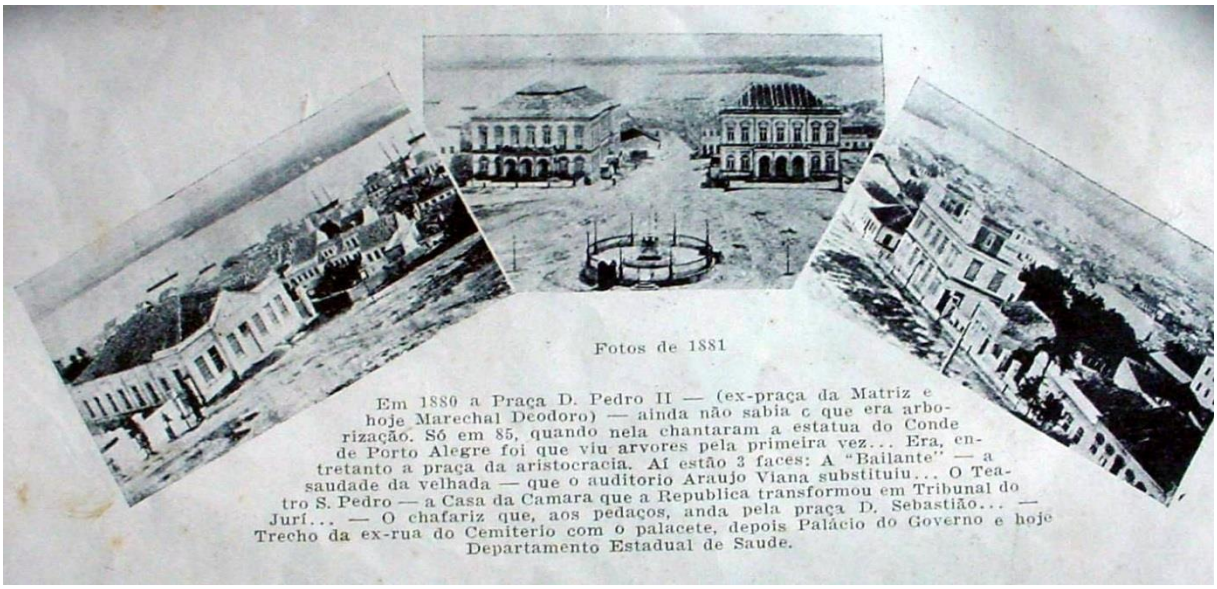


Fig. 82: Imagens representando panorama de 1881. Fonte: Album de Fotografias de Porto Alegre - Séc. XIX e XX

Fig. 83: Panorama lados leste, sul e oeste.

Nesta vista da figura 83, para inserir os três ângulos das fotos de 1881 em uma única vista, foi necessário abrir bastante a ângulo de visualização da câmera, como se fosse uma lente grande angular. Esta câmera dá uma bela visão do conjunto, porém a perspectiva resultante fica um pouco artificial, gerando um desconforto visual e deformação do conjunto. De qualquer forma, esta imagem caracteriza com precisão o contexto urbanístico da época e do lugar, permitindo uma importante leitura desta fase.

6.2.4. A cena 4 (baseada na planta de 1888):

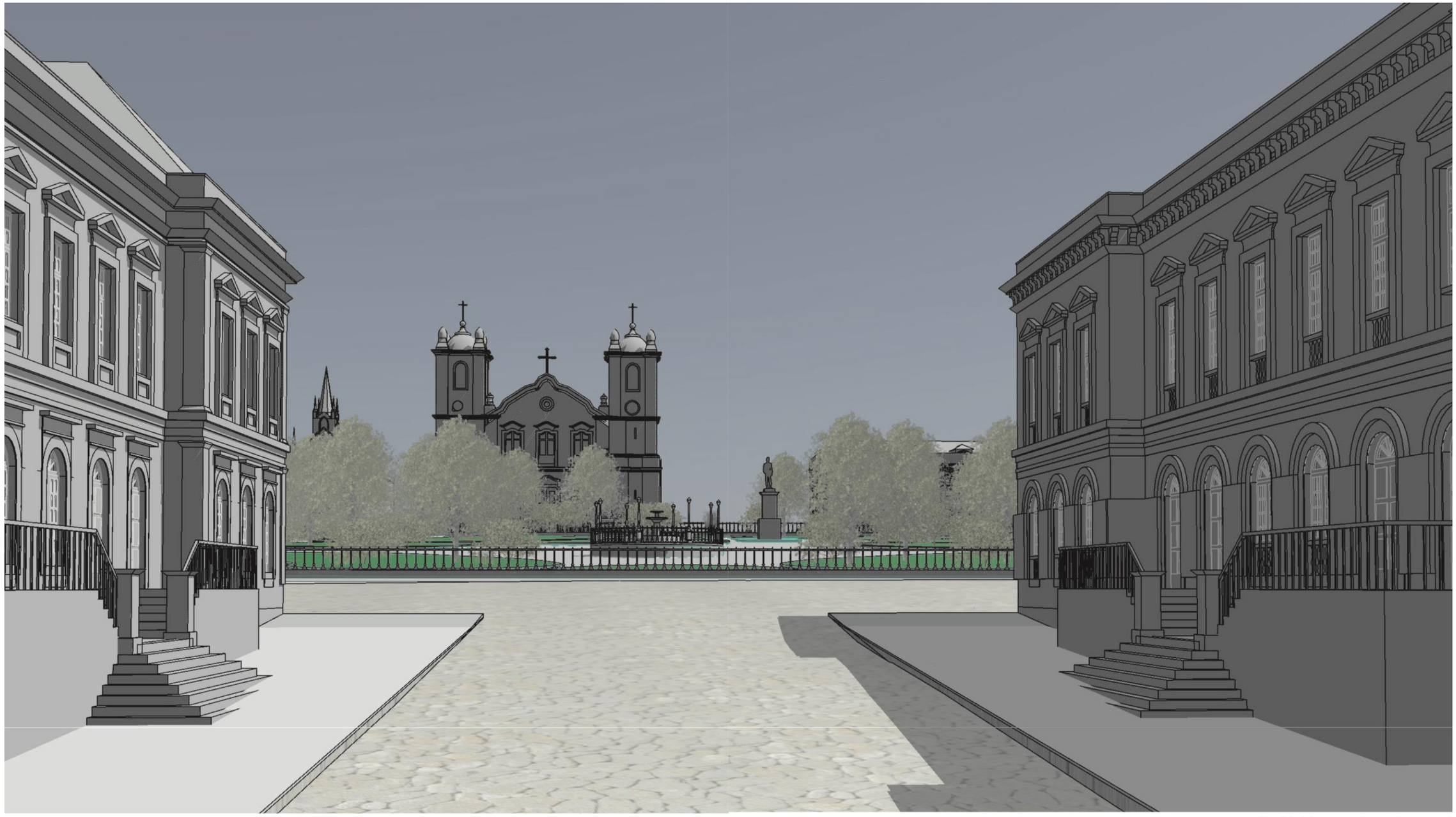


Fig. 84: Maquete eletrônica cena 4.

A imagem acima fala muito sobre a cena de 1888. Há um processo claro de preocupação com o embelezamento da cidade. A área aberta da praça recebe um novo desenho, com uma forma quase quadrada delimitando o espaço ajardinado, com dimensões aproximadas de 84x94m, são criados canteiros, plantadas árvores, instalados bancos e esta área é cercada, separando o que é via de trânsito dos meios de transporte da época, do que é local de estar, de fruir o espaço. No centro da praça se mantém o Chafariz de Mármore e é instalada a Estátua Conde de Porto Alegre.

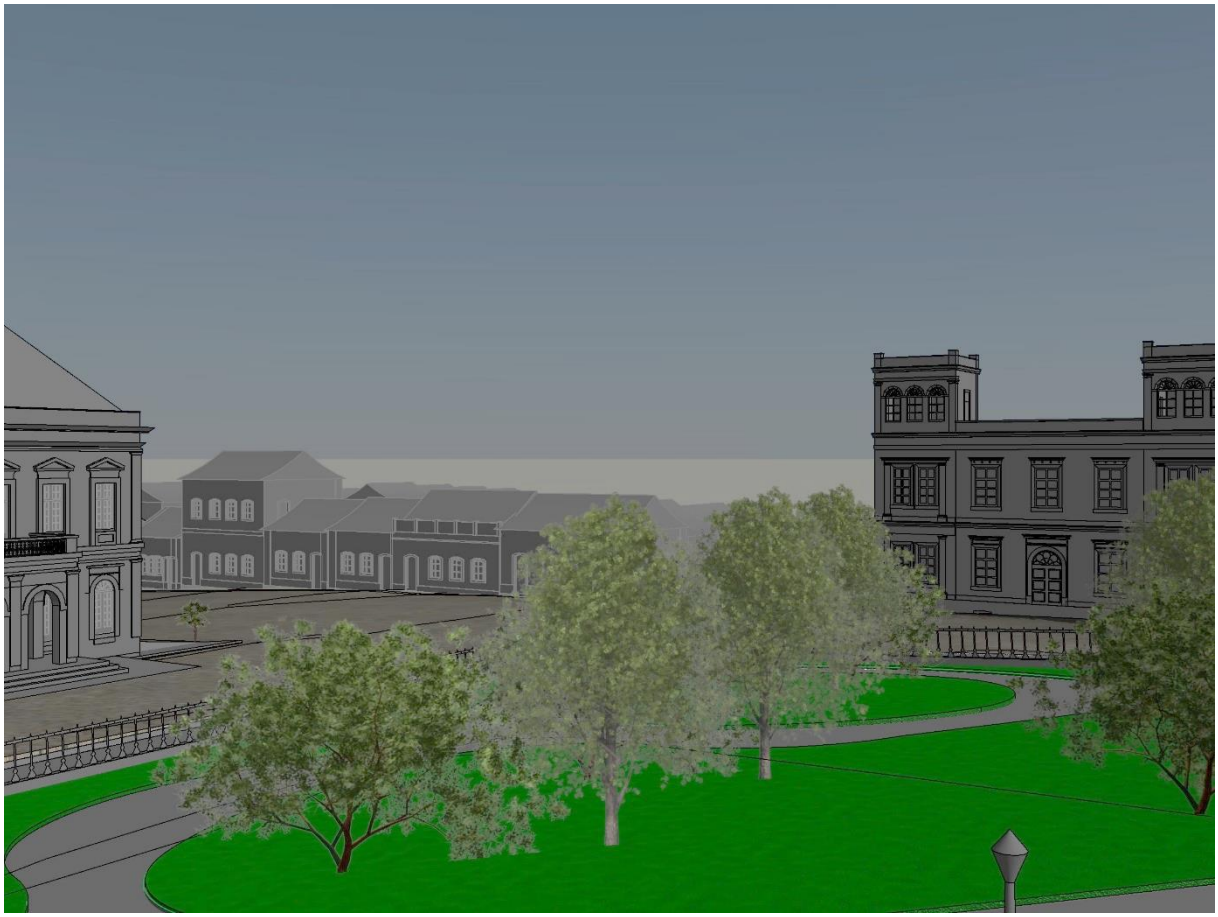
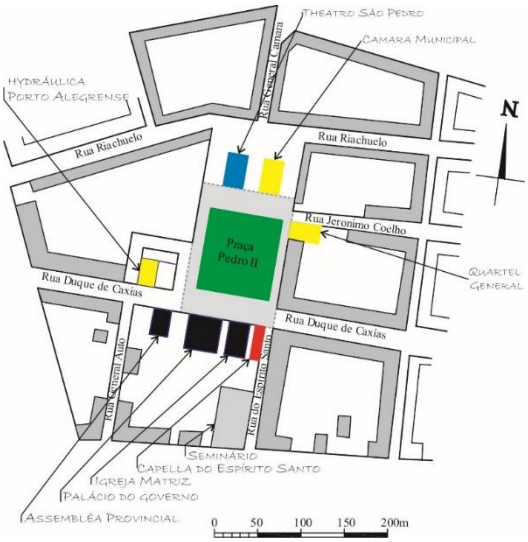


Fig 85: Detalhe das benfeitorias.

São acrescentadas calçadas para os pedestres, a pavimentação da rua, pelas imagens de época, representa que também recebeu algum tratamento. Nas imagens até 1881, o piso sempre estava mais escuro que os elementos de entorno e parece clarear um pouco nesta fase. Com relação às edificações, a maior parte dos edifícios públicos mantém o conjunto anterior, a Capella do Espírito Santo é demolida e reconstruída em estilo Gótico: ainda predomina o Neoclássico.



Na planta à esquerda, a cor verde indica o ajardinamento da praça e a cor vermelha a construção da nova capela, que são as novidades desta etapa. A cor preta representa os prédios existentes desde a primeira fase descrita (1839), o azul representa a segunda fase (1869). Na planta original não são representados o Chafariz de Mármore e a Sociedade Bailante, que pelos registros históricos ainda permanecem neste período. Na cor amarela os edifícios marcados na etapa de 1881.

As imagens abaixo revelam as principais mudanças neste período, ou seja, todas as benfeitorias para o embelezamento do espaço e a construção de uma nova Capella do Espírito Santo.

Fig. 86: Foto Foto Virgílio Calegari - 1880/1890
Fonte: Museu Joaquim José Felizardo – Fototeca Sioma Breittman

Fig. 87: Imagem renderizada, vista similar a foto da figura 82.

A criação de vias de trânsito, ao mesmo tempo que organiza, pois direciona a forma de uso, também limita, pois, antes a população podia se deslocar por toda extensão da área aberta, neste novo contexto, os caminhos a serem percorridos estão definidos. Outra face a observar destas "melhorias", a arborização da praça, também traz senões. A visão dos monumentos arquitetônicos também se torna mais restrita, fato assinalado por Camillo Sitte, que critica esta solução, ponderando:

> "... as principais praças monumentais da Antiguidade, da Idade Média e da Renascença se mantinham como espaço por excelência das belas-artes, sobretudo da arquitetura e das artes plásticas. Qualquer fotografia pode evidenciar o incômodo representado pela arborização diante de obras grandiosas..." (SITTE, 1992, p. 108).

De fato, o posicionamento das câmeras para visualização do entorno, esbarra na presença deste centro arborizado, limitando as vistas da arquitetura de entorno e dos monumentos presentes na praça. Assim como na imagem e foto acima, ou o observador se posiciona em plano mais alto, ou fica restrito às áreas abertas das ruas.

Para confirmar o exposto acima, seguem duas imagens que representam um mesmo ângulo de observação no cenário de 1881 e 1888, respectivamente.

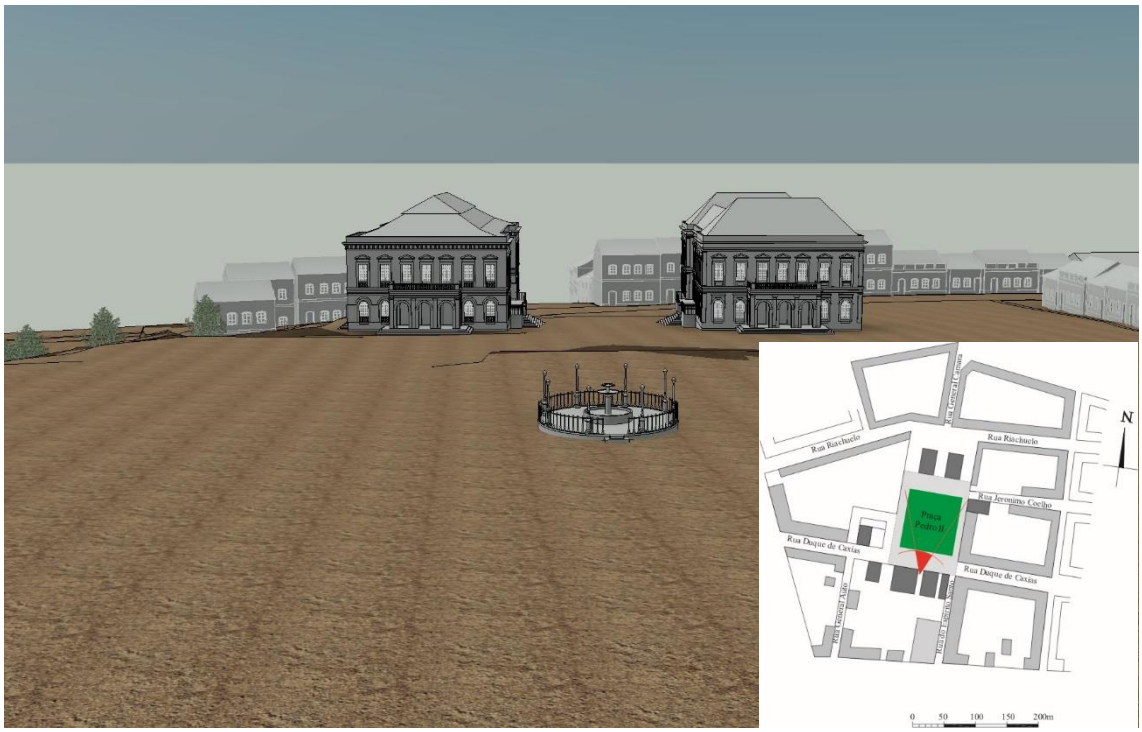


Fig. 88: vista lado norte - cena 3 – 1881.

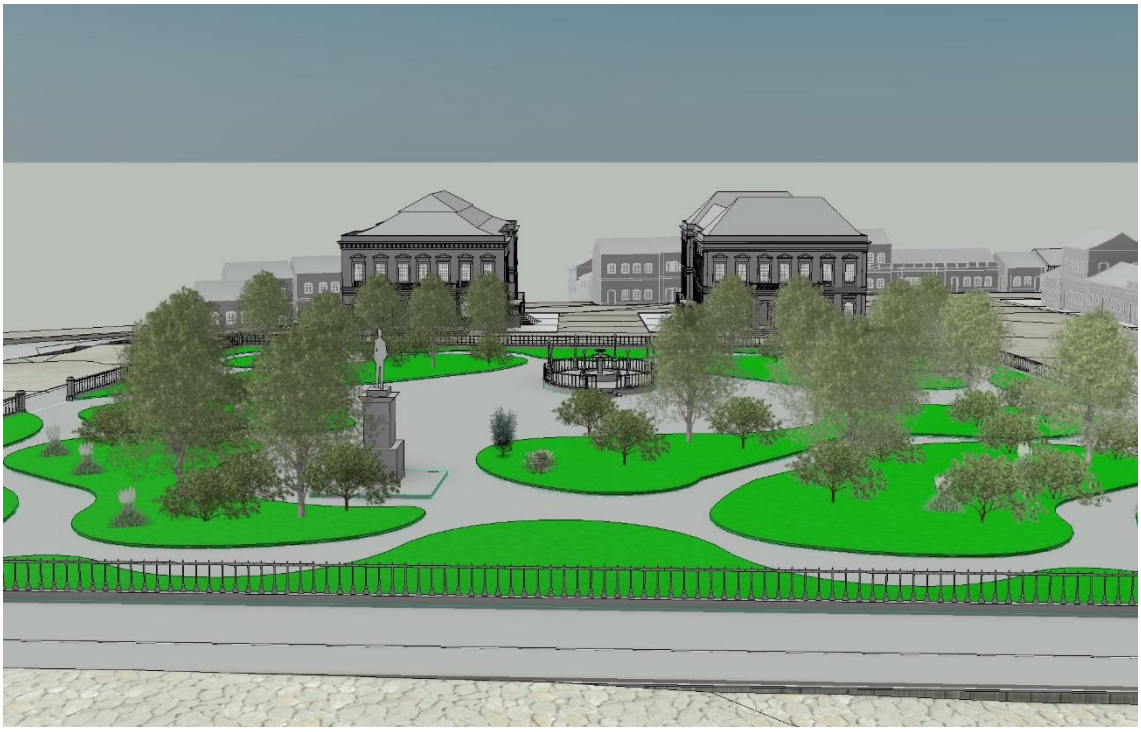


Fig. 89: vista lado norte - cena 4 – 1888.

Nesta página, quatro ângulos de visualização, indicados na planta na parte inferior da página, demonstram as características formais e espaciais da praça neste período.

Fig. 90: Vista A

Fig. 91: Vista B

Estas imagens revelam um espaço mais ordenado. Prédios públicos e privados com um misto do colonial e do neoclássico. Um perfil aéreo ainda bastante limpo. Uma vontade de chegar menos rústica no próximo século.

Fig 92: Vista C

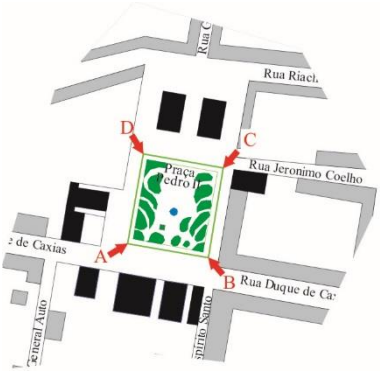


Fig. 93 : Vista D

6.2.5. A cena 5 (baseada na planta de 1914):

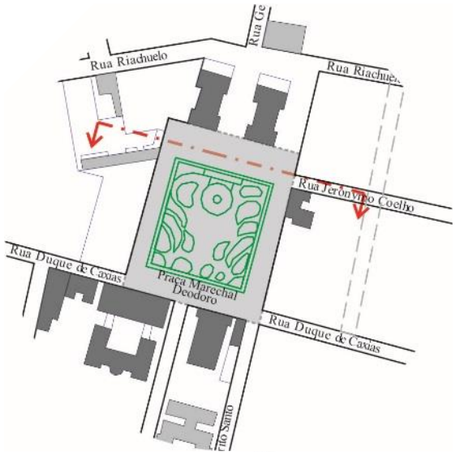


Fig. 94: Maquete eletrônica – cena 5.

Neste momento histórico da praça, o novo período político influencia fortemente na arquitetura do local, iniciando um processo de substituição de símbolos do período colonial e imperial pelo novo cenário republicano. A área arborizada é toda remodelada, ganhando um novo desenho de canteiros e com a substituição de dois monumentos desta área, o Chafariz de Mármore e a Estátua Conde de Porto Alegre saem de cena e são substituídos pelo imponente Monumento à Júlio de Castilhos, obra de Décio Villares, feita em homenagem ao primeiro governador republicano do estado.

Fig 95: A cena republicana.

O antigo Palácio do Governo, construído no final do séc. XVIII, edifício de estilo colonial português, que posteriormente recebe ornamentos neoclássicos, é demolido para dar lugar ao novo palácio, atual Palácio Piratini, obra de concepção classicista, que aparece à direita da igreja na imagem abaixo. Projeto do arquiteto francês Maurice Gras, com obras iniciadas em 1909, teve as obras interrompidas em 1914, devido à 1ª Grande Guerra e concluídas em 1921 (OLIVEIRA, 1993, p. 178).

Fig. 96: Vista das Praça com arborização.

Fig. 97: mesma vista da figura 91 com remoção das árvores na imagem.

As duas imagens da página anterior enfatizam o ocultamento dos monumentos arquitetônicos pela arborização. O ponto de vista do observador está localizado, conforme se vê logo a seguir na planta da praça, entre os prédios do Theatro São Pedro e o Superior Tribunal de Justiça. Estes dois prédios formavam um portal tanto para a vista do Rio Guaíba (sentido sul-norte), bem como, neste caso para a Igreja e o Palácio Piratini, porém, estes dois últimos, ficam com suas fachadas parcialmente ocultas, com as árvores ainda jovens (no contexto atual a barreira é completa), aspecto bem observado por Andrea Machado e Ana Carolina Pellegrini, no texto abaixo:

> Na Praça da Matriz, a ausência de árvores no lado norte, o desenho do espaço aberto organizado segundo o eixo existente entre o Palácio da Justiça e o Theatro e a escadaria, que se arma diante dos mesmos, faz com que estes dois edifícios adquiram predominância na composição do todo, configurando um portal de entrada do centro cívico. De acordo com esta leitura, a sequência de árvores dos lados leste e oeste conduzem a perspectiva em direção ao lado sul -- Catedral e Palácio Piratini. Entretanto, a barreira vegetal que separa o espaço aberto das bordas edificadas da praça, coloca os dois últimos e os edifícios dos lados leste e oeste em segundo plano perceptivo. (MACHADO e PELLEGRINI, 2007, p. 11)

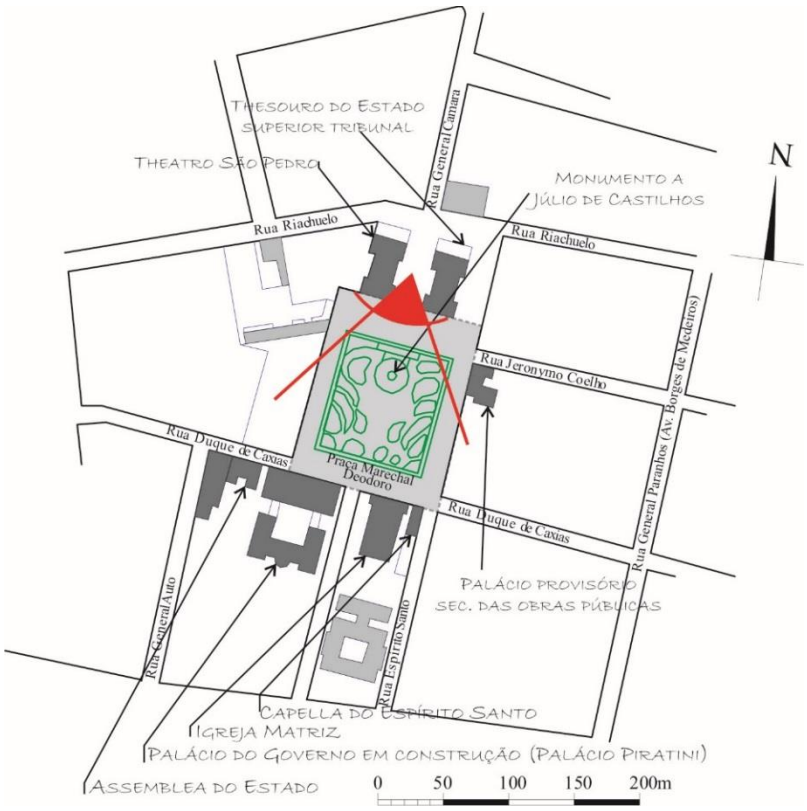


Fig. 98: Planta indicando o ponto de vista das figuras 91 e 92.

Da cena 4 (baseada na planta de 1888) à cena 5 (baseada na planta de 1914) as características formais da praça apresentam modificações significativas. Nas imagens que seguem, figuras 99 e 100, podemos perceber um tratamento mais apurado nas edificações residenciais, com uma ornamentação mais elaborada, caracterizando os aspectos ecléticos deste momento. É curioso como a área arborizada descreve visualmente a nova cena política. Com a inserção do Monumento á Júlio de Castilhos, os canteiros recebem um novo desenho, com geometrias mais regulares, formando passeios radiais que saem do monumento em direção às bordas da praça, afirmando-o como elemento mais importante do contexto e contrastando com as formas sinuosas dos passeios da cena anterior. Como pano de fundo, a Biblioteca Pública, posicionada atrás do Superior Tribunal, na esquina da Rua General Câmara com a Rua Riachuelo, ilustrando o aumento do porte nos edifícios desta fase.

Fig. 99: Vista lado norte cena de 1914.

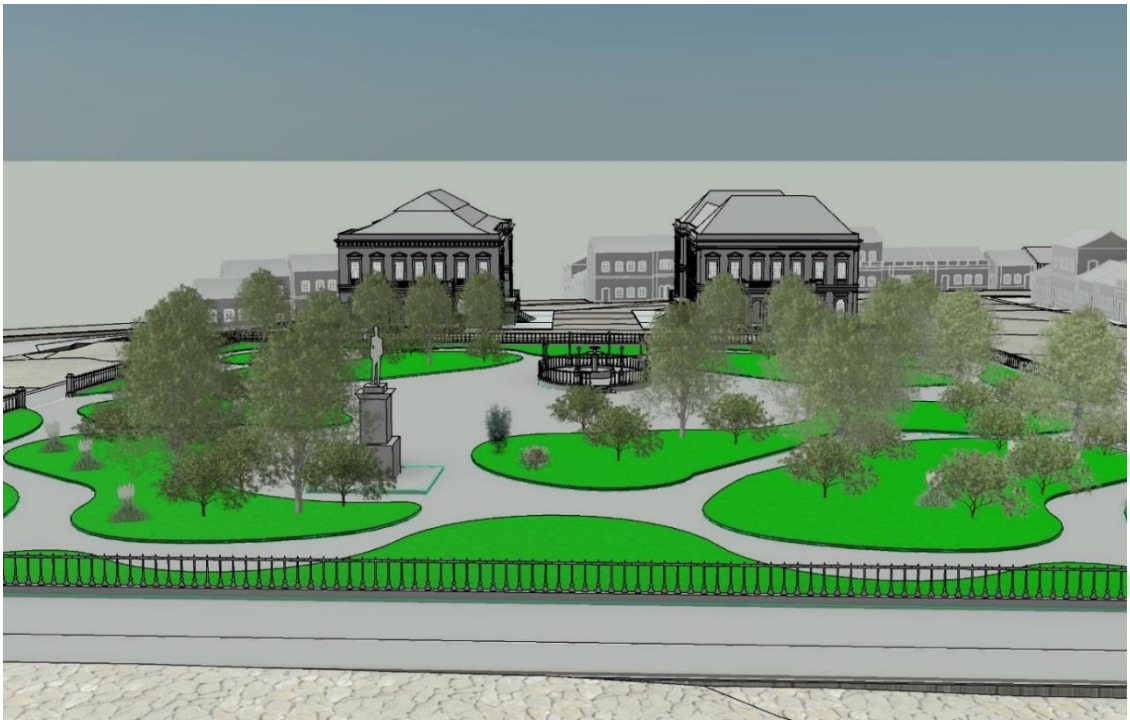


Fig. 100: Vista da cena 4, de 1888, para comparação com a figura 94.

Acima a imagem traz o mesmo ponto de vista da figura 99, porém em 1888, onde vemos, a sinuosidade já comentada, a Estátua Conde de Porto Alegre e o Chafariz de Mármore.

Fig. 101: Monumento a Júlio de Castilhos com Palácio Piratini ao fundo.

Para fechar a leitura desse período, a figura 101 mostra parcilamente as fachadas sul e oeste da praça.

6.2.6. A cena 6 (baseada na planta de 1940):

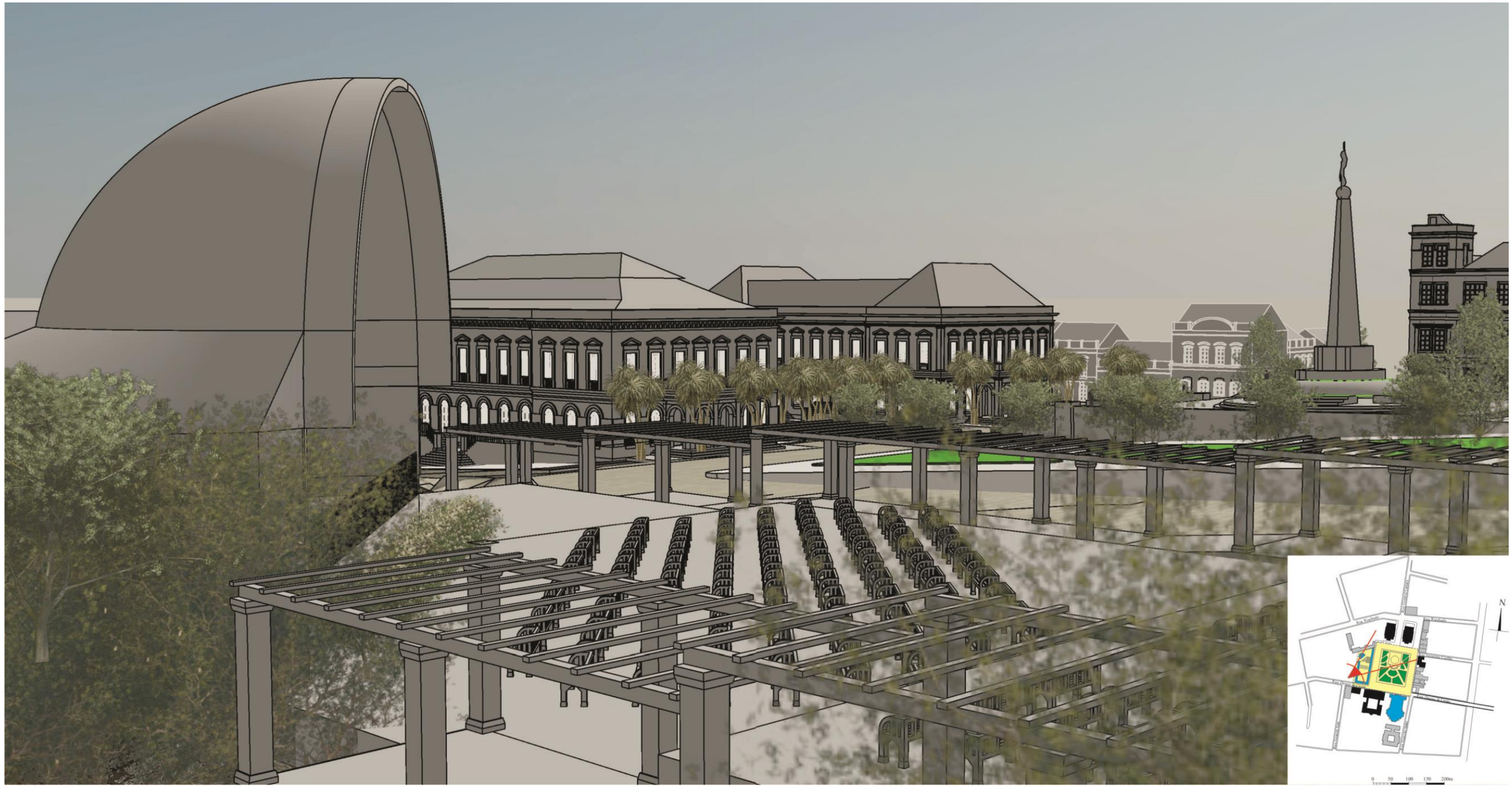


Fig 102: Maquete eletrônica da Cena 6.

A complexidade do cenário é cada vez maior, as edificações estão ganhando em porte e altura, como o Palácio do Governo, a nova Catedral e as residências, porém ainda não se percebe o processo de verticalização de uma metrópole como conhecemos nos dias de hoje. Há mistura de estilos e texturas, observadas em revestimentos, acabamentos, na área verde central, nos padrões que os detalhes da fachada e aberturas criam no ambiente, neste novo contexto se percebe o ecletismo se disseminando pela praça e pela cidade.

É difícil escolher uma imagem principal que caracterize este momento. Há uma disputa entre a Catedral e o Auditório Araújo Vianna, personagens novos deste nosso recorte. O auditório recebe destaque, neste capítulo, pois com seu curto espaço de sobrevivência na praça, merece ser lembrado. Aliou-se a área arborizada da praça como elemento de lazer e fruição e foi um grande parceiro do Palácio Piratini e da Assemblea, pois como auditório a céu aberto, deu um senso de continuidade à área "livre" em frente a estes edifícios.

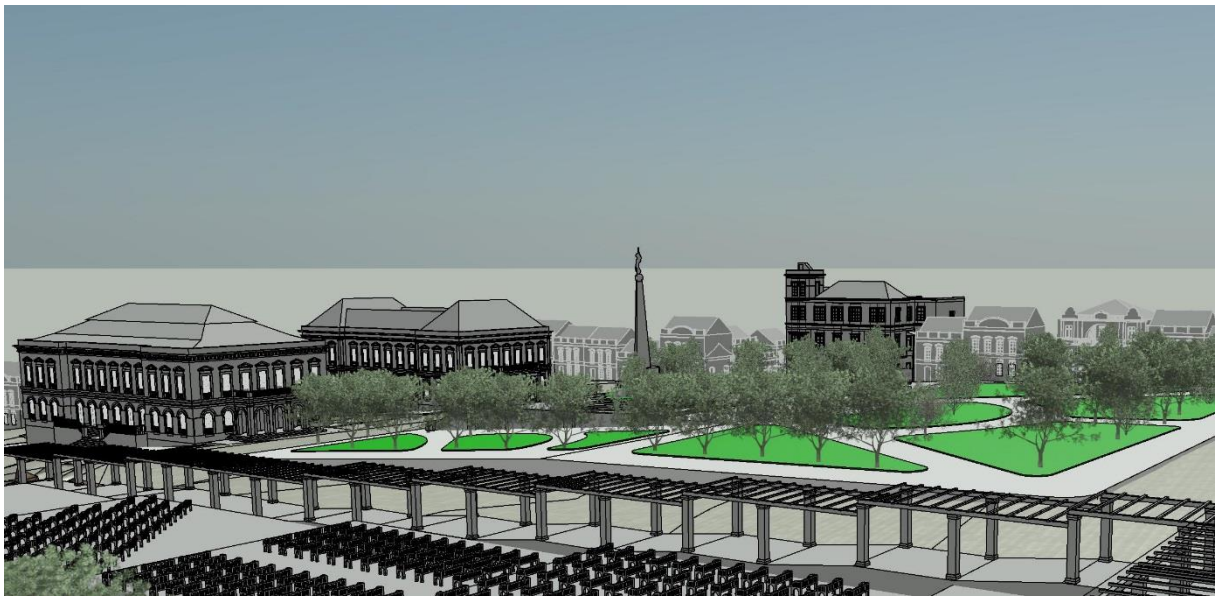
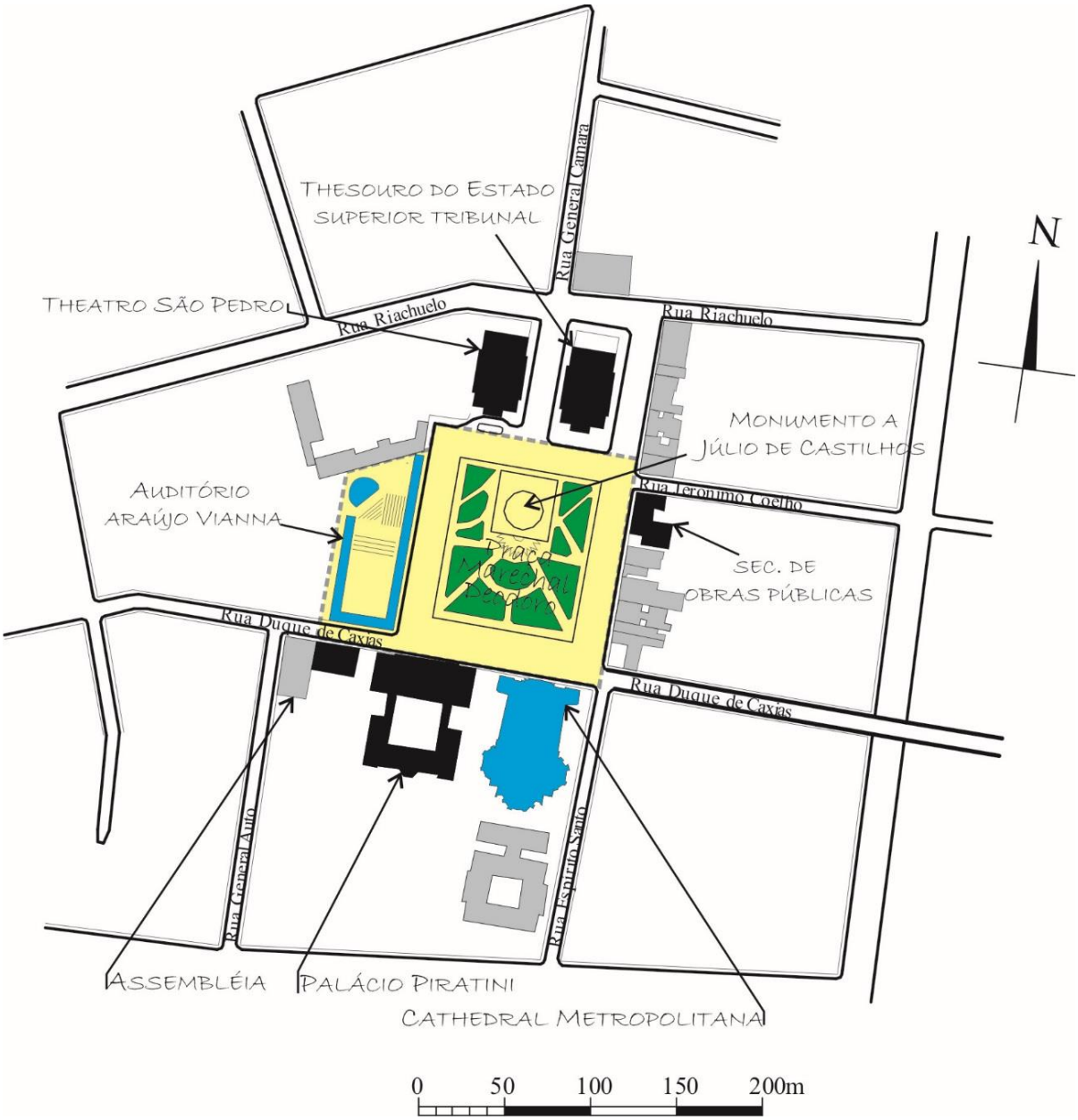


Fig. 103: Espaço de lazer e fruição.

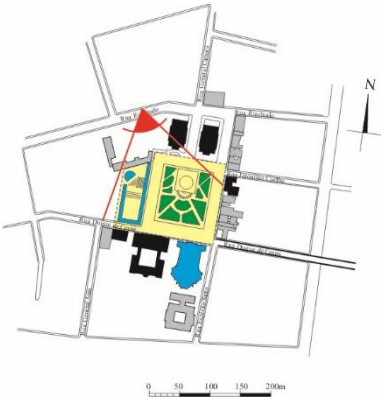
A planta abaixo busca pontuar as transformações ocorridas. Estão em cor preta os prédios existentes desde a cena de 1839 até a de 1914 e, em cor azul, as inserções da cena de 1940. Mantive a área arborizada central da praça em verde, em cinza o entorno das demais edificações e em amarelo a marcação do espaço aberto da praça.



Para ampliar a percepção desta etapa, logo abaixo outro panorama, com o observador posicionado ao lado do Theatro São Pedro, olhando em direção sudeste. Nesta vista observamos as residências do lado leste, a Catedral e o Palácio Piratini ao sul e parte do Auditório ao lado oeste.

Fig. 104: Imagem renderizada – Vista Auditório Araujo Vianna, Palácio Piratini, Igreja Matriz e lado leste.

O período de obras da Catedral foi muito extenso, segundo Sérgio da Costa Franco, a pedra fundamental foi lançada em 1921 e quase vinte anos transcorreram para que as celebrações religiosas passassem da cripta para a nave principal. Apenas em 1986 a Catedral Metropolitana foi dada por concluída (FRANCO, 1992, p. 108).



A imagem abaixo ilustra, com uma foto de época, como estavam as obras da catedral, neste recorte temporal.

Fig. 105: Cathedral em obras. Sem fonte.

A cena rústica do princípio vai sendo substituída por fachadas ricamente ornamentadas, o estilo eclético predominando nas residências do lado leste da praça, como no caso do Solar Palmeiro, representado na próxima imagem.

Fig. 106: Imagem do Solar Palmeiro.

O Auditório Araújo Vianna se conecta ao espaço aberto da praça e reincorpora a Assembleia, aos prédios da fachada sul, antes oculto pela Companhia Hidráulica e pela Sociedade Bailante.

Fig. 107: Fachada lado Sul.

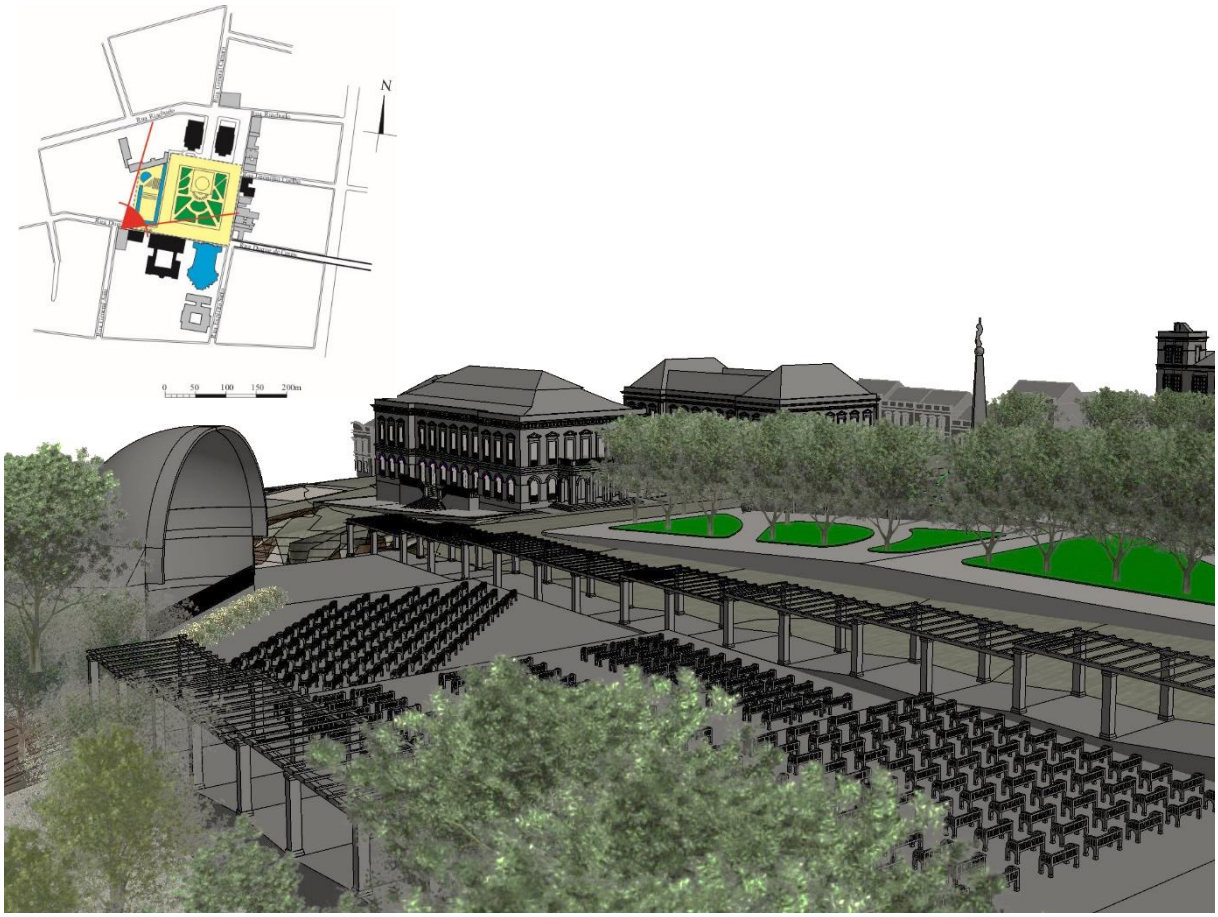


Fig. 108: Imagem renderizada do Auditório Araújo Vianna.

6.2.7. A cena 7 (baseada na planta de 1950):

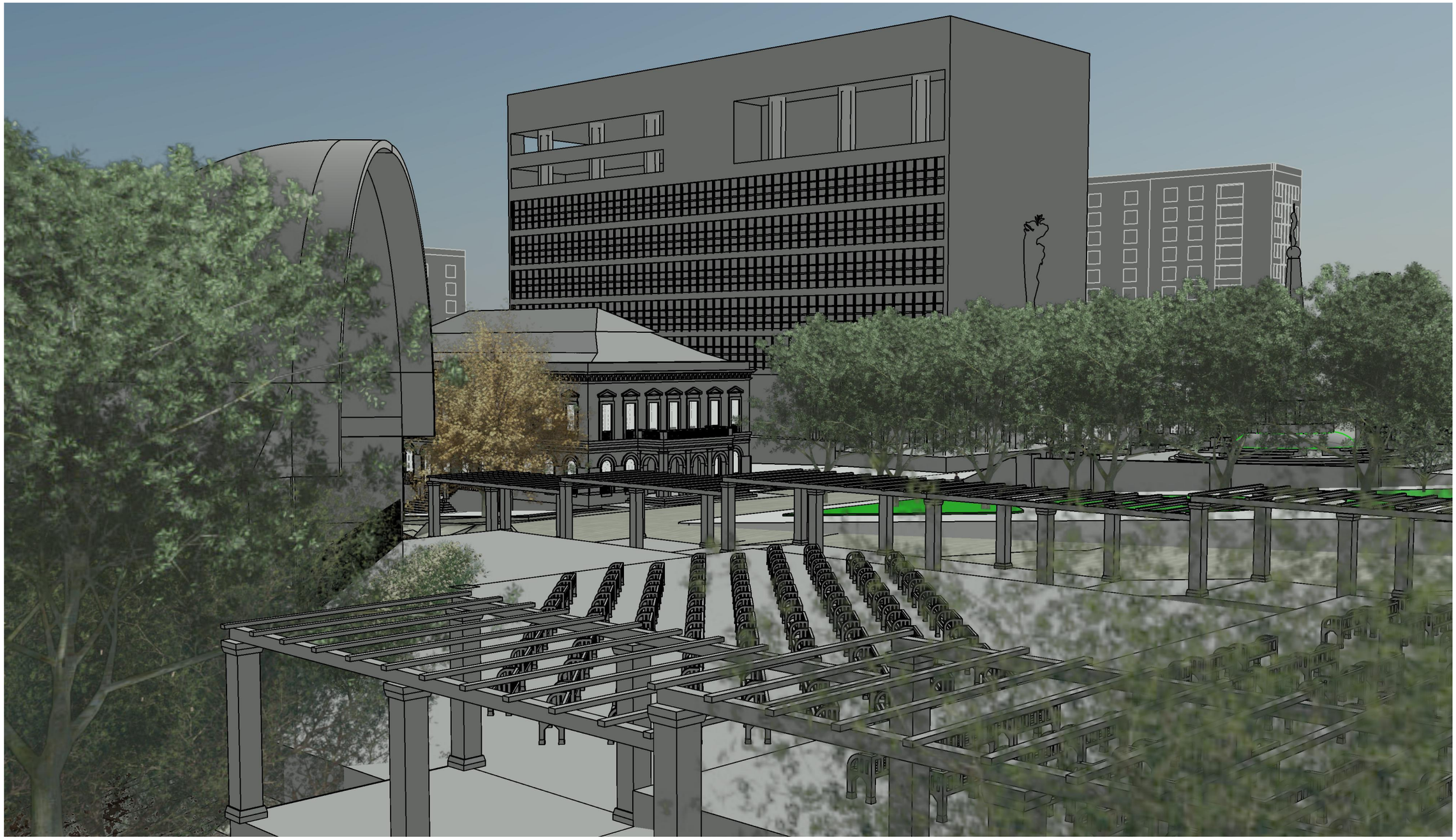


Fig. 109: Maquete eletrônica cena 7.

A praça, no seu constante processo de mudança, retratando nas suas transformações um fragmento do que ocorre na cidade, entra na cena de 1950, em processo de modernização e verticalização. A arquitetura histórica segue representada em alguns monumentos, mas a verticalização das grandes metrópoles é fato presente neste contexto e a arquitetura moderna chega à praça acompanhando o que já se concretizava em outras áreas da cidade.

A imagem de abertura deste capítulo é criada do mesmo ângulo da imagem inicial da cena de 1940. A figura acima fala por si, paredes de concreto se erguem, e tudo em volta se apequena, um novo e moderno Tribunal de Justiça substitui o que sucumbiu no fogo (prédio gêmeo do Theatro São Pedro) e altos prédios comerciais e residenciais passam a definir o horizonte.

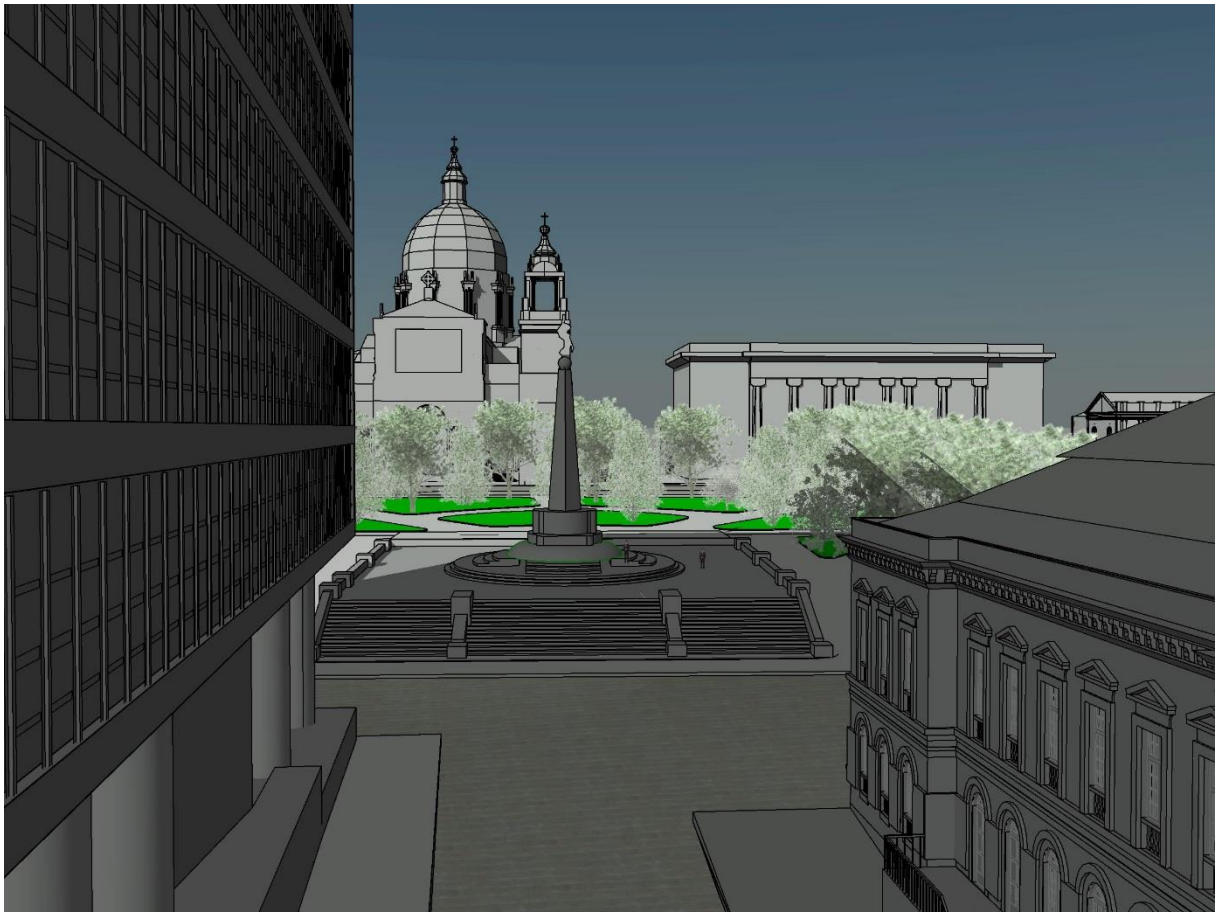


Fig. 110: O processo de verticalição dos edifícios.

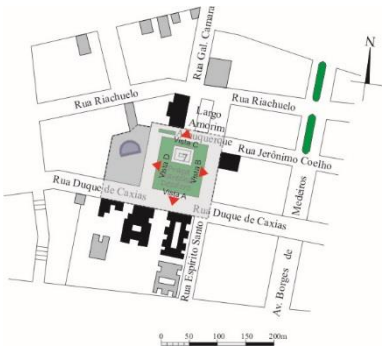
A imagem abaixo, em comparação com o que se registrou visualmente até aqui, traz um cenário totalmente novo, a escala dos prédios se agiganta e o horizonte artificial é definido pelo plano final destas caixas que são a nova forma dos edifícios.

Conforme Gordon Cullen, em seu livro Paisagem Urbana, este novo perfil aéreo dos prédios modernos, gera uma "[...] separação demasiado brutal entre as estruturas edificadas

e terrenas e a leveza dos volumes celestes; em contrapartida, os rendilhados, as filigranas e os coroamentos servem para capturar o céu, entrelaçando-se com ele e ligando-o, assim, à terra" (CULLEN, 1971, p. 42).

Fig. 111: Imagem a partir do Largo João Amorim Albuquerque, mostrando a verticalização da arquitetura.

Abaixo, uma sequência de quatro imagens, em projeção paralela, denominadas vista A, B, C e D, respectivamente as vistas sul, leste, norte e oeste da praça, indicadas na planta:



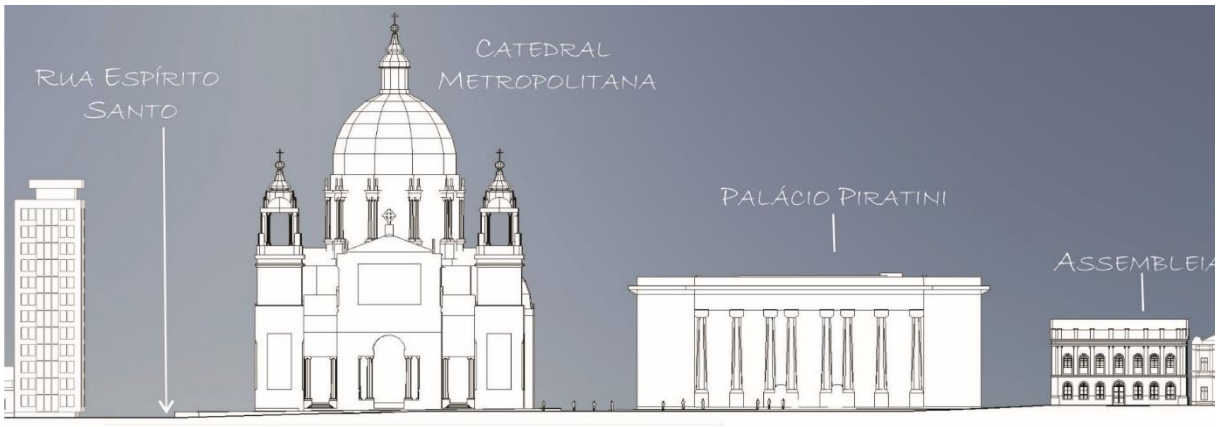


Fig. 112: Vista A – lado sul.

Fig. 113: Vista B – lado leste.

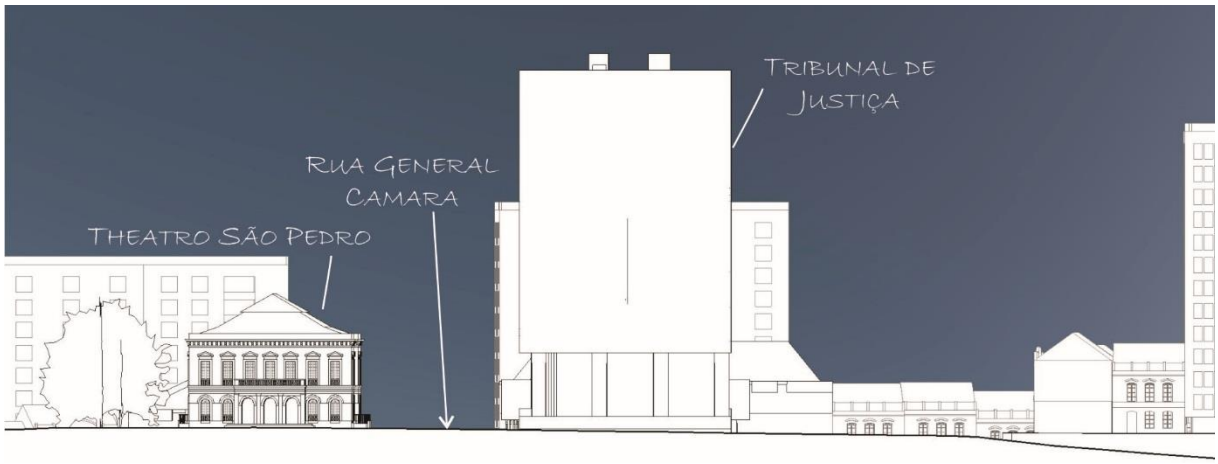


Fig. 114: Vista C - lado norte.

Fig. 115: Vista D – lado oeste.

Fig. 116: Imagem renderizada - vista do monumento e da praça.

Um panorama desta cena da década de 50 do séc. XX em frente ao monumento à Júlio de Castilhos olhando para a direção sul.

Fig. 117: Imagem renderizada - vista lado leste da praça.

Ao leste um misto de casarões e os primeiros edifícios cortando verticalmente a paisagem.

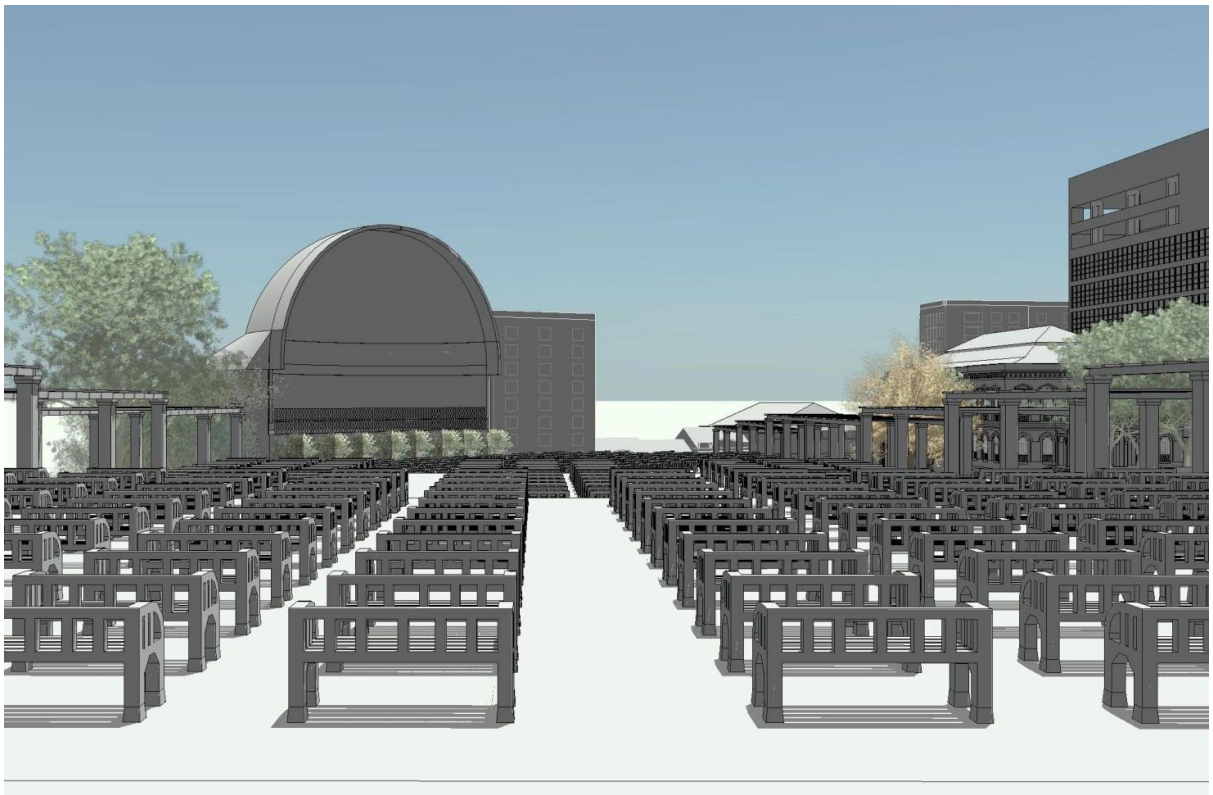


Fig. 118: Imagem renderizada – Auditório Araújo Vianna.

O Auditório Araújo Vianna que ampliava novamente a área aberta da praça, nesta cena com vista para o Rio Guaíba, um trecho do horizonte natural à mostra, sendo gradualmente tomado pelos novos protagonistas da área central da cidade, os blocos de concreto modernos.

Fig. 119: Imagem renderizada – Palácio Piratini, Assembleia e Auditório Araújo Vianna.

Completando o panorama descritivo da cena 7, a nostalgia dos anos cinquenta.

6.2.8. A cena final (a partir da década de 1960 do séc. XX),

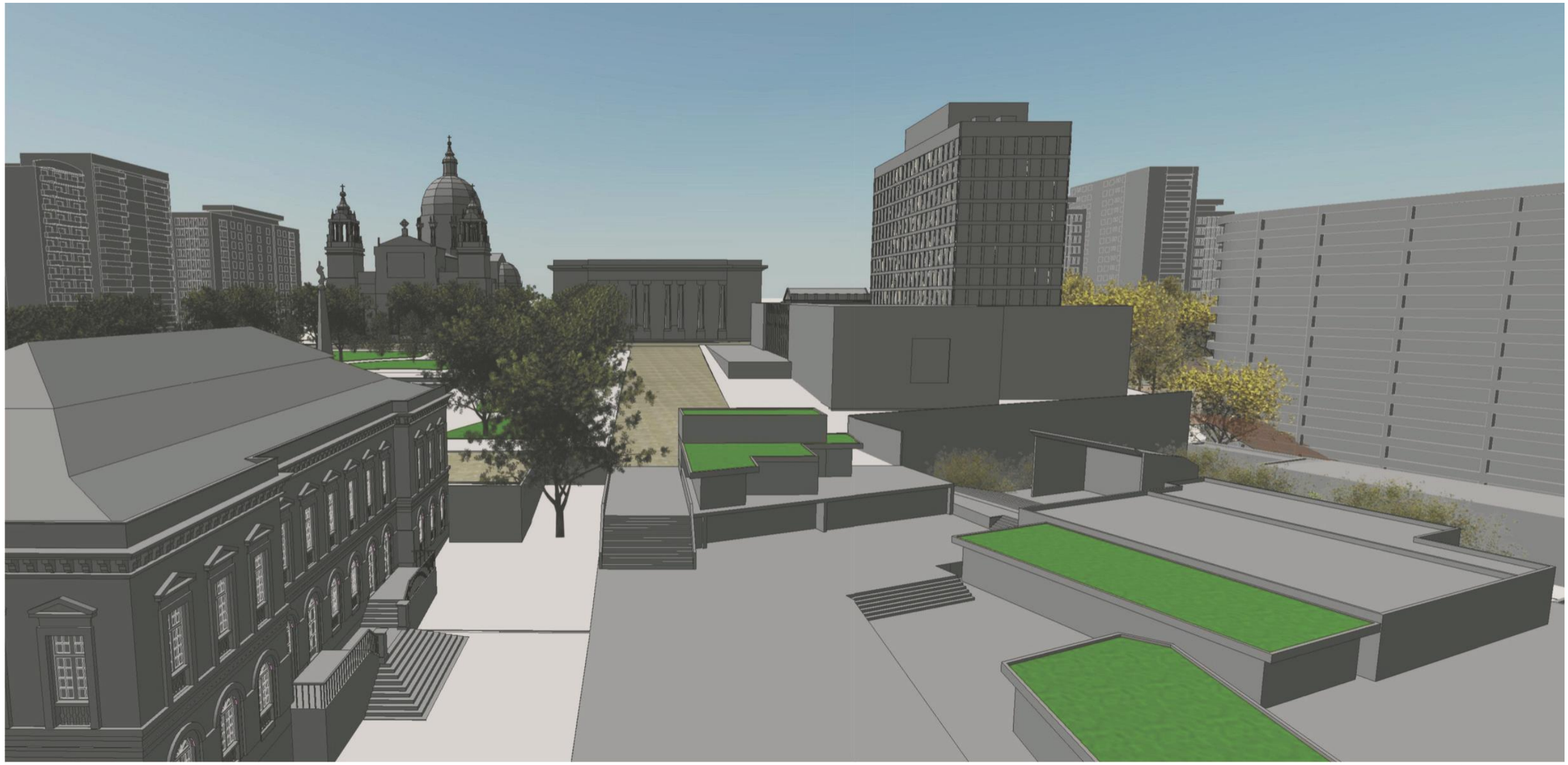


Fig. 120: Maquete eletrônica cena final.

Na década de 60, a praça recebe em seu entorno imediato mais um exemplar modernista, fechando os quatro lados com grandes estruturas, o prédio denominado Palácio Farroupilha (Assembleia Legislativa) ocupa o espaço do Auditório Araújo Vianna, diminuindo o espaço aberto da praça e o horizonte natural. No entorno secundário, por todos os lados, também, a verticalização da arquitetura tomando o céu, a percepção da península é prejudicada pelo ocultamento da vista e pode se dizer que provoca uma alienação da população do seu entorno natural e de seu rio, o Rio Guaíba.

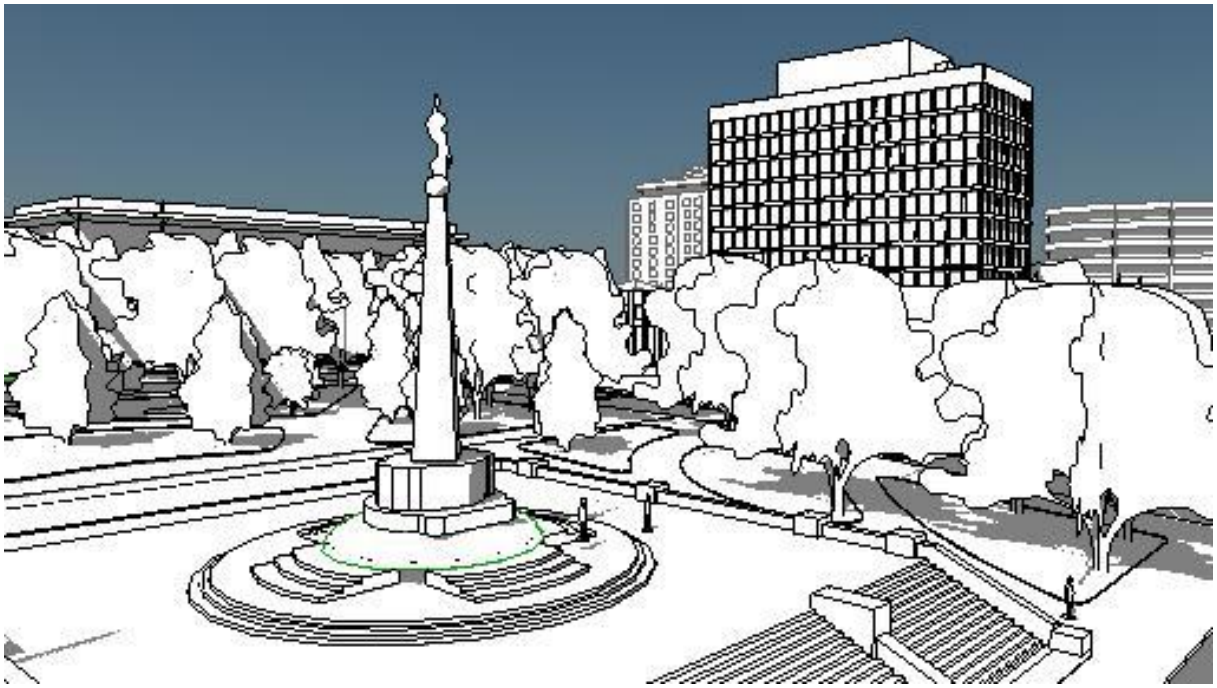
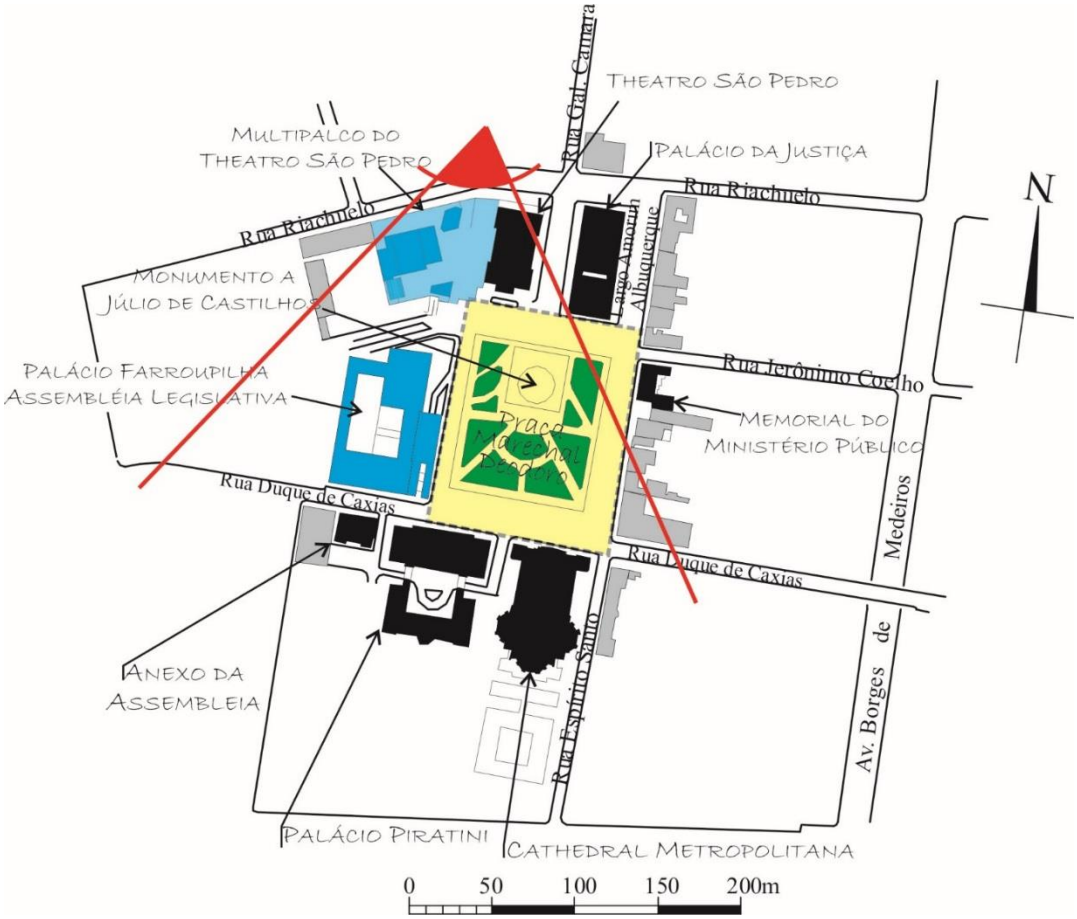


Fig. 121: A praça contemporânea.

A cena final inicia na década de 60 do séc. XX, com o Palácio Farroupilha e finaliza no contexto contemporâneo. É difícil traduzir em modelos tridimensionais toda uma evolução histórica, muito mais a cena atual, que seria talvez mais fácil observar *in loco*, mas era necessário incluir este período, pois a praça se atualiza novamente em termos estilísticos e conceituais, com o projeto do Multipalco do Theatro São Pedro, localizado ao lado do teatro. Sendo assim, segue a sequência das imagens que definem este período.



A planta acima documenta o último contexto apresentado, desenhados na cor preta os monumentos já relatados nas cenas anteriores, na cor verde a indicação da área arborizada da praça, na cor amarela a área aberta da praça, na cor cinza os edifícios de entorno e na cor azul as inserções deste período, o Palácio Farroupilha à esquerda da planta e o Multipalco do Theatro São Pedro, acima e à esquerda, ao lado do teatro. Em vermelho estão indicados a abertura e ângulo de visão da imagem da figura 120.

Para esta cena, a sequência de imagens irá representar o fechamento da praça e do horizonte, já comentado acima, o que se apresenta como a grande mudança no aspecto visual. Em contrapartida, o projeto do Multipalco incorpora um pensamento pós-moderno, se insere de forma discreta na praça, em um plano um pouco abaixo do nível dela, perfeitamente integrado ao ambiente, sem se impor à paisagem urbana. Acrescenta-se mais um estilo arquitetônico a este ambiente, que acompanha toda a história da urbe e como uma pequena peça de um conjunto maior, registra, reflete e influencia as transformações da cidade.

Fig. 122: Vista lado norte.

Fig. 123: Vista lado leste.

Fig. 124: Vista lado sul.

Fig. 125: Vista lado oeste.

Há uma mistura de arquiteturas que vão contando a história dos diferentes momentos e convivendo desinteressadas do conjunto misto que formam, mas registram com fidelidade o processo de desenvolvimento e adaptação que a cidade vive à medida que cresce, que se torna um centro urbano, uma metrópole.

Nas duas imagens da próxima página, representamos um corte a fim de demonstrar as volumetrias da Assembleia Legislativa e do Multipalco e como elas ocupam o entorno da praça. O Palácio Farroupilha é descrito por Andrea Soler Machado como dois grandes volumes decompostos em torre e base.

> "A torre do Palácio Farroupilha, com doze pavimentos, não participa da rua e assenta-se diretamente sobre a segunda. Não há pavimento de transição entre os dois volumes, ou seja, do subsolo ao quarto pavimento, a torre está embutida na base e em planta, confunde-se com esta" (MACHADO, 1996).

A base ocupa quase todo o terreno e "é percebida pelo pedestre como um volume único, regular e sólido, com quatro pavimentos e parcialmente encravado no solo, interrompido por um pano de vidro na fachada da praça" (MACHADO, 1996).

O Multipalco é descrito pelos autores do projeto, Julio Collares e Dalton Bernardes, como "uma praça junto ao antigo teatro, no nível **intermediário** entre a Praça da Matriz e a Rua Riachuelo, sob a qual estão duas salas de teatro, sala de orquestra, salas de dança e muitos outros equipamentos culturais" (2015) [grifo nosso].

Destas caracterizações, cabe destacar a observação da volumetria de um e de outro em relação ao nosso contexto. A Assembleia é uma enorme estrutura que ocupa toda área aberta da praça com 40 metros de altura, enquanto que para o Multipalco, os arquitetos propõem um partido que cria um espaço aberto, em um nível um pouco abaixo

ao da praça, com uma “delicada inserção urbana”, nas palavras dos próprios arquitetos, que se mescla de tal forma com a paisagem, em um conceito antagônico ao seu vizinho, o Palácio Farroupilha.

Fig. 126: Imagem do corte indicado na planta da fig. 128 com representações de prédios em segundo plano.

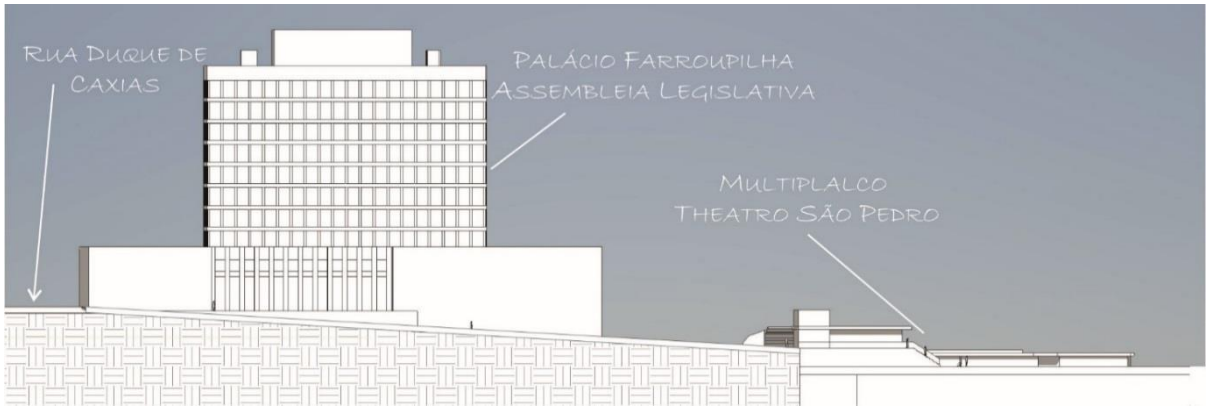


Fig. 127: Imagem do corte indicado na planta da fig. 128, sem o segundo plano dos prédios.

Nas figuras acima, foram criadas duas imagens a partir do mesmo corte que está indicado na planta ao lado. A primeira imagem mostra os dois prédios (Assembleia e Multipalco) com um segundo plano de edificações visíveis. A segunda imagem, o pano de fundo foi recortado para destacar e contrastar os volumes dos dois.

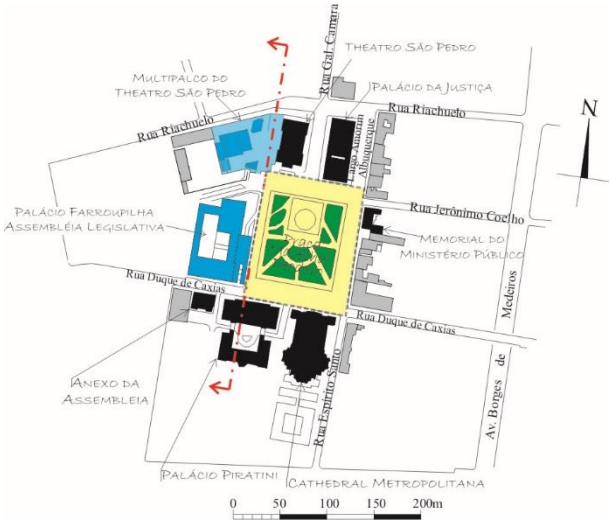


Fig. 128: Indicação do corte das figuaras 126 e 127.

Um se impõe como monumento e o outro se mimetiza, abordagens completamente diversas e que influenciam enormemente a paisagem urbana, determinadas com certeza em função de diferentes usos e programas, mas principalmente por arquiteturas de diferentes épocas e conceitos.

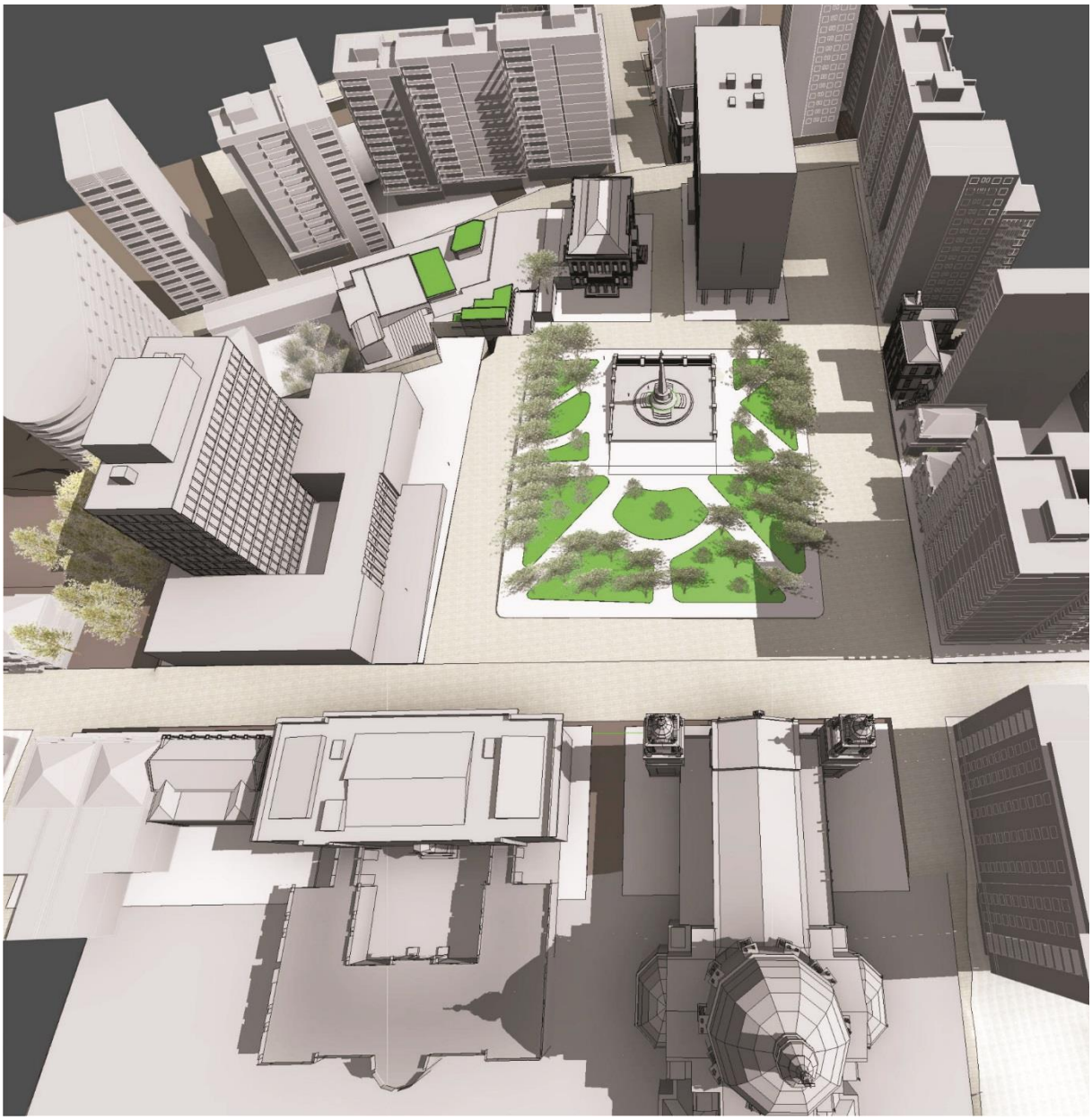


Fig. 129: Imagem renderizada com vista aérea do conjunto – cena final.

7. SIMULAÇÕES DIGITAIS

Enquanto que no capítulo anterior observamos as cenas de cada momento histórico separadamente, apesar de que muitas vezes foram feitas comparações entre fases a fim de reforçar alguma observação, no capítulo das simulações digitais, a intenção é destacar o processo de transformação, colocando em uma visualização simultânea, o observador sempre no mesmo ponto de vista, mas em diferentes épocas.

Nesta etapa, fizemos dois blocos comparativos, o primeiro mostrando simultaneamente as quatro primeiras cenas (1839, 1869, 1881 e 1888) e o segundo bloco da cena 5 até a final (1914, 1940, 1950 e contexto atual). O objetivo desta escolha foi criar dois mapas evolutivos, o primeiro que retrata a Praça da Matriz com seus prédios históricos originais e no segundo onde já consta o Palácio Piratini e as transformações final do Séc. XIX e início do Séc. XX.

Outro aspecto que queríamos demonstrar é o afastamento da praça em relação ao Rio Guaíba e sua proporção em relação aos contornos originais e atuais da península, observável no desenho das plantas que acompanham este capítulo.

Estas imagens são importantes registros do processo de transformação pelo qual a praça passou e confrontá-las, visualizando-as simultaneamente, revela de forma contundente este fato. Queremos aqui também demonstrar que todo o trabalho de reconstrução virtual serve de base para o uso em diferentes abordagens, se tornando um rico referencial para pesquisas futuras.

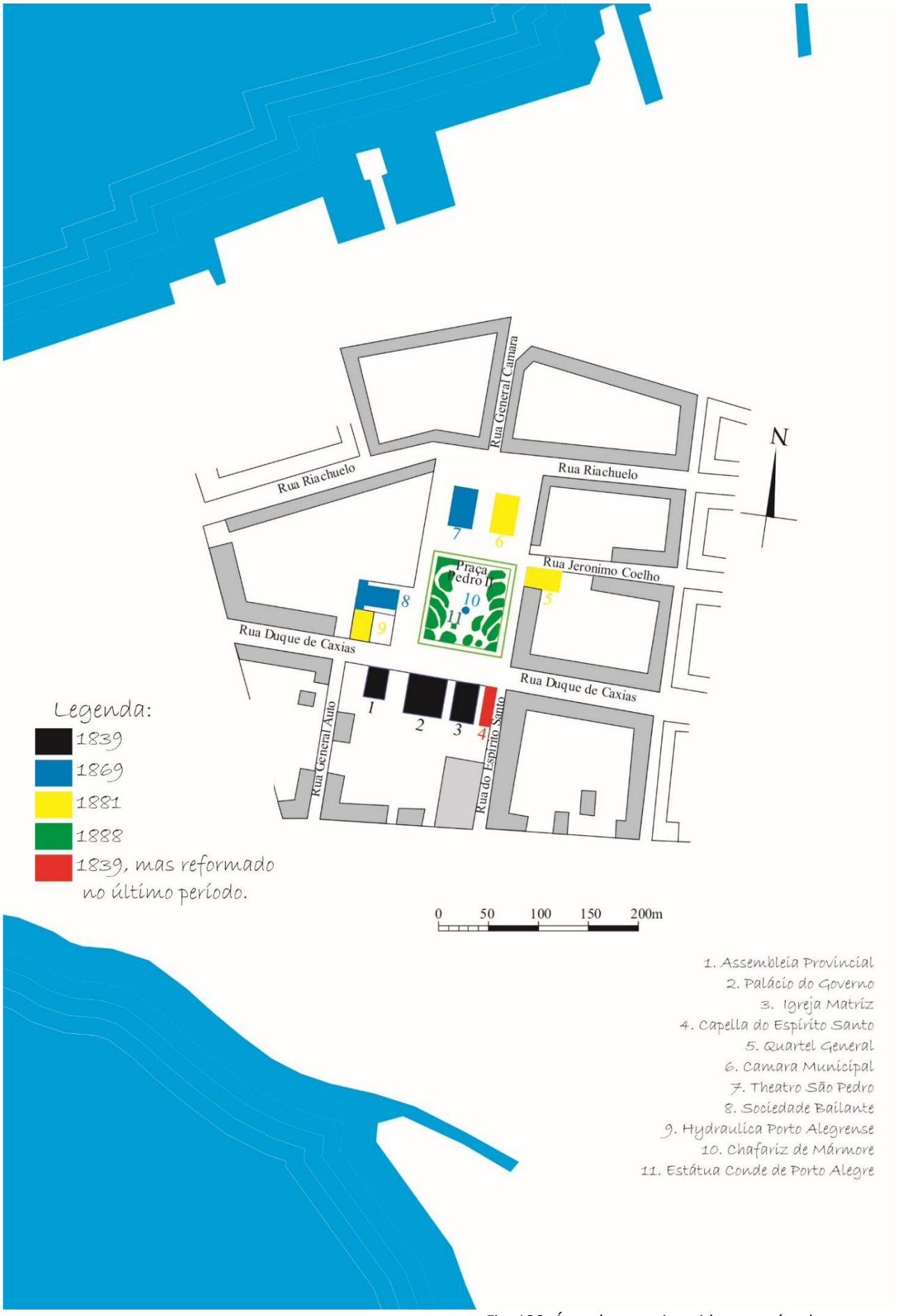


Fig. 130: Área da praça inserida na península.

7.1. DESENVOLVIMENTO DA PRAÇA DA MATRIZ

Da cena 1 (1839) a cena 4 (1888):

Na página anterior podemos observar a planta inserida dentro de um recorte da península para a observação da proximidade do rio em relação à área de estudo. A planta reflete a evolução da praça do período de 1839 (cena 1) até 1888 (cena 4), distinguindo os elementos através da cor, conforme legenda abaixo.

Ao lado, simulamos, de um mesmo ângulo, as imagens registrando as quatro épocas. O observador posicionado na Rua General Câmara, olhando em direção à igreja. A igreja funciona como ponto focal, permanece visível em todas as imagens, é o suposto local a alcançar.

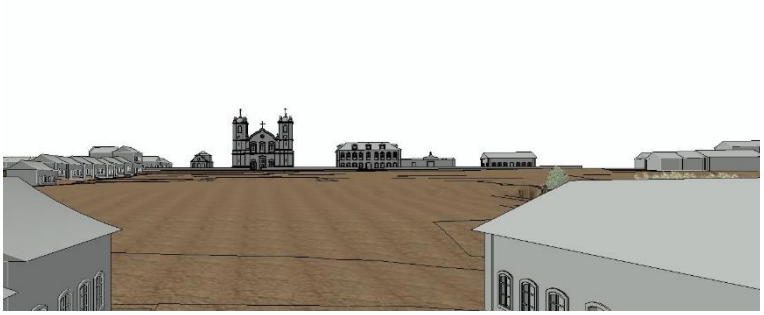


Fig. 131: Cena 1 planta de 1839.

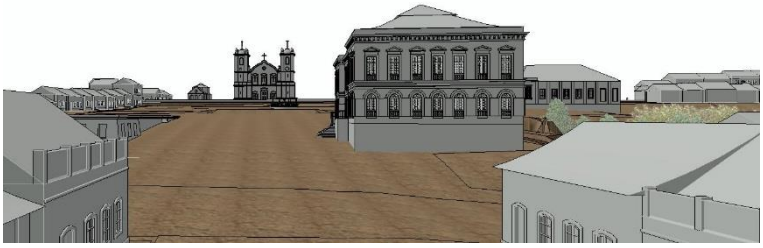


Fig. 132: Cena 2 planta de 1869.

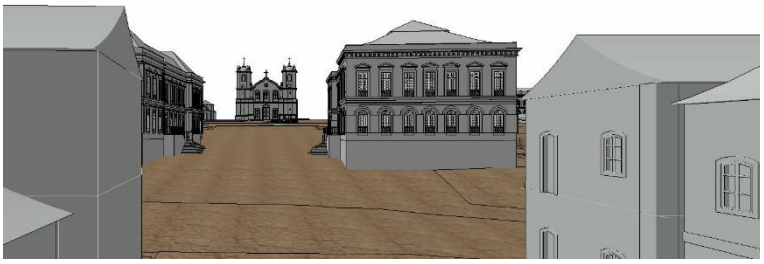


Fig. 133: Cena 3 planta de 1881.

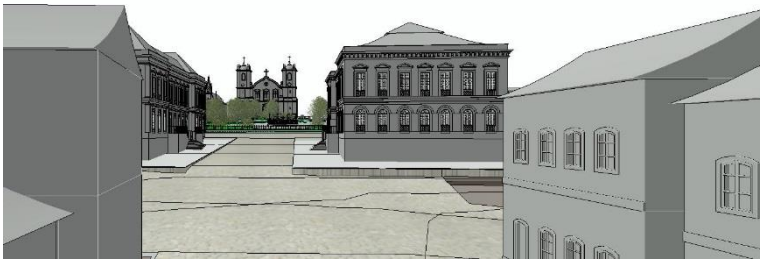


Fig. 134: Cena 4 planta de 1888.

À medida que avança no tempo, percebemos nas imagens uma transição do vazio à compressão.

Há um avanço na delimitação do espaço ocasionado por diversos fatores, pela inserção gradual de edificações, pelo processo de definição e arborização do contorno central da praça e pelo calçamento, definindo áreas de pedestres e tráfego.

A escala humana representada nas casas ao lado leste e o monumental, presente nos prédios públicos e pelo espaço aberto propriamente dito.

As fachadas registram a evolução de estilos, do colonial ao neoclássico.

As imagens também trazem uma clara evolução de um espaço que inicia rústico e vai se tornando mais elaborado.

Abaixo outras quatro imagens, simulando o observador posicionado ao sul, olhando em direção oposta, com vista para o Rio Guaíba.

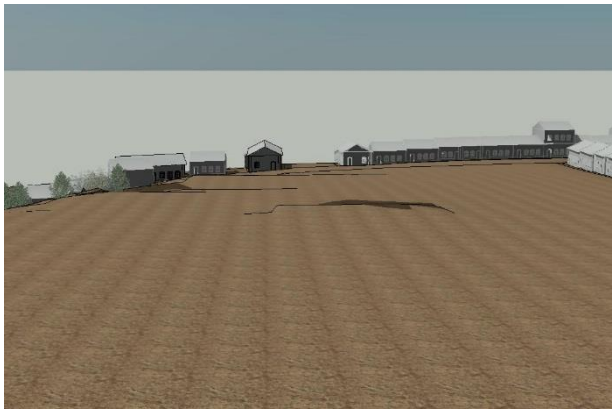


Fig. 135: Cena 1 – 1839.

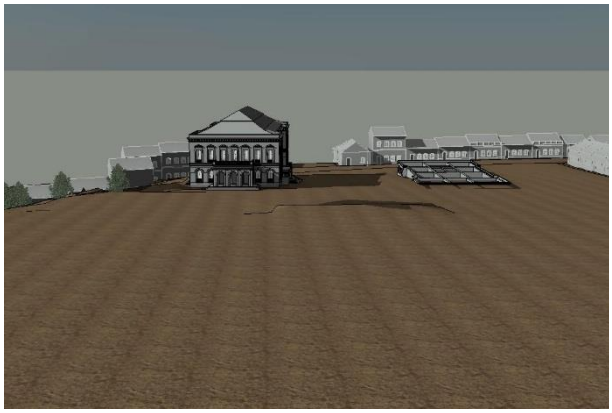


Fig. 136: Cena 2 – 1869.

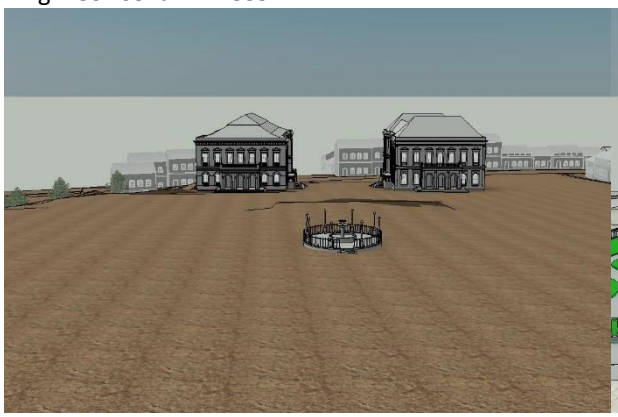


Fig. 137: Cena 3 – 1881.

Fig. 138: Cena 4 – 1888.

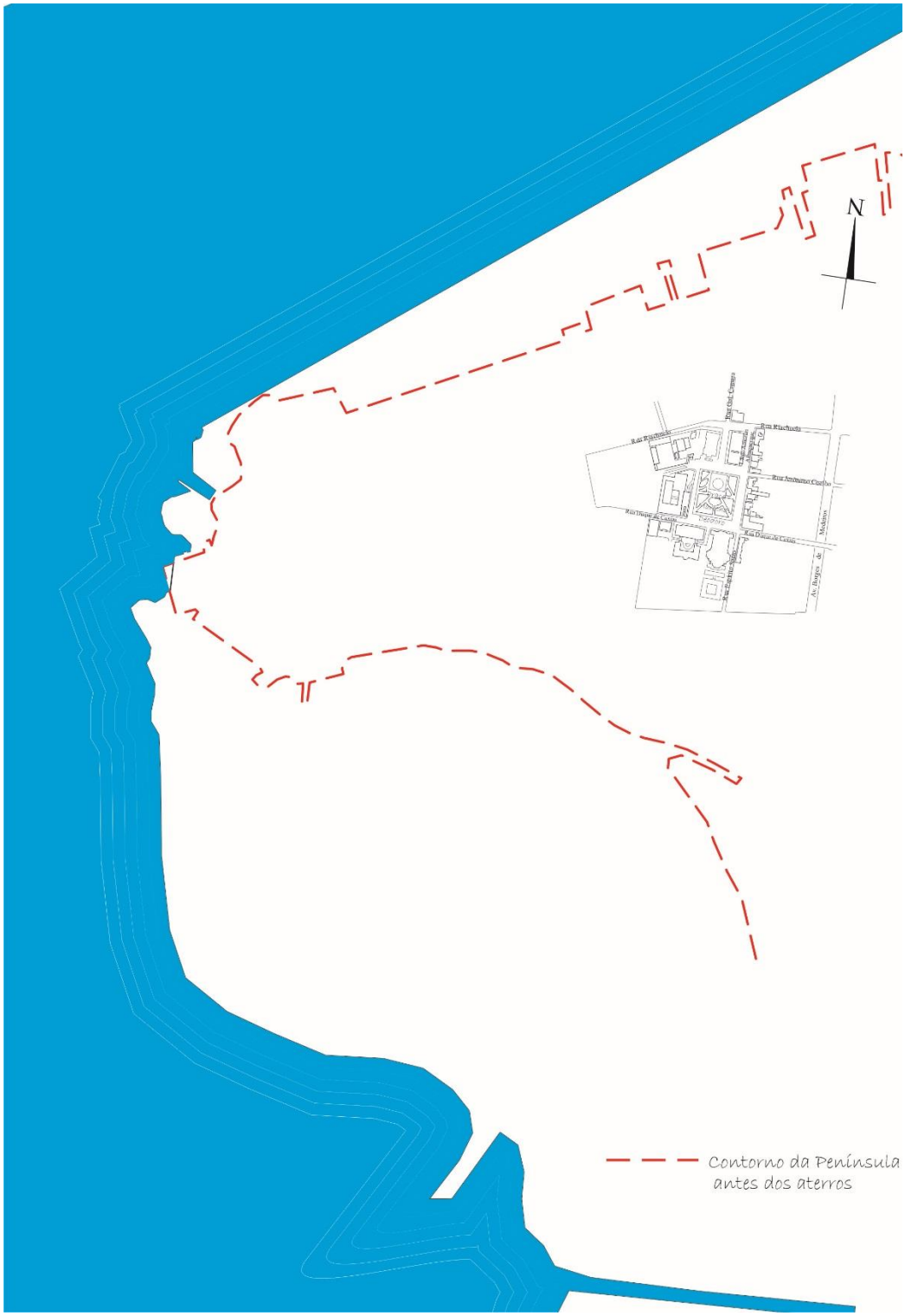


Fig. 139: Novo contorno da cidade após aterros.

A Praça da Matriz diminui em relação ao contexto da cidade, pois com os diversos aterros que ocorreram, a península perde seus contornos originais e se expande, como demonstra a figura acima que mostra o contorno atual margeada pelo rio, em azul, e o contorno original em linhas tracejadas em vermelho.

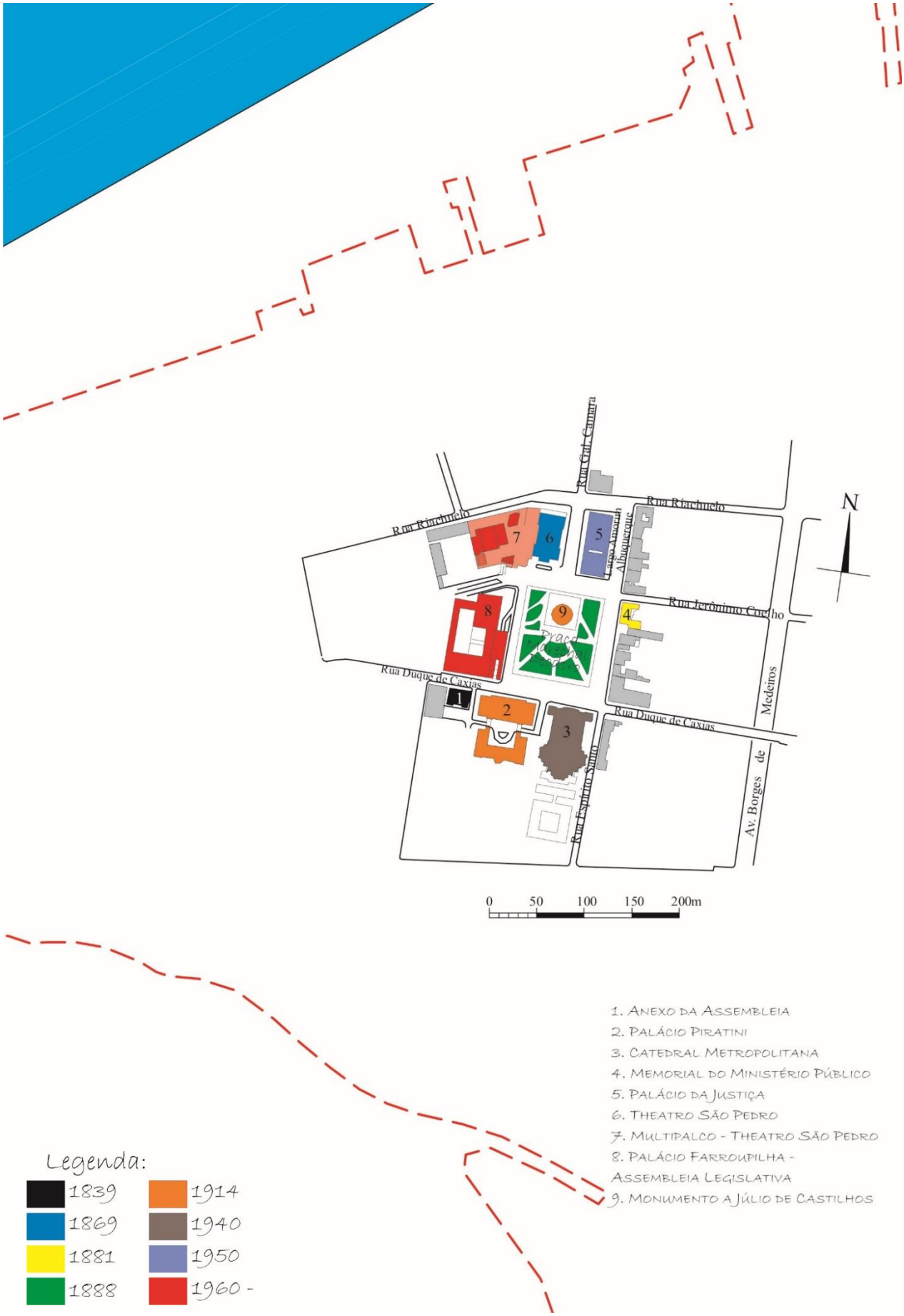


Fig. 140: Planta da praça com o contorno da cidade após aterros.

Da cena 5 (1914) a cena 8 (1960 até hoje):

Na página anterior podemos observar a planta novamente inserida dentro de um recorte da península, porém com o contorno atual da cidade, após aterros. A planta reflete a evolução da praça do período de 1914 (cena 5) até os dias atuais (cena 8 – inicia em 1960), na legenda abaixo, o entorno atual da praça e sua evolução histórica. Na planta estão ausentes alguns prédios que faziam parte deste conjunto, mas foram substituídos, como a antiga Igreja Matriz, o antigo Tribunal de Justiça e o Auditório Araújo Vianna.

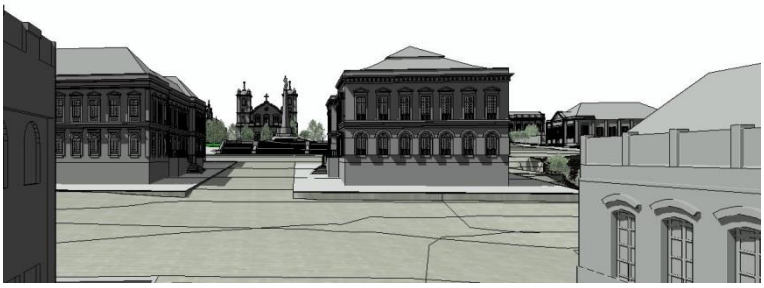


Fig. 141: Cena 5 – 1914.

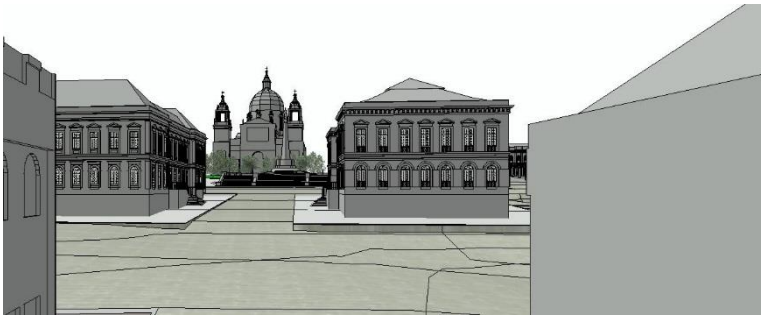


Fig. 142: Cena 6 – 1940.

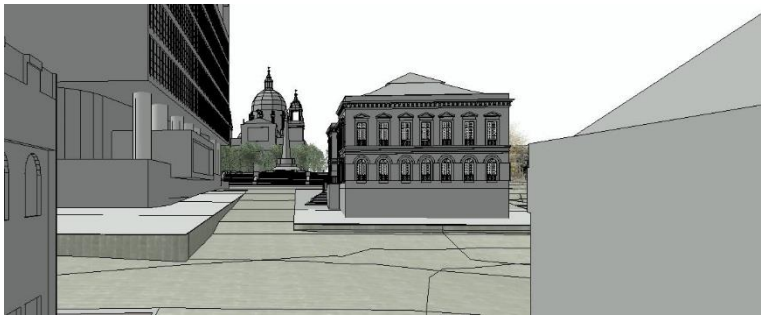


Fig. 143: Cena 7 – 1950.

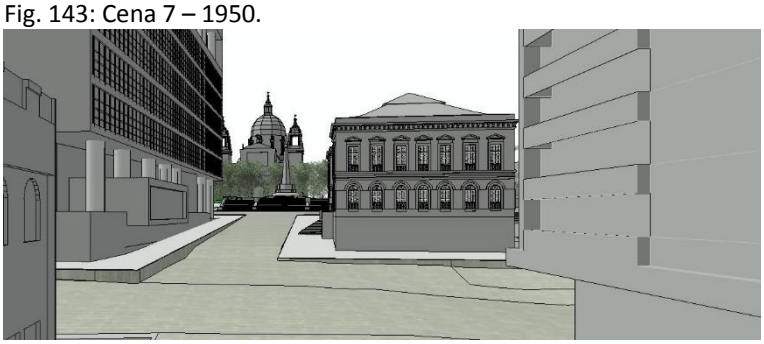


Fig. 144: Cena 8 – 1960 até período atual

Acima, simulamos novamente, de um mesmo ângulo, as imagens registrando estas quatro épocas. O observador posicionado na Rua General Câmara, olhando em direção à igreja, nosso ponto focal. Em 1929 a antiga Igreja é demolida e a nova Catedral já está em obras.

A sensação de compressão segue crescendo, agora principalmente pela verticalização da arquitetura, observa-se no recorte do céu que reduz gradualmente.

Com a inserção do Palácio da Justiça, primeira referência moderna da praça, também muda a caracterização das fachadas, recortes contínuos e regulares entre os pavimentos, formando linhas que parecem apontar para a Catedral. O espaço térreo do prédio sob pilotis, funciona como um recinto, característica rara no entorno da praça, local onde se "disfruta, simultaneamente, o exterior, de um ponto de observação bem situado e seguro" (CULLEN, 2009, p. 27). E a silhueta de um prisma, em que os elementos de arquitetura são puras formas geométricas.

A percepção em termos de conjunto, teatro e tribunal é de dois volumes que não se comunicam por conta da diferença de altura e da linguagem arquitetônica.

A antiga Igreja Matriz, que um dia deve ter sido majestosa, frente ao volume e austeridade da Catedral se encolhe no horizonte.

No primeiro plano, nas laterais esquerda e direita do observador, em um lado a Biblioteca Pública e no outro os edifícios vão mudando em porte e estilo, há um estreitamento provocando uma sensação de pressão, característica destacada por Gordon Cullen, quanto ao aspecto que ele denomina de "Local", posição do observador no espaço (CULLEN, 2009, p. 47).

Abaixo outras quatro imagens, simulando o observador posicionado ao sul, olhando em direção oposta, com vista para o Rio Guaíba.

Fig. 145: Cena 5 – 1914.

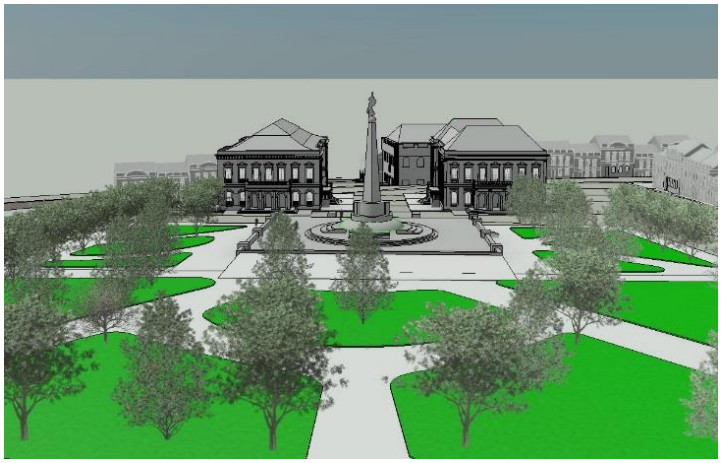
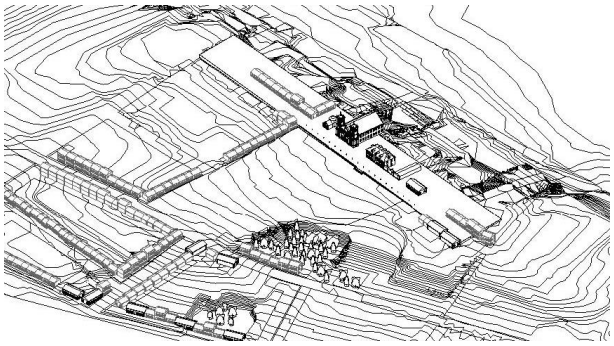


Fig. 146: Cena 6 – 1940.

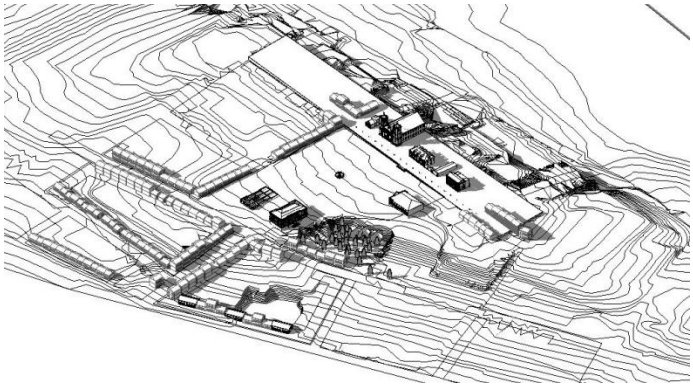
Fig. 147: Cena 7 – 1950.

. Fig. 148: Cena 8 – 1960 até período atual.

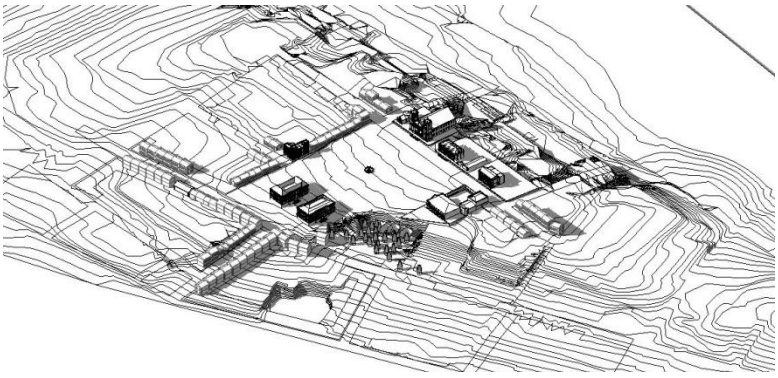
Esta forma de apresentar a evolução da praça permite uma visão simultânea, necessária para traçar um quadro comparativo entre períodos. Para encerrar, uma vista aérea das oito cenas em sequência.



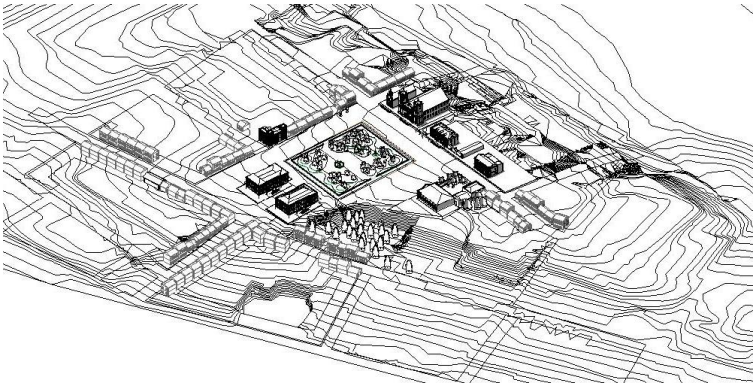
Cena 1



Cena 2

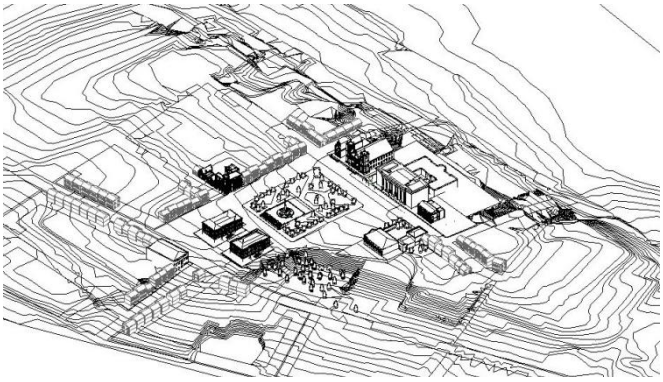


Cena 3

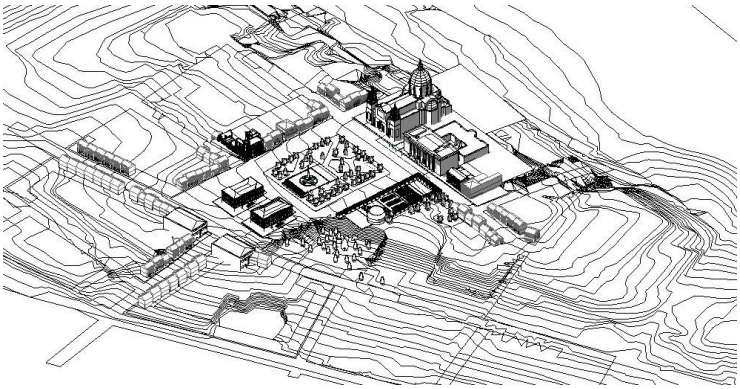


Cena 4

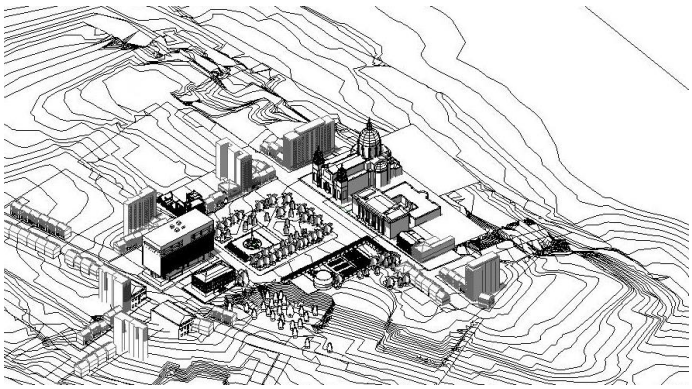
Fig. 149: Vistas da maquete eletrônica nas cenas 1, 2, 3 e 4.



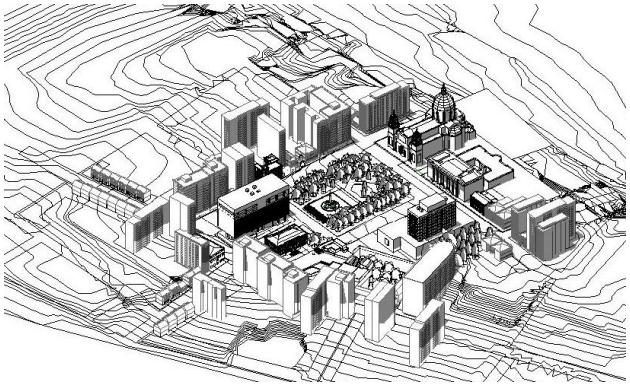
Cena 5



Cena 6



Cena 7



Cena 8

Fig. 150: Vistas da maquete eletrônica nas cenas 5, 6, 7 e 8.

7.2. A VISÃO SERIAL DE GORDON CULLEN

Gordon Cullen em seu livro de título *Paisagem Urbana*, uma de nossas referências bibliográficas básicas para a questão da análise visual do ambiente, propõe três maneiras pelas quais o ambiente pode suscitar reações emocionais. Cullen afirma que a visão é o principal meio para apreendermos o que nos rodeia, e que a partir dela podemos considerar três aspectos que influenciam a nossa percepção do meio: o óptico, o local e o conteúdo.

No aspecto óptico, Cullen observa que o transeunte ao caminhar pela cidade a percebe como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas, "numa perspectiva visual temos dois pontos de vista a considerar: a imagem existente e a imagem emergente" (CULLEN, 2009, p.11) e a este modo de perceber o ambiente chamou de VISÃO SERIAL (figura 151). Nos interessou a abordagem proposta por ele pois está dentro da linha de pensamento deste trabalho, em que operamos intensamente com imagens e com as informações que elas trazem, construir um relato visual da evolução da paisagem urbana da praça é o nosso objetivo.

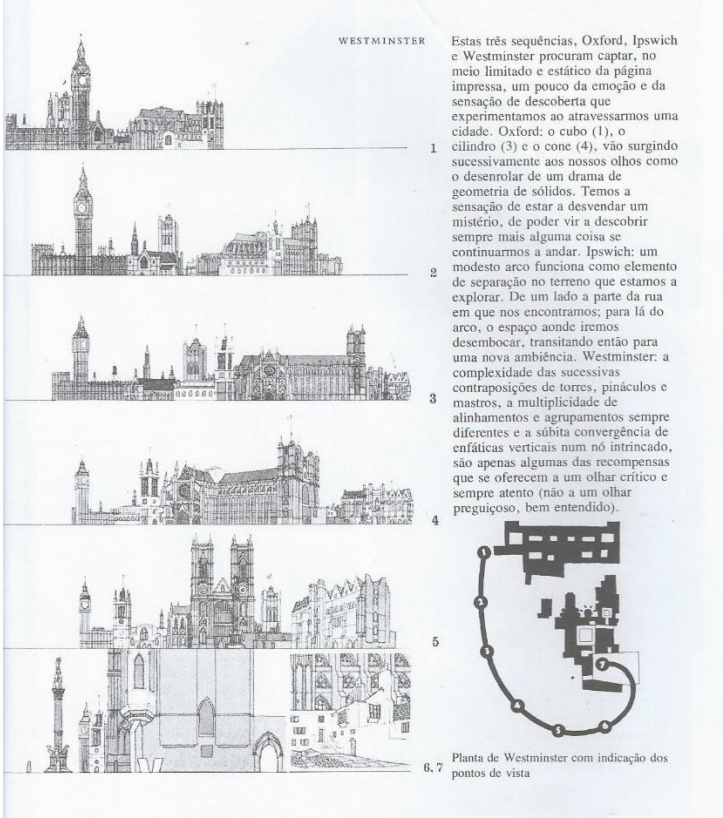
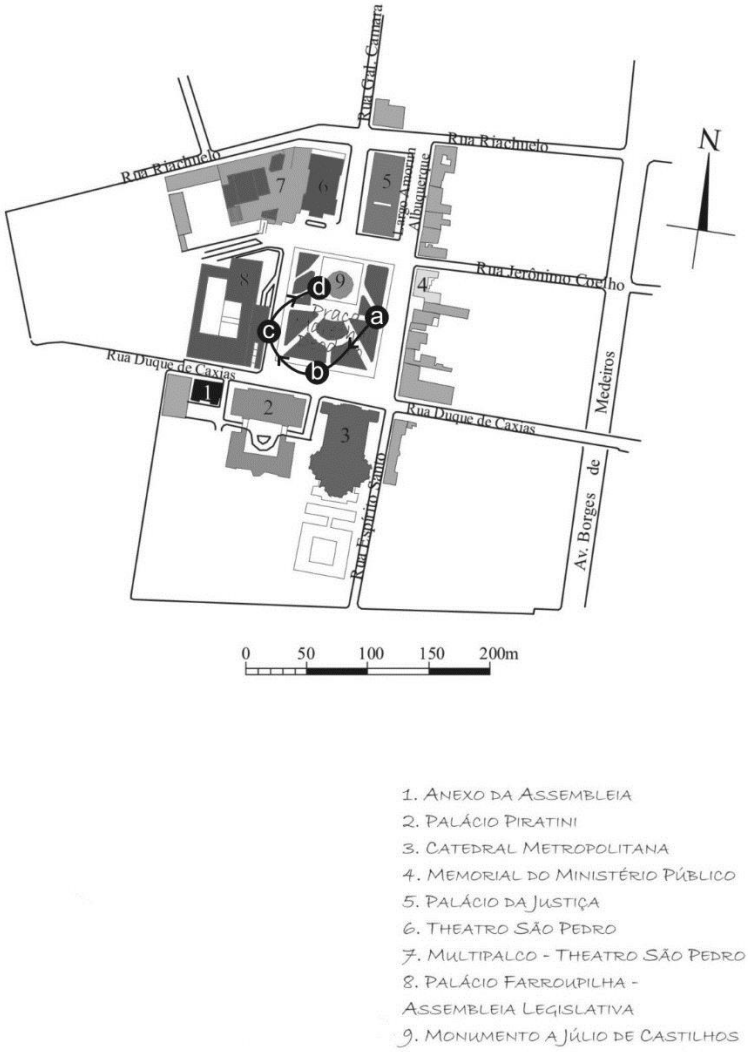


Fig. 151: Visão Serial - Fonte: (CULLEN, 2009, p. 23)

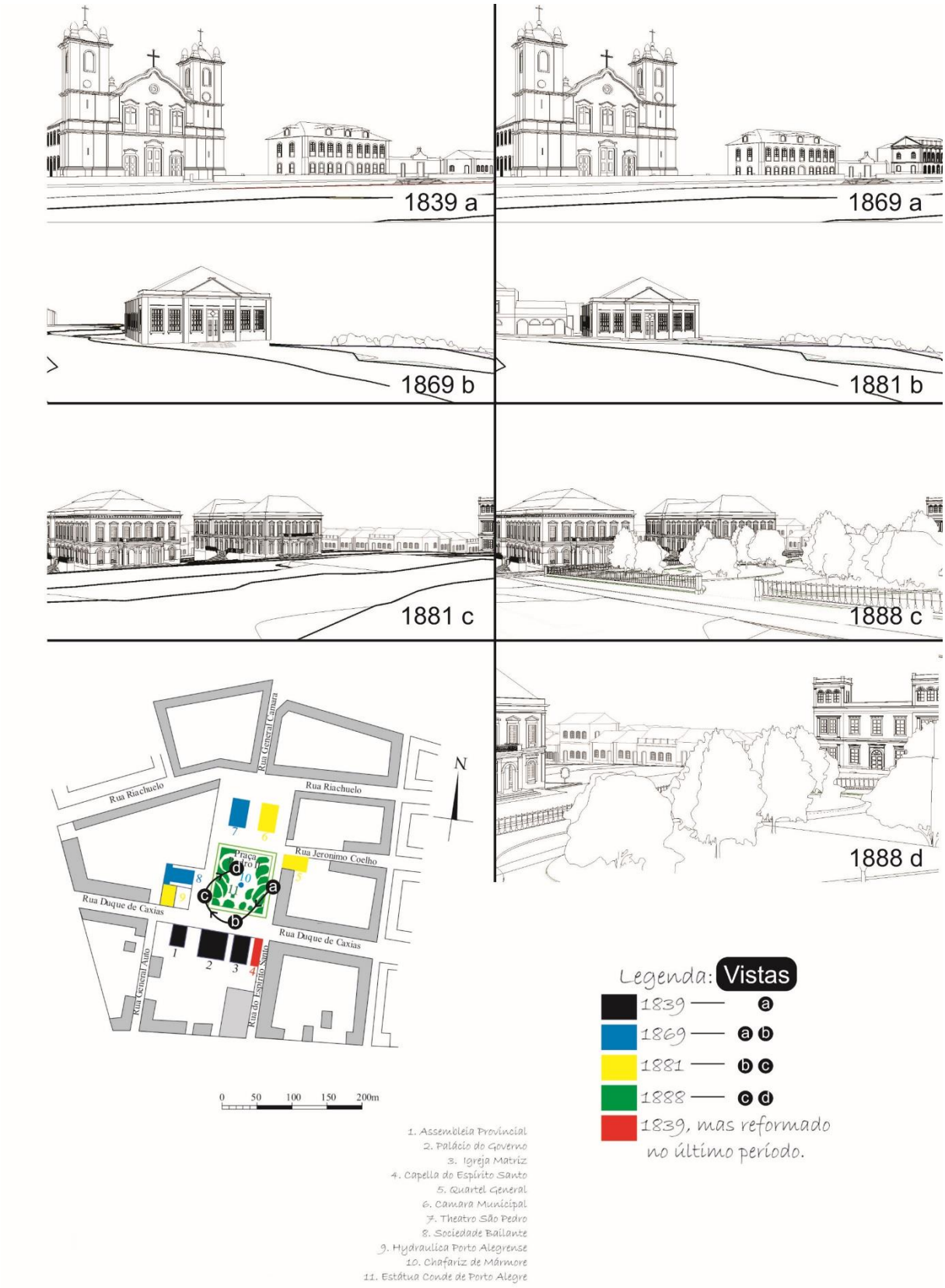
Qualquer um dos três aspectos propostos por Cullen nos interessam, o aspecto "local" (nossa posição no espaço) é amplamente explorado no capítulo 6 desta monografia e o "conteúdo" é como o próprio autor sugere, "a própria constituição da cidade" (CULLEN, 2009, p.13), suas cores, texturas, escalas, estilos, natureza e personalidade, mas é a "visão serial" que nos interessou particularmente para buscar retratar as imagens que se sucedem ao nos deslocarmos a partir de um percurso no espaço da praça, acrescentando aqui, a mudança no espaço e no tempo. O deslocamento não só mostraria os efeitos visuais da imagem existente e imagem emergente, mas a imagem emergente também poderia aos poucos avançar no tempo histórico, o que traria um contraste ainda mais intenso do que se processa nos aspectos visuais do ambiente urbano e que afetam nossa percepção e reação perante estes cenários. A esta experiência, que poderá ser observada no capítulo seguinte, chamamos de visão serial histórica.

7.3. A PROPOSTA DE UMA VISÃO SERIAL HISTÓRICA

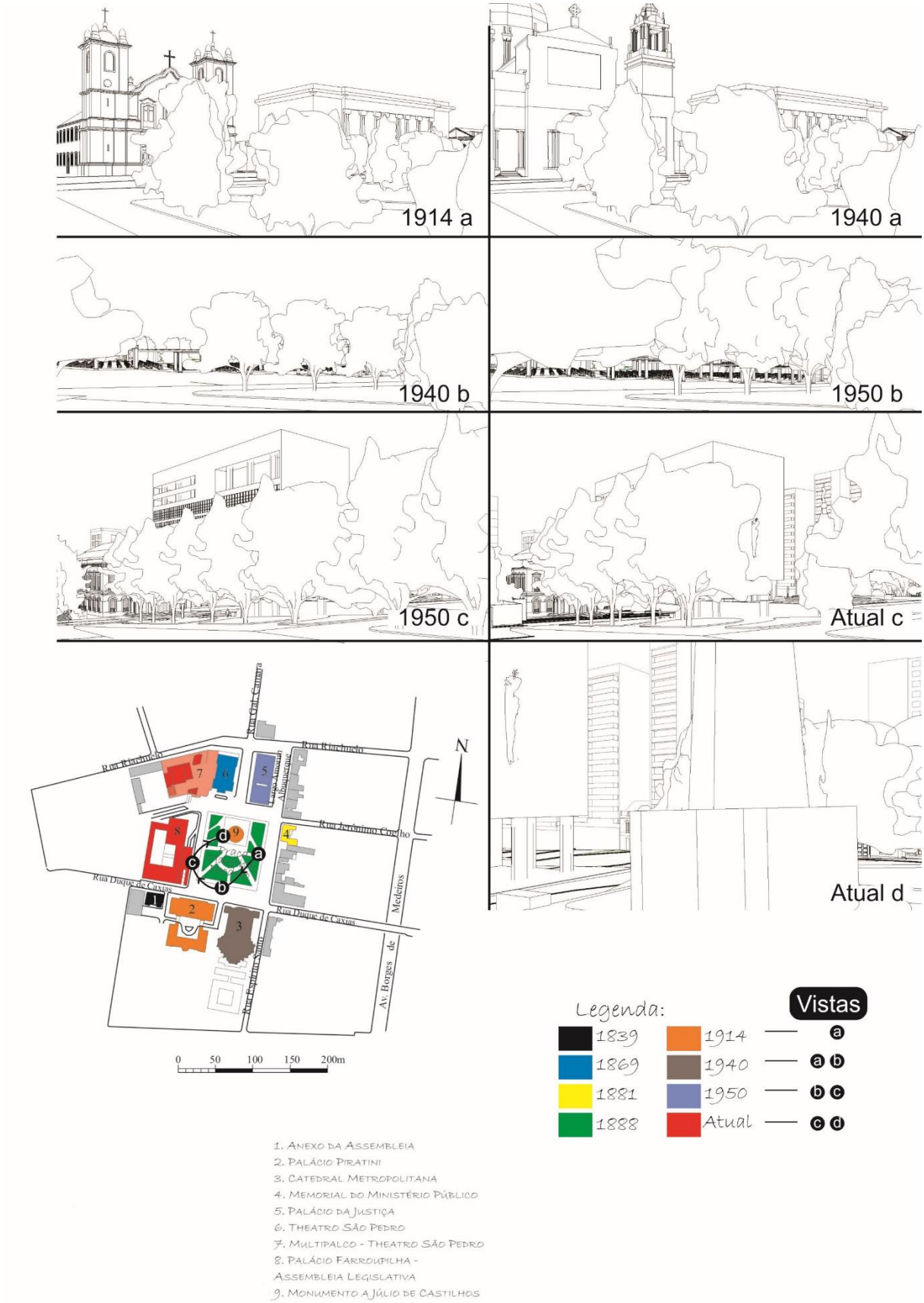
Como qualquer proposta nova, esta também é passível de não apresentar o resultado esperado em uma primeira simulação. Iniciamos, portanto, neste primeiro exemplo, com um avanço no espaço, mostrando primeiro o que se sucede no mesmo tempo histórico e em seguida apresentando uma nova imagem, mantendo a mesmo deslocamento espacial, porém com uma progressão no tempo. Os tempos utilizados serão as oito cenas relatadas neste trabalho e o processo de avanço no espaço será demonstrado na ilustração do ambiente em planta-baixa. Outra escolha complexa é: na planta de que época iremos nos basear? Optamos então pelo uso das plantas que já possuem uma mescla de tempos históricos distintos através de legenda. Estas plantas já foram apresentadas nas figuras 130 e 140 deste capítulo.



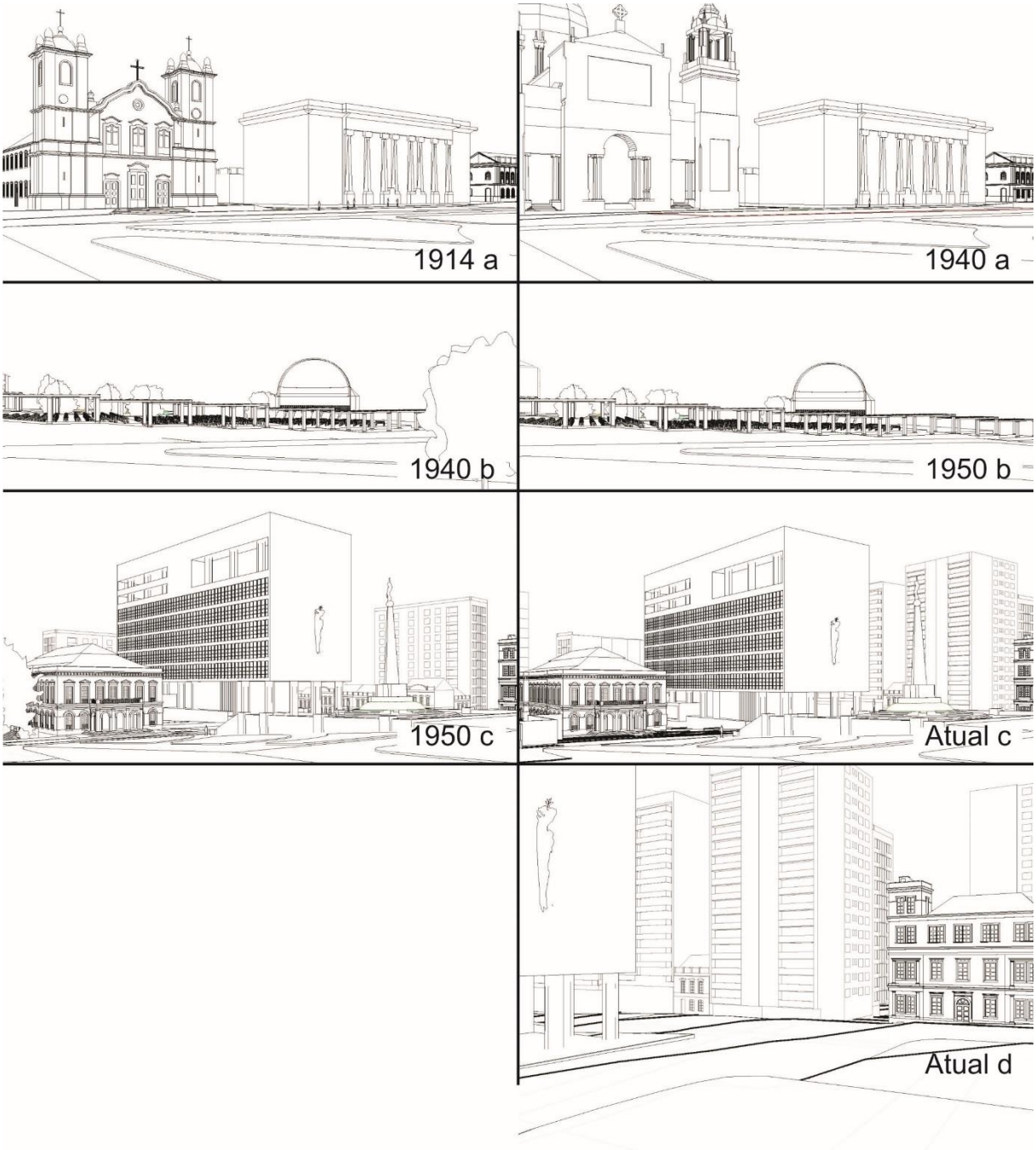
7.3.1. Da cena 1 a cena 4:



7.3.2. Da cena 5 a cena 8:



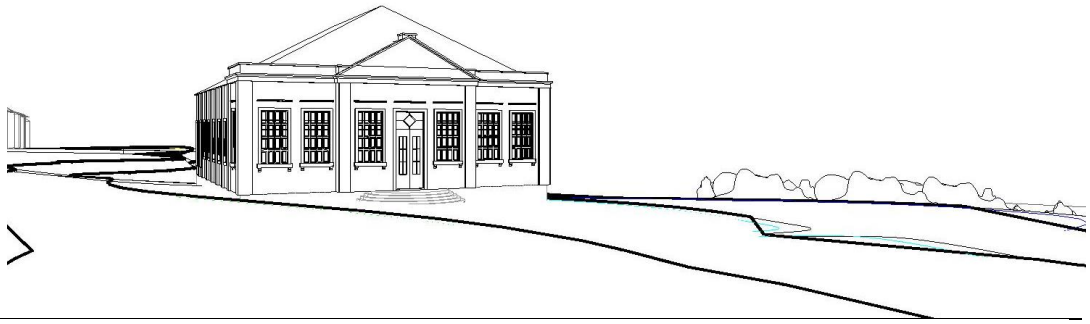
7.3.3. Da cena 5 a cena 8 sem vegetação :



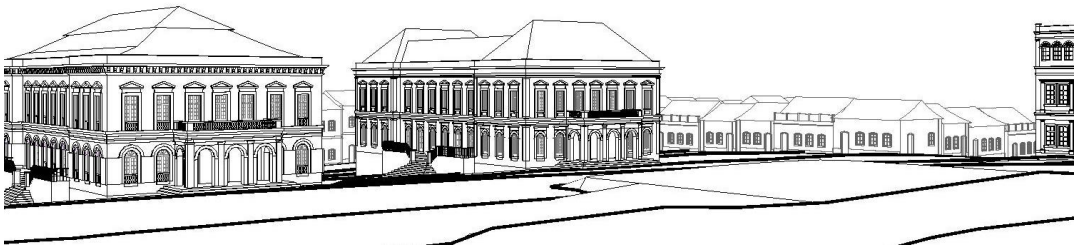
Na próxima sequência de imagens serão registrados para cada posição do observador, um período histórico de forma contínua da cana 1 a 8:

1839 a

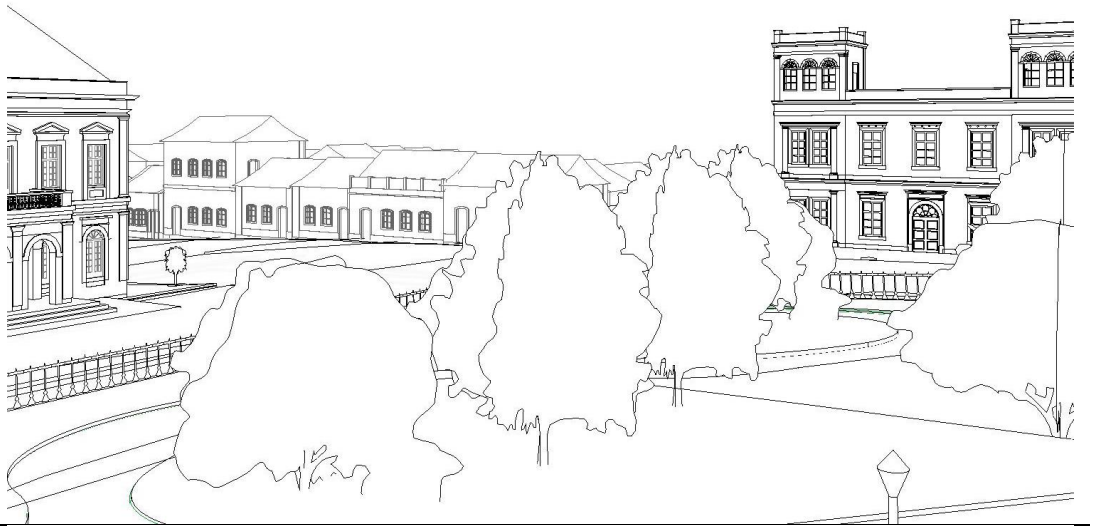
1869 b



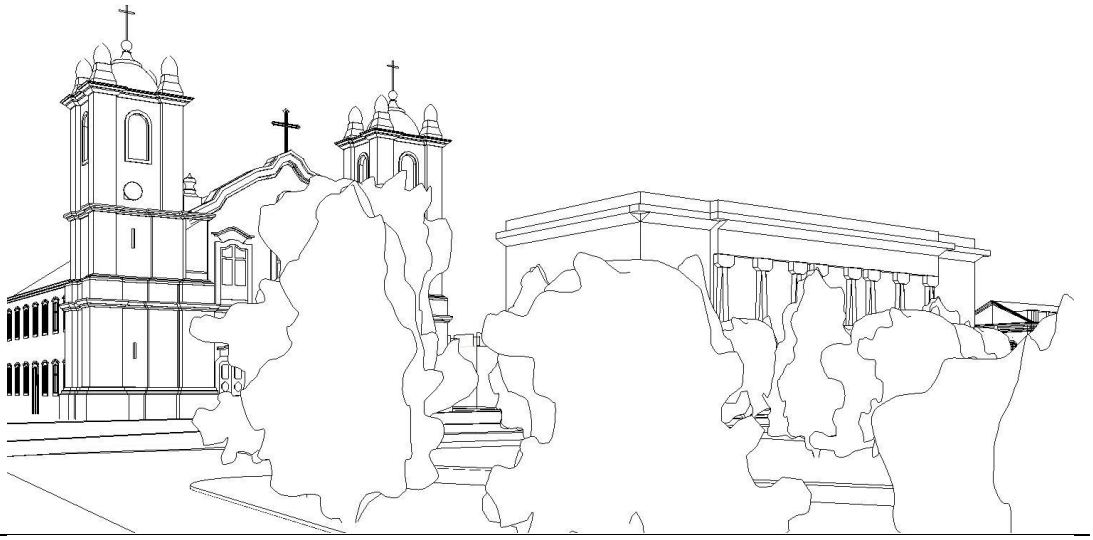
1881 c



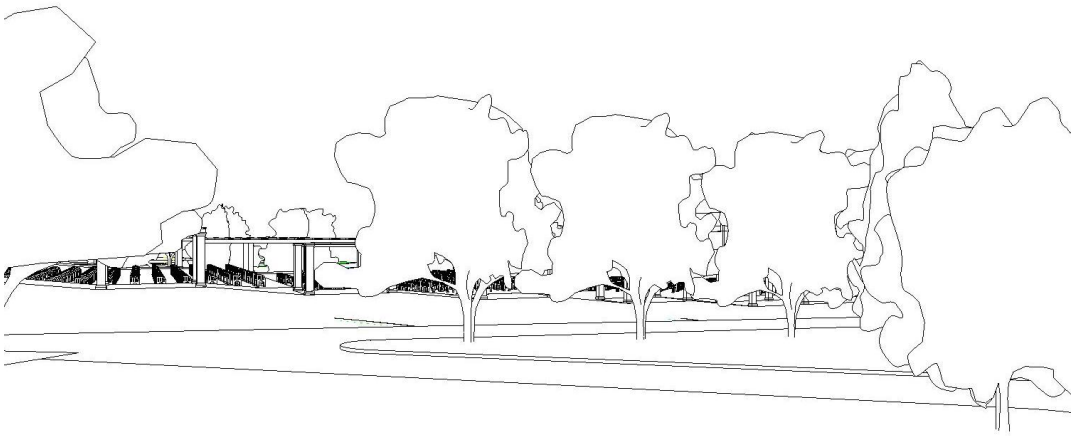
1888 d



1914 a



1940 b



1950 c

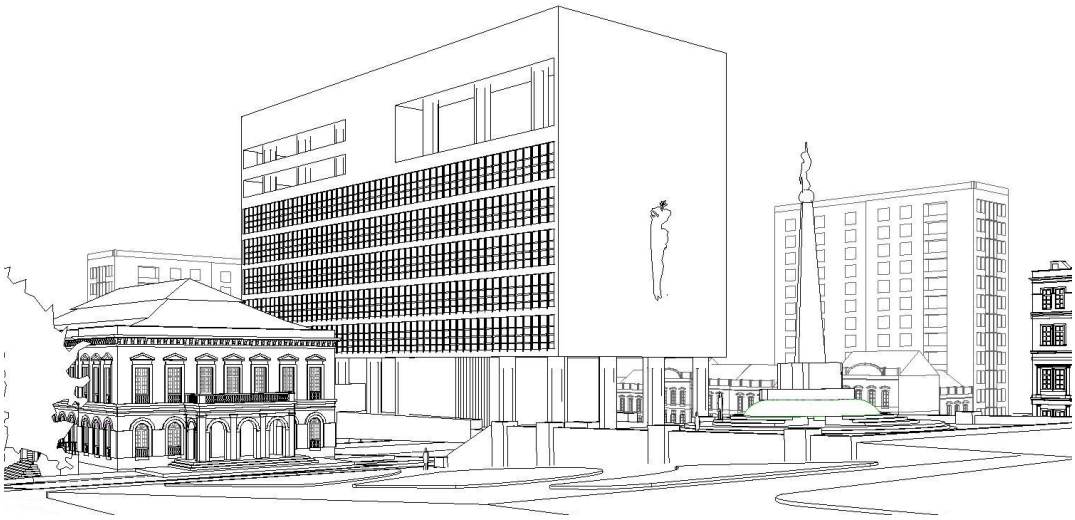


Imagem sem vegetação.

Atual d

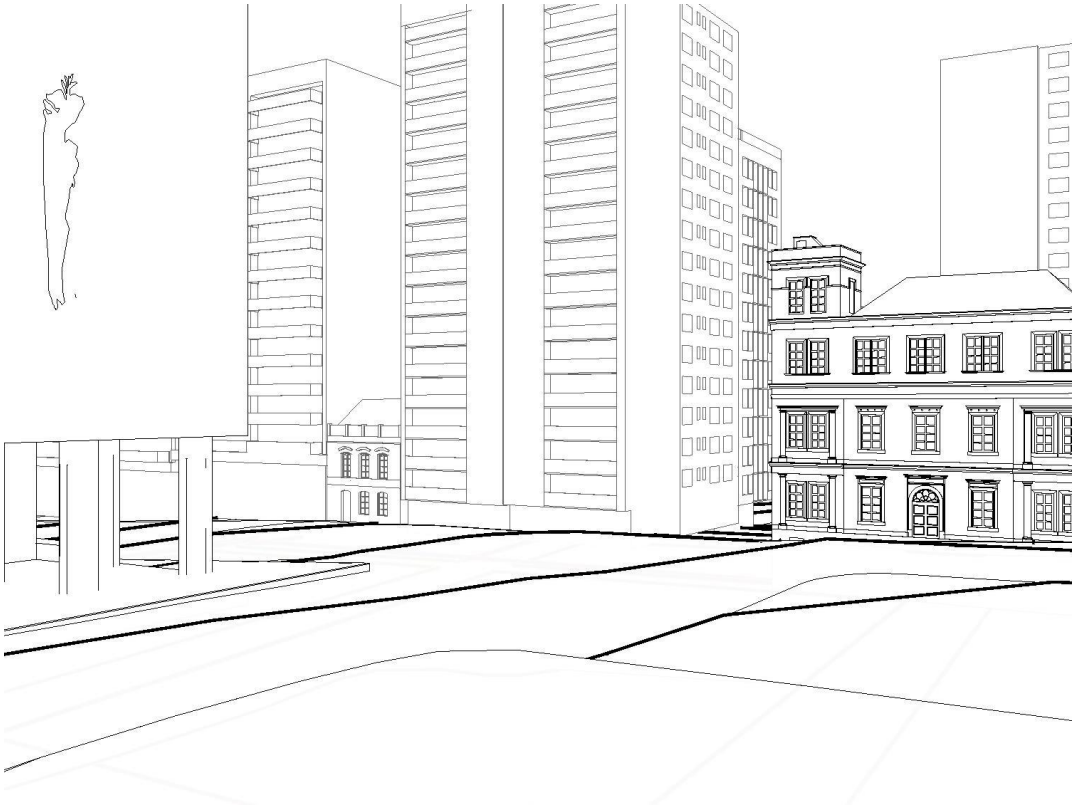


Imagem sem vegetação e sem o monumento central da praça.

8. CONCLUSÕES

8.1. As decorrências da evolução da Praça da Matriz de Porto Alegre

O relato visual, construído neste trabalho, demonstra e reforça importantes observações sobre a evolução urbana da Praça da Matriz de Porto Alegre. Retratado em oito etapas, observadas nos capítulos 3 e 6 deste trabalho, que foram definidas considerando as características formais de suas transformações, fundamentadas em mapas históricos, como não poderia deixar de ser. O que se deseja enfatizar é que não existe uma divisão regular de datas, quantificada em um período igual de tempo, mas são consideradas as mudanças chave em sua caracterização arquitetônica e urbanística e é a partir destas cenas que vamos ponderar sobre esta evolução.

A primeira etapa definida é baseada no mapa de 1839, aqui já se passavam 67 anos da data oficial de fundação da cidade (26 de março de 1772), mas pelos registros históricos, as características principais do local, os três prédios públicos construídos (a Igreja, o Palácio e a Casa da Junta) eram ainda as principais edificações do local. Pelo levantamento iconográfico que fizemos, podemos observar também que apenas duas imagens supostamente pertencentes ao séc. XVIII servem de parâmetro para a caracterização do local. A riqueza iconográfica parte do ano de 1852, quando Hermann Rudolf Wendroth, retratou a cidade através de aquarelas. O que caracteriza esta etapa é a rusticidade do espaço, amplo espaço aberto, pouco edificado, porém como uma autenticidade típica de um local que está em formação. Os prédios coloniais alinhados ao lado sul, com ampla vista para o Rio Guaíba, e a imensa área aberta a sua frente dão o tom deste ambiente sem ornamentação, a Igreja Matriz é o principal e mais imponente artefato arquitetônico, tudo revela a importância secundária que tinha o sul do Brasil naquela época. O ambiente deste período relata simplicidade, carência de recursos e uma beleza sem ostentação decorrente disto e das qualidades naturais do sítio, no topo de uma colina, voltado para o rio.

O ambiente da praça segue em constante transformação acompanhando os acontecimentos políticos e históricos do período, o ambiente colonial vai aos poucos ganhando artefatos neoclássicos, em novas construções ou reformas, o espaço aberto segue sem pavimentação, apenas reduz um pouco pelo ingresso de novos prédios (o Theatro são Pedro, a Sociedade Bailante e os alicerces da Câmara Municipal). O resultado formal parece

dar continuidade ao projeto inicial, apenas agregando elementos indispensáveis à vida da cidade.

Na cena 3, baseada na planta de 1881, o neoclássico segue contaminando a paisagem, tanto nos prédios públicos como nas edificações residenciais e comerciais. A pavimentação e benfeitorias ainda não chegaram a este ambiente, mas a conclusão do prédio da Câmara Municipal de arquitetura e porte similar ao do Theatro São Pedro, forma com o teatro, um portal de acesso à praça quando caminhamos no eixo norte - sul, ou pode-se dizer também uma moldura para observar o rio, no eixo sul – norte. O contorno regular da área aberta se torna mais presente pelas construções que se estabelecem nas quatro fachadas, norte, sul, leste e oeste que podem ser observadas da figura 74 a 75 do capítulo 6. Esta fase ainda remete às características originais do espaço, os prédios inicias da fachada sul estão mais ornamentados, mas não registram neste momento grandes transformações que poderemos observar já no próximo período.

Com uma diferença de sete anos do último período relatado, o recorte temporal de 1888 evidencia grandes transformações, o espaço aberto é racionalizado e recebe arruamentos, definição do contorno da área ajardinada da praça, calçamento para pedestres, e no entorno edificado o principal relato é a construção de uma nova Capela do Divino Espírito Santo. A área aberta é qualificada por canteiros ajardinados e irregulares, formando curvas e contracurvas, dando uma beleza irregular ao espaço verde, enquanto os arruamentos definem contornos lineares e precisos. O contorno ajardinado se alinha perfeitamente ao conjunto sul (Capela, Igreja e Palácio), assim como, com a fachada norte (Teatro e Casa de Câmara), reforçando ainda mais seu eixo principal. As imagens relatam uma infraestrutura melhor para os habitantes e o ajardinamento traz leveza para o lugar, avigorando o potencial de fruição deste local.

O recorte temporal de 1914 traz dois aspectos que dificultam definir se qualificam ou prejudicam o que já existia, em 15 de novembro de 1889 é proclamada a República no Brasil e com ela vem a necessidade de a arquitetura representar o novo estado de espírito da nação e a principal praça de Porto Alegre não poderia ficar ausente a estes apelos. O antigo Palácio da Presidência daria então lugar ao novo e classicista Palácio Piratini e a área ajardinada é toda remodelada, com ajardinamento regular e recebe um monumento de grande porte, que passa a definir a caracterização da área aberta, monumento feito em homenagem à Júlio de

Castilhos, um dos primeiros governadores republicanos do estado do Rio Grande Do Sul. O porte do novo palácio fica em desalinho com a área arborizada, substitui um dos prédios históricos que deram origem ao lugar e desequilibra a relação de peso entre as fachadas norte e sul da praça, comprometendo o eixo original. Esta nova fase da praça relata a preocupação com a nova conjuntura política do país e traz elementos arquitetônicos e urbanos para descrever este momento, mas se perde um equilíbrio pré-existente entre as fachadas norte e sul da praça e um prédio histórico (o Palácio da Presidência), provavelmente sem significativo valor arquitetônico, mas um registro importante de uma época que remete à origem da cidade.

Na sexta cena definida, que se refere ao ano de 1940, algumas soluções parecem que buscam compensar o grande porte do Palácio Piratini e trazer novamente a área aberta para frente do que seriam os três prédios originais da fachada sul (Igreja, Palácio e a antiga Cada da Junta). Além da área arborizada da praça é integrado a ela, ao lado oeste, um auditório à céu aberto, o auditório Araújo Vianna. O Auditório traz um importante atributo, além do que já foi citado no texto acima, reforça a gênese do lugar, um espaço de fruição, uma grande área aberta, um local para apresentações musicais e artísticas, a igreja, o teatro, o palácio, a aura natural aliada à aura cultural. De modo simultâneo, a antiga Igreja Matriz é demolida (em 1929) para dar lugar às obras da nova e mais imponente Catedral Metropolitana. A praça também relata um ecletismo típico desta época, os prédios públicos trazem diferentes estilos, o neoclássico, o renascentista, o classicista e as residências se rebuscam de ornamentos, que se reportam a diferentes estilos.

Na década de cinquenta, a praça começa a expor a verticalização do centro da cidade. O espaço aberto continua amplo, porém, o prédio gêmeo ao Theatro São Pedro (a antiga Casa de Câmara) é destruído em um incêndio, a força do principal eixo da praça, norte – sul, se perde definitivamente, o equilíbrio inicial entre as fachadas norte e sul já não estava mais presente, desde a cena de 1914 e o importante portal formado entre os dois prédios sucumbe de vez. O novo prédio que será construído no local, o Palácio da Justiça, é de concepção modernista, agregando uma nova linguagem a esta já tão eclética paisagem, em planta-baixa, a proporção entre o teatro e o tribunal não revela desequilíbrio, quando em corte vertical, a balança passar a pender para um dos lados.

No registro final e atual de toda a metamorfose da praça, a área aberta é confinada com a substituição do auditório a céu aberto, por mais um palácio de concepção modernista, o Palácio Farroupilha (sede da Assembleia Legislativa do Estado). O entorno da praça se verticaliza quase que completamente, a aura natural que havia desde a origem do lugar se perde em elementos urbanos que cobrem a vista do rio. A praça é principalmente espaço de poderes de estado (Legislativo, Judiciário e Executivo). O que ameniza todo o processo pelo qual este lugar viveu ao longo de pouco mais de dois séculos é sua aura de lugar cultural, que ainda se mantém, ao lado do Theatro São Pedro é construído o Multipalco, a praça contemporânea traz um exemplo de artefato arquitetônico que mesmo sendo atual, não despreza o passado histórico, valorizando a sua arquitetura e o *genius loci* que o lugar sempre relatou.

8.2. O método gráfico

O método gráfico, como abordagem principal desta pesquisa, trouxe resultados muito motivadores, toda a forma gráfica que escolhemos criar auxiliou na construção do trabalho. O Gráfico Cronológico que sempre nos apoiou na clara visualização de datas fundamentais, ou os Quadros Contextual e Iconográfico, desenvolvidos para a organização das fotos, plantas e ilustrações históricas, tornaram possível a elaboração das cenas que ilustram as oito fases que definimos. O processo de modelagem de cada período era um verdadeiro quebra-cabeça de imagens que deveriam ser consideradas e a organização que fizemos foi imprescindível para a qualidade final do trabalho.

A caracterização da praça, como um fragmento urbano que acompanhou e acompanha toda a história da cidade, foi facilitada pela escrita e leitura iconográfica que fizemos, a praça tem sua importância como centro cívico, religioso e cultural, mas é o seu tempo histórico o que a torna mais relevante para a nossa pesquisa. Uma praça não é apenas um espaço aberto, seu entorno edificado a qualifica, contamina e define e cada imagem gerada, fruto das cenas que modelamos, auxiliou na percepção disso.

Foi um processo muito prazeroso visualizar a materialidade da praça se concretizando em modelos virtuais que permitiram criar diversas formas de ver: plantas baixas, cortes, elevações e as vistas em perspectiva. Todas estas formas de representação ampliaram a nossa compreensão do objeto de estudo, mesmo que tenhamos feito algumas definições por hipótese, foi possível criar novos pontos de vista para observação deste espaço.

Não há dúvidas que o suporte de representação e concepção contamina o artefato. Concordamos com a tese do Prof. Alonso: as possibilidades expressivas deste suporte, as ferramentas de computação gráfica, limitaram as características gráficas do trabalho, mas não definiram, pois foram feitas escolhas para atingir os objetivos pretendidos: um deles o de limpar as imagens e organizá-las para revelar os possíveis espaços reais que a praça assumiu em sua constante transformação.

Consideramos que cada desenho utilizado compõe este trabalho como se várias linhas escritas fossem. As imagens resultantes das maquetes não chegaram ao acaso, foram criadas, analisadas, redesenhadas e selecionadas até chegar a um resultado que satisfizesse a expectativa que tínhamos em relação a este texto.

Percebemos que operamos com os signos da arquitetura e eles são indispensáveis para todos os processos que envolvem esta atividade: na concepção, na análise, no uso, na pesquisa ou no próprio artefato, necessitamos de signos gráficos.

8.3. As simulações digitais

Não podemos esquecer, que nos baseamos em um método infográfico, utilizamos tecnologias de computação gráfica por vários meios possíveis, para registrar, para ilustrar, para modelar e para animar. O suporte papel, que entendemos ser indispensável e que utilizamos, nos limita a representações estáticas, mas o que foi produzido em desenhos bidimensionais e modelos tridimensionais podem se converter em um produto dinâmico e interativo. O capítulo simulações digitais teve como objetivo comparar as diferentes etapas da evolução urbana da praça pelo confronto direto entre os períodos. O texto de Gordon Cullen, Paisagem Urbana, nos auxiliou a aprofundar a análise visual do espaço em evolução e nos deu pistas de como fazer isto. A visão serial proposta por Cullen, traz a ideia do movimento

do transeunte ao caminhar pelo espaço urbano, “numa perspectiva visual temos dois pontos de vista a considerar: a *imagem existente* e a *imagem emergente* (CULLEN, 2009, p. 11). Ousamos a utilizar este método, que, segundo Cullen, “deseja captar um pouco da emoção e da sensação de descoberta que experimentamos ao atravessarmos uma cidade” (CULLEN, 2009, p. 21), com a observação do movimento no espaço e no tempo, aguçando a nossa percepção da transformação do lugar e nos posicionando criticamente quanto a escolhas e decisões projetuais que iremos tomar. Serve de registro, de memória do ambiente urbano em constante mutação e nos auxilia na captação de todo este processo histórico revelado na praça e que também reflete situações similares em qualquer urbe.

8.4. O Centro Histórico de Porto Alegre

O nosso objeto de estudo faz parte do Centro Histórico de Porto Alegre que já possui uma regulamentação própria e foi criado pela Lei nº 2022 de 7 de dezembro de 1959, com alterações pela Lei nº 4685 de 21 de dezembro de 1979 e pela Lei 10.364, de 22 de janeiro de 2008, que alterou a sua denominação:

> **Art. 1º** O art. 1º da Lei nº 2.022, de 7 de dezembro de 1959, e alterações posteriores, passa a vigorar com a seguinte redação:
>
> “Art. 1º Denomina-se Centro Histórico da cidade de Porto Alegre a zona compreendida nos seguintes limites e confrontações: da Avenida Loureiro da Silva com a Avenida João Goulart, segue, por essa, até seu encontro com a Avenida Mauá; da Avenida Mauá segue até sua convergência com a Avenida Presidente Castelo Branco; da Avenida Presidente Castelo Branco segue até seu encontro com o Largo Vespasiano Júlio Veppo; do Largo Vespasiano Júlio Veppo segue até seu encontro com o Complexo Viário Conceição – incluem-se túnel, elevadas, acessos e a Rua da Conceição –; daí segue até a Rua Sarmento Leite; da Rua Sarmento Leite segue até a Rua Engº Luiz Englert; da Rua Engº Luiz Englert segue até seu encontro com a Avenida Loureiro da Silva; e, por essa, segue até encontrar a Avenida João Goulart, fechando o polígono.” (PREFEITURA..., 2015)

Já existem políticas de preservação do Centro Histórico e a Praça da Matriz é um dos sítios incorporados ao Projeto Monumenta. O Monumenta é um Programa do Ministério da Cultura voltado à re-qualificação de centros históricos urbanos no território nacional. Em Porto Alegre as ações do Monumenta são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura – SMC:

> ...a área de atuação do projeto compreende 24,5 hectares distribuídos em dois eixos imaginários: um longitudinal e outro transversal ao Guaíba. O primeiro incorpora a Praça da Matriz, a Rua Gen. Câmara (Ladeira), a Praça da Alfândega e o pórtico do cais do porto. O segundo percorre a rua dos Andradas (rua da Praia), do Largo dos Medeiros à Igreja Nossa Senhora das Dores. Esse perímetro foi definido em razão de ser esta área tombada como patrimônio da nação desde de 2001, sendo este o motivo que faz com que Porto Alegre tenha um centro histórico reconhecido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como importante para a memória do país. (PREFEITURA..., 2015)

Existem, portanto, políticas já definidas de conservação da Praça da Matriz, este trabalho tem a vocação de preservar a memória da evolução urbana deste sítio histórico, podendo servir de fonte de pesquisa, consulta e avaliação crítica para o estudo e resgate histórico da área, mas não intenciona sugerir ou criticar as políticas de preservação de patrimônio já existentes.

9. NOVAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Este trabalho, apesar de se valer de tecnologia, de ferramentas de computação gráfica, não utiliza nenhum recurso tecnológico sofisticado ou de difícil acesso. A grande força desta pesquisa é o método empregado, o conjunto de ações que foram sendo desenvolvidas para chegar ao cabo deste processo é o que o diferencia. A tecnologia está incorporada em nosso modo de vida, a cultura visual chega através de todos os tipos de mídias em uma qualidade e quantidade quase impossível de absorver. A presente pesquisa inclusive foi beneficiada pelo fácil acesso que se obtém de imagens na web. As imagens da cidade nem sempre estão nos museus e arquivos históricos, estão em *blogs*, *sites*, *Facebook*, *Pinterest*, etc. Os mapas históricos estão digitalizados e fáceis de manipular. A empresa *Google*, através principalmente do Google Chrome revolucionou a pesquisa por locais geográficos, o *Google Earth*, o *Google Maps*, o *Street View* são exemplos de recursos que vimos nascer recentemente e que nos aproximam virtualmente de qualquer lugar do planeta.

Nos animaria poder experimentar esta sensação de estar em qualquer local do planeta, mas em diferentes tempos históricos. Este acesso a momentos do passado poderia permitir armazenar um banco de imagens, textos e modelos tridimensionais aberto para que qualquer usuário disponibilizasse o seu acervo, o seu trabalho, ou o que pudesse enriquecer a informação existente. Uma proposta similar ao que já acontece hoje, mas que usamos para a observação do tempo presente. Um repositório de informações históricas sobre um dado local geográfico, com acesso livre para qualquer um de nós, um portal, similar ao que experimentamos através destas tecnologias citadas acima. Além disto, simplesmente utilizar este método para investigar a evolução de outros sítios históricos da cidade e da região também seria uma proposta que daria continuidade ao projeto que desenvolvemos.

Esta pesquisa que nos acompanha a tanto tempo foi uma grande realização, a consideramos um produto que indica caminhos, que pode servir de fonte de consulta e que pede que seja dada sua continuidade.

10. DIFUSÃO DO TRABALHO

Parte desta tese, recentemente foi apresentada em alguns fóruns de pesquisa, como seminários e encontros de arquitetura, foram também disponibilizadas em bibliotecas e apresentadas em disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo que abordam o urbanismo e a questão de patrimônio. O primeiro estágio de desenvolvimento deste trabalho também já foi apresentado em congresso internacional.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

1. ALONSO, Carlos Egídio ; BATTASTINI, D. K. P. . Evolução e Transformações da Praça da Matriz de Porto Alegre: Arquitetura e Contexto Urbano. In: III ENANPARQ - Arquitetura, Cidade e Projeto: uma construção coletiva, 2014, São Paulo. Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

2. BATTASTINI, D. K. P. . MODELOS HISTÓRICOS VIRTUAIS X SISTEMA DE ACESSO À INFORMAÇÃO: Percorrendo a linha de tempo de um espaço urbano. In: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação do UniRitter, 2013, Porto Alegre. O papel transformador da universidade / IX Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação. Porto Alegre : UniRitter, 2013., 2013.

3. BATTASTINI, D. K. P. . A Restituição Virtual Tridimensional de um dos Prédios que Compôem o Entorno da Praça da Matriz de Porto Alegre - Um Exemplo para o Estudo da Evolução Urbana da Praça. In: V Congresso Ibero-Americano de Gráfica Digital, 2001, Concepción - Chile. V Congreso Iberoamericano de Gráfica Digital - Libro de Ponencias. Concepción: Ediciones Universidad del Bio-Bio, 2001. v. 1. p. 46-48.

O estágio atual do trabalho está pronto para sua difusão em fóruns de pesquisa de arquitetura e urbanismo, de história e de uso de ferramentas gráficas digitais.

REFERÊNCIAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As estâncias que deram origem a Porto Alegre, 1732 25
Figura 2: As invasões espanholas 26
Figura 3: Porto Alegre em fins do séc. XVIII 27
Figura 4: Sul do Brasil: percurso dos açorianos – 1750 28
Figura 5: Praça da Matriz em mapa de 1839 (L. P. Dias) 40
Figura 6: Praça da Matriz em reprodução de uma tela colorida da Déc. de 60 do séc. XIX ... 41
Figura 7: A Igreja Matriz e o Palácio da Presidência – Aquarela de Wendroth 41
Figura 8: Praça da Matriz em mapa de 1869 43
Figura 9: Igreja Matriz, Capela do Divino e alicerces da Casa de Câmara, 1864 43
Figura 10: Palácio da Presidência no final do séc. XIX 44
Figura 11: Detalhe baseado em mapa de João Candido Jacques - 1888 45
Figura 12: Assembleia Provincial - Meados do séc. XIX 46
Figura 13: Theatro São Pedro, década 60 a 70 do séc. XIX 46
Figura 14: Sociedade Bailante, 1881 47
Figura 15: Palácio da Presidência década 90, séc. XIX 47
Figura 16: Theatro São Pedro e Casa de Câmara 1888 48
Figura 17: Estação Telegráfica – Palácio Provisório Início do séc. XX 48
Figura 18: A Praça Marechal Deodoro em mapa de 1914 50
Figura 19: Praça Marechal Deodoro em mapa de 1937 51
Figura 20: Monumento a Júlio de Castilhos 52
Figura 21: Monumento a Júlio de Castilhos com a antiga Igreja Matriz ao fundo 52
Figura 22: Palácio Piratini e Auditório Araújo Vianna 53
Figura 23: Catedral Metropolitana em obras – 1970 53
Figura 24: Vista aérea da Praça da Matriz – meados do séc. XX 55
Figura 25: Palácio Farroupilha – Foto de Carmino João Espíndola 55
Figura 26: Maquete Multipalco Theatro São Pedro – 1998 56
Figura 27: Planta Histórica de 1869- redesenhos CAD e ilustração 63
Figura 28: Planos de fachada a partir de fotos 64
Figura 29: Modelo Tribunal de Justiça obtido no Armazém 3D 64
Figura 30: Modelo Tribunal de Justiça remodelado no SketchUp 64
Figura 31: Modelo em CAD da Igreja Matriz e Capela do Espírito Santo e Foto Virgílio Calegari 65
Figura 32: Modelo em CAD Palácio do Governo – feições coloniais e neoclássicas 65
Figura 33: Modelo em CAD e foto da Sociedade Bailante 66
Figura 34: Modelos em CAD e fotos Casa da Junta – Feições Colonial e Neoclássica 66
Figura 35: Modelo em CAD e foto Theatro São Pedro 66
Figura 36: Modelo em CAD e foto Chafariz de Mármore 67
Figura 37: Modeladas em CAD e imagem de casas coloniais 67
Figura 38: Modelo em CAD e foto Estação Telegráfica 67
Figura 39: Modelo em CAD conjunto lado leste da praça 68
Figura 40: Curvas de nível desenhadas em CAD sobre mapa de 1837 68
Figura 41: Área da península modelada no software Revit 69
Figura 42: Maquete baseada na planta de 1839 69
Figura 43: Maquete baseada na planta de 1869 69

Figura 44: Maquete baseada na planta de 1914 70
Figura 45: Maquete baseada na planta de 1950 70
Figura 46: Aquarela de Wendroth - Igreja Matriz e Palácio da Presidência 72
Figura 47: Igreja Matriz, Capela e Alicerces Casa de Câmara 73
Figura 48: Theatro São Pedro, Casa de Câmara e Chafariz de Mármore 74
Figura 49: Praça da Matriz Arborizada, Theatro e Casa de Câmara 75
Figura 50: Monumento a Júlio de Castilhos, Palácio Piratini e Igreja Matriz 76
Figura 51: Palácio Piratini e Auditório Araújo Vianna 77
Figura 52: Cathedral Metropolitana 78
Figura 53: Theatro São Pedro e Palácio da Justiça 79
Figura 54: Maquete Eletônica Cena 1- 1839 81
Fig. 55: A Igreja Matriz e o Palácio da Presidência na Cena 1 82
Figura. 56: Vista do lado sul 83
Figura 57: Vista frontal lado sul 83
Figura 58: Área aberta e perfil aéreo 84
Figura 59: Praça da Matriz em reprodução de uma tela colorida, Déc. de 60 do séc. XIX 84
Figura 60: Casa da Assemblea com um pavimento 84
Figura 61: Contorno da península, rio e área da praça 85
Figura 62: Vista Palácio do Governo, Igreja Matriz e Capela do Divino 86
Figura 63: Vista para o rio 86
Figura 64: Maquete eletrônica cena 2 – 1869 87
Figura 65: Os prédios públicos 88
Figura 66: Vista a partir da Rua General Câmara 89
Figura 67: Assemblea Provincial com feições neoclássicas 90
Figura 68: Sociedade Bailante, Chafariz de Mármore e Theatro São Pedro 91
Figura 69: Declive Sul –norte 92
Figura 70: Panorama 1865 Fotos de Luis Terragno 92
Figura 71: Vista lado sul maquete eletrônica 92
Figura 72: Maquete eletrônica cena 3 – 1881 93
Figura 73: Os prédios gêmeos 94
Figura 74: Vista A – lado sul 96
Figura 75: Vista B – lado leste 96
Figura 76: Vista C – lado norte 96
Figura 77: Vista D – lado oeste 96
Figura 78: Vista A – lado sul em perspectiva 97
Figura 79: Vista B – lado leste - em perspectiva 97
Figura 80: Vista C – lado norte - em perspectiva 97
Figura 81: Vista D – lado oeste em perspectiva 97
Figura 82: Imagens representando panorama de 1881 98
Figura 83: Perspectiva panorama lados leste, sul e oeste 98
Figura 84: Maquete eletrônica cena 4 1888 99
Figura 85: Detalhe das benfeitorias 100
Figura 86: Foto Foto Virgílio Calegari - 1880/1890 101
Figura 87: Imagem renderizada, vista similar a foto da figura 82 102
Figura 88: vista lado norte - cena 3 – 1881 103
Figura 89: vista lado norte - cena 4 – 1888 103
Figura 90: Vista A 104

Figura 91: Vista B 104
Figura 92: Vista C 104
Figura 93: Vista D 104
Figura 94: Maquete eletrônica – cena 5 – 1914 105
Figura 95: A cena republicana 106
Figura 96: Vista das Praça com arborização 107
Figura 97: Vista da figura 91 com remoção das árvores 107
Figura 98: Planta indicando o ponto de vista das figuras 91 e 92 108
Figura 99: Vista lado norte cena de 1914 109
Figura 100: Vista da cena 4, de 1881 110
Figura 101: Monumento a Júlio de Castilhos com Palácio Piratini ao fundo 110
Figura 102: Maquete eletrônica cena 6 – 1940 111
Figura 103: Espaço de lazer e fruição 112
Figura 104: Vista Aud. Araújo Vianna, Palácio Piratini, Igreja Matriz e lado leste 114
Figura 105: Foto Cathedral Metropolitana em obras 114
Figura 106: Imagem do Solar Palmeiro 115
Figura 107: Fachada lado Sul 116
Figura 108: Imagem renderizada do Auditório Araújo Vianna 116
Figura 109: Maquete eletrônica cena 7 – 1950 117
Figura 110: O processo de verticalição dos edifícios. 118
Figura 111: Imagem a partir do Largo João Amorim Albuquerque 119
Figura 112: Vista A – lado sul 120
Figura 113: Vista B – lado leste 120
Figura 114: Vista C – lado norte 120
Figura 115: Vista D – lado oeste 121
Figura 116: Imagem renderizada - vista do monumento e da praça 121
Figura 117: Imagem renderizada - vista lado leste da praça. 121
Figura 118: Imagem renderizada – Auditório Araújo Vianna 122
Figura 119: Imagem renderizada – Palácio Piratini, Assembleia e Auditório Araújo Vianna 122
Figura 120: Maquete eletrônica cena final 123
Figura 121: A praça contemporânea 124
Figura 122: Vista lado norte 126
Figura 123: Vista lado leste 126
Figura 124: Vista lado sul 126
Figura 125: Vista lado oeste 127
Figura 126: Imagem do corte da figura 128 com prédios em segundo plano 128
Figura 127: Imagem do corte da figura 128, sem o segundo plano dos prédios 128
Figura 128: Indicação do corte das figuras 126 e 127 128
Figura 129: Imagem renderizada com vista aérea do conjunto – cena final 129
Figura 130: Área da praça inserida na península 131
Figura 131: Cena 1 planta de 1839 132
Figura 132: Cena 1 planta de 1869 132
Figura 133: Cena 1 planta de 1881 132
Figura 134: Cena 1 planta de 1888 132
Figura 135: Cena 1 – 1839 133
Figura 136: Cena 2 – 1869 133

Figura 137: Cena 3 – 1881 133
Figura 138: Cena 4 – 1888 133
Figura 139: Novo contorno da cidade após aterros 134
Figura 140: Planta da praça com o contorno da cidade após aterros 135
Figura 141: Cena 5 – 1914 136
Figura 142: Cena 6 – 1940 136
Figura 143: Cena 7 – 1950 136
Figura 144: Cena 8 – 1960 até período atual 136
Figura 145: Cena 5 – 1914 137
Figura 146: Cena 6 – 1940 138
Figura 147: Cena 7 – 1950 138
Figura 148: Cena 8 – 1960 até período atual 138
Figura 149: Vistas da maquete eletrônica nas cenas 1, 2, 3 e 4 139
Figura 150: Vistas da maquete eletrônica nas cenas 5, 6, 7 e 8 140
Figura 151: Visão Serial 141

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. A Mão e sua Impressão. In: Seminário DOCOMOMO Brasil, nº 7, 2007, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS- FAU, 2007.

ALVES, Hélio Ricardo. Porto Alegre foi assim... . Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

Álbum de fotografias de Porto Alegre - Séc. XIX e XX. Biblioteca Museu Joaquim José Felizardo.

ALONSO, Carlos Egídio. Arquitetura – Signagem e não Linguagem. Trabalho apresentado no 4º Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie, São Paulo, 2008

ANTONIAZZI, Asdrubal. Simulação Computacional de Ambientes Históricos: procedimentos metodológicos para o estudo de caso na Praça Dante Alighieri e no entorno imediato. 2009, 166 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ASCHER, François. Os Novos Princípios do Urbanismo. Tradução e apresentação Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2012.

BACON, Edmund N. Design of Cities. New York: Penguin Books, 1976.

BALDAM, Roquemar. AutoCAD 2012 Utilizando Totalmente. São Paulo: Editora Érica, 2011.

CANEZ, Anna Paula. Fernando Corona e os Caminhos da Arquitetura Moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Uniritter, 1998.

CASTELLO, Lineu. A Percepção de Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

COLLARES, Júlio Ramos e BERNARDES, Dalton. Projeto Multipalco Theatro São Pedro. Disponível em: http://jdarq.com.br/?portfolio=portfolio1 Acesso em 20/01/2015.

CORUJA, Antônio Alvares Pereira. Antigualhas; Reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1996.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Tradução Isabel Correia e Carlos de Macedo. Lisboa: Edições 70, 2009.

FIORE, Renato Holmer. O espaço da Praça da Matriz com a inserção do Palácio Piratini. ARQtexto, nº 5, 2004, p. 98-109.

FIORE, Renato Holmer. O Caráter Histórico da Praça da Matriz em Porto Alegre: significados do lugar, permanência e mudança. ARQtexto, nº 9, 2006, p. 92-109.

FORTINI, Archimedes. Histórias da Nossa História. Porto Alegre: Editora Grafipel, 1966.

_____.O Passado Através da Fotografia. Porto Alegre: Editora Grafipel, 1959.

FRANCO, Sérgio da Costa. Guia Histórico de Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.

_____.Gente e Espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT. 15.ed. s.n., 2011.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL – IHGRGS. Cartografia Virtual Histórica Urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: Pref. de Porto Alegre, 2005. 1 CD-ROM.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO RS – IPHAE/RS. Disponível em: http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombados. Acesso em 11/02/2016.

KÓS, José R., BORDE, Andréa P. e BARROS, Diana R. Construindo (n)o Espaço Digital; Anais do IV Seminário Ibero-Americano de Gráfica Digital. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2000.

LEMOS, Carlos. História da Casa Brasileira. São Paulo: Ed. Contexto, 1996.

LIEDKE, Ediolanda; Palácio Provisório e Antigas Cocheiras – Justificativa Histórica, Dossiê do Projeto da Lei de Incentivo à Cultura do Memorial do Ministério Público Estadual, 1999.

LÓPEZ-SALAZAR, Ramón Maestre; MÁS, Francisco Irles. 2000. Levantamento de Planos de Fachadas a Partir de uma Fotografía. Perspectivas. Universidad de Alicante.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre Origem e Crescimento. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1968.

_____. História de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

_____. Porto Alegre - História e Vida da Cidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1973.

MACHADO, Andréa Soler. A Praça da Matriz. Revista ARQTEXTO. 1º semestre 2000. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

_____. Palácio Farroupilha: uma reflexão sobre a monumentalidade moderna. In: Seminário Docomomo, 9º, 2011, Brasília, DF. **Anais**. Brasília: UnB-FAU, 2011. p. 1-18.

MACHADO, Andrea Soler; PELLEGRINI, Ana Carolina Santos. A Praça e a Piazza: Transitoriedade e Permanência no Esquema Clássico de Cidade. In: Seminário Docomomo, 7º, Porto Alegre, RS. Anais. Porto Alegre: UFRGS-FAU, 2007.

MAHFUZ, Andréa Soler Machado. Dois Palácios e uma Praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

MEYER, Augusto. Segredos da Infância; No Tempo da Flor. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira de. A Fundação de Porto Alegre: Dados Oficiais. Porto Alegre: Ed. Norma, 1987.

_____. Porto Alegre: A Cidade e sua Formação. Porto Alegre: E. Gráfica Metrópole, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre - Espaços e Vivências. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais de Porto Alegre. Porto Alegre.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/ Acesso em 10/09/2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/ Acesso em 10/09/2015.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. Traduzido por Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, Editor, 1987.

SCHIDROWITZ, Leo Jerônimo. Biografia duma Cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro S.A . , 1940.

SITTE, Camillo. A construção das cidades: segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Célia Ferraz e MÜLLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua Evolução Urbana. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1997.

SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1967.

_____. Porto Alegre - Monografia. São Paulo: Habitat Editora. (Compilação do Walter Spalding).

_____. Porto Alegre - Retrato de uma Cidade. Porto Alegre: Pub. Prefeitura Municipal, 1940.

TAGLIARI, Ana. Frank Lloyd Wright: princípio, espaço e forma na arquitetura residencial. São Paulo: Annablume, 2011.

TELLES, Leandro. Porto Alegre Antigo. Porto Alegre: Ed. Painel e RBS, 1972.

WEIMER, Gunter. A Arquitetura. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

WENDROTH, Herrmann Rudolf. O Rio Grande do sul em 1852, coleção de aquarelas. Ed. Governo do Estado do RS, administração Amaral de Souza.

XAVIER, Alberto e MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Ed. Pini, 1987.

ANEXOS

ANEXO 1 – RECONSTRUÇÃO VIRTUAL DE PRÉDIO HISTÓRICO:

1. O PRÉDIO DO ANTIGO "PALÁCIO PROVISÓRIO"

Figura 1 – Palácio Provisório, atualmente denominado Memorial do Ministério Público, 2002.

1.1 Breve Histórico

O Palácio Provisório é o objeto principal deste trabalho, pois foi a partir dele que foi feita a experiência da restituição virtual tridimensional de todas as etapas históricas pelas quais passou, buscando gerar um exemplo em escala menor do que se pode obter fazendo a restituição da evolução urbana da praça.

A denominação de Palácio Provisório, que permanece até hoje, foi em virtude de ter funcionado como palácio do governo por um determinado período da história. Este prédio projetado pelo engenheiro Francisco Nunes Miranda teve suas obras iniciadas em 1857 e concluídas em 1871, inicialmente foi concebido para receber a Assembléia Provincial, que acabou não se instalando no prédio, e teve durante sua história uma série de funções como prédio público, entre elas segundo Clovis Silveira de Oliveira "*ESTAÇÃO TELEGRÁFICA, REPARTIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS, depois sede do COMANDO DAS ARMAS*".[12] Segundo dados do mesmo autor a primeira função desempenhada a partir de 1871 foi a de Estação Telegráfica e Repartição de Obras Públicas, de 1890 a 1896 passa a ser sede do Comando das Armas e Quartel do Comando da Polícia Provincial. Nesta época era conhecido como Edifício das Repartições Públicas. Este prédio também é conhecido, até hoje, pelo apelido de "Forte Apache", que segundo Andréa Soler Machado foi em virtude do período em que funcionou como sede do Comando das Armas. Em 1892, em uma das torres do prédio, foi instalado o primeiro Observatório Meteorológico do Estado.

Em 1896 é que passa a ser conhecido como Palácio Provisório pois, como citado anteriormente, é ocupado como residência e sede administrativa da Presidência do Estado, para que o então Palácio da Presidência seja demolido e construído o novo Palácio do Governo

[12] Clóvis Silveira de Oliveira. "Porto Alegre: A Cidade e sua Formação." Porto Alegre: E. Gráfica Metrópole, 1993, p. 155.

(Palácio Piratini). Em 1909 deixa de ser residência pois o então Presidente do Estado Carlos Barbosa Gonçalves passa a residir no prédio localizado na esquina da General Auto com a Duque de Caxias, permanecendo sede administrativa do governo até 1921, quando de acordo com texto da Arq. Ediolanda Liedke, o presidente do estado, passa a despachar, no dia 17 de maio, do Palácio Piratini. Após deixar de ser sede administrativa do governo ali instala-se a Diretoria de Higiene e Saúde, posteriormente em 1963 quase foi demolido para a construção de uma edificação para abrigar órgãos da Justiça, em 1998 o prédio é transferido ao Poder Executivo.

Hoje pertence ao Ministério Público Estadual, responsável pela recuperação do prédio que está sendo restaurado para receber as instalações do Memorial do Ministério Público. O prédio foi inscrito no Livro do Tombo Histórico do Estado em 1982, pela importância histórica ao ter sido sede do Governo do Estado.

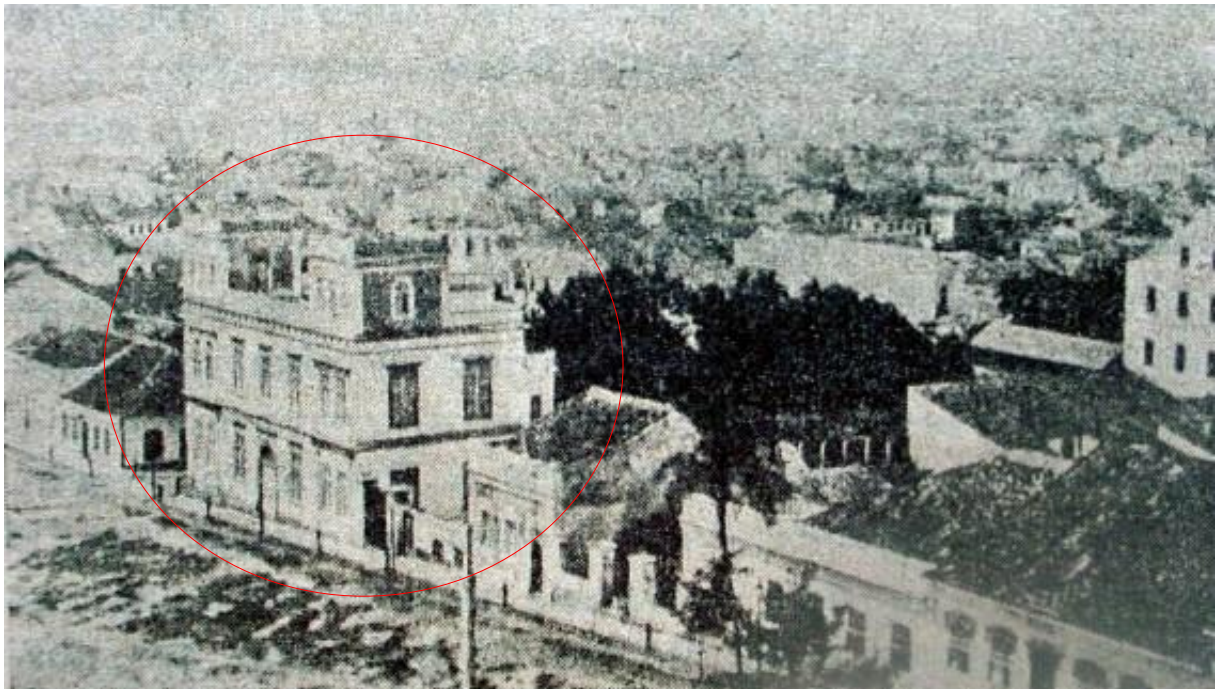


Figura 2 – Palácio Provisório, 1880.

Ao longo da história, o Palácio Provisório sofreu uma série de modificações, na sua configuração original possuía um subsolo, dois pavimentos e dois torreões (figura 2), em 1894 tem sua primeira alteração, é construída a ala sul (figura 3) por determinação do Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas João José Pereira Parobé. Em 1899 é construído um terceiro pavimento, desaparecendo os dois torreões e sendo erguido um único torreão no quarto pavimento no lado norte (figura 4), por fim, em 1906 na Rua Jerônimo Coelho é construído um edifício em anexo denominado "Antigas Cocheiras". (figura 5)

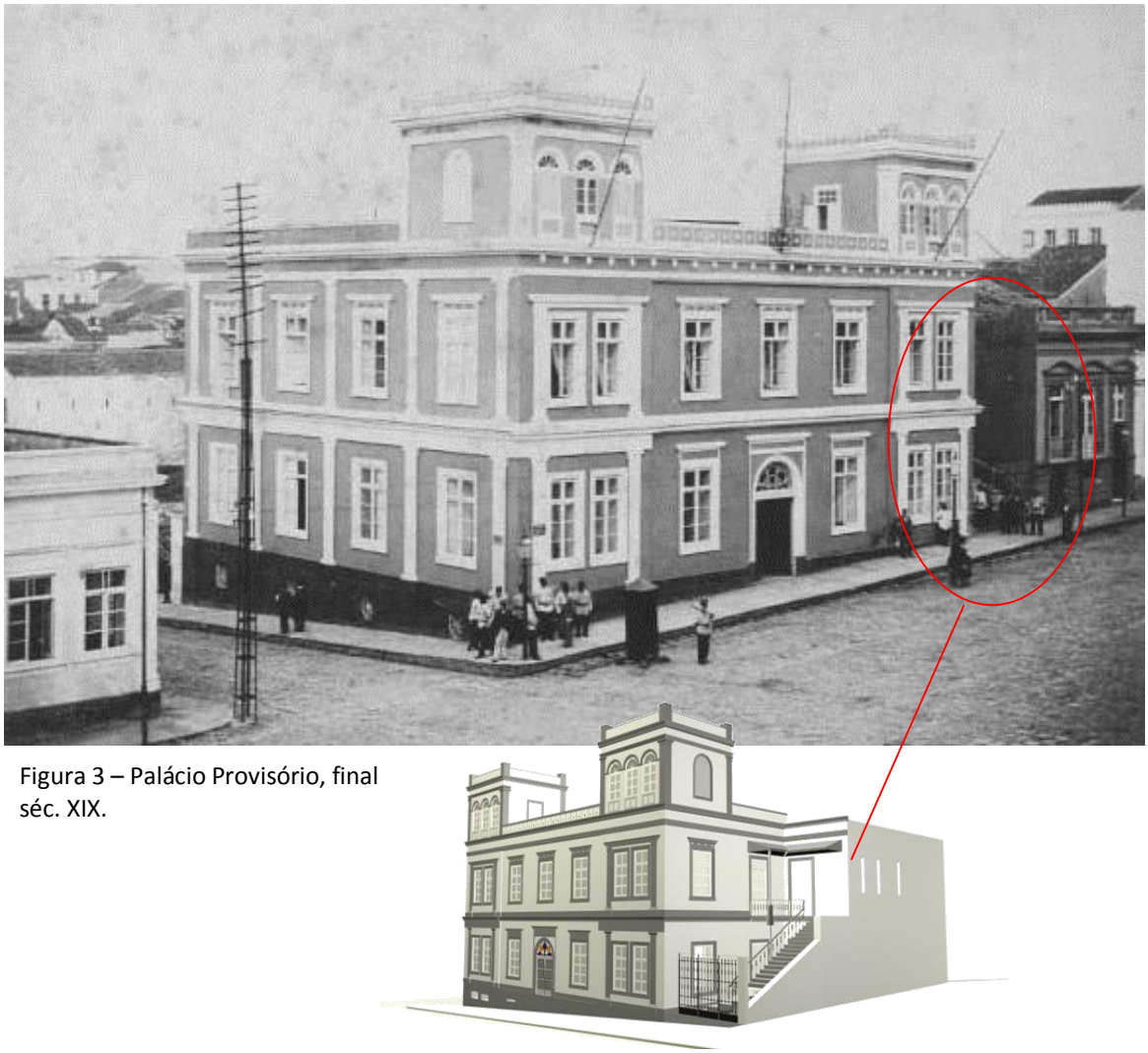


Figura 3 – Palácio Provisório, final séc. XIX.

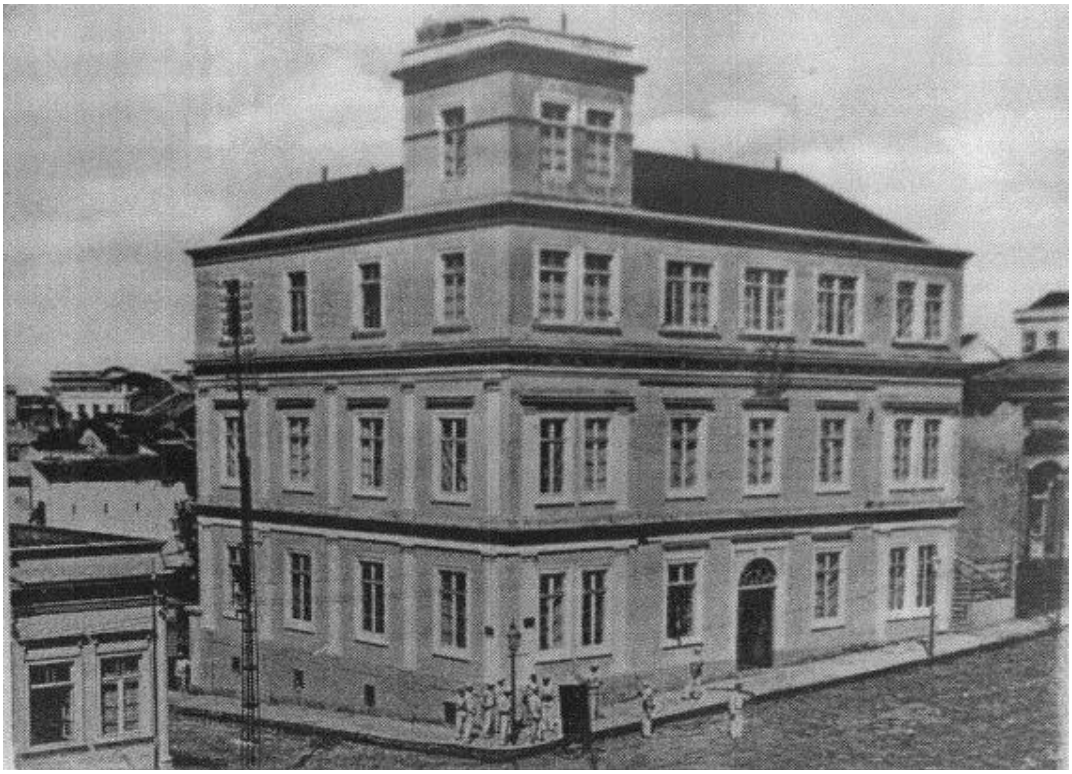


Figura 4 – Palácio Provisório, início do século XX.

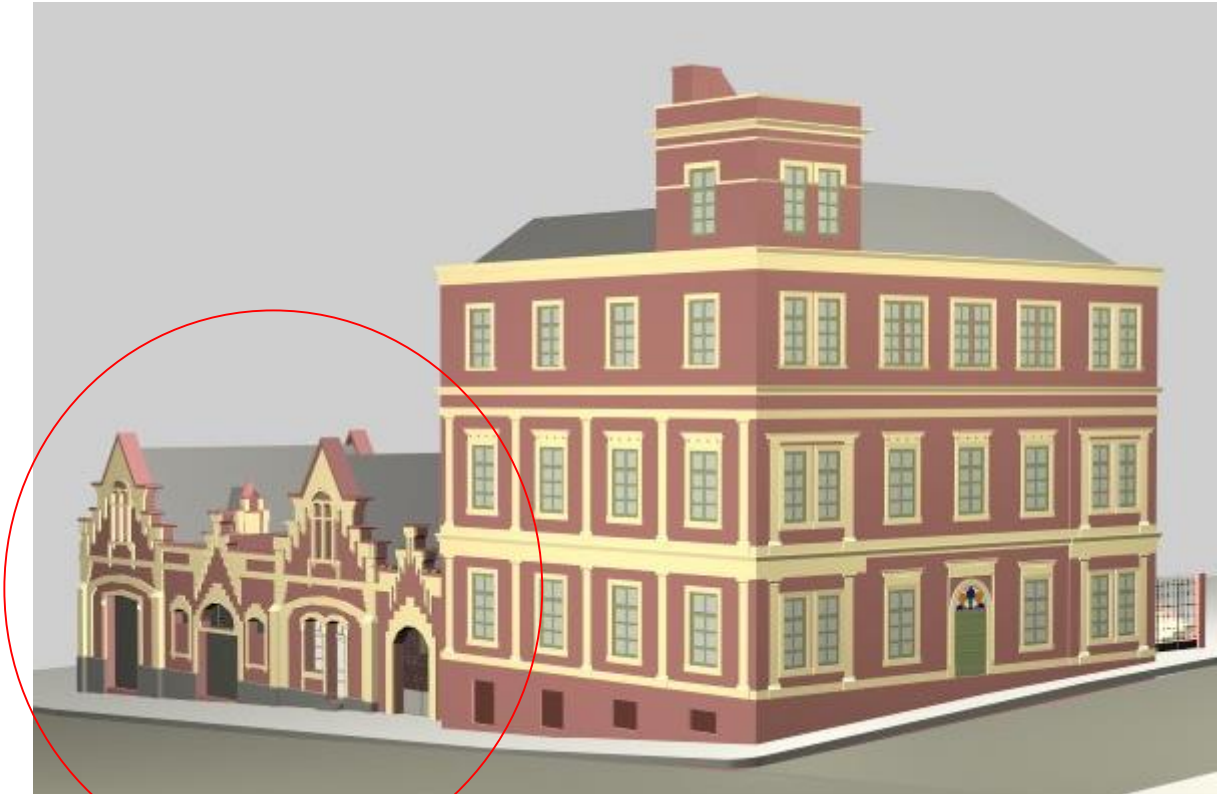


Fig. 5 – Detalhe das Antigas Cocheiras, anexo ao Palácio Provisório.

1.2 Ficha Técnica

O prédio situa-se na Praça da Matriz nºs 110 e 120, esquina com Jerônimo Coelho. Construído sobre um lote cujas dimensões são 25,50m x 44,70m, na verdade pode-se falar em duas edificações bem distintas: o palácio propriamente dito e as garagens, originalmente estrebarias. A área construída está conforme quadro abaixo:

PALÁCIO		**GARAGENS**	
Subsolo	496,20	Térreo	300,63
1º pavimento	403,00	1º pavimento	98,64
2º pavimento	396,00	2º pavimento	93,60
3º pavimento	372,40	Terraço	79,98
Torre	22,09		
Área total : 2 263,44 m2			
Fonte: relatório no. 06/85 – CPHAE (inclui acréscimos).			

A técnica construtiva utilizada na edificação constitui-se em alvenaria de tijolos rebocados nas paredes externas e estuque (madeira e barro) nas paredes internas. Os pisos são em madeira sobre sólidos barrotes de madeira de lei, vencendo vãos entre as paredes portantes.

Na parede contrária à Rua Jerônimo Coelho foram utilizadas lajes em tijolo armado, em forma de abobadilhos, com vigotas metálicas. A cobertura do prédio principal é de várias águas em telha Francesa e fibrocimento. Forro original tipo saia-camisa. As portas são, em sua maioria, de duas folhas, com bandeira de vidro fixa, em madeira. As janelas são em madeira, duas folhas de vidro, bandeira fixa, nos sanitários as janelas são do tipo basculante. Escada externa em alvenaria e interna em madeira. Elevador de gaiola, com porta pantográfica, revestido internamente com madeira e espelhos. O prédio em anexo funcionava como uma estrebaria, possue dois terraços e uma área coberta, a escada circular é de ferro fundido de origem inglesa. (Fonte: Laudo de vistoria CPHAE de 11/04/1990).

1.3 Levantamento Iconográfico:

Fig. 6 : Fotografia do final do século XIX, provavelmente década de 90.
Fonte: Acervo da autora.

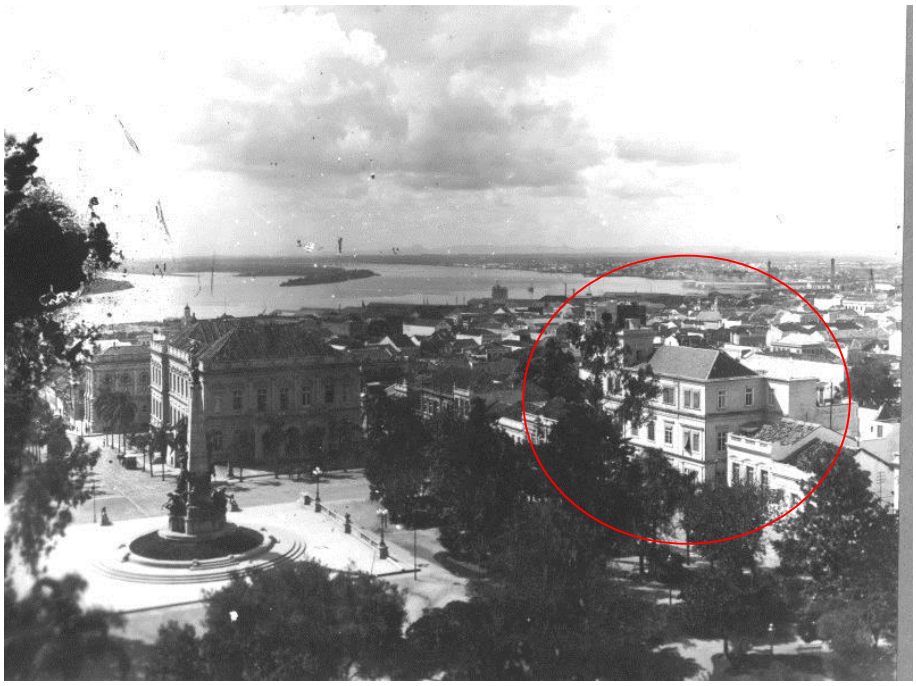


Fig. 7: Fotografia do início do século XX.
Fonte: Acervo da autora

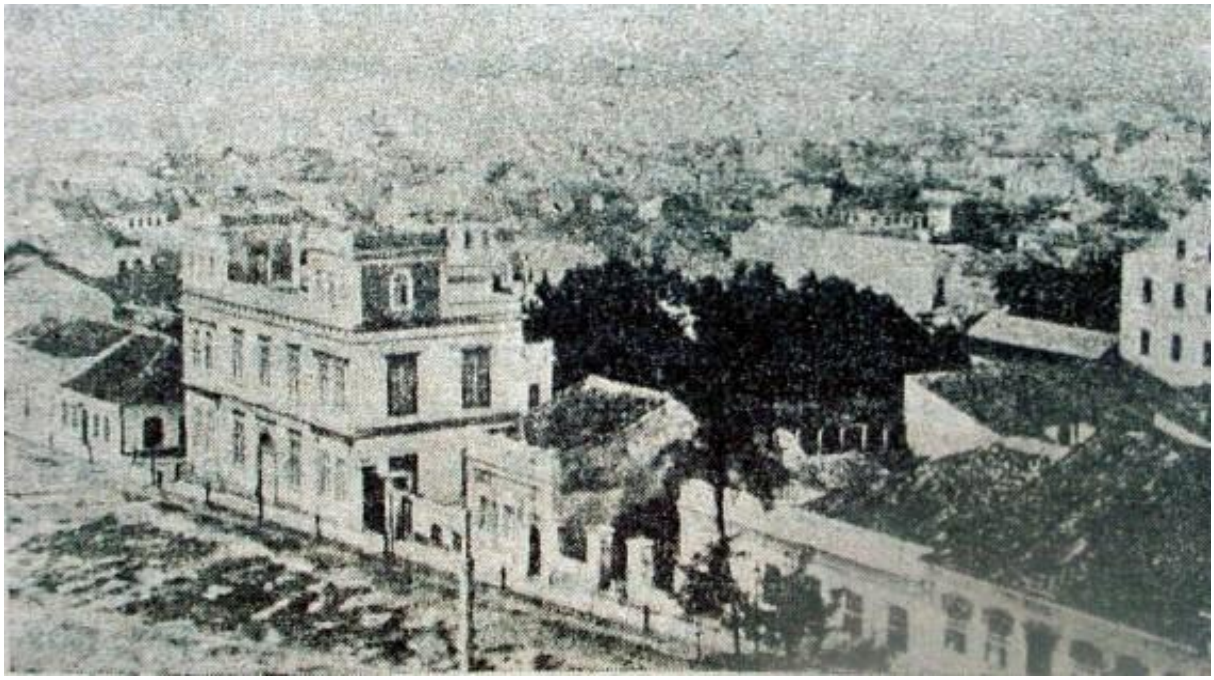


Fig. 8: Fotografia de 1880, o prédio na sua fisionomia original.
Fonte: (PIMENTEL, sem data)

Fig. 9: Provavelmente década de 20 do século XX.
Fonte: (PIMENTEL, sem data)

Fig. 10: Ilustração de 1870, Palácio Provisório visto pelos fundos.
Fonte: (SCHIDROITZ, 1940)

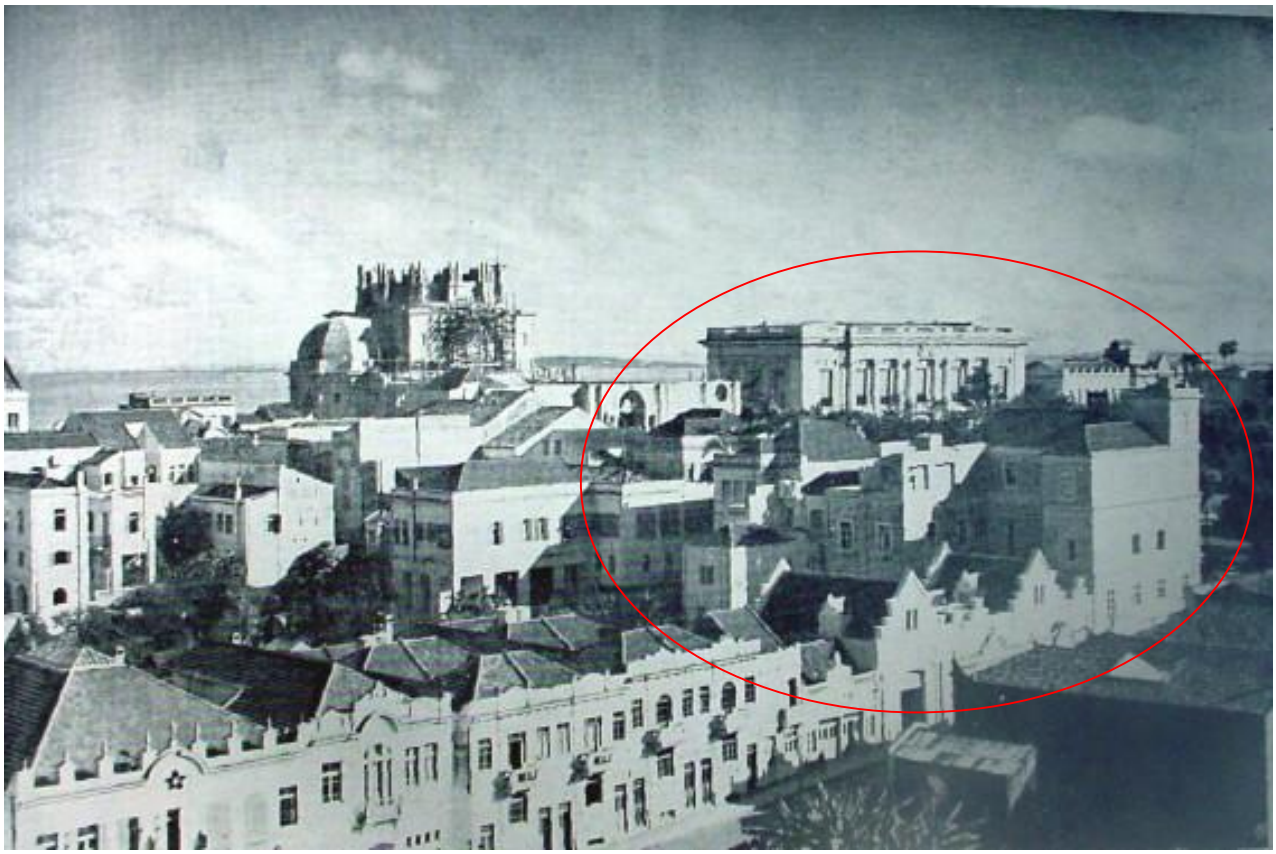


Fig. 11: Primeira metade do século XX. Vista fachada da Rua Jerônimo Coelho.
Fonte: (SCHIDROITZ, 1940)

Fig. 12: Foto de Irmãos Ferrari - final do século XIX.
Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman

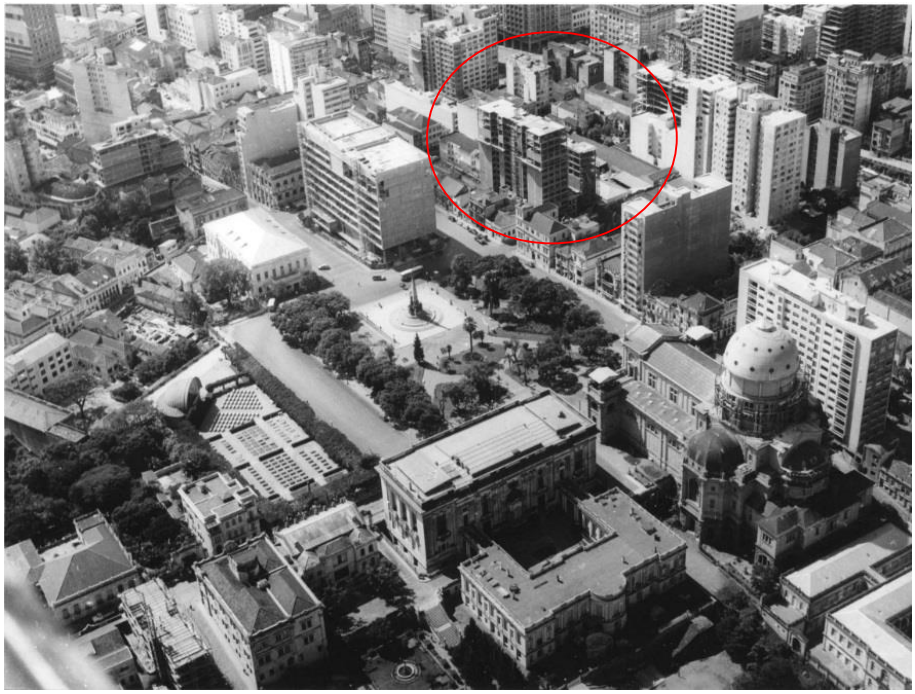


Fig. 13: Foto de Léo Guerreiro e Pedro Flores - 09/09/1957.
Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman

Fig. 14: Período de reforma.
Fonte: (Jornal Zero Hora de 03/05/2000, p.. 62)

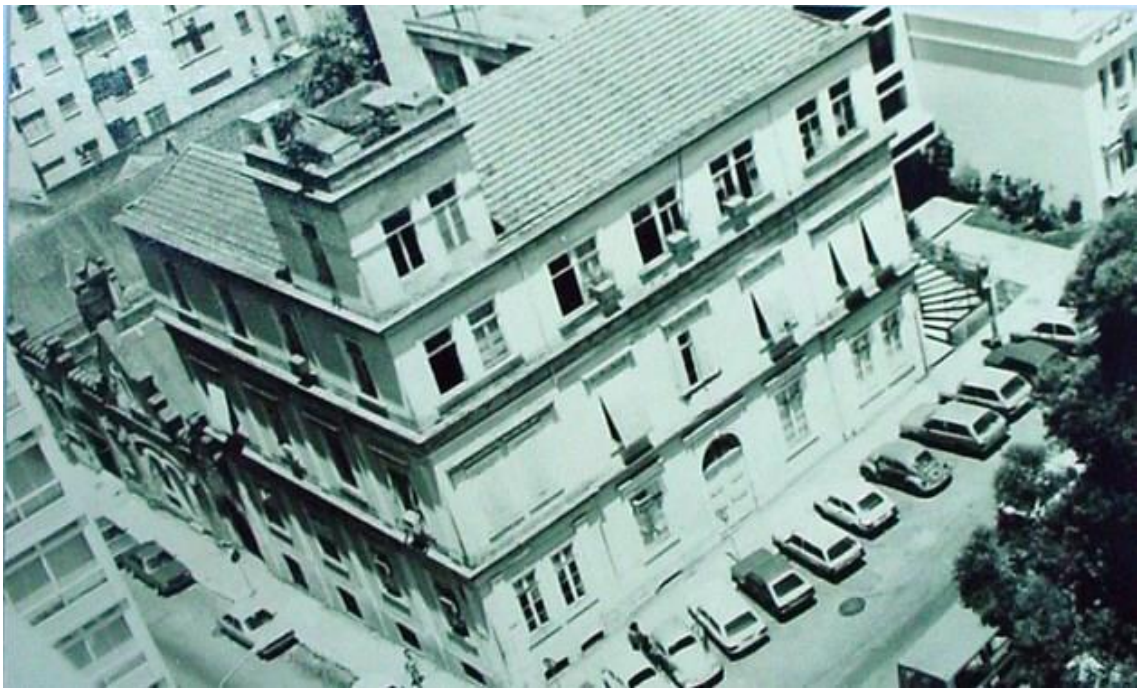


Fig. 15: Vista aérea.
Fonte: Acervo IPHAE/RS

Fig. 16: Antigas Cocheiras.
Fonte: Acervo IPHAE/RS

2. O TRABALHO DE RESTITUIÇÃO VIRTUAL

2.1 Objetivos

Representar as diversas fases do prédio ao longo de sua história, através de maquetes eletrônicas destas fases, usando recursos de fotorealismo e efeitos de animação para ilustrar de forma didática a evolução do prédio;

Usar este trabalho como um exemplo prático do que se pretende em relação ao estudo da evolução urbana de toda a praça;

Explorar o potencial do uso de ferramentas de computação gráfica na pesquisa de patrimônio histórico.

2.2 Metodologia

a. Levantamento e Organização dos Dados

O trabalho iniciou pela busca de material para a composição das maquetes eletrônicas dos diversos períodos históricos do prédio. Através do Ministério Público Estadual foi obtida a documentação técnica do prédio que consiste no seguinte material:

Plantas baixas do subsolo, primeiro, segundo e terceiro pavimentos do prédio principal;

Plantas baixas do primeiro e segundo pavimentos do prédio das "Antigas Cocheiras";

Fachadas da Praça da Matriz e da Rua Jerônimo Coelho;

A planta de localização e dois cortes.

Partiu-se do uso desta documentação técnica para criar os modelos tridimensionais usando as informações das plantas, cortes e fachadas. Além da documentação técnica buscou-se informações iconográficas para auxiliar no detalhamento das fachadas. As fontes iconográficas foram obtidas a partir de acervos particulares e públicos como o Museu Joaquim José Felizardo de Porto Alegre, o acervo do Solar dos Câmara, o acervo do Arquivo Histórico Municipal, acervo da Editora Martins Livreiro e fotos de jornais e obtidas junto à bibliografia

consultada. Trabalhou-se também com textos históricos buscados em bibliografia específica sobre a história de Porto Alegre.

A organização dos dados foi feita principalmente em função das fontes consultadas, a maioria das imagens estão em meio digital, obtidas a partir de foto digital ou posteriormente digitalizada a partir de scanner. Foram então criadas pastas onde o nome da pasta identificava a fonte (obra ou acervo fotográfico). O nome das imagens foi dado por seu conteúdo, data e quando necessário a página em que estavam localizadas. Para alguns documentos foram impressos os conteúdos das pastas para facilitar a pesquisa posteriormente, porém para a maior parte dos documentos, a busca do material era feito com o auxílio de um software visualizador.

b. Modelagem tridimensional no Autocad

A modelagem tridimensional iniciou no software AutoCAD e partiu da documentação técnica do prédio que já estava em meio digital, utilizando as plantas baixas dos pavimentos, foi convertido em um modelo 3D, informando a altura das paredes, criando-se também os vãos das portas e janelas. No modelo criado dentro do AutoCAD foram também gerados alguns elementos que caracterizam as fachadas como os frisos do prédio e das aberturas. Foi

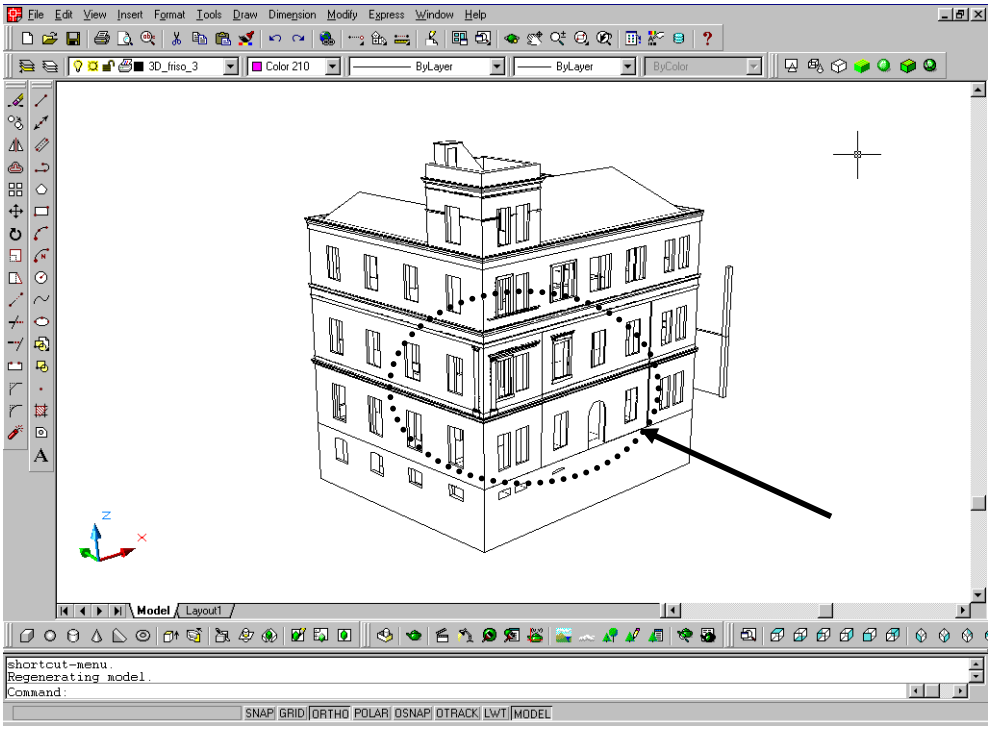


Fig 17 - Nesta etapa foram criados apenas alguns detalhes da fachada.

criado apenas um exemplo de cada detalhe que posteriormente se repetiria na fachada, pois o detalhamento final foi feito no software 3DS MAX. (figura 17)

Para o detalhamento dos frisos, utilizou-se dentro do AutoCAD imagens digitais do prédio, sobrepostas ao volume 3D (figura 18).

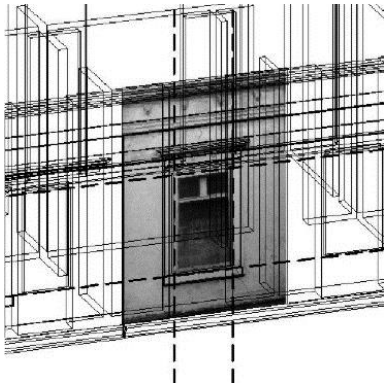


Fig 18: imagem inserida sobre modelo 3D.

Após a conclusão do modelo 3D dentro do AutoCAD, este arquivo foi exportado para o software 3D MAX, neste software recebeu o restante do detalhamento do modelo 3D, e foi dado o acabamento fotorealístico através da definição de texturas (materiais), fundo, iluminação e criação de câmeras.

O arquivo *Palácio Provisório.DWG* pode ser observado junto ao CD ROM que acompanha este trabalho, verificando com mais detalhe o que foi modelado dentro do AutoCAD e como foi feita a criação dos layers.

c. Modelagem tridimensional no 3D MAX

No 3D MAX foi complementada a etapa de modelagem, os elementos criados no AutoCAD foram sendo repetidos conforme a necessidade (figura 19). Os objetos no 3DS MAX também foram separados em grupos, como a idéia do trabalho era representar todas as etapas históricas do prédio, criou-se um grupo de objetos para cada etapa. Havia um conjunto de elementos que representava o subsolo, o primeiro e o segundo pavimentos que estariam presentes em todas as etapas históricas do prédio (figura 20), um quarto grupo que era composto pelos dois torrões que desapareceram para dar lugar ao terceiro pavimento (figura 21), o quinto grupo era o terceiro pavimento e o novo torreão (figura 22) e o sexto grupo o prédio das Antigas Cocheiras (figura 23).

Fig 19

Fig 20

Fig 21

Fig 22

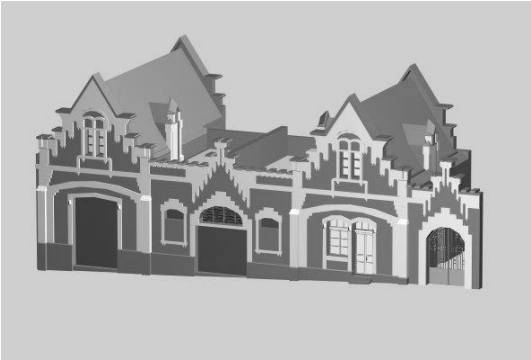


Fig 23

Desta forma dentro de um único arquivo podia-se visualizar cada uma das etapas, criando também os efeitos de animação que serão descritos posteriormente. Para os efeitos de animação foram criados novos arquivos para cada sequência que se pretendia gerar.

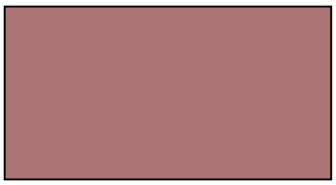
No CD ROM o arquivo que contém o modelo em 3D do 3DS MAX é o *Palácio Provisório.MAX*. Os grupos descritos acima foram denominados *subsolo*, *pav1*, *pav2*, *torreões*, *pav3* e *Antigas Cocheiras*.

d. Definição de texturas (materiais)

- Materiais baseados na cor do objeto:

A textura foi obtida a partir das imagens do prédio, utilizando uma informação monocromática inicialmente, em virtude de não ter referências sobre as cores do prédio. Pode-se observar pelas fotos que, como é previsto, pela idade do prédio, o mesmo recebeu tratamentos de cor diferentes ao longo do tempo, porém os registros encontrados são sempre monocromáticos. Observava-se, no entanto, um contraste da cor das paredes em relação à cor dos detalhes ornamentais, que foi o que se tentou reproduzir na maquete eletrônica. Posteriormente foi aplicada à maquete eletrônica a cor proposta pela arquiteta Ediolanda Liedke, arquiteta responsável pelo projeto de restauração, para a fachada do prédio decorrentes das reformas que o mesmo sofreu.

Os materiais baseados apenas na cor são os de mais simples definição, pois basta ter a informação da composição RGB da cor desejada para defini-la dentro do software. A cor da parede, do telhado e dos frisos foram definidas desta forma.



Cor das paredes (Red =171; Green = 117; Blue = 117)

Cor dos frisos (Red =255; Green = 239; Blue = 190)

:

Cor do telhado (Red =126; Green = 126; Blue = 126)

- Materiais baseados em mapas de relevo e textura:

Alguns detalhes como os frisos foram gerados através de formas tridimensionais, porém para retratar detalhes das esquadrias das portas e janelas foram criadas através de software de ilustração bidimensional (CorelDRAW) o desenho que representava estas esquadrias. Estas ilustrações foram posteriormente exportadas como arquivos de imagem (JPEG) em cor para representar a forma e a cor e também em modo monocromático para a representação do volume, já que este não era tridimensional. Esta é uma técnica muito usada em softwares de fotorealismo que permite simular volumes inexistentes no modelo 3D, esta técnica é conhecida como *bump map* ou mapa de relevo.

Esta técnica traz grandes vantagens pois caso tivéssemos que representar em formas tridimensionais detalhes muito pequenos iríamos gerar arquivos imensos que dificultariam o processamento das imagens. O software faz com que cada tom do branco ao preto tenha um nível de relevo, o branco é o máximo de relevo e a cor preta seria o máximo de baixo-relevo

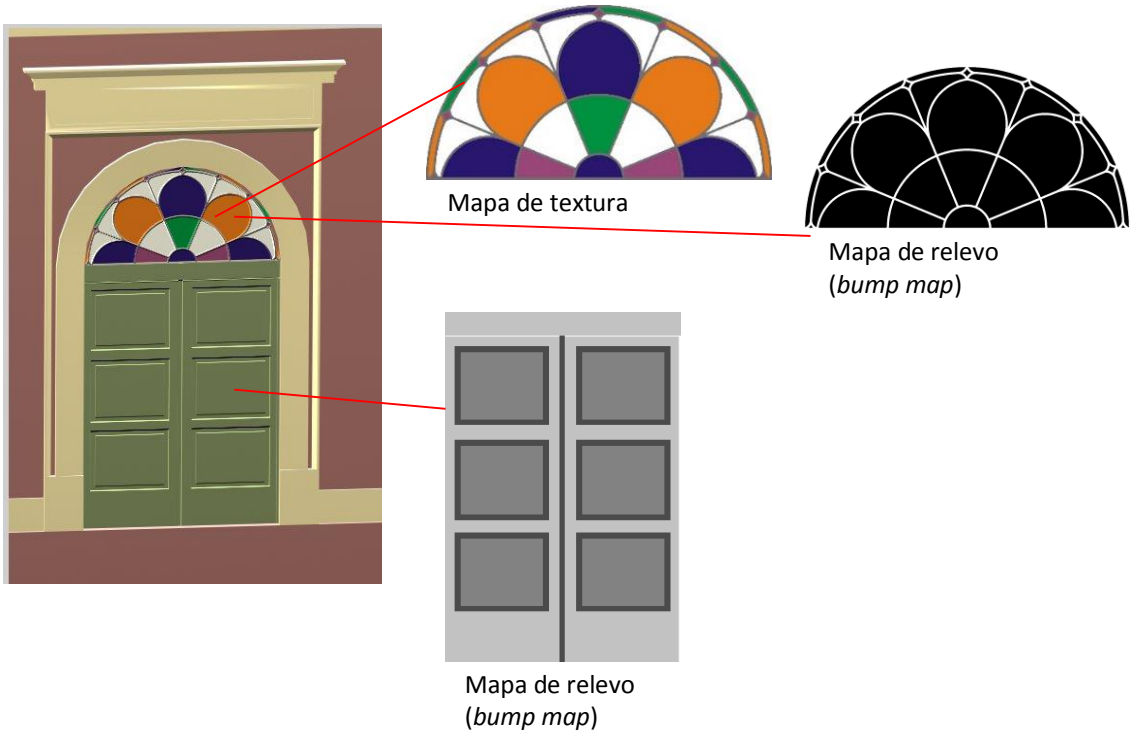


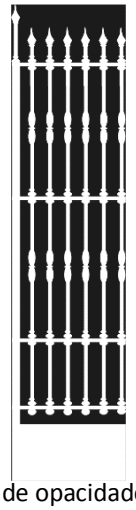
Fig 24: Exemplo de mapas de relevo.

e os tons de cinza níveis intermediários. No software ainda encontramos regulagem para determinar uma maior ou menor intensidade (figura 24).

- Materiais baseados em mapas de transparência:

Outro recurso utilizado foram os mapas de transparência, que permitem simular transparências sobre formas tridimensionais. Este recurso foi usado para representar as grades de ferro, os balaústres do corrimão da escada da ala sul (figura 25) e o portão do prédio das Antigas Cocheiras (figura 26). Este efeito permite criar detalhes praticamente impossíveis de se modelar, ou que, como no caso anterior, gerariam arquivos que comprometeriam o processamento da imagem, principalmente porque foram geradas animações a partir destes modelos.

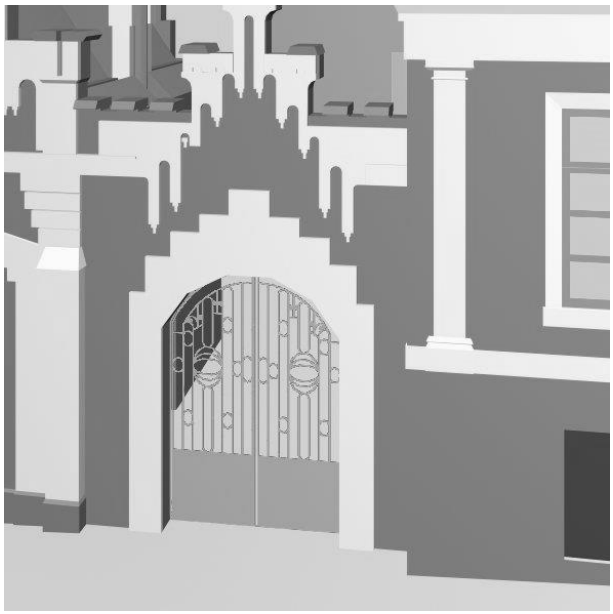
Assim como no mapa de relevo, o que define a transparência ou a opacidade é um arquivo em escalas de cinza, ou simplesmente monocromático. Para uma opacidade total se usa o branco e para uma transparência total se usa a cor preta, níveis intermediários de transparência podem ser obtidos a partir de tons de cinza.

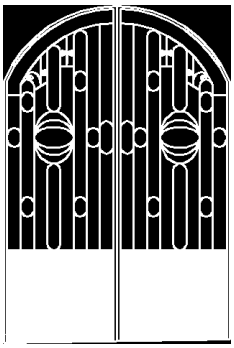


Mapa de opacidade de grade de ferro.

Mapa de opacidade do balaústre.

Fig 25: mapas de opacidade.





Mapa de opacidade da grade de ferro.

Fig 26

Após a obtenção da forma 3D dos 4 períodos passou-se à confecção das animações para retratar as transformações pelas quais passou a edificação.

- O ajuste das câmeras:

A criação das câmeras de uma maneira geral é um processo bastante simples, neste caso a principal dificuldade se deu quando foi usado o recurso de ajustar o modelo 3D a uma fotografia de fundo. Cabe observar que para encaixar a maquete com a perspectiva da foto foi utilizado um recurso do software 3DS MAX chamado *Camera Match,* este recurso permite criar uma câmera semelhante à da foto.

Para criar este efeito no modelo tridimensional são indicados pontos através de um marcador chamado *camera point,* devem ser marcados alguns pontos e posteriormente indicar quais são os pontos equivalentes na fotografia. Após a indicação destes pontos é solicitada a criação de uma câmera, através da visualização desta câmera há o encaixe do modelo 3D na perspectiva da foto (figura 27).

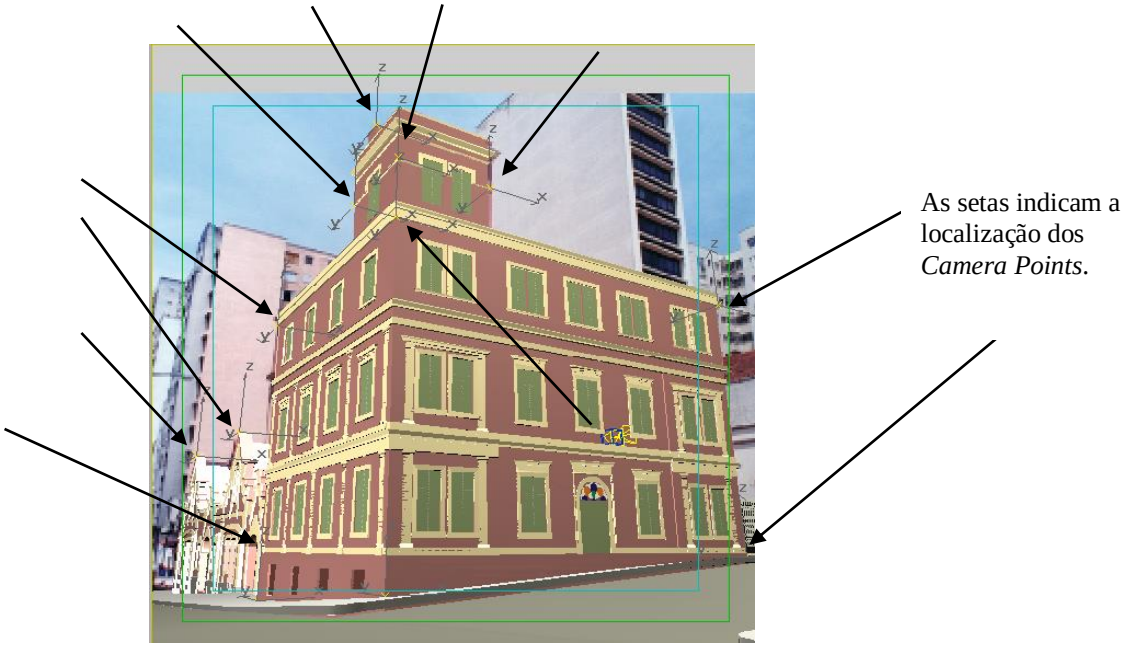


Fig 27: ajuste das câmeras.

- O trabalho de animação:

Para a criação das animações foram utilizados basicamente dois softwares, o 3DS MAX e o Adobe Premiere. No 3DS MAX foram criados efeitos de animação de câmeras e de objetos e o Adobe Premiere permitiu criar efeitos de transição para a transformação do prédio de uma a outra etapa histórica.

O primeiro arquivo de animação tinha como objetivo o surgimento da ala sul que foi construída em 1894. A animação começa com a maquete sobreposta a uma foto da época, um objeto em forma de caixa esconde a escadaria que faz parte da alteração, este objeto tem aplicado a ele um tipo de material chamado *Matte/shadow* que faz com que o que estiver atrás dele durante a renderização fica invisível aparecendo a imagem de fundo, este objeto nunca aparece na renderização ele apenas faz com que o que está entre ele e o fundo fique invisível. A medida que esta caixa se movimenta para cima vai aparecendo a escadaria até que esta é desvendada por completo (figura 28).

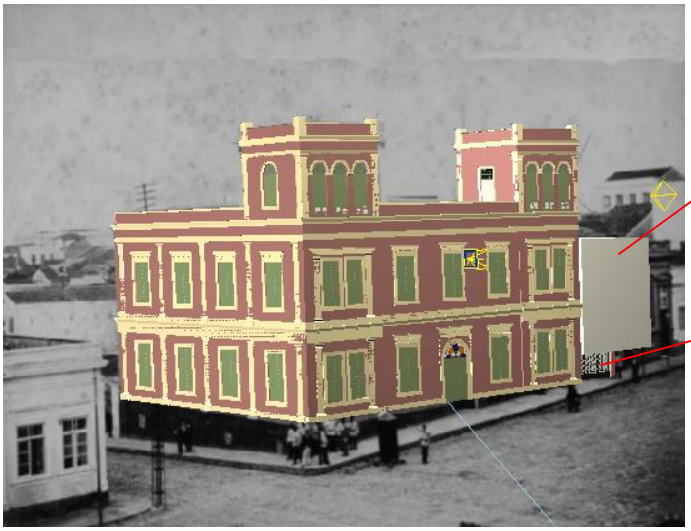


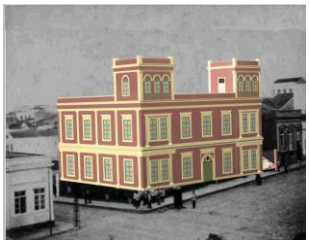
Fig 28

Este efeito gerou o primeiro arquivo de animação chamado *Animação01-CD.AVI* que tem duração de seis segundos, sendo que em todos os segmentos de animação foram utilizados 10 frames por segundo, neste caso 60 frames portanto.

A imagem de fundo limitava o ângulo de observação, a próxima etapa que ainda pretende mostrar as alterações sofridas na ala sul necessitava substituir a foto por um outro fundo qualquer que permitisse girar o modelo e mostrar de fato a ala sul, nesta etapa da animação a foto de fundo desaparece.

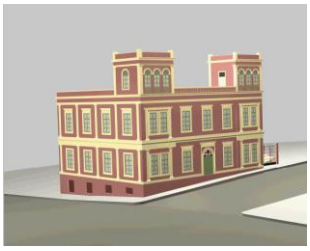
Esta transição da imagem com foto no fundo e a cor cinza foi feita através do Adobe Premiere, a animação tem 10 segundos, utilizou-se uma imagem renderizada da maquete com a foto no fundo e outra imagem renderizada da maquete com fundo cinza e no Adobe Premiere foi inserido um efeito de transição chamado *Cross Dissolve* que gerou a animação de uma etapa para outra. Este efeito pode ser observado no arquivo *Animação02-CD.AVI*.

Abaixo três momentos da animação de número 2 que mostra esta transição:



1

2



3

A seqüência de animação seguinte faz o giro para mostrar então a ala sul, sendo apenas um movimento de câmera (figura 29 e 30). Esta animação está no arquivo *Animação03-CD.AVI* com 10 segundos.

A animação de número quatro faz o sentido inverso da câmera e volta a posição anterior. O arquivo é o *Animação04-CD.AVI* com 10 segundos.

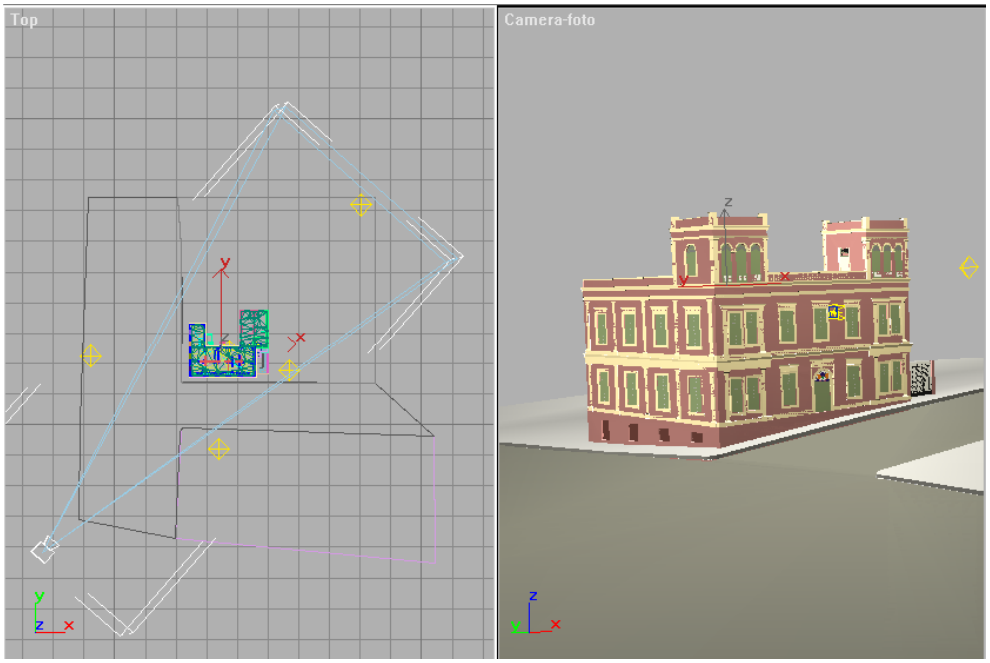
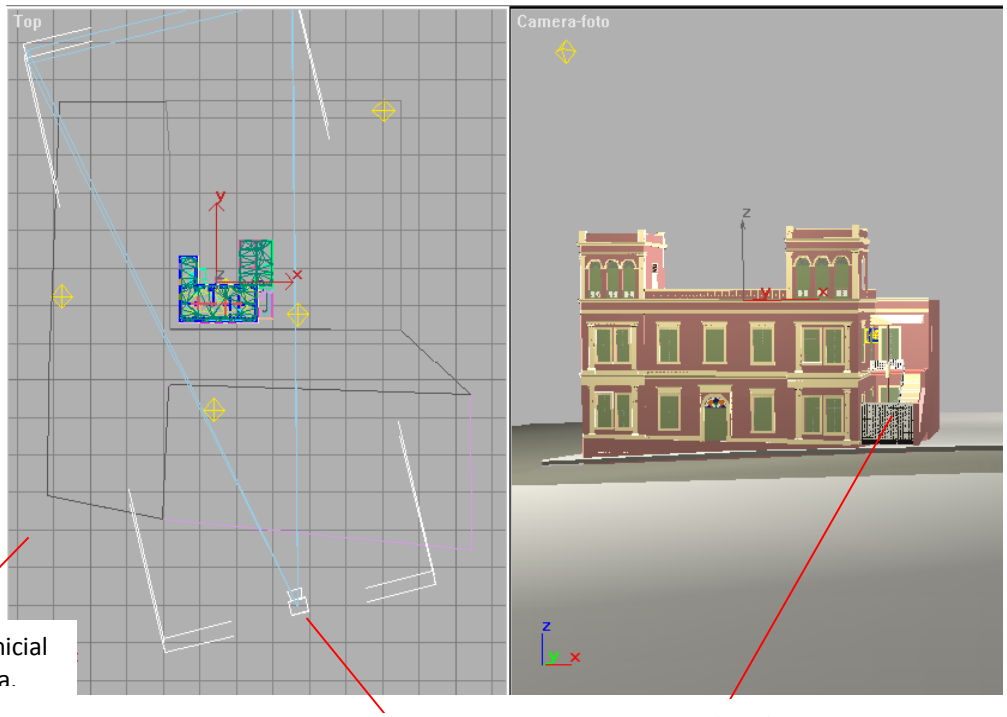


Fig. 29: posição inicial.



Posição inicial da câmera.

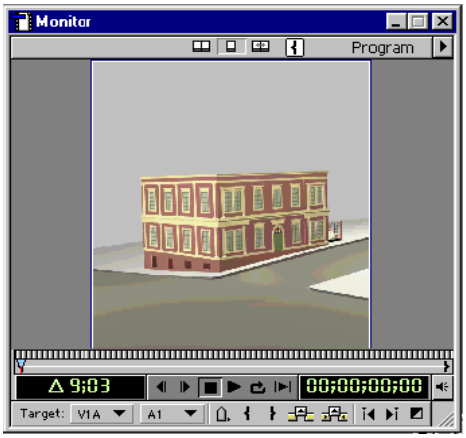
Posição final da câmera.

Ala sul

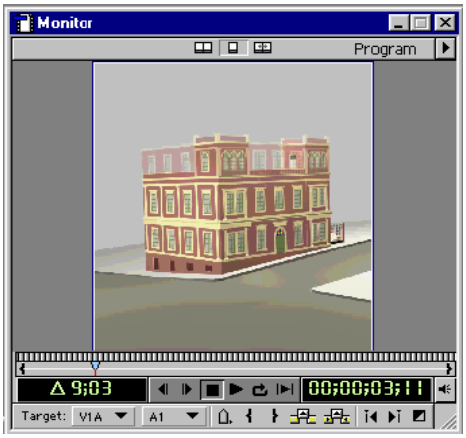
Fig 30: posição final.

A próxima sequência é mostrar a segunda etapa de reformas que é a construção de um terceiro pavimento, desaparecendo os dois torreões e em um torreão no lado norte, na esquina da praça com a Rua Jerônimo Coelho. Para mostrar este efeito primeiro foi feita uma animação no 3DS MAX fazendo o aparecimento do terceiro pavimento e torreão, posteriormente no Adobe Premiere esta animação foi mesclada com uma imagem parada do prédio com a aparência antiga (dois torrões). Foi feita uma transição do tipo *Cross Dissolve* entre os dois arquivos o de animação e a imagem parada, resultando no arquivo denominado *Animação05-CD.AVI*, com 09 segundos de animação.

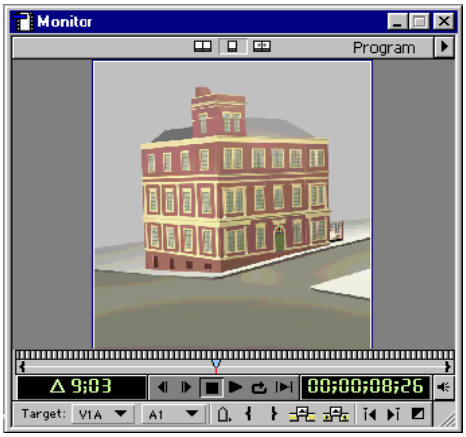
Abaixo podemos observar as etapas de transição do prédio com dois para três pavimentos:



1



2



3

O próximo arquivo dura apenas 06 segundos e tem como finalidade mover um pouco a câmera e mostrar a fachada da Rua Jerônimo Coelho. A arquivo é o *Animação06-CD.AVI* (figura 31).

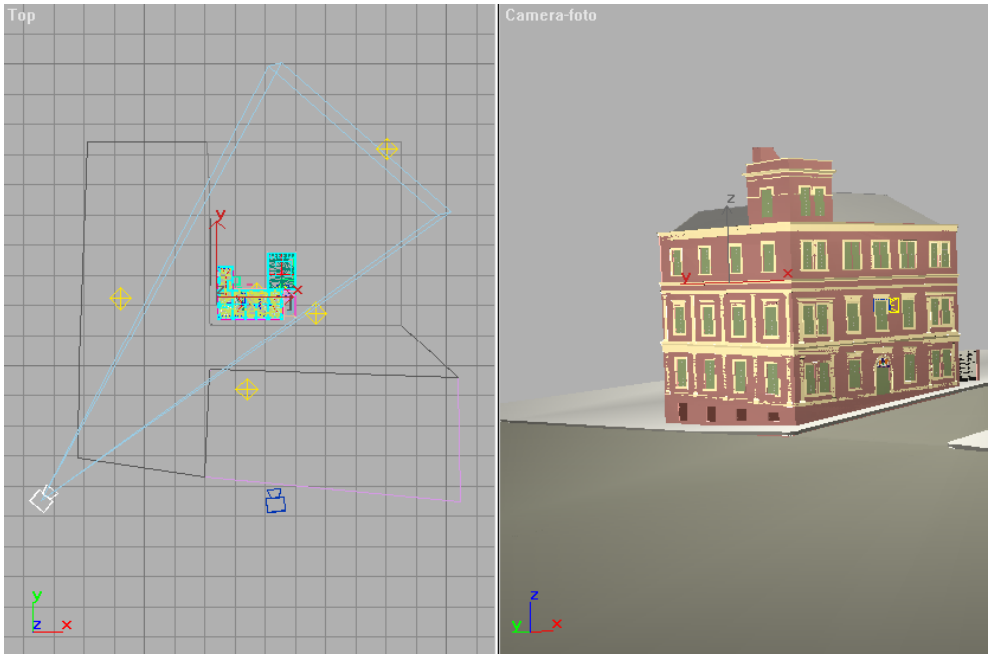


Fig 31

Aparece então o prédio das Antigas Cocheiras utilizando novamente uma transição do Adobe Premiere chamada *wipe* (figura 32), que funciona como uma cortina que se movimenta de baixo para cima fazendo ir aparecendo aos poucos o prédio. São mescladas duas imagens uma com e outra sem o prédio. O arquivo gerado é o *Animação07-CD.AVI* que dura 09 segundos.

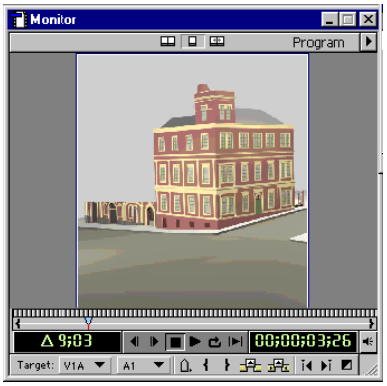


Fig 32

Para concluir todo o processo seria interessante terminar a animação com uma foto atualizada do prédio, obtida agora após as reformas. A partir desta foto surgiu a necessidade de ajustar o ponto de vista da maquete eletrônica ao ponto de vista da foto. Era necessário portanto fazer um movimento da câmera atual (posição da última animação) para a câmera da foto, posteriormente fazer a transição da imagem da maquete para a imagem da foto. Os dois últimos arquivos são o *Animação08-CD.AVI* com 17 segundos que é a troca de uma câmera para outra e o *Animação09-CD.AVI* com 15 segundos que é a transição da imagem da maquete para a imagem da foto.

Para a conclusão do trabalho de animação da evolução histórica do prédio, foi feita a concatenação de todas as animações, gerando um único arquivo chamado *Animaçãofinal-CD.AVI*, a esta animação foi acrescentada também uma trilha sonora.

A animação dá a dimensão final de todas as transformações que o prédio sofreu e faz parte da aplicação multimídia disponível nos quiosques do Memorial do Ministério Público.

ANEXO 2 – MAPAS HISTÓRICOS:

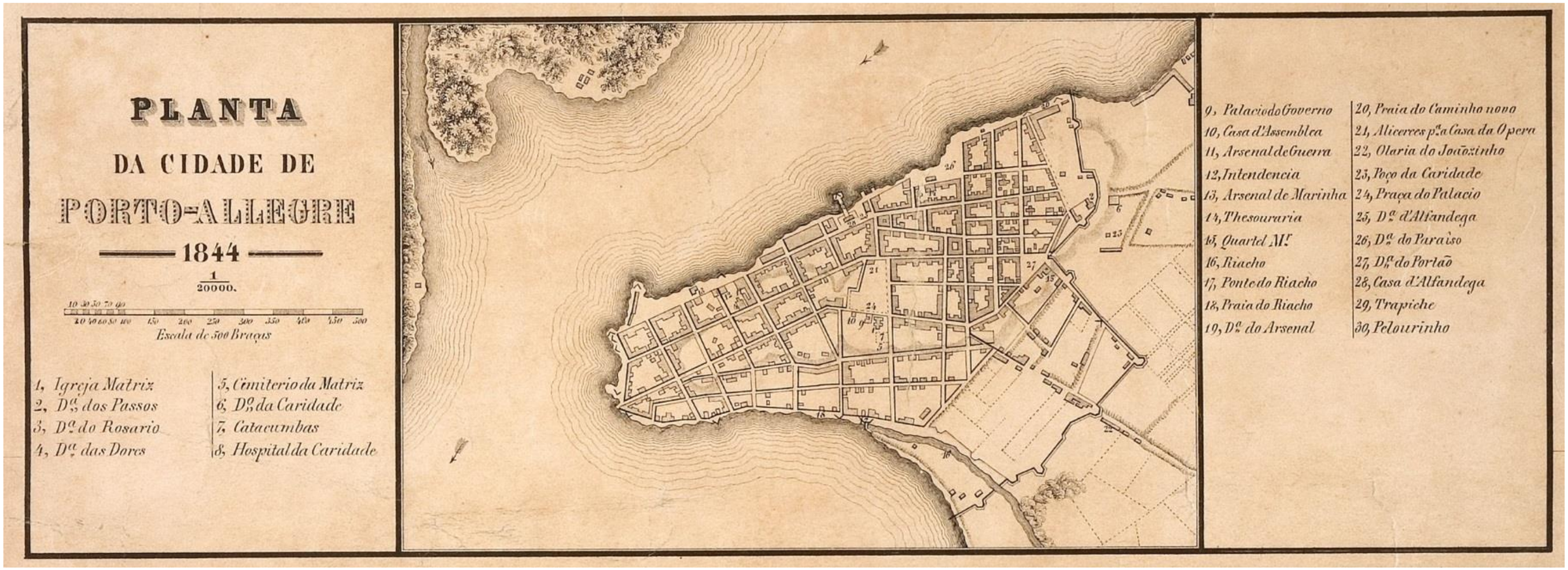
Planta de 1837:

Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta de 1839:

Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta de 1839:

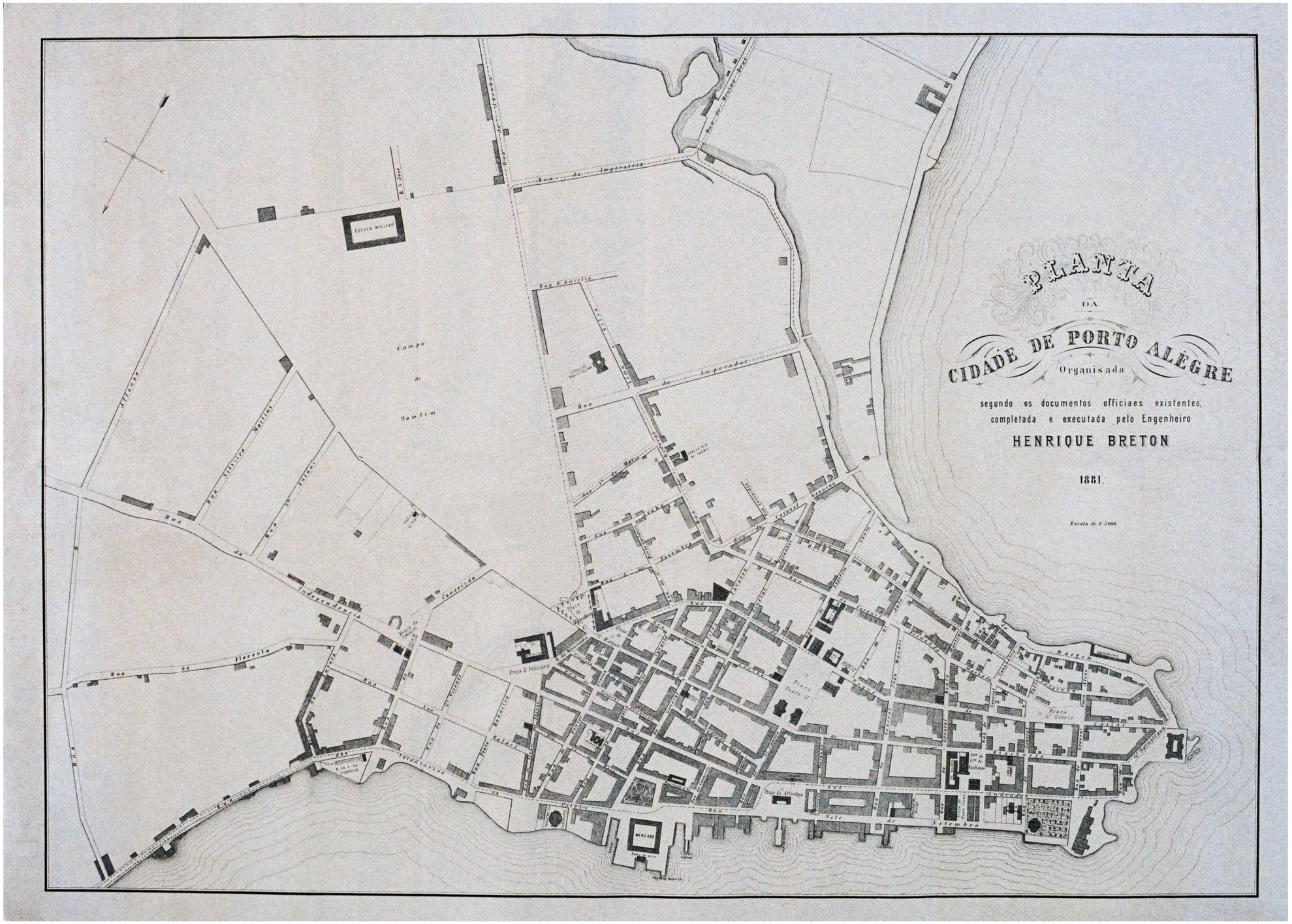


Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta de 1872:

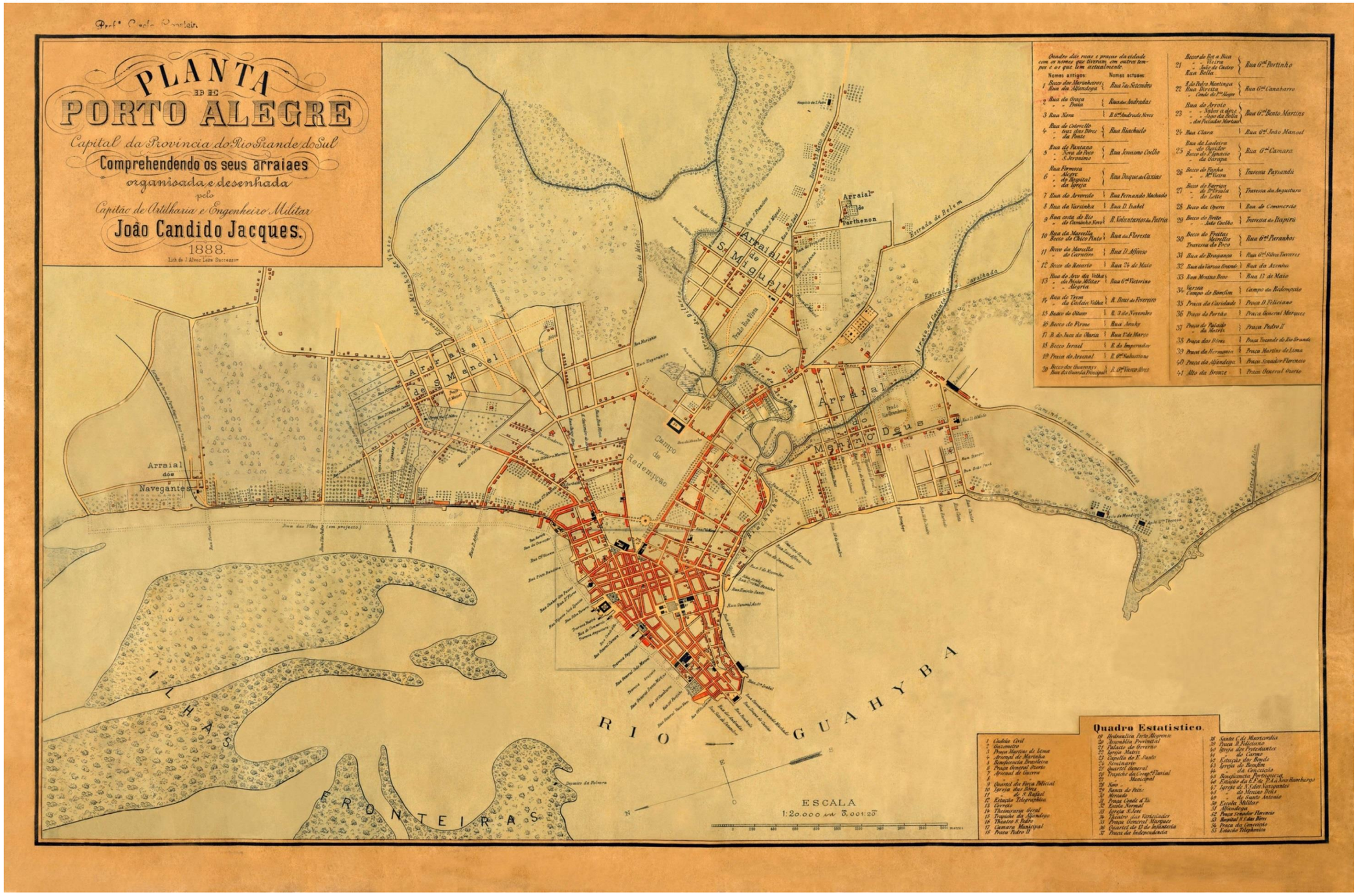
Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta de 1881:



Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta 1888:

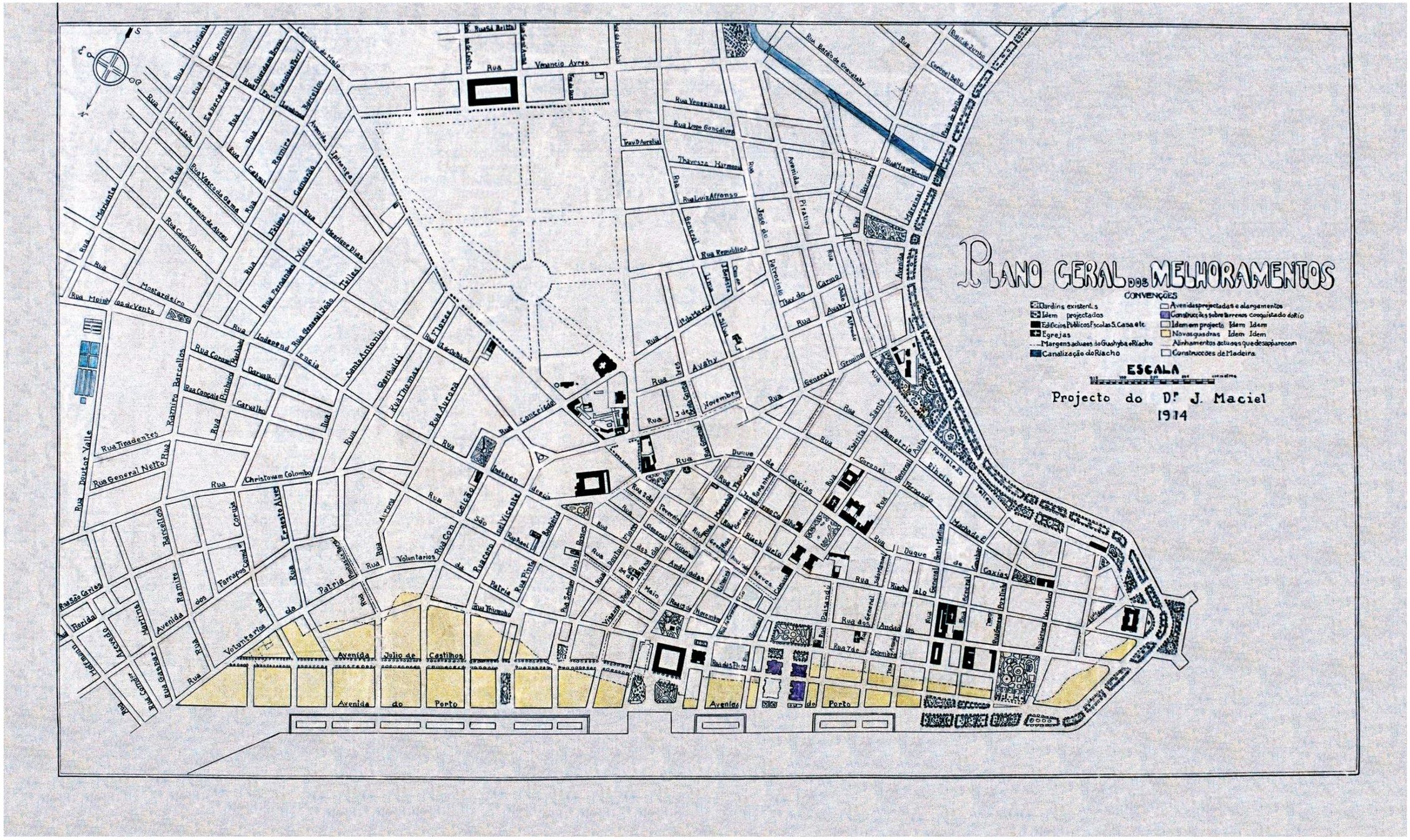


Fonte: Acervo Digital IHGRGS

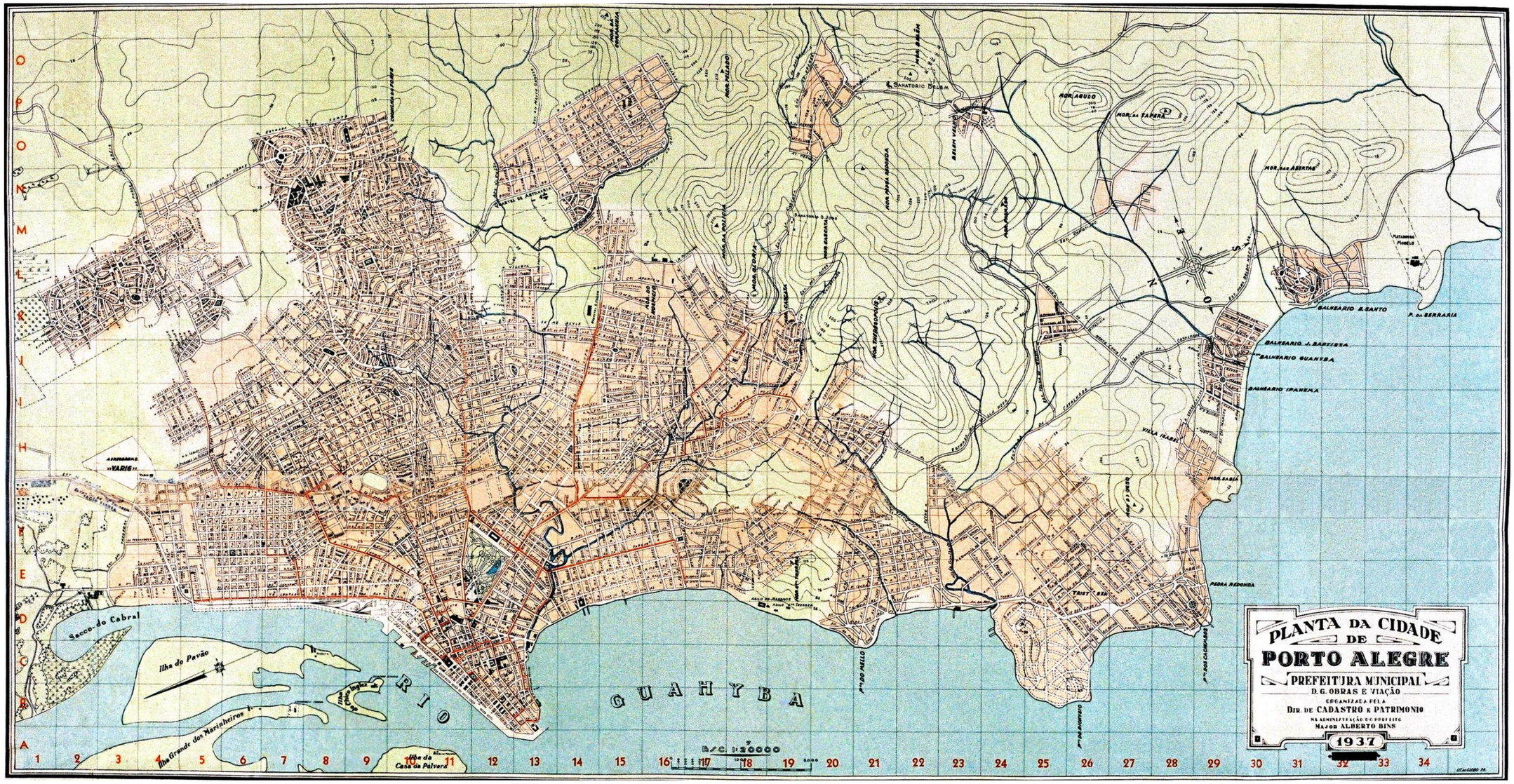
Planta 1896:

Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta 1914:


PLANO GERAL DOS MELHORAMENTOS
CONVENÇÕES
Jardins existentes
Idem projectados
Edificios Publicos Escolas S. Casa etc.
Egrejas
Margens actuaes do Guahyba e Riacho
Canalização do Riacho
Avenidas projectadas e alargamentos
Construcções sobre terrenos conquistado do Rio
Idem em projecto Idem Idem
Novas quadras Idem Idem
Alinhamentos actuaes que desapparecem
Construcções de Madeira
ESCALA
Projecto do Dr. J. Maciel
1914
Avenida do Porto
Avenida Julio de Castilhos
Rua Venancio Aires
Rua Voluntarios
Rua Christovam Colombo
Rua General Netto
Rua Tiradentes
Rua Mostardeiro
Rua Ramiro Barcellos
Rua Santo Antonio
Rua Aurora
Rua Thomaz
Rua Garibaldi
Rua Independencia
Rua Conceição
Rua Caxias
Rua Avahy
Rua Riachuelo
Rua Andradas
Rua Voluntarios da Patria
Rua Venezianos
Rua Luiz Affonso
Rua Republica
Rua Barão de Gravataly
Rua Dr. Flores
Rua Dr. Barcellos
Rua Dr. Valle
Rua Marianta

Planta 1937:



Fonte: Acervo Digital IHGRGS

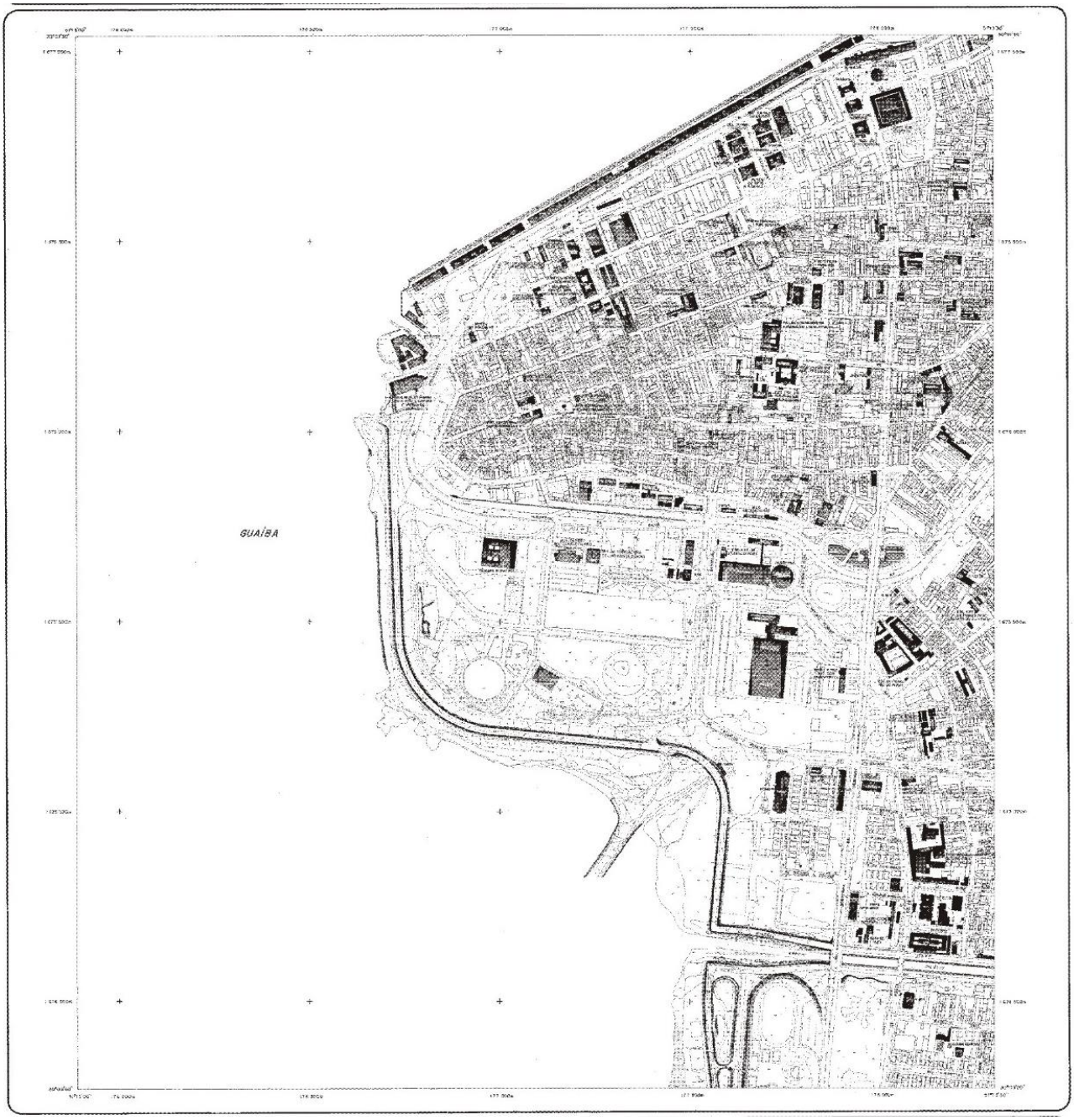
Planta 1940:

Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta 1950:

Fonte: Acervo Digital IHGRGS

Planta década de 90 do séc. XX:



Fonte: Acervo Digital IHGRGS